

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Enny Vieira Moraes

As mulheres também são boas de bola:
histórias de vida de jogadoras baianas (1970 - 1990)

DOCTORADO – HISTÓRIA

SÃO PAULO – 2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Enny Vieira Moraes

As mulheres também são boas de bola:
histórias de vida de jogadoras baianas (1970 - 1990)

Tese apresentada à Faculdade de História,
PPGH-PUCSP da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do grau de Doutora em História.
Área de concentração: História Social.

Orientador: Profa. Dra. Maria Odila Leite da
Silva Dias.

SÃO PAULO – 2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

e.mail: ennymoraes@hotmail.com

Catálogo da Publicação

Enny Vieira Moraes

As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 - 1990)

Tese apresentada à Faculdade de História, PPGH-PUCSP, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do grau de Doutora em História. Área de concentração: História Social, São Paulo, 2012.

Dra. Maria Odila Leite da Silva Dias (Orientadora)

1. Examinador

2. Examinador

3. Examinador

4. Examinador

Dedicatória:

Para Joene, minha mãe, que fez sua passagem em 2011. Uma mulher muito diferente de mim, mas que soube me amar, ensinando-me sobre a vida e a ser quem sou. A essa mulher especial, como a tantas outras dedico, com todo respeito, esse trabalho.

À Isaias e Laura: novas luzes no meu caminho.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço aos companheiros/as da UESB (Universidade do Sudoeste da Bahia), local onde permaneço como professora assistente, atuando no Curso de Educação Física, pela disponibilidade e colaboração em me liberar para o doutoramento.

Igualmente agradeço ao CNPQ e a CAPES pelo essencial investimento financeiro e pela credibilidade na construção desse estudo.

Às professoras da PUC que me auxiliaram enormemente com seus ensinamentos, pois cheguei na História Social engatinhando e, através delas, tive acesso a uma gama de conhecimento incrível que marcaram e marcarão meu caminho acadêmico daqui por diante. Assim, com carinho e respeito destaco nomes como os das professoras: Etefânea, Yara e Heloísa. Faço um destaque especial a Maria Elizabete (a Betinha) que sempre atendeu às minhas solicitações com bondade e profissionalismo.

Especialmente agradeço a professora Maria Odila Leite da Silva Dias que, mesmo quando eu sequer tinha uma pista para começar a pesquisa, ela acreditou no trabalho e nunca desistiu de contribuir com meu aprendizado.

A minha família: Enio, Júnior e Enilson que mesmo sem querer, ensinaram-me que nada se constrói sem amor.

À Maria Pastora e Noêmia pelo começo de tudo.

Adjane pela compreensão da ausência nos difíceis e prolongados momentos do doutorado; pelos constantes aprendizados, pelo carinho, respeito, amizade e amor.

A Kássia Keller, Branca Lee e Pablito pela amizade que se concretizou e que vai além desse plano: agradeço pelo exemplo em ser, a cada dia, melhor.

À Felipe Marta, Camila e Eduarda: sem eles essa teria sido uma outra história.

Agradeço imensamente ao professor Celestino Amoedo, pois sem sua contribuição descobrir as ex-jogadoras feirenses teria sido tarefa imensamente difícil.

A Elio pelas leituras e discussões intermináveis, e Fabiano na ajuda em minhas limitações tecnológicas – a vocês agradeço pelo carinho, respeito e amizade.

A Talamira minha eterna normalista, que me ensina, a cada dia, a importância de nossa função no mundo.

A Edgar, Marcos e Maria Júlia: sem eles essa tese teria menos beleza e bem menos graça.

Às amigas construídas no doutorado pelo respeito constante e recíproco: Aninha, Zuleika, Giani, Elias, Marcelo, Vanda e Rosana.

À grades amigos/as da vida: Helena, Joemia, Renata, Tête, Zéu, Edilza, Amélia, Silvinha e Rita, Rosana, Fábio Felix, Paulão, Hector e Suzy, Pezão, Déa, Téó e Neusa, Murilo, Eduardo.

As depoentes desse estudo, pela confiança no trabalho que seria desenvolvido com base em suas lembranças. Agradeço especialmente porque, como nunca alguém havia dado importância às suas histórias, essas mulheres acreditaram em mim.

Aos meus eternos professores: Verter Paes Cavalcanti e Vitor Marinho de Oliveira.

À Suely, Pingo, Conça, Nara, Neide, Jorge, Neuma, Birrita e Solange pelos relevantes, fundamentais e emocionantes relatos de suas vidas, sem os quais essa tese não teria a menor importância. Através de sua simplicidade, pude começar descobrir um pouco da riqueza das histórias de mulheres futebolistas baianas. Agradeço por terem relatado momentos de suas vidas que, até então, poucas pessoas conheciam, complementando as essenciais informações contidas em suas memórias com as matérias de jornais e fotografias de seus acervos pessoais. A vocês agradeço por me proporcionarem me descobrir no caminho da pesquisa científica, trajetória que apenas agora se inicia.

Tudo o que sofri, eu sei
A cruz que carreguei
Jah deu pra mim, sabendo que eu podia aguentar
A Força Maior está presente
E me presenteou com a vida!
(Ponto de Equilíbrio)

RESUMO

A tese Futebol e gênero na Bahia: inquietações permanentes (1970 - 1990) teve como objetivo relatar e socializar histórias de mulheres futebolistas no interior baiano no período em destaque, buscando quebrar a invisibilidade e o silenciamento, aspectos tão presentes na história do futebol feminino brasileiro. Para a realização do estudo, a História Oral foi o método que viabilizou a concretização de entrevistas com mulheres que revelaram seu cotidiano, sociabilidades, suas lutas, enfim suas histórias no esporte, mostrando um futebol feminino baiano em expansão durante a década de 80. A hipótese que norteou esse trabalho se baseou no preconceito como aspecto basilar propulsor de tantos silenciamentos. Assim, contribuíram com seus depoimentos para essa pesquisa: Maria da Conceição Araújo, Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro, Maria Neide Cruz Sampaio, Jorge Sampaio, Suely Morbek Ribeiro, Cleyde Regina Araújo, Neumanci Ferreira Gonçalves, Ivonete Ferreira de Oliveira e Solange Santos Bastos. Democratizar histórias de mulheres futebolistas justificou esse estudo que, com base nas investigações, tornou possível acompanhar o percurso percorrido pelo futebol feminino na Bahia, desde os incipientes babas em Jequié nos anos 70, até sua pretensa consolidação na década de 80, bem representado pelas jogadoras feirenses, como contar uma parte da história da Seleção Brasileira Feminina de Futebol durante os anos 90, a partir da entrevista com Solange S. Bastos, a Soro da Seleção. Partindo de contribuições dos estudos nas Áreas da História, História da Educação Física e Gênero, foi possível articular histórias de mulheres do futebol com questões como o preconceito, falta de estrutura e credibilidade que marcaram a história desse esporte no país. Tido como espaço que celebra a virilidade e força, atributos considerados masculinos, foi preciso dedicação e ousadia para a mulher se inserir nesse espaço reservado, no qual a participação feminina “deveria” se estabelecer apenas nas arquibancadas. No entanto, com a ousadia e resistência elas invadiram os gramados e continuam exercendo tensões para que o futebol, de fato, seja realmente um ambiente plural e democrático e que represente uma história nacional.

Palavras-Chave: Mulher, Futebol Feminino, Preconceito, Gênero, Bahia.

ABSTRACT

The thesis “Soccer and gender in Bahia: permanent concerns (1970 - 1990)” has the objective of telling and propagating the histories of footballers women in the hinterland of Bahia between the 1970s and 1990s, it aims to break down the silence and invisibility of them, aspects that are very usual in the history of Brazilian women's football. Oral history was the method used in the interviews with women who revealed their everyday sociability, their struggles, in short, their stories in the sport. These stories show that women's football in Bahia was expanding during the 80s. The hypothesis that guided this study was based on the notion that prejudice is a propeller of so many silencies. The testimony of the following women contributed to this research: Maria da Conceicao Araujo, Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro, Maria Cruz Neide Sampaio, Jorge Sampaio Suely Ribeiro Morbek, Cleyde Regina Araujo, Neumanci Gonçalves Ferreira, Ferreira de Oliveira Ivonete Solange Santos and Bastos. Based on the investigations, this study discloses the stories of women players allowing to follow the path took by the women's football in Bahia. The history starts with the incipient “babas” in Jequié in the 70s until his alleged consolidation in the 80s, well represented by players from Feira de Santana, it also includes a part of the history of the Brazilian Women's Soccer team during the 90s, based on the interview of Solange S. Bastos. Based on contributions from studies in the areas of History, History of Physical Education and Gender has been possible to articulate stories of footballer women with issues such as prejudice, lack of infrastructure and credibility, issues that marked the history of the sport in the country. Soccer has been considered a space that celebrates virility and strength, male attributes, in such that it took lots of dedication and courage for women to get in this well kept places, places where female participation "should" allowed only in the stands. However, with the boldness and strength, they invade the lawns and keep on pushing to make soccer, in fact, a plural and democratic environment that represents a national history.

Key-words: woman, woman soccer, prejudice, gender, Bahia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES TESE

Figura 1 – Mulheres e homens travestidos / Década de 40 – Brasil	16
Figura 2 – Neide e amigas / Jequié década de 70	34
Figura 3 – Time das Panteras de Ipiaú / Década de 80	58
Figura 4 – Time do Flamengo de Feira de Santana / Década de 80	86
Figura 5 – Time de Futebol de Salão do Bordon SP / Década de 90	99
Figura 6 – Time do Bordon	101
Figura 7 – Solange Bastos na Seleção Brasileira	111
Figura 8 - Foto Revista Placar / 1988	145
Figura 9 – Construindo o Ridículo	154
Figura 10 – Primeira Seleção Feminina de Futebol do Brasil	155
Figura 11 – Poema	157
Figura 12 – “Garotas do Futsal”	170
Figura13 – Patrocínio Maisena	175
Figura 14 – Sissi e Suely	214
Figura 15 – Semi-final Brasil x EUA da Copa do Mundo 1999	244

LISTA DE ILUSTRAÇÕES ANEXOS

Figura 1 – Santos de Caculé / Decada de 80	261
Figura 2 – Flamengo de Feira de Santana / Década de 80	261
Figura 3 – Time da cidade de Feira de Santana / Decada de 80	262
Figura 4 – Time do Flamengo de Feira de Santana	262
Figura 5 – Time do Bordon/SP	263
Figura 6 – Neuma e Birrita	263
Figura 7 – Carteirinha CBFS / Atleta Neuma	263
Figura 8 – Time do Bordon Campeão Paulista / Década de 90	264
Figura 9 – Time do Bordon	264
Figura 10 – Divulgação Futsal Feminino Brasil x Austrália	265
Figura 11 – Lista de Atletas do 1º Sul-Americano	265
Figura 12 – Pretinha na Seleção Brasileira / Década de 90	266
Figura 13 – Solange na Seleção Brasileira / Década de 90	267
Figura 14 – Bell na Seleção Brasileira / Década de 90	268

Figura 16 – Recorte Jornal / Jogadoras baianas	269
Figura 17 – Atletas do Bordon/SP	269
Figura 18 – Sissi 1ª Convocação Seleção Brasileira	270
Figura 19 – Seleção Brasileira 1995	271
Figura 20 – Disputa do Bi-Campeonato 1995	271
Figura 21 – Rosilene Gomes / Presidente da Federação Paraibana de Futebol	272
Figura 22 – Estranhas no Ninho: “Jogadoras-Modelos”	272
Figura 23 – Sissi no Flamengo de Feira	273
Figura 24 – Família da Atleta Solange	274
Figura 25 – Feirense na Seleção Olímpica	274
Figura 26 – Meninas de Chuteira	275
Figura 27 – Jogadoras x Jogadores em amistosos	275
Figura 28 – Seleção Feminina x Bebê	276
Figura 29 – Primeiro Título Internacional	277
Figura 30 – Bi Sul-Americano	277
Figura 31 – Roseli Filardo Treinadora	278
Figura 32 – Flâmula do Flamengo de Feira de Santana	279
Figura 33 – Miss Campeonato/SP	280
Figura 34 – Driblando o Preconceito	281
Figura 35 – Meg Primeira Goleira da Seleção	282
Figura 36 – Superioridade Brasileira nos Sul-Americanos	283
Figura 37 – Sissi Craque sem História	284
Figura 38 – Aldair Idolo da Atleta Solnage	285
Figura 39 – Jequié anos 70	286
Figura 40 – Jequié Atual	286
Figura 41 – Feira de Santana anos 70	287
Figura 42 – Feira de Santana Atual	287

Índice

Catálogo	02
Aprovação	03
Dedicatória	04
Agradecimento	05
Epigrafe	07
Resumo	08
Abstract	09
Lista de Ilustrações	10
Sumário	12
Introdução	14
Capítulo I	33
Relatos de mulheres jogadoras de futebol em Jequié (1970 a 1980)	34
1.1- E as meninas também sabiam jogar bola: como elas invadem os babas?	34
1.2 - E depois dos babas? Histórias sobre o futebol feminino em Jequié na década de 80	58
Capítulo II	85
Questões de gênero e futebol feminino em Feira de Santana	86
2.1- aqui algumas dessas histórias...	86
2.2 - Feirense na Seleção Brasileira: Solange e suas aventuras com a bola nos pés	110
2.3 - histórias que se confundem e se complementam	144
2.4 - Foram muitos sonhos juntos...	185
Capítulo III	194
E depois dos <i>babas</i> ? O que essas mulheres fizeram de suas vidas?	195
3.1 - Jogadoras jequieenses: o que esse esporte lhes conferiu?	195
3.2 - O que restou do futebol feminino para as atletas feirenses?	220
Considerações Finais	243

Referências	251
Fontes Primárias	252
Bibliografia	252
Periódicos Impressos e Eletrônicos	256
Teses	258
Sites Consultados	258
Anexos	260

INTRODUÇÃO

Durante a graduação em Educação Física realizada na Universidade Federal de Alagoas entre o final dos anos 80 e início da década de 90 e como espectadora assídua da TV Bandeirantes, então a única a transmitir jogos da Seleção Brasileira Feminina de Futebol, vários questionamentos me surgiam a respeito de histórias de mulheres praticantes desse esporte.

No Brasil daquela época, como ainda hoje, o futebol era fortemente vinculado ao universo masculino. Mas interessava-me saber de que forma viviam as mulheres atletas que, após a participação num campeonato ou noutro, sumiam dos meios de comunicação sem deixar rastros. Meu interesse era compreender como aquelas mulheres iniciavam suas carreiras e como prosseguiam no dia-a-dia do esporte. Enfim, preocupava-me entender o que acontecia com aqueles sujeitos que pareciam existir somente nos momentos dos torneios esportivos.

Sem respostas, esses questionamentos me acompanharam durante alguns anos. Antes de ingressar no doutorado, que iniciei em 2008, havia tido contato com um dos poucos trabalhos científicos sobre essa temática, para mim, bastante provocativo e estimulante. Tratava-se do texto *Pode a mulher praticar o futebol?*, de autoria de Silvana Vilodre Goellner. No trabalho, a professora apontava para o registro da participação de mulheres no futebol desde a década de 40, no Rio de Janeiro, como já dizia o jornalista Hollanda Loyola¹ citado pela autora que, em uma de suas matérias, já dava indícios dessa prática: “Mais uma conquista de Eva...o futebol.” E continua: “(...) uma prática cuja paixão há muito percorre os corpos femininos.”²

Começava a perceber, sem, no entanto, compreender, que a prática do futebol pelas mulheres era considerada uma excentricidade, como constatei também no site do Guarani Futebol Clube de Campinas³, que trazia informações sobre partidas de futebol, ocorridas em circos, realizadas entre mulheres e homens travestidos de mulheres no ano de 1913.

Reforçando o caráter excêntrico, um ar de deboche e zombaria se acrescia ao trato do futebol feminino, impulsionado pela justificativa científica que apontava para incapacidade das mulheres para sua prática. Assim foram compreendidas, vistas e propagadas por jornais da época, as partidas realizadas por mulheres e o que se seguiu foi um grande movimento que objetivou excluir a mulher desse esporte e evitar sua popularização, como afirma FRANZINI:

¹ O artigo produzido por Goellner é, provavelmente, um dos primeiros da educação física brasileira que discute a inserção da mulher no futebol. Ver: GOELLNER, Silvana Vilodre. *Pode a mulher praticar o futebol?* In: Carrano, Paulo Cezar (org.) *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

² GOELLNER (Op. cit) 2000, p. 80.

³ Essa informação consta no site do Guarani Esporte Clube e é possível acessá-la através do seguinte endereço eletrônico: <http://www.guaranifuteolfeminino.hpg.ig.com.br/curiosidades.html>. Acesso em: agosto de 2009.

Todas as reações a esse movimento (...) foram no sentido de colocá-las ‘no seu devido lugar’, banindo-as de dentro das quatro linhas, espaço próprio ao homem. Para elas, futebol só da arquibancada, e ainda assim em lugares reservados, como se fossem guetos na torcida. Neste caso, suas presenças nos estádios não só era saudada como estimulada pela imprensa. A relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que nesta seu papel não era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens ‘construírem a nação’.⁴



Figura 1 – Mulheres e homens travestidos / Década de 40 - Brasil⁵

Considerado intrínseco à cultura brasileira, naquele mesmo período o futebol foi fortemente impulsionado pelo Governo Getúlio Vargas que, observando o avanço da popularização desse esporte, o elegeu importante espaço para sua intervenção política e governamental na sociedade brasileira.

Com projetos nas áreas trabalhista, da saúde e da educação, o futebol passava a ser outro foco de inserção política de Vargas que, segundo Mezzadri, “(...) enxergava no futebol um grande meio de estabelecer intervenções nessa modalidade e obter possíveis vantagens eleitorais com essas ações.”⁶

⁴ FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315 – 328, 2005, p. 324 – 325.

⁵ Mulheres e homens travestidos de mulheres jogadoras/es de Futebol da década de 40, Brasil site do Guarani Futebol Clube. Cf.: <http://www.guaranifutebolfeminino.hpg.ig.com.br/curiosidades.html>, em agosto de 2009.

⁶ MEZZADRI, Fernando Marinho. As possíveis interferências do Estado na estrutura do futebol brasileiro. In: RIBEIRO, Luiz (org.) Futebol e globalização. Jundiaí, São Paulo: Fontoura, 2007.p. 122; p. 107 – 128.

Tal estratégia se estabeleceu a partir da década de 50, principalmente através da construção de estádios espalhados pelo país com o apoio dos governos estaduais. Foram efetivadas, por exemplo, a construção do Maracanã, no Rio de Janeiro, da Fonte Nova na Bahia, do Mangueirão no Pará.

Reafirmando esse aspecto, Silva aponta que o Estádio de São Januário, até 1942 o maior estádio de futebol do Brasil, foi o cenário escolhido pelo então governo Getúlio Vargas para realizar o discurso que alterou a vida de milhões de trabalhadores/as do país:

Foi lá que, no dia 1º de maio de 1940, que Getúlio Vargas anunciou para todo o país a criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Foi em São Januário que se realizou o jogo de despedida entre Brasil e Uruguai, em homenagem aos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que partiram para a Segunda Grande Guerra na Europa.⁷

Essas ações foram implementadas pelo Governo Federal por meio do Conselho Nacional de Desportos (CND), com base na Lei 3.199/41⁸. Se, por um lado, a lei buscou incentivar o futebol masculino, por outro, no que se referiu ao futebol feminino, tratou de impedir essa prática, como exposto em seu Artigo 7º que definia: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com sua natureza”.⁹

Sob esta alegação, ficou proibida a participação de mulheres em esportes caracterizados como próprios do universo masculino, ou masculinizantes, considerados impeditivos para que a mulher conservasse o que de mais ‘sagrado’ havia em sua natureza: a procriação. Assim, as mulheres foram legalmente impedidas de praticar esportes como as lutas de qualquer natureza, o handebol, o pólo aquático, o halterofilismo, o baseball, o futebol, o futebol de salão e o futebol de praia. Essas proibições duraram até 1979, quando caiu o referido Artigo 7º.

⁷SILVA, Silvio Ricardo. A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO, Jocimar (org.) Futebol, cultura e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

⁸ Em vários trabalhos acadêmicos podem ser encontradas referências sobre esse Decreto-Lei de 1941, tais como: ADELMAN, Mírian: Mulheres atletas: resignificação da corporalidade feminina. In: Revista Estudos Feministas, vol. 11, n. 2, Florianópolis, jul. – dez. 2003. GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: Revista Brasileira de Educação Física e Esportes. São Paulo, vol. 19, n. 02, abr. – jun., 2005. KJNINIK, Jorge Dorfman. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteira no Brasil. In: CORZAC, João Ricardo (org.). Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte. São Paulo: Annablume – Ceppe, 2003.

⁹ É possível localizar, através de sites de busca na internet a referida Lei 3.199/41, especialmente em sites como Google Acadêmico ou no endereço: <http://www6.senado.gov.br/legilação/ListaPublicacoes.action?id=152593>. Acessado em outubro de 2009.

Sobre esse aspecto, recentemente a Revista Abril¹⁰, por meio do depoimento de dois importantes técnicos do futebol masculino brasileiro, apresentou comparativo de rendimento em campo entre a atleta Marta Vieira e Cacá afirmando que, em alguns fundamentos do futebol, há o comparativo entre homens e mulheres.

As características físicas hoje equiparadas entre atletas de ponta do futebol masculino e feminino são: habilidade de domínio de bola e velocidade ou arrancada com a bola, o que prescinde da explosão muscular, portanto de força (principalmente) dos membros inferiores, aproveitamento na finalização de chutes a gol, capacidade de definir a partida e força muscular.

Tais aspectos se distanciam dos valores e padrões machistas, conservadores e preconceituosos da cultura brasileira que percebem na fragilidade e delicadeza do corpo da mulher suas adequadas representações sociais.

Contrariando o conservadorismo, é possível identificar, ao longo do tempo, formas de resistência a esse pensamento e às normas de comportamento impostos às mulheres que, impulsionadas pelas exigências de subsistência, procuraram construir seu cotidiano independentemente de tais convenções sociais¹¹.

Em muitos períodos da história, as mulheres contrariaram investimentos que foram sendo esquematizados, especialmente àqueles direcionados ao controle do seu corpo e de seu comportamento, como, por exemplo, salientaram Marina Maluf e Maria Lúcia Barros Mott (essa última recentemente falecida), tratando da questão, no Brasil, no início do século XX:

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século (XX) foi, assim traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reunia conservadores e diferentes matrizes de reformistas e que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinado tipo de comportamento, convertendo-os em rígidos papéis sociais. ‘A mulher que é, em tudo, o contrário do homem’, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquilha, e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao ‘recôndito do lar’ e reduziram ao máximo

¹⁰ Revista Abril de 2008, na matéria especial sobre as Olimpíadas de Pequim. Depuseram nessa Revista Muricy Ramalho e Carlos Aberto Parreira, que pontuaram numa escala de 0 a 10 os atletas Marta e Cacá, na época eleitos pela FIFA os melhores craques do mundo.

¹¹ Sobre esse aspecto é indispensável o conhecimento da obra de Maria Odila Leite da Silva Dias *Quotidiano e Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de ‘rainha do lar’, sustentada pelo tripé mãe – esposa - dona de casa¹².

Diferentemente do que o pensamento conservador esperava forjar, em seu cotidiano, as mulheres, principalmente as mais pobres, romperam com os padrões de fragilidade e docilidade que era esperado que seus corpos/comportamentos pudessem expressar.

Voltando a citar o trabalho de Maluf e Mott, várias foram as mulheres que viveram independentemente dos padrões e expectativas das elites conservadoras e criaram suas próprias formas de resistência. Algumas, inclusive, traduzidas em manifestos e escritos, que já encampavam a luta feminista nesse conturbado cenário dos anos 20, como é o caso dos escritos de Ercilia Nogueira Cobra, apenas para citar um desses exemplos, que revelavam outras expectativas das mulheres sobre si mesmas e sobre a sociedade da qual faziam parte:

Sem usar pseudônimo, Ercilia Nogueira Cobra publicou em 1924 um pequeno ensaio intitulado Virgindade anti-higiênica, no qual defende, entre outros, o direito a liberdade sexual para as mulheres. Em 1927 ela publicaria o romance virgindade inútil, em que retrata a trajetória de Cláudia, órfã de um fazendeiro empobrecido que, devido à falta de formação profissional, o que era comum entre as moças na época, e sem fortuna para arranjar casamento no seu meio e de sua escolha, acaba fugindo de casa e se tornando uma ‘cortesã’, prostituta de luxo...¹³

Ercilia pertencia a uma família decadente de fazendeiros. Inicialmente recebeu uma educação ‘para o lar’, mas como não houve grande êxito, seus pais internaram-na no Asilo Bom Pastor de São Paulo, destinado a recuperação de ‘moças perdidas’. Tornou-se professora e na década de 30, sob o pseudônimo de Suzy. Mais adiante, transformou-se em dona de uma casa de mulheres em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.

Em uma carta à mãe, datada de 27 de setembro de 1934, escreveu: ‘Relativamente fui uma pessoa feliz. Fiz o que quis na vida e continuo fazendo o que quero! Os preconceitos estúpidos desta sociedade em decadência à qual a senhora pertence nunca me incomodaram’.

¹² O trabalho de Maluf e Mott é bem elucidativo das formas de controle sobre a mulher do início do século XX, apresentando inclusive, as expectativas criadas e, posteriormente, assumidas por várias mulheres dessa geração, sobre o dever ser mulher na sociedade brasileira: *Recônditos do mundo feminino*, in: Servecenko, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 373. Vol. 3

¹³ Maluf e Mott, op. cit., p. 398-399.

O exemplo de Ercília Nogueira pode ser emblemático e representativo de anseios de mulheres que não vislumbravam uma vida sem liberdade, sem individualidade e que, para isso, foram (re) inventando, em seu dia-a-dia, formas sutis - mas imprescindíveis - de resistência aos padrões sociais normativos e totalizadores.

Assim, como mais uma forma de resistência, associo o futebol à vida de mulheres brasileiras, já que esse esporte foi vinculado à prática masculina e, com ele, a relação a ser estabelecida pela mulher foi inicialmente de espectadora. Ao adentrarem nos gramados essas mulheres tiveram que enfrentar preconceitos pautados pelo conservadorismo que as classificava como lésbicas. Assim, a naturalidade da sexualidade das jogadoras sempre foi questionada por aderirem a uma prática socialmente reservada ao universo masculino como apontou GOELLNER:

(...) a associação entre o esporte e a masculinização da mulher atravessa décadas e, mesmo que em muitas situações a mulher tenha saído das zonas de sombra, ainda hoje são recorrentes algumas representações discursivas que fazem apologia da beleza e da feminilidade como algo a ser preservado, em especial, naquelas modalidades esportivas consideradas como violentas ou prejudiciais a uma suposta natureza feminina.¹⁴

Acrescendo-se a esse aspecto especulativo sobre a sexualidade das praticantes do futebol, convencionou-se, como é extremamente propagado na mídia, ver o corpo feminino, comumente representado em trajes minúsculos ou transparentes, oferecido como prêmio aos vencedores dos torneios ou das peladas, como tão naturalmente é propagado em comerciais de cerveja no Brasil.

No site oficial do Santos Futebol Clube, que recentemente suspendeu seu time feminino de futebol, ainda se pode ver ensaios fotográficos femininos, incluindo fotos de suas ex-atletas, para afirmar que, se elas se elas “batem um bolão”, esse fato não altera a “normalidade” de sua sexualidade. Na página da internet do Santos mulheres e ex-atletas podem ser vistas esbanjando feminilidade e sensualidade, características naturalmente associadas à mulher, nesse caso, às ‘Sereias da Vila’.¹⁵

¹⁴ GLELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, São Paulo, v. 19, n. 02, p. 143 – 51, abr./jun. 2005

¹⁵ Até recentemente, via-se no site santista ensaio fotográfico da atleta Maurine que atuava no Santos Futebol Clube e recentemente jogou na Seleção Feminina de Futebol nos Jogos Pan-Americanos ocorridos no México em 2011. Endereço eletrônico: <http://www.santosfc.com.br/multimedia/videos/default.asp?id=72025&c=Futebol%20Feminino> Consulta: 02 de março de 2012.

Somando-se ao impedimento legal imposto ao futebol feminino, além de ser esse esporte considerado espaço de domínio masculino, o preconceito foi outro fator enfrentado pelas mulheres que decidiram implementar sua prática.

Percebi que o preconceito se reafirmou durante os anos, sendo uma constante no período analisado, configurando-se como importante viabilizador da invisibilidade e do silenciamento conferidos à histórias de mulheres futebolistas.

No entanto, ao que apontam estudos que têm surgido sobre o futebol feminino no Brasil, sugere-se que essa sempre foi uma prática realizada pelas mulheres ao longo do tempo. Mais um registro dessa prática foi percebido nos jornais paulistanos, como identificou MOURA, apontando a realização dessa atividade desenvolvida por mulheres, durante a primeira metade do século XX, em jogos beneficentes ocorridos nos anos de 1913 e 1921.¹⁶

Por ter sido o futebol realizado costumeiramente em seu cotidiano, provavelmente a citada Lei sequer chegou ao conhecimento de muitas das praticantes, pois a legalidade era exercida quando essa prática tomava maiores proporções, como se pode observar em registros da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 1950. Nessa localidade, a população já havia tido a possibilidade de contato com exibições dessa prática no Circo Queirolo, reforçando o caráter exótico que era atribuído ao futebol das mulheres.

Em Pelotas foram criados os times do Vila Hilda Futebol Club e o Corinthians Futebol Club, que também mantinham seus times masculinos, como se observa na citação abaixo:

As duas equipes foram fundadas praticamente juntas, em abril de 1950. A maioria das jogadoras era jovem, entre 13 e 18 anos, que pertencia a classe média baixa e residia nos próprios bairros onde os clubes estavam situados. Depois de formados os grupos, começaram os treinos dos dois times, visando entrosar as jogadoras para a partida de estréia. Os técnicos das duas equipes eram jogadores ou ex-jogadores dos quadros masculinos dos respectivos clubes.¹⁷

A partir do momento em que os jogos foram acontecendo, aumentava o interesse da população que animadamente assistia e vibrava com as jogadoras, fato que provocou a

¹⁶ MOURA, Eriberto Lessa. Reportagem concedida ao Jornal da UNICAMP de 2003. In: RIBO, GUIDOTTI, THEIL & AMARAL. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Revista Brasileira de educação Física e Esporte, Campinas, v. 29, n. 03, p. 173 – 188, 2008.

¹⁷ RIBO, GUIDOTTI, THEIL & AMARAL. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Revista Brasileira de educação Física e Esporte, Campinas, v. 29, n. 03, p. 173 – 188, 2008.

divulgação dos jogos em jornais locais, como a Revista dos Esportes, aumentando a repercussão do fato.

As atividades do futebol feminino pelotense se estenderam de maio a novembro daquele ano, confirmando a receptividade, entusiasmo e simpatia da população em relação ao futebol feminino, que ganhava mais adeptos/as.

Mas com a conseqüente expansão da prática, entrou em cena o CND que, através da Lei 3.199/41¹⁸, interditou o futebol das mulheres, não apenas naquela localidade, mas em todo o país, reafirmando que sua prática “(...) não se coaduna com a forma física do belo sexo.”

Na década de 60, outro exemplo dessa prática ocorreu no interior mineiro. Em reportagem exibida em janeiro de 2009 pela Rede Globo, no programa Esporte Espetacular¹⁹ foram mostradas ex-jogadoras de futebol feminino que realizavam esses jogos na década de 60, na cidade de Araguari, situada a 580 km de Belo Horizonte. Quando esse fato ocorreu foi um imenso burburinho na cidade, já que todos queriam ver se era possível mulher jogar futebol, o que reforça a característica da curiosidade, ou mesmo excentricidade, referente a essa prática.

Desconhecendo o impedimento legal, esses jogos começaram a acontecer por incentivo de Dona Isolina França Soares, que passou a promover, em 1958, jogos femininos de futebol para angariar fundos para a escola da qual era diretora. Com o sucesso, as meninas foram convidadas a jogar em Uberlândia e o estádio lotou. A torcida era maior do que a que havia comparecido dias antes para ver o amistoso entre Uberlândia e Botafogo, com os campeões (da Copa de 1958 na Suécia) Garrincha e Didi.

Em outra cidade de Minas, Tupaciguara, a prefeitura organizou a exibição, mas a festa acabou sendo cancelada às pressas depois de uma proibição da Igreja, que não queria mocinhas exibindo as pernas por ali.

Com pouca experiência e com o sucesso que sua iniciativa havia atingido, Dona Isolina pediu auxílio a Ney Monteiro, na época, diretor do Araguari Atlético Clube. Os convites às jogadoras continuaram a acontecer, pois o interesse pela exibição levava um número imenso de expectadores para os estádios e o evento crescia exatamente pelo interesse que despertava. Tudo correu bem até o momento em que as meninas foram convidadas a participar de uma partida amistosa no México.

¹⁸ O Decreto Lei 3.199 de 1941 também pode ser consultado no site

http://justicadesportiva.uol.com.br/jdlegislacao_historico.asp. Acessada em 11 de março de 2012.

¹⁹ A matéria, exibida em janeiro de 2009, intitulada “As pioneiras do futebol feminino no Brasil”, pode ser vista no site: <http://video.globo.com/videos/busca/07959=futebofeminino>, consultada em 19 de março de 2009, às 14:30 h. Além da exibição nesse programa partes dessa mesma matéria pode ser encontrada na Revista Cláudia, de março de 2010.

Na hora de retirarem os passaportes para a tão aguardada viagem, o senhor Ney Monteiro foi informado do impedimento da atividade (Decreto-Lei 3.199) e obrigado a encerrar os jogos, já que estava exercendo e incentivando uma atividade ilegal.

Os registros citados levam a crer que o futebol no Brasil sempre foi praticado por mulheres em várias épocas, em diferentes locais e que, quando isso ocorria, chamava a atenção do público. Se o impedimento era imposto através dos instrumentos legais, essa nunca foi uma atividade de que as mulheres deliberadamente se esquivaram. Mesmo considerada excêntrica, curioso ou mesmo marginal, o futebol desenvolveu seu espaço e sua magia no universo feminino.

Um dos aspectos dessa história que não se pode deixar de observar é que esses jogos atraíram e atraem, até hoje, um público imenso de torcedores/as. No caso da reportagem citada, foi em decorrência do enorme sucesso alcançado pelas partidas desenvolvidas pelas estudantes da cidade de Araguari que os convites foram chegando e o futebol das mulheres foi se estendendo a outras cidades vizinhas. Como em Pelotas, a intervenção legal atuou no momento da expansão dessa atividade.

O presente estudo constatou que foi também enorme o sucesso da atuação das jogadoras na Bahia, tanto na cidade de Jequié, como em Feira de Santana e em Salvador, capital que sediou várias das competições de futebol feminino durante os anos 80.

Por conta da pesquisa de doutorado, seguindo orientações da professora Maria Odila Leite da Silva Dias – que também sugeriu o aprofundamento de leituras sobre a História da Educação Física – tive contato com produções de importantes feministas e historiadoras. A partir disso, parte da obra de autoras como Fenelon, Pasos, Louro, Soihet, Rubio, Alves & Pitanguy, Goellner, Jager, Perrot e Rago subsidiam este trabalho.

Por meio dos diálogos com essas fontes, passei a compreender que o lugar social reservado às mulheres, como àquelas do futebol brasileiro, foi o da invisibilidade e do esquecimento. Ou seja, tratava-se de mais algumas histórias de mulheres que a oficialidade não registrou e que, portanto, sequer precisavam ser esquecidas.

Assim, mesmo sem muitas pistas, em 2009 comecei a procurar histórias de mulheres futebolistas e iniciei essa busca na cidade de Jequié, situada no sudoeste baiano, local onde resido e atuo profissionalmente. A escolha por essa localidade se deu por ter conhecimento de que lá, nos idos dos anos 80, havia existido, mesmo de modo incipiente, times de futebol feminino.

Ao iniciar a investigação uma teia de informações começou a se formar e, a partir do primeiro depoimento colhido com a ex-atleta Suely Morbeck Ribeiro²⁰, que atuou no futebol baiano no início da década de 80, outras histórias foram surgindo. Esses acontecimentos levaram-me a continuar as investigações em Feira de Santana, cidade localizada mais ao centro-oeste baiano.

Descobri que Feira havia sido um celeiro de grandes jogadoras no mesmo período de 80 e ali pude conhecer e registrar histórias de ex-atletas que atuaram no futebol local e nacional e, através dessas jogadoras, tive acesso a história da própria Seleção Brasileira de Futebol Feminino durante a década de 90.

Ao mergulhar na vida e no cotidiano das depoentes, pude ir compreendendo que sempre houve relativa resistência à prática do futebol das mulheres, pelo menos no que diz respeito ao período estudado (início da década de 70 até o final dos anos 90) e às localidades nas quais o futebol feminino foi pesquisado, ou seja, o interior do nordeste brasileiro.

Pelo que pude observar por meio da memória das ex-jogadoras, tal resistência se iniciava em seus grupos familiares, provavelmente pelo preconceito social que é recorrente no discurso e nas lembranças de todas as mulheres entrevistadas, fato que ocorreu não apenas durante a infância das depoentes.

Essas garotas, para iniciarem essa prática, muitas vezes tiveram que fazê-la driblando o impedimento dos pais, que consideravam o futebol uma atividade eminentemente masculina. Assim, as meninas logo tiveram que se acostumar ao codinome **macho-feme**, termo usual nessas cidades baianas, que se refere às meninas/os que são um misto de mulher-homem/homem-mulher.

Posteriormente, como poderá ser observado ao longo do trabalho, já adolescentes integrando times e atuando como atletas, essas mulheres também enfrentaram preconceito por parte de torcedores e de familiares. Sobre esse fato, alguns depoimentos são emblemáticos e retratam situações de preconceito tanto no espaço doméstico como no espaço público. Os fatos registrados nos depoimentos dessas ex-atletas, ocorridos durante os anos 80, denotam o forte preconceito em relação à mulher que pratica o futebol até recentemente.

Também identifiquei, nas lembranças de todas as entrevistadas, o fato de terem vivenciado uma infância muito livre. Esse aspecto pode ter ocorrido, principalmente, porque em suas cidades havia muitos espaços desprovidos de construções durante os anos de 70 e 80.

²⁰ Suely foi a primeira ex-atleta entrevistada e hoje atua na cidade de Jequié como cantora e compositora de músicas evangélicas. Quando atuou no futebol chegou a jogar na cidade de Salvador no futebol de salão na companhia de Sissi (Sislide Lima do Amor), outra feirense e uma das mais famosas atletas de futebol feminino no Brasil nesse período, também citada no presente trabalho.

Somando-se a isso, as atividades que optaram em desenvolver eram sempre ligadas àquelas compartilhadas com os garotos. Brincar com suas irmãs ou com as garotas da vizinhança era uma atividade pouco desenvolvida pelas depoentes que preferiram correr, pescar, praticar esportes como o futebol, ou seja, desenvolver atividades que as deixassem mais livres, mas soltas.

E com a bola nos pés, nos campinhos improvisados que precisavam apenas de duas pedrinhas para fazer de traves, elas descobriram um imenso prazer em driblar, saltar, cabecear, fazer gols com e “como” os garotos de seus bairros. Para participarem de tais atividades, suas roupas também se assemelhavam àquelas usadas pelos garotos e constantemente eram vistas de shorts, como eles, igualmente despenteadas ou com os cabelos muito curtos.

Embaralhando-se nos babas com vestimentas e habilidades iguais as aquelas apresentadas pelos meninos, garotas do futebol desde cedo descobriram que teriam que enfrentar o preconceito que sempre as acompanhou. Considerado um espaço reservado a exibição da virilidade e força, características convencionalmente associadas a masculinidade, esse será mais um palco de disputa entre gêneros no Brasil. Assim, o futebol se constituiu como um dos lugares de disputas entre homens e mulheres, tema dos mais importantes dos tempos atuais, como afirmam DUNNING E ELIAS, para os quais os esportes têm sido alvo de estudos e pesquisas na atualidade, pois são considerados espaços masculinos, potencialmente importantes para o funcionamento de estruturas patriarcais²¹.

Contudo, envolvidas nas peladas ou nos babas como se chama, na Bahia, o futebol praticado livremente nos campinhos improvisados nos terrenos de chão batido, as garotas cresceram e chegaram a disputar campeonatos representando times dos bairros onde residiram, tanto na cidade de Jequié como em Feira de Santana. Destaco que para as entrevistadas jequieenses praticantes dessas atividades na década de 70, os babas, e mesmo os pouco jogos doas quais fizeram parte, sempre foram uma grande brincadeira, pois não vislumbraram nem havia condições estruturais para seguir uma carreira no futebol²².

A preocupação dos pais e mães das depoentes desse período foi centrada na educação das filhas, direcionando-as a seguirem carreiras profissionais principalmente no Magistério, que se apresentava para famílias pobres jequieenses daquele período como possibilidade

²¹ ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Desporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. Nueva York: Brasil Blackwell Publisher, 1992, p. 324.

²² Talvez um aspecto que reforce a idéia do futebol como uma brincadeira, um momento de lazer é o fato das depoentes desse período não terem registros em fotografias, por exemplo, dessas atividades ou sequer lembrarem o nome do time do qual fizeram parte.

quase única de futuro. Assim, para Conça²³, Nara²⁴ e Neide²⁵, o futebol integrou sua infância e parte da adolescência funcionando mais como um elemento de socialização entre os sujeitos.

Já para as entrevistadas, tanto de Jequié como de Feira de Santana, que participaram do esporte efetivamente durante a década de 80, houve uma perspectiva real de continuar jogando e atuando no futebol, aspirando por um profissionalismo que nunca chegou quando atuaram como atletas. Contudo, das jogadoras que depuseram para esse estudo, apenas Solange Souza Bastos conseguiu ir além no futebol, atuando inicialmente em Feira de Santana, sua cidade natal, e posteriormente em Salvador, capital baiana.

Após esse período, ela integrou a Seleção Feminina de Futebol durante os anos 90 e, paralelamente a esse período, alguns times de futebol como o Corinthians e o Internacional de Porto Alegre. Nesses times, sua participação foi breve. Durante o período citado, a finalização dos times de futebol era uma constante, fato que ainda se repete na atualidade, como no caso do time feminino do Santos Futebol Clube, encerrado em 2012.

Para a realização da investigação, cujo objetivo foi descortinar histórias de mulheres futebolistas, que nesse caso, viveram no interior baiano, foi feito o recorte histórico que permitiu registrar sua trajetória no esporte compreendendo o período localizado do início da década de 1970 até o final da década de 1990.

As questões que impulsionaram o presente trabalho consistiam em compreender como viviam mulheres atletas praticantes do futebol, como se deram seu cotidiano e suas relações sociais, a existência e permanência, ou não, de suas carreiras, enfim, como se deram suas trajetórias. Assim, a justificativa do trabalho se configurou pela pouca informação acerca de histórias como essas aqui desnudadas, pois anteriormente só havia indícios de mulheres atletas de futebol no Brasil, já que a história oficial forneceu pouca atenção a trajetórias de vida como essas aqui investigadas. Portanto, registrar as histórias dessas mulheres por meio de suas memórias, diante do futebol, suas trajetórias, sociabilidade foi a forma encontrada para me posicionar na contra-mão do silenciamento e da invisibilidade impostas às ex-atletas.

Somando-se a essa questão, a opção pelo recorte histórico decorreu de dois fatores. Inicialmente, pelo fato de serem histórias de mulheres no futebol quando esse esporte em considerado parte importante da cultura nacional, na década de 70.

²³ Maria da Conceição uma das depoentes desse trabalho atuou no futebol de Jequié nos anos 70, reside em Jequié- BA até os dias de hoje.

²⁴ Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro outra depoente que atuou no futebol jequieense nos anos 70, continua residindo na cidade até a atualidade.

²⁵ Maria Neide Cruz Sampaio também depôs para esse estudo, pois atuou no futebol na transição entre a década de 70 e 80 e até hoje vive em sua cidade natal: Jequié no sudoeste baiano.

Nessa época, o futebol ganhou força quando da conquista da Copa do Mundo, marcadamente presente na história oficial e representada pela geração de Pelé. Por conta disso, investigar o futebol feminino durante esse período seria uma forma de compreendê-lo paralelamente ao período de auge do futebol masculino no Brasil.

Por outro lado, justifico a década de 90 finalizando o recorte histórico por compreender que esse era o período no qual essa geração de mulheres encerraria sua trajetória por conta, principalmente da idade.

Decidi por esse recorte exatamente por compreender que a finalização de algumas carreiras durante os anos 90 faria com que essas histórias permanecessem na invisibilidade, sem notoriedade ou reconhecimento, ficando registradas apenas nas lembranças das ex-atletas. Como disse Neuma²⁶, ao final da entrevista: “Eu tenho minhas lembranças e vou continuar com minhas lembranças...”

A possibilidade de democratizar as histórias dessas mulheres a partir de seus depoimentos e de suas memórias só foi possível com a utilização da História Oral como método de pesquisa, já que esse é um meio que permite um recontar da história no plural.

Além disso, viabiliza e consiste numa constante negociação entre depoente e o/a historiador/a, construída com base num constante e permanente aprendizado que, nesse caso, levou-me ao desconhecido: retratos e fragmentos da história do futebol feminino do interior do nordeste baiano, fornecendo-me elementos que tanto buscava apreender.

A partir da História Oral, tal aprendizagem se reflete na necessidade da presença de uma autoridade que é compartilhada, negociada, processo que se alimenta de uma experiência, na qual quem ensina e quem aprende faz uma constante permuta de papéis.

Foi a partir desse método investigativo que pude dialogar com as fontes orais e, portanto, contar as histórias de mulheres do futebol que são o objeto de análise desse estudo, e, a partir disso, refletir sobre a própria história do esporte no Brasil. Para isso dialogar com outras fontes também foi necessário, como as que foram produzidos nas áreas de Gênero e História da Educação Física.

Tais estudos me possibilitaram compreender que há uma representação cultural dos gêneros que classifica os sexos e suas diferentes funções a serem rigidamente cumpridas socialmente. Nesse sentido, o futebol para a mulher num país conservador como o nosso, não

²⁶ Rememoro a última frase de Neumanci ex-atleta feirense que chegou a sair da Bahia indo atuar no futebol de salão paulista na década de 80, mas que logo retornou a Feira de Santana onde até hoje reside coma família e ao lado da companheira Evilânia.

é considerado como uma prática natural, principalmente pelo risco que representa em masculinizar a aparência feminina.

Um constante questionamento permanecia sem resposta e se configurou como o problema de pesquisa apresentado no trabalho: por que o silenciamento foi o fator que se impôs historicamente às mulheres futebolistas brasileiras?

No entanto, algumas questões continuavam sem resposta e se concentravam na histórica invisibilidade do futebol feminino brasileiro que contraditoriamente, pelos registros dos estudos e mesmo com o impedimento legal, apontavam para sua significativa adesão popular. Questionando-me sobre a invisibilidade dessa prática na época analisada, alguns indícios me faziam refletir sobre o preconceito que, direcionado às mulheres do futebol, teria sido o elemento propulsor desse silenciamento.

Assim, a hipótese do estudo se configurou da seguinte forma: o preconceito em relação às mulheres do futebol se deu pelo fato de todas serem consideradas lésbicas e esse foi o fator preponderante para o silenciamento de suas histórias, como também da história do futebol feminino no Brasil.

A partir disso, foi possível apontar diferenças no decorrer dos anos aqui tratados no que se refere ao futebol feminino e dizem respeito à perspectiva que cada geração criou a partir da prática do futebol. Tal fato se reflete na forma como as jogadoras, já na década de 80, doaram-se ao esporte, fato que não ocorreu com as depoentes da década anterior, para as quais o futebol não passou de um passatempo.

Termos como o amor e a paixão pelo futebol, a dedicação, o compromisso e comprometimento foram muito presentes nos depoimentos das atletas feirenses, talvez para compensar a precariedade que sempre existiu no futebol feminino. Foi com base nessa dedicação ao esporte que as depoentes dos anos 80 encontraram possibilidades para sair de Feira de Santana e atuar em locais como São Paulo, prorrogando, dessa forma, o encerramento de suas carreiras.

Muitas das entrevistadas foram filhas de mulheres chefes de família, fato corriqueiro no interior baiano. Por terem que educar sozinhas as crianças e terem paralelamente que prover o lar, o que colaborava com a ausência temporária no espaço doméstico, as mães das depoentes pouco podiam impedir que as filhas saíssem de casa para jogar futebol. Assim, mesmo que a proibição existisse, as meninas conseguiam driblar as ordens, os preconceitos e

a precariedade que acompanhou o futebol feminino, que só existiu pelo empenho das mulheres em adentrar e permanecer nesse espaço²⁷.

Desse modo, os babas continuaram, os torneios aconteceram e espalharam-se desde as citadas cidades até povoados próximos, onde o futebol feminino despertava interesse e curiosidade, até chegarem a Salvador.

Na capital baiana, o esporte ganhou admiradores/as na década de 80 e início da década de 90. Já nesse período, o número de pagantes para assistir aos campeonatos estaduais era impressionante e esse fato deu prestígio às meninas do futebol feirense. Além disso, esse certo prestígio suscitou nas depoentes a expectativa de viver daquilo que mais gostavam de fazer na vida: jogar futebol.

Destaco que o desejo de continuar jogando o futebol e fazer disso uma profissão foi impulsionado por atletas que viam na TV e que as influenciaram como Zico e Mozer. Ou seja, algumas das entrevistadas dessa geração aspiraram um futuro, uma carreira como aquela que o futebol masculino propiciou a alguns poucos atletas brasileiros.

No final dos anos 80 e início de 90, com esse esporte adquirindo uma melhor estrutura tendendo para um processo de profissionalização foi esse o período em que se formou a Seleção Brasileira Feminina de Futebol (1998).

Nesse momento da história, jornais e revistas passaram a conceder certa visibilidade ao esporte e, portanto às atletas. Entretanto, nas matérias eram recorrentes questionamentos sobre a sexualidade das jogadoras, os jornais traziam charges traduzindo uma feminilidade fantasiosa e exacerbada, em dissonância com o biótipo apresentado pela maioria das jogadoras. Creio que se objetivava criar uma imagem dentro dos padrões de feminilidade impregnada pelo conservadorismo tão presente na cultura nacional.

Recorrendo novamente a Portelli:

(...) O trabalho com as lembranças possibilita o contato com seres humanos, pessoas que através do seu cotidiano levantam questões políticas e éticas. Portanto, sujeitos ativos da política e iguais a todos os demais. (...)

O discurso na História Oral, então, é um discurso contaminado, é um discurso multivocal, é um discurso que tem uma multidão de autores. Não só

²⁷ GUIMARÃES em seu estudo apontava que em 1987, 25% a 33% dos domicílios eram de chefia feminina em todo o mundo. Tal fato se caracterizava por serem lares nos quais as mulheres são as únicas responsáveis tanto pelo cuidado com os filhos, como pelas atividades econômicas para proverem seus lares. No caso brasileiro as famílias com essas características representavam 18% a 20%, adquirindo índices mais altos no Nordeste do país. No caso de Salvador, por exemplo, entre os anos de 1981 a 1987 esse índice avançou de 21,1% para 26,2%. GUIMARÃES, Iracema Brandão. In: PASSOS, ALVES, MACEDO (org.). *Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares*. Salvador, UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.

o que assina a capa ou que tem o nome no artigo, pois os autores são todos os que falaram e que estiveram no diálogo para que este livro, este artigo existisse.²⁸

Sem discutir a valoração e reconhecimento que pouco foi dado ao futebol feminino por dirigentes da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) no período aqui discutido, ressalto a importância da memória, já que as histórias dessas mulheres permaneciam apenas em suas lembranças e que em pouco tempo desapareceriam, como outras histórias dessa geração.

Recorro novamente à História Oral como método capaz de democratizar a própria História, servindo como elemento capaz de trazer à tona histórias de pessoas simples, mas que trazem em seu cotidiano elementos que ajudam a conhecer um pouco da própria história do futebol no país.

Nesse sentido, recorro de um dos momentos da entrevista com Neide, já citada, em que essa depoente se emocionou durante a entrevista, revelando espontaneamente que aquele havia sido o único momento em que alguém se interessava em conhecer suas histórias no futebol, como pode se observar através de seu depoimento.

Tal aspecto reforça a importância da oralidade, reafirmando a capacidade e instrumentalidade que a História Oral oferece quando, como no futebol, possibilita enxergar e socializar fatos de um cotidiano que é plural, mas que é desprivilegiado no transcorrer de uma história oficial que prima por uma parcialidade – priorizando a história dos vencedores. Assim como na oralidade, a importância da memória também é política²⁹, já que é através dela se luta contra o esquecimento, trazendo à tona histórias de um cotidiano, ávido por transformações, como se mostra na história do futebol e, por que não dizer, na história dos esportes?

Ao seguir uma cronologia e dar organicidade à pesquisa, procurei dividir o trabalho em três momentos distintos com base nos depoimentos. No capítulo inicial trato da história das ex-jogadoras que atuaram no futebol na cidade e Jequié nos idos dos anos 70, quando na pacata cidade interiorana começavam a surgir os primeiros times de futebol.

Busco descrever a infância de Conça e Nara residentes no periférico bairro Joaquim Romão. Ali, com o apoio do senhor José Sampaio, já falecido, que criou o primeiro time

²⁸ PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. Resumo: Conferência no XXV Simpósio nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009, p. 9.

²⁹ FENELON, MACIEL, ALMEIDA E KHOURY (orgs.) Muitas memórias, outras histórias. São Paulo, Editora: Olho d'água, 2004.

feminino da cidade, essas entrevistadas viveram alegres momentos de suas vidas, agitados pelas partidas de futebol que disputaram.

Contei com a ajuda do depoimento de Jorge, filho primogênito do senhor José Sampaio, que relatou fatos sobre seu pai e como ele e os amigos do bairro ajudaram na composição do time das meninas, como adquiriram emprestados os ternos dos times masculinos para que elas pudessem treinar e participar de torneios.

A partir daí, encontro o depoimento de Neide, que participou do futebol de Jequié, integrando o time do Santos de Caculé. A partir de seu depoimento, entrei em contato com um período intermediário do futebol jequieense, compreendido entre o fim dos anos 70 e início dos anos 80.

Nesse período, reporto-me a outro bairro da cidade, o Cilion. Esse capítulo é finalizado com base nos depoimentos de Suely e Pingo, que jogaram na cidade no início da década de 80. Daí parto para a conexão com jogadoras de Feira de Santana, local onde esse esporte ganhou maior visibilidade entre os anos 80 até início da década de 90.

Os depoimentos colhidos na cidade de Feira iniciam o segundo capítulo do trabalho e ampliaram minha compreensão sobre a história do futebol feminino, pois nessa localidade o esporte se desenvolveu mais com o apoio, por exemplo, do senhor Michelinho, que foi dono do Flamengo de Feira, time até hoje respeitado localmente e, creio, no país, por suas conquistas na década analisada.

Por meio das lembranças e memórias das ex-atletas, resgato momentos de suas histórias pessoais, fortemente atreladas à própria história desse esporte. A partir dos depoimentos das jogadoras feirenses descobri que o futebol feminino foi um espaço que propiciou muitas comemorações com as torcidas comparecendo empolgadas às partidas.

Ao inserir-me nesse universo, pude perceber como o esporte é capaz de propiciar grandes encontros e que, no caso do futebol das mulheres, constituiu-se como um espaço no qual essas meninas/mulheres se confraternizaram e criaram expectativas sobre elas mesmas, buscando reescrever seu futuro.

Foi em Feira que me deparei com a impagável história de Solange Santos Bastos, retratada também no segundo capítulo. Também chamada e conhecida como a Soró, que atuou na Seleção Brasileira Feminina de Futebol. Início suas histórias resgatando as lembranças dos tempos em que jogava os babas no campinho da Baraúna, localizado em frente a sua casa.

Durante a elaboração da tese, tive a felicidade e a “sorte” de encontrar essa ex-atleta e ouvir suas histórias de quando jogou na Seleção durante a década de 90 e, por meio de

materiais de jornais e revistas da época, retiradas de seu acervo pessoal, pude conhecer os bastidores do grupo que esteve à frente daquela Seleção durante o período citado.

No terceiro e último capítulo do trabalho busquei descrever o momento atual da vida dessas mulheres, pois a maioria não continuou a vida como atleta, já que o futebol feminino não foi profissionalizado.

Ressalto que toda essa trajetória foi se construindo de forma surpreendente para mim que, na verdade, não tinha ideia do que iria encontrar durante a investigação. Surpreendeu-me verificar tantas semelhanças nas histórias de mulheres futebolistas, especialmente no que se refere a sua origem de classe social e identidade étnica. Marcante também foi perceber que o futebol feminino é um universo repleto de informações, e que, pela invisibilidade dessas histórias de mulheres, de fato, esses relatos, como as histórias desse esporte no Brasil nunca saíram das sombras.

A ausência de estrutura para o futebol, como a falta de salários e de contratos, foram elementos que fortemente contribuíram para que a maioria dessas jogadoras, especialmente as depoentes que atuaram nos anos 80 e 90, encerrassem precocemente várias carreiras promissoras, o que colaborou para situar essas histórias e outras – no lugar do “esquecimento”. O fato de o futebol feminino permanecer no amadorismo e na precariedade estrutural que até hoje é sua característica, somando-se ao encerramento precoce de tantas carreiras, são elementos que, associados, contribuíram significativamente para que tanto essa modalidade esportiva como histórias como as que investiguei permanecessem silenciadas.

No “país do futebol”, o futebol feminino é um espaço que carece de muitas pesquisas e estudos. Se em parte respondi alguns dos meus questionamentos, em alguma medida levantei novas e inquietantes dúvidas. Em meio a toda essa dinâmica típica dos processos de conhecimento, convido-os/as para uma breve leitura sobre essas histórias de mulheres que falam do futebol e que revelam que muito mais ainda precisa ser dito, descoberto e reescrito sobre esse esporte que também é das mulheres.

CAPÍTULO I

Relatos de mulheres jogadoras de futebol em Jequié (1970 a 1980)

E aqui quero chamar a atenção para a seguinte afirmação: silêncio não significa ausência! Ou seja, o fato de não serem nomeadas, evidenciadas, mostradas e narradas não significa, em absoluto, que as mulheres não estivessem, há muito tempo, nas quadras, arenas, campos, parques, ginásios e ruas. Simplesmente a elas não se conferiu luz nem voz. Foram lançadas nas zonas de sombras e de esquecimento por razões políticas, éticas, ideológicas, religiosas, culturais, entre outras.³⁰



Figura 2 – Neide e amigas / Jequié década de 70

1.1- E as meninas também sabiam jogar bola: como elas invadem os babas?

Era o ano de 1970 e nesse período ocorreu a Copa do Mundo de Futebol no México. Empolgado com a seleção brasileira o senhor José Vaz Sampaio, residente da cidade de Jequié, na Bahia, atencioso como era, fazia questão de colocar a televisão na janela, voltada para o lado de fora da casa para que os vizinhos também pudessem assistir a aquele espetáculo. Naquele período, poucas pessoas podiam comprar um aparelho televisivo na pequena cidade interiorana de Jequié, problema que o senhor José resolvia rapidamente, socializando aquelas imagens e sons que deslumbravam e criavam sonhos: homens representando o Brasil e conquistando, com a bola nos pés, o terceiro campeonato mundial! E

³⁰ GOELLNER, Silvana. Prefácio do livro: As mulheres e o esporte olímpico brasileiro In: RUBIO, Katia (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. (Coleção Psicologia do Esporte)

foi ali, em frente à casa do senhor Zé Sampaio, como era chamado, situada na Rua Siqueira Campos, que muitos vizinhos assistiram a copa de 70.

Esses sonhos provenientes de imagens deslumbrantes povoavam a imaginação de várias pessoas, homens, mulheres e crianças. Foi nesse grupo de vizinhos, sentados à porta da casa do senhor José que Conça também assistiu aos jogos. Ainda pequena, Conça já jogava o baba com os meninos nos campinhos improvisados para os jogos de futebol.

Maria da Conceição Araújo, a Conça, nasceu em 13 de junho de 1955 na cidade de Itapitanga, situada ao sul da Bahia, e passou a residir em Jequié com sua família com dois meses de idade. Na cidade de Jequié, ainda criança, via seu irmão mais velho, Paulo, jogar futebol nas fazendas vizinhas, assim como Neto, seu irmão, nascido depois de Conça e que influenciou muito a irmã a participar dos babas: “O meu irmão jogou muita bola e aí foi me influenciando; e aí me juntei com os meninos na rua e jogava como fosse um menino: de calcinha, e aí jogava; pés descalços e aí jogava mesmo!”³¹

Na infância e mesmo na adolescência de meninas como Conça que não tinham irmãos, mas irmãos homens apenas, é fácil identificar (isso ocorre também nas falas de outras das entrevistadas), que elas, naturalmente, interessavam-se por brincadeiras consideradas, na época, apropriadas apenas para meninos. Contam que realizavam atividades coletivamente e, talvez por conviverem mais com os garotos, essas meninas pouco se dedicavam a atividades associadas culturalmente, àquelas consideradas pertencentes ao universo das garotas, como brincar de bonecas.

Por serem desenvolvidas nas ruas, as atividades preferencialmente exercitadas pelos grupos de garotos e garotas, normalmente eram aquelas que propiciavam uma gama de possibilidades corporais e que sugeriam maior liberdade de ação. Juntos, entre as décadas de 60 e 70, meninos e meninas, coletivamente, compartilhavam experiências que não buscavam restringir, limitar, ou definir o que era mais “adequado” a meninos, ou meninas.

O bairro em que residiam Conça e o senhor Zé Sampaio, naquele período, era um local considerado seguro e tranquilo para se viver, como era a cidade de Jequié na década de 1970. Ainda com uma população pequena Jequié era considerada uma cidade pacata e em suas ruas e bairros sem tantas construções, possuía vários terrenos em que as pessoas, especialmente crianças e adolescentes, como Conça e seus irmãos, desenvolviam várias atividades de lazer, como as peladas ou os babas e outras brincadeiras.

³¹ Depoimento de Maria da Conceição Araújo em entrevista realizada em Jequié em abril de 2009.

É importante lembrar que nesse período, ainda eram raros os aparelhos televisivos, nem havia o aparato tecnológico ao qual boa parte da população tem acesso nos dias atuais. Com isso, a sociabilidade ocorria mais livremente nos espaços das ruas, como afirma Jorge Sampaio, filho primogênito do último casamento de seu Zé Sampaio, que se tornou um dos amigos de Conça e que foi uma dos garotos da rua que ajudaram a criar um dos primeiros times de futebol femininos de Jequié:

(...) sou do terceiro casamento de meu pai e tenho mais quatro irmãos, cinco irmãos, todos homens, não tenho irmã mulher, acho que por isso também é que influenciou meu pai a (criar o time feminino)... e o pessoal na rua tinha muitas meninas, moças e tal... E nesse período havia muita interação, como não tinha muita televisão, tinha mais jogos lúdicos que televisão, não tinha internet, não tinha celular, então os movimentos era dentro dos espaços da rua mesmo, né?³²

Conça lembra que, por ser a única menina, convivia muito com os irmãos e os garotos da vizinhança. Como não tinha muitas amigas, participava com eles das brincadeiras e, obviamente, dos babas³³, além de outras brincadeiras como sinuca (sinuquinha de brinquedo), barragem³⁴, roda, etc.

Através da intimidade adquirida com seus irmãos, Conça despertou ciúme das meninas que logo se tornariam suas amigas, também interessadas em conhecer e brincar com os garotos. As brincadeiras eram sempre realizadas na rua ou nos grandes quintais das casas. Naquele período, o Bairro Joaquim Romão onde Conça passou sua infância, era um local ainda cheio de terrenos propícios para tanto:

Então as meninas sentiam ciúmes de mim, elas se interessavam pelos meninos e vinham tudo me endoidando, né? Conça pra lá, Conça pra cá, tudo era: chama Conça! E aí elas começaram a se interessar também em ficar no meio pra ficar junto dos namoradinhos, né? Aí fomos formando. Quando

³² Depoimento de Jorge Sampaio em entrevista concedida e realizada em Jequié em junho de 2009.

³³ Conheci a expressão baba na Bahia e significa uma pelada nas ruas, ou em campos de futebol improvisados nos espaços das ruas sem calçamento. Destaco o termo em itálico por ser uma expressão regional e porque foi utilizado por todas as depoentes, como poderá ser observado ao longo do trabalho. Idem: depoimento de Maria da Conceição Araújo em entrevista realizada em Jequié em abril de 2009.

³⁴ Barragem é uma brincadeira em que as crianças constroem uma barragem nas enxurradas, cercada de pedras de cacos de vidro; as tampinhas de garrafas servem de compressas da barragem e quando ela está cheia são colocados barcos de papel para deslizar na barragem e na água da chuva que escorre pelas ruas. Idem entrevista com Maria da Conceição Araújo realizada em abril de 2009.

terminava: então agora joga menina contra menino e foi (nascendo) a idéia; fomos batendo o baba, e aí surgiram os meninos do seu Zé Sampaio, né? E fizeram: ô pai, porque a gente não faz o futebol das meninas?³⁵

O tempo passou e Conça conheceu os meninos do senhor Zé Sampaio como todas as pessoas do bairro o chamavam. Quando já tinha por volta dos seus 15 anos, Conça e outras garotas do Joaquim Romão integraram o time de futebol desse bairro. O senhor Zé Sampaio, resolveu incentivar as atividades futebolísticas das meninas e criou, ainda em 70, um dos primeiros times femininos da cidade de Jequié.

Para esse senhor criar um time de futebol para as meninas não era um problema. Funcionário da Prefeitura da cidade, o senhor José sempre foi uma pessoa prestativa. Homem com uma vida econômica estável, não se recusava a ajudar quem quer que fosse ao ponto de até aplicar injeção em alguém, caso fosse necessário:

(...) painho era uma pessoa que interagia muito naquele período com o pessoal, né, com os moradores (...); meu pai na época, é quem aplicava injeção, como não tinha assim, técnico de enfermagem, os postos (de saúde) eram muito rarefeitos na cidade, ele é que fazia. É tanto que eu mesmo aprendi a aplicar injeção com ele!³⁶

A influência do senhor José Sampaio era muito grande no bairro em que residia local no qual era considerado uma autoridade. Homem dinâmico, trabalhador e atencioso com a comunidade, também foi o presidente da Associação Cultural Jequeense. De acordo com os depoimentos, buscava ajudar a quem pudesse e estimular todas as atividades no bairro, inclusive àquelas de interesse aos jovens. O senhor José não teve filhas meninas, apenas meninos, em número de cinco, mas achou por bem criar o time de futebol das garotas.

Auxiliadas pelos meninos da rua, principalmente por Jorge e o amigo Artur, as meninas iniciaram os treinamentos num campo de futebol, onde atualmente ocorre a Feirinha do Joaquim Romão, como lembra Jorge:

³⁵ Essa fala de Conça mostra que o futebol, naquele período, era sim uma brincadeira naturalmente desenvolvida pelos meninos, mas na proposital e interessada relação com as meninas, os garotos admitiam, sem problemas, que elas participassem dessa, como das demais atividades que desenvolviam juntos. Idem entrevista com Maria da Conceição Araújo realizada em abril de 2009.

³⁶ A fala de Jorge Sampaio, filho do Senhor José Vaz Sampaio, elucida um pouco a vida de seu pai, um homem prestativo, interessado em ajudar e incentivar as pessoas, assim como a própria história do futebol feminino na cidade de Jequié, no período da década de 70. Idem depoimento de Jorge Sampaio em entrevista concedida e realizada em Jequié em junho de 2009

Pra época era uma coisa assim, extremamente, eu não vou dizer anormal, mas dificultoso, né? Por uma série de fatores: primeiro pra reunir elas, né? E reuniu, conseguimos reunir, inclusive uma delas morava lá em casa, era filha adotiva de meu pai e de minha mãe e fazia parte do time.³⁷

O time do Joaquim Romão foi, provavelmente, o primeiro criado em Jequié na década de 70, mais especificamente em 72, e tomado como referência para os demais, como para as meninas que, mais tarde, integraram o Santos de Caculé, ou o Alto da Colina, desses times formados em outros bairros da cidade, fizeram parte Maria Neide Cruz Sampaio e Suely Morbeck Ribeiro, além de outras jogadoras. Mas nos primórdios do futebol feminino na cidade, tudo era muito novo para aquelas/es adolescentes e, por esse fato, tudo parecia um desafio, um estímulo ao diferente, ao inovador, ao inusitado. Sem estrutura para a organização e sem conhecimento teórico-prático para direcionamento do time, tudo funcionava no improviso e aquele movimento parecia uma grande brincadeira, momento que unia aqueles/as “jovens desbravadores/as”.

Não havia local adequado para treinamentos, não havia preparação tática do time para os jogos e conseguir outro time, ou outros times, para criar um campeonato também era um desafio. Talvez por esse aspecto do improviso, em que até as vestimentas do time eram emprestadas de times de futebol masculino da cidade, tudo não passou de um grande momento de divertimento e de confraternização entre aquelas pessoas. Provavelmente também por esse motivo e pelo inusitado da situação ninguém guardou fotos ou outros registros aqueles momentos, nem houve questionamentos quando o time terminou. Além disso, embora o time do Joaquim Romão apresentasse algumas características de organização, essas se configuravam de modo bastante primitivo, como pode ser observado pelo improviso nas ações elementares para a própria existência como vestimentas ou transporte para as jogadoras, sua preparação tática e técnica, alimentação, enfim, não possuía qualquer semelhança com times de futebol feminino da atualidade.

Embora o improviso fosse uma constante, as garotas imprimiam as funções de atletas com seriedade, de acordo com as lembranças de Conça:

Era um campo sem calçamento, de terra mesmo! Não tinha areia não! E a gente ia pra lá, né? Nós tínhamos compromisso, eram 3 dias na semana, 5

³⁷ Entrevista com Jorge Sampaio realizada em Jequié em junho de 2009.

horas da manhã. E começamos jogando no (campo do) Cururu, né? Fizemos outro time e começamos a jogar no Cururu.³⁸

Ser dono do time significava fornecer a estrutura para que as atividades acontecessem como providenciar bolas, uniformes, transporte, etc... Essa estrutura que era dada ao time, na realidade, pelos filhos do senhor Zé Sampaio, como Jorge e Arthur, e outros garotos do bairro, que se empenhavam em garantir que o futebol das meninas se transformasse numa realidade. O senhor Zé apenas se encarregava da atenção com a integridade das jogadoras, passando esse cuidado aos garotos de forma a evitar que as meninas se machucassem, e usava sua autoridade para que os meninos não mexessem com elas. O senhor Zé também se encarregava de dirigir seu único automóvel, uma Rural, como transporte para os jogos que chegaram a ocorrer no Estádio Valdomiro Borges³⁹.

Já os garotos ficavam encarregados de providenciar o material básico para as atividades, assim como os treinamentos. Ainda de acordo com Jorge:

(o nome do time) era, era, Esporte Clube não sei o que...eu não lembro disso porque, na verdade, a gente ficava com a parte prática: arrumar bola, arrumar os meões, a indumentária do timão, né? Que a gente pedia emprestado do time, masculino, né? (risos) Pra ajeitar isso, era uma dificuldade: ah, eu não quero que mulher jogue com o meu uniforme (risos), ainda tinha isso: o cara, dono do outro time que emprestava pra a gente, porque era amigo e tal e, evidentemente, dizendo que entregava tudo arrumado, no horário, tudo direitinho... pra poder emprestar a bola...

Daí a gente ia mesmo na pratica. A tática mesmo quase não existia! A tática era mesmo: atacar e atacar! (risos) A tática era fazer gol! Se possível: fazer gol e não tomar gol! Evidentemente que tinham as 11, né? E naquela época tinha a goleira, os quatro zagueiros, o meio campo tinha, tranquilamente...; uma pontinha de esquerda, uma pontinha de direita e no meio campo tinha o centro-avante, né?⁴⁰

Jorge lembra o esforço que faziam na tentativa de colaborar principalmente porque, para os garotos, aquela atividade era surpreendente, afinal, eles nunca tinham visto mulheres

³⁸ Entrevista com Maria da Conceição Araújo, realizada em abril de 2009, uma das primeiras entrevistadas nesse estudo e, através da qual foi possível entrar em contato com Jorge Sampaio que informou sobre Nara, outra integrante do time do senhor José Sampaio, que também concedeu entrevista para esse trabalho.

³⁹ O Estádio Valdomiro Borges é situado no bairro do Mandacaru na cidade de Jequié.

⁴⁰ Entrevista com Jorge Sampaio realizada em Jequié em junho de 2009.

jogando futebol! Jorge ao se referir às integrantes do time e a suas posições, empregou uma terminologia masculina para identificá-las, exatamente pela novidade em se ter mulheres atuando em posições comumente ocupadas por homens. Naquele período ninguém tinha ouvido falar em futebol feminino e para todos os sujeitos envolvidos com a atividade, estavam desenvolvendo algo realmente inovador.

Tudo o que precisavam para a realização dos jogos era improvisado. Havia sim a boa vontade e a colaboração, principalmente porque o esforço maior tinha que ser feito no sentido de conseguir integrantes para o “timão”, mesmo porque não bastava criar apenas um time, mas teriam que ter ao menos mais outro, para que um campeonato pudesse acontecer. Para isso, foi preciso o conhecimento e consentimento dos pais das meninas para a formação dos times o que era difícil por ser o futebol considerado, naquele período, uma atividade eminentemente masculina.

Essa visão dos pais não era, necessariamente, a percepção dos sujeitos envolvidos naquela grande brincadeira, como afirma Jorge:

...a gente teve essa oportunidade de começar a formar, a gente não tinha essa discussão do, do, do fato de as mulheres estarem jogando! Nem passava pela cabeça da gente, passava mais do lúdico, né? Da brincadeira, passava mais das brincadeiras... e das diferenças, da brincadeira ligada a diferença, ou seja: a mulher jogando futebol.⁴¹

Ao que sugere, na percepção daqueles/as jovens, existia a intenção e a possibilidade da criação do futebol feminino como algo essencialmente novo e, talvez por esse aspecto, tão convidativo e provocativo, além de se configurar o futebol como um espaço capaz de aprofundar relacionamentos. Havia então, os namoros entre eles/as, muito comuns nesse período de descobertas. Provavelmente esse fator estimulou a colaboração dos meninos para a efetivação das atividades e eles diferentemente do que ocorreu com as garotas da geração de 80, não estigmatizaram tão diretamente as meninas que integravam o esporte (assunto abordado mais adiante).

Embora a discriminação internamente ao grupo não acontecesse, externamente esse processo se apresentava sob as mais diversas formas. Os pais das garotas faziam várias objeções à integração das meninas nessas atividades, não apenas por ser considerado o futebol pertencente, naturalmente ao mundo masculino, mas também por suas filhas estarem,

⁴¹ Idem.

necessariamente, sempre acompanhadas dos meninos, o que representaria riscos a sua integridade moral. Mas também, a recusa e preocupação dos pais se davam por conta dos comentários de vizinhos, no bairro, falando que aquelas meninas eram diferentes, verdadeiros **macho-feme**⁴²!

Notadamente aquelas meninas desviavam de um padrão idealizado de mulher, ainda nos anos 70. Mesmo com os avanços do feminismo naquele período, para uma cidade do interior da Bahia, mulher jogando futebol representava uma afronta aos valores daquela cidadezinha do nordeste brasileiro, fortemente influenciada pelos valores da Igreja Católica, o que é perceptível na formação da maioria das entrevistadas nesse estudo. Como registrado nos depoimentos, a informação circulante na cidade vinha de jornais locais impressos e não havia ainda nem muito acesso a televisão.

Em seu trabalho, Moura aponta com base nos estudos de Elias & Dunning (1992), que “...uma abordagem sociológica, psicológica, antropológica ou histórica necessita tomar como referência a existência de um domínio masculino hegemônico na sociedade e no futebol.”⁴³

Com isso o autor continua argumentando que os esportes coletivos, como o futebol, foram alguns dos poucos espaços que sobraram na sociedade para afirmar a virilidade e que, por isso, são fortemente defendidos pelos homens que criaram várias estratégias para que permanecessem como reserva de masculinidade.

Nesse sentido, a inserção da mulher em alguns espaços sociais como os esportes considerados de domínio dos homens, deu-se devido a sua constante luta transplantando barreiras e preconceitos. No caso do futebol nacional, ainda considerado como uma reserva masculina, idéia reforçada pela medicina e pela biologia que consideravam sua prática imprópria para mulheres, uma das estratégias forjadas com base nas convenções sociais foi definir a mulher praticante de futebol como lésbica, ou seja, fora dos padrões da normalidade sexual, como forma pejorativa de identificá-la, estigmatizando e rotulando historicamente essas jogadoras.

A inserção da mulher no futebol no “país do futebol”, foi-se construindo de forma silenciosa e paulatina e, mesmo com o impedimento legal, elas conseguiram adentrar e permanecer nesse espaço. Assim, é compreensível que nos anos 70 para pais e mães apoiarem a inserção das filhas nesse espaço não seria tarefa fácil. Era preciso ter uma concepção

⁴² A expressão **macho e feme** é também mito utilizada por todas as entrevistadas baianas, especialmente quando se referem a sua infância! Termo pejorativo, refere-se a menina de características masculinas e, portanto, utilizado para discriminar aquelas que desviam de um padrão de feminilidade criado e esperado a ser apresentado por todas.

⁴³ MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, Jocimar: Futebol, cultura e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 132.

diferente da maioria, mesmo porque, numa cidade do interior do nordeste brasileiro, para uma atividade como o futebol acontecer e ter o apoio dos pais, precisava existir alguma forma de acordo entre seus membros. Esse acordo, acredito, vinha muito em função do respeito que havia entre as pessoas. Por exemplo, tanto o senhor Zé que era funcionário da Prefeitura, como o senhor José Pedro Moreira, pai de Conça, esse último guarda municipal, eram homens muito respeitados.

Era também nesse bairro que residia Nara, mais especificamente a uma rua abaixo da residência do senhor Zé Sampaio. Como costumava brincar pelas ruas do bairro e da cidade com sua bicicleta e jogar futebol com os garotos pelos campinhos espalhados pelo Joaquim Romão, alguns anos mais tarde Nara se tornaria amiga da família Sampaio e Jorge, filho mais velho do senhor Zé Sampaio veio ser um de seus melhores amigos. Além disso, como tinha muita habilidade com a bola, Nara acabou vestindo a camisa 10 no time do senhor Zé, a quem considerava como um tio, pela proximidade com a família. Ao lembrar-se dele, afirma que o senhor Zé Sampaio era um homem diferente e respeitado por todas as pessoas da localidade:

Era uma pessoa assim, fantástica! Uma pessoa que se foi muito cedo! O seu Zé era como um tio pra mim. Ele deve ter falecido com uns cinquenta e poucos anos, eu acredito, porque tem muito tempo que seu Zé faleceu, mito tempo! Ele era presidente do Clube (ACJ), era sabe, aquela pessoa dinâmica, falava muito, era aquela pessoa assim, querida... E ele colocava isso assim, do futebol! Realmente eu lembro que ele fazia muitas festas, ele gostava de festas, assim a ACJ em Jequié era a figura de seu Zé Sampaio⁴⁴!

Possivelmente, a autoridade dos pais das garotas ajudava a constituir e fornecer certo respaldo para as atividades daquelas adolescentes que se dedicaram a construir o início da história do futebol feminino na cidade, de acordo com os depoimentos colhidos. No entanto, para que o futebol acontecesse, a autoridade dos pais não era tão fundamental, quanto a determinação das garotas que destoavam da maioria das adolescentes da localidade. Essas outras, como mostram os depoimentos, eram mais interessadas em atividades como brincar de bonecas, fazer o cozido, brincar de casinha, ou seja, atividades convencionalmente consideradas “de meninas”.

Diante desse contexto, Nara foi uma fiel representante do perfil de garota que não comungava com o que comumente se espera, ou se imagina que seja uma moça recatada.

⁴⁴ Entrevista com Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro, realizada em Jequié em julho de 2009.

Como Conça, Nara não tinha irmã, tinha apenas um irmão e, como natural e corriqueiramente participavam de várias atividades juntos, ela aprendeu a brincar com a bola com uma imensa facilidade. No time do Joaquim Romão desempenhou a função de atacante, como ela mesma diz: “driblava pra caramba, eu!”⁴⁵

As depoentes desse estudo reafirmam ter tido um comportamento, principalmente na infância, distinto das convenções de seu tempo que reproduziam idéias sobre feminilidade, sutileza, graça e delicadeza como características indiscutivelmente pertencentes ao sexo feminino, observando-se que estas seriam regras a serem cumpridas. Driblar nos babas pelas ruas não fazia parte das regras, ao contrário, era uma forma de questioná-las e por isso eram chamadas de **macho-feme**.

Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro, uma jequieense que quando criança se lembra de ter sido bastante ativa e, por essa característica, sempre esteve inserida no meio dos meninos e dos esportes no Joaquim Romão, lugar onde nasceu em dezembro de 1957. Recorda-se que sua casa era de um modelo antigo com vários quartos e um imenso quintal e que se situava bem perto da Feirinha do Joaquim Romão. Ali Nara, o irmão e os vizinhos desenvolviam várias brincadeiras, como brincar de circo, bambolê, corda, bicicleta, baleado⁴⁶, entre outras; mas o que mais fascinava Nara eram as brincadeiras com bola. De boneca ela não se lembra de gostar muito ou de ter brincado na infância, mas a bola sempre foi aquilo que mais lhe chamava atenção desde pequena.

Lembra-se, por exemplo, de constantemente ser repreendida na escola por estar suada, já que aproveitava qualquer intervalo para ir direto para o campo, ou mesmo começar as brincadeiras na sala de aula mesmo, quando na falta de alguma professora. Certo dia ela e o grupo quase foram pegos pela Diretora da escola, se não fosse pela agilidade de uma colega em avisar ao grupo barulhento que a mesma estava chegando, como se recorda:

Então no meu tempo, era assim: eu gostava muito de estudar, mas na escola, qualquer intervalo que tinha eu tava jogando bola, não sei se era porque, até um dia assim, tinha a professora Lígia ela chegou e falou assim: dona número 30 eu só encontro a senhora suada assim, a senhora não quer outra

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Baleado é uma brincadeira de bola realizada com as mãos e serve como processo pedagógico para o desenvolvimento técnico e tático do handebol. Idem depoimento de Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro realizada em Jequié em julho de 2009.

vida a não ser ficar jogando bola! Porque era assim, dava o intervalo eu corria pra o campo⁴⁷.

Note-se que atividades com bola, como as peladas, denominadas de babas na Bahia, parece sempre ter existido no ambiente escolar, compartilhado e realizado por meninos e meninas no espaço educacional, de forma prazerosa e livre. Como aponta Nara essas atividades eram comumente desenvolvidas na escola, durante sua infância, que se deu nos anos 60 no interior baiano. A mesma atividade também foi identificada nos depoimentos das entrevistadas como Pingo e Suely, o que pode ser conferido posteriormente, já na época dos anos 70, pelas depoentes feirenses.

Ao que sugerem os depoimentos, os babas eram realizados, seja no ambiente formal da escola, ou nos espaços informais pelas ruas e campinhos da cidade, naturalmente entre garotos e garotas. Atividades essas identificadas entre os anos 60 e 70 na Bahia, períodos nos quais as depoentes do presente trabalho eram crianças. Assim, as identificações acerca do futebol como uma atividade eminentemente masculina, comumente observada em escritos da educação física dos anos 30 e 40, podem ser consideradas convenções sociais, que em muito pouco tinham relação com a realidade cotidiana das crianças aqui citadas, como afirmou Moura:

No campo físico-desportivo brasileiro é possível perceber que naquela época (1938) a participação das mulheres recebeu, da educação física, seja escolar, clubística etc., um tratamento que normatizava uma estética feminina compatível como papel até então designado para o público feminino, que favorecesse o desenvolvimento dos órgãos responsáveis pela reprodução, a fim de alcançar uma maternidade segura e saudável.⁴⁸

Em seus estudos registrou os primeiros escritos sobre a prática da ginástica e importância da educação física como regeneradora da “raça brasileira”, do início do século passado no Brasil, Cunha Júnior já indicava que existiam atividades para os diferentes gêneros, como aponta:

A indicação para as meninas, moças e mulheres de atividades moderadas e suaves (...), assim como a contra-indicação de determinados exercícios, estava baseada em preconceitos e estereótipos que consideravam a figura

⁴⁷ Depoimento de Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro realizada em Jequié em julho de 2009.

⁴⁸ MOURA (Op. Cit 2005, p. 135)

feminina como ser naturalmente frágil, impotente e delicado. Essas indicações e restrições foram produto e produtoras dos estereótipos e preconceitos que cercaram as mulheres durante muito tempo.⁴⁹

Essa compreensão que definia as práticas corporais para os distintos gêneros e que se baseava, principalmente na biologia, também passou a associar essa definição ao comportamento dos diferentes sexos, já que: “enquanto se espera que os homens sejam fisicamente fortes, espera-se que as mulheres sejam mais frágeis do que os homens com que interagem.”⁵⁰

Ou seja, na educação física brasileira, como no mundo dos esportes, a prática de determinadas modalidades foram historicamente consideradas mais adequadas e indicadas diferentemente para homens e mulheres, meninos e meninas de modo a incentivar e favorecer características consideradas próprias para cada sexo, encontrando essa compreensão ecos na sociedade brasileira que se estenderam durante todo o século XX e que terminaram por criar regras associadas aos comportamentos, como complementam os autores:

Quando homens e mulheres fogem a essas regras há uma tendência a caracterizá-los como desviantes. Um homem com fragilidade física é considerado como ‘feminilizado’ enquanto que uma mulher com força física é rotulada como ‘masculinizada. Para participar dos esportes meninos têm que ser tradicionalmente masculinos, ou seja, fortes, impetuosos e agressivos. A possibilidade da mulher fazer parte desse mundo esportivo é menor, afinal, esporte nunca teve como finalidade tornar a mulher mais feminina.⁵¹

Nesse sentido, para a mulher estar e permanecer no mundo como o do futebol no Brasil, só foi possível rompendo com barreiras que se constituíram historicamente e que se deram, inclusive, através de justificativas teóricas e científicas fundamentadas pelos preceitos médicos higienistas. Tais normas se fixaram e cristalizaram, de modo que somente atualmente é que estão sendo rediscutidas, principalmente a partir de estudos na área de gênero e na antropologia, como afirma Rodrigues, para quem: “...o arranjo tecido pela nossa própria

⁴⁹ CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. A produção teórica brasileira sobre Educação Física/Ginástica no século XIX: Autores, mercado e questões de gênero. In: NETO, Amarílio Ferreira (org.) Pesquisa Histórica na Educação Física. Aracruz, ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998, vol. 3.

⁵⁰ RUIBIO & SIMÕES. De expectadora a protagonistas: a conquista pelo espaço esportivo pelas mulheres. Revista Movimento, Ano V, n° 11 – 1999/2, p 55.

⁵¹ RUIBIO & SIMÕES (op. cit. 1999) p, 55

sociedade ao que diz respeito às relações entre homens e mulheres está longe de ser o único possível.”⁵²

Voltando à infância da depoente acima e reafirmando a quebra de convenções sociais, sua vida sempre foi envolvida com esportes, os mais variados possíveis, mas, de acordo com Nara, ela mesma não sabe ao certo como seu nome foi indicado para compor o time. Provavelmente pelo fato de jogar bola com os garotos na rua fazer parte de seu cotidiano, sua inserção no time se deu de forma natural. Por desenvolver várias atividades esportivas, como pedalar por toda a cidade, seu físico era franzino “chocho, como dizia sua mãe” o que não a impedia de exibir muita habilidade nos esportes, principalmente naqueles com bola. Assim, jogos e brincadeiras muitas vezes eram organizados por ela que transformava qualquer coisa em bola para poder brincar, como uma meia que, quando alguém tomava a bola na escola ou a bola era furada, logo se transformava em bola e a brincadeira continuava.

Essas brincadeiras, principalmente os babas, a atraíam muito, talvez pelo fato de não ser necessária uma maior estrutura para a realização dessas atividades:

Eu gostava muito de dançar (risos), mas eram mais difícil assim; **mas a bola não, a bola tava do meu lado:** se fosse pro fundo da casa tinha bola, meu quintal era muito grande e dava pra jogar porque tinha um campo enorme bem no fundo da minha casa. Então era muito assim, eu gostava muito de bola... Então, praticar esportes, eu acho assim, tava no meu sangue! Talvez eu tinha muita energia e a energia era desprendida assim: no esporte⁵³.

Sua habilidade com os esportes fez com que pessoas próximas e vizinhas a tratassem pelo termo **macho-feme**, expressão direcionada às meninas que tinham um comportamento semelhante àquele convencionalmente associado aos meninos. No entanto, isso não a incomodava, já que Nara sempre teve uma forte personalidade:

O futebol na minha vida apareceu desde que me conheço por gente, como se fala⁵⁴; desde muito pequena eu sempre joguei futebol, não sei se é porque tinha um irmão e eu era a única filha... mas assim, eu não me lembro assim, brincando de boneca. Então a bola eu brincava, tanto na minha casa

⁵² RODRIGUES, Maysa. O sexo inventado. Em: <http://portalsociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/Edicoes/33/artigo208724-1.asp>. Acesso em outubro de 2009.

⁵³ Depoimento de Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro realizada em Jequié em julho de 2009.

⁵⁴ Grifo Nosso.

que tinha um campinho, como ali no Cururu que na época tinham poucas casas ali no Cururu, como jogava na escola: eu ia pra escola a gente não tinha bola, ou furava a bola ou a diretora ou alguém assim, tomava a bola no corredor, a gente fazia de meia, pegava a meia botava um par dentro do outro e jogava (risos) ⁵⁵.

Nara lembra que qualquer lugar e em qualquer momento era possível brincar de bola e bater os babas de que tanto gostava. Fosse no quintal de casa, nos campinhos do Bairro Joaquim Romão ou na escola, qualquer local era propício para começar mais uma pelada. Ela mesma fazia questão de chegar mais cedo na escola para, antes que comessem as aulas, poder bater os babas com os garotos.

Essa habilidade e interesse pelas atividades com os meninos ampliavam os comentários no bairro sobre ser uma “macho-feme”, especialmente por Nara sempre usar cabelos curtos e viver pelas ruas correndo de shorts, “parecendo um garoto”. Mas os comentários não a incomodavam, já que Nara sempre buscou fazer aquilo que lhe proporcionava prazer e o futebol era uma de suas atividades preferidas.

Mulher de iniciativa e de tomar decisões, Nara lembra de sempre ter preferência pelas atividades realizadas no espaço público, diferente de seu irmão:

Então assim, na minha casa também tinha assim esse lado: se tinha uma coisa pra resolver na rua era comigo. Meu irmão? Se, sempre na minha casa sempre tinha alguém que ajudava a minha mãe, minha mãe gostava muito de cozinhar; mas se faltasse, meu irmão ajudava assim, a lavar os pratos, ajudava a fazer outras coisas. Mas eu era mais pra resolver coisas na rua, as coisas da rua era com Nara, então tinha esse lado assim, né? ⁵⁶

De acordo com essa entrevistada, sua mãe era uma pessoa muito prática e, desde cedo, teve uma vida bastante difícil. A avó de Nara havia se separado de seu marido ainda muito nova, pois ele havia resolvido casar novamente com uma menina que sua ex-esposa criava. Com isso a mãe de Nara, teve que trabalhar ainda muito nova e costurava para ajudar a mãe em casa. Com essa experiência de vida, essa senhora criou a filha para ser independente e não se importava com os comentários do pessoal do bairro. Até porque se Nara adorava as

⁵⁵ Depoimento de Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro realizada em Jequié em julho de 2009.

⁵⁶ Idem.

brincadeiras com os moleques em casa, na escola ou nas ruas do bairro, na escola era considerada uma aluna exemplar:

Porque o estigma era o que colocava, né? (aumenta o tom de voz) Comigo tinha isso é porque eu jogava gude, eu jogava, eu brincava dessas coisas, então diziam: ah, parece um macho e feme! Meu cabelo mesmo era muito curtinho, eu andava muito assim, de shorts; assim, mas eu não me importava, pra mim o importante era o prazer que eu sentia e o que eu queria fazer. Então não tava nem olhando o que as pessoas estavam achando que era errado eu jogar bola ou não, tanto que eu vinha, jogava com os moleques; eu não queria saber se era um time ou se era um baba, o importante era eu estar jogando⁵⁷.

Ao analisar outras entrevistas, foi possível perceber que esse é um perfil que aproxima as jogadoras de futebol, independentemente do período estudado. Seja nas depoentes que atuaram no futebol na década de 70 ou na década de 80, essas mulheres sempre rememoraram dificuldades em exercer a prática do futebol, principalmente pelo fato dessa prática sempre ter sido marcada por várias formas de preconceito. No entanto, a determinação e a vontade própria foram elementos imprescindíveis para que o futebol feminino acontecesse, independentemente do uso de termos pejorativos como **macho-feme**, machão ou moleque macho⁵⁸.

Apesar do preconceito ser muito expresso no espaço público, as famílias terminavam por apoiar as meninas e quando os jogos finalmente aconteciam nos Estádios, a torcida também as apoiava e reconhecia. Ambivalência de valores sociais? Transitoriedade na percepção e aceitação nas diferentes formas de comportamentos das mulheres? Acredito que ambas as questões estão imersas no que se refere ao universo do futebol feminino e esses elementos associados à força de vontade das meninas, contribuíram para a consolidação dessa história contraditória, como se constitui a própria estrutura do corpo social.

Na percepção dessas contradições do contexto histórico, é possível imaginar o senhor Zé Sampaio transportando as garotas para jogarem futebol no Estádio Valdomiro Borges em

⁵⁷ Nesse momento essa entrevistada faz diferença entre o time de futebol e um baba, reforçando a idéia de que o baba é uma atividade mais recreativa, embora utilize a formação e as técnicas usuais do futebol. Quando se refere a um time, Nara faz menção aos torneios que disputou. Idem, depoimento de Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro realizada em Jequié em julho de 2009.

⁵⁸ Esses termos foram apresentados pelas depoentes baianas, e creio se tratar de uma expressão local, pois mesmo tendo vivido em outras regiões do nordeste, não conhecia algumas desses adjetivos, especialmente o termo **macho-feme** que foi utilizado, sem exceção, por todas as entrevistadas desse estudo.

sua Rural: eram 11 adolescentes que se espremiavam em seu automóvel para aquelas aventuras desbravadoras no início do futebol feminino na cidade de Jequié. Um desses jogos foi realizado contra o Santos de Caculé, time feminino formado poucos anos depois, e que representava o Bairro Jequiezinho, localidade mais central da cidade.

No Jequiezinho, anteriormente à construção do Estádio Valdomiro Borges, havia na cidade um campo de futebol, denominado Aníbal Brito. No início dos anos 70 nesse campo de futebol, além de jogos masculinos de futebol, as partidas e treinos de futebol feminino também eram ali realizadas. Posteriormente, no lugar desse campo foi construído o Ginásio de Esportes da cidade, fato que impulsionou várias modalidades esportivas também nesse período.

Mas os jogos de futebol feminino, no entanto, passaram a acontecer apenas no Estádio Valdomirão, como é comumente conhecido. Maria Neide Cruz Sampaio, nascida em março de 1968, atualmente casada com Jorge, filho do senhor Zé Sampaio, lembra que em certa oportunidade, seu time havia jogado contra o pessoal do Joaquim Romão. Mas tais partidas eram pouco realizadas devido à rivalidade entre o futebol do Jequiezinho e do Joaquim Romão, rivalidade herdada do futebol masculino e que havia interferido na história do futebol feminino.

O time integrado por Neide foi criado alguns anos após a criação do time do senhor Zé Sampaio. Seu time, o Santos de Caculé, foi criado por volta de 1974, 1975, e sua criação ocorreu num momento da decadência do futebol masculino. De acordo com Neide, anteriormente treinava o handebol, mas havia optado, junto com outras meninas do seu bairro, em participar do futebol feminino:

(...) nesse meio do handebol nós ficamos sabendo que Caculé, no Jequiezinho, Flor também, que eles lhe davam com o futebol masculino. E com a construção do Ginásio de Esportes que era o Aníbal Brito, eles estavam procurando uma alternativa para o futebol em Jequié que estava em decadência total. E para essa alternativa eles começaram a convidar as meninas, né? Pra montar um time de futebol feminino⁵⁹.

Integrar o time de futebol feminino seria a única alternativa para ela e outras amigas se inserirem no meio esportivo, pois viviam em situação socioeconômica semelhante àquela

⁵⁹ Infelizmente não pude obter entrevista com Florisvaldo, o técnico Flor, embora tenha tentado por diversas vezes esse contato, mas sem sucesso. Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio, realizada em Jequié em agosto de 2009.

apresentada pelas garotas integrantes do time do Joaquim Romão, para as quais seria impossível pagar para exercer essa prática.

Neide lembra que seu pai faleceu quando ainda era uma garota e, por esse motivo, teve que buscar formas de ajudar a mãe que, sozinha, teve que criar cinco filhos numa cidade do interior. Como era filha do meio e seus dois irmãos mais velhos trabalhavam fora para ajudar nas despesas de casa, Neide buscava lenha numa madeireira próxima a sua casa para cozinhar as refeições da família. Além disso, ajudava a mãe na lavagem da roupa da família, carregava feira e chegou a vender alface na rua para ganhar algum trocado.

Apesar das dificuldades financeiras que enfrentou com a família quando criança, essa entrevistada lembra sua infância de maneira saudosa, pois foi criada com muita liberdade nas ruas da então pacata cidade de Jequié na década de 70. Atividades de pesca no Rio de Contas, caçar passarinho no mato e correr pelo bairro, eram atividades desenvolvidas comumente por ela e outros amigos e amigas da infância, já que haviam vários espaços sem construções nesse período.

Mesmo com toda essa liberdade, Neide não podia experimentar todas as atividades que desejaria pela condição financeira de sua família. Ela viveu toda a sua infância no Alto da Balança⁶⁰, na Avenida José Moreira Sobrinho, e nesse período realizava várias atividades com o pessoal do bairro, como as descritas acima. Fazia também handebol, pois era o único esporte gratuito oferecido na cidade naquele período. Organizado por Caribezinho, filho de Gilberto Caribé, um dos ex-prefeitos de Jequié, o projeto para o desenvolvimento do handebol havia sido elaborado no sentido de divulgar e criar novos talentos para essa modalidade esportiva, já que na década de 70 em Jequié, e no Brasil⁶¹, o esporte de um modo geral, estava em franca expansão.

A prática de outros esportes como vôlei que era realizado pela equipe do IREP⁶², natação que era oferecida no Jequié Tênis Clube, além de outras como a dança, não eram

⁶⁰ O Alto da Balança é assim denominado por ser um local em que eram pesadas peças de carne bovina para a comercialização na cidade. Referência da cidade obtida através do depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio, realizada em Jequié em agosto de 2009.

⁶¹ Durante a década de 70 houve uma expansão do esporte no Brasil que tinha como objetivo a popularização dessa prática. Tal processo ocorre apoiado por um importante estímulo governamental às práticas esportivas fato que, de acordo com estudiosos da área, estava associado aos interesses do Governo Militar que intencionava, através do sucesso do país em disputas esportivas internacionais, mostrar ao mundo um país forte e em pleno desenvolvimento. Sobre esse assunto e sobre a história da educação física brasileira, sugiro a consulta às seguintes obras: Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução. Vitória, UFES, 1997. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, Papirus, 1988. Consenso e conflito da Educação Física Brasileira. Campinas, Papirus, 1994. Obras dos autores, respectivamente: Valter Bracht, Lino Castellani Filho e Vitor marino de Oliveira.

⁶² IERP, Instituto Regis Pacheco, situado próximo ao centro da cidade, local no qual Neide e algumas das outras entrevistadas jequieenses, estudaram durante sua infância.

possíveis de serem feitas por pessoas como Neide. Todas essas atividades exigiam investimentos em vestimentas, ou mesmo o pagamento de mensalidades, coisa que apenas pessoas da elite jequieense podiam realizar.

A opção de Neide era então participar do handebol que acontecia no Jequié Tênis Clube (JTC) gratuitamente. Entretanto, segundo ela, o deslocamento para essa atividade era difícil, já que era necessário se deslocar pela Ladeira da Balança ainda no amanhecer, por volta das cinco horas da manhã, período ainda sem muita iluminação, até encontrar com Caribezinho e o restante da turma próximo ao Ginásio de Esportes Aníbal Brito, local onde tomaria sua carona até chegar ao JTC. Neide também lembra que o handebol era um esporte diferente, ou mesmo estranho e distante das histórias daquelas garotas e de suas famílias - ninguém tinha sequer alguma referência sobre essa prática esportiva. Pelas dificuldades de deslocamento e, com o convite para participar do futebol, tinha os motivos necessários para sair do handebol e se inserir no novo time de futebol feminino, representando seu bairro: o Jequiezinho.

Se a escolha não tinha sido difícil de fazer, convencer sua mãe foi uma barreira difícil a ser transposta, mesmo porque o futebol, realizado por meninas, adolescentes naquele período, não era visto como uma atividade natural a ser realizada pelo sexo feminino. Além desse fator, sua mãe era muito católica e tratou de transferir esse fator para a educação de seus filhos e filhas. Dentro dos princípios católicos uma mulher precisa ser recatada, contida, preservar-se moralmente, servir aos desígnios de Deus, às obrigações para com o marido e com os filhos, o que em nada se assemelha ao perfil de uma mulher que participou de partidas futebolísticas. Nesse sentido, Neide lembra que sua mãe chamava constantemente sua atenção: “menina, você é moleque-macho pra ficar jogando futebol?”⁶³

Mas Neide e as outras meninas que integravam os times de futebol da cidade mostravam indiscutivelmente o perfil identitário, como cito anteriormente, questionador de padrões pré-estabelecidos. No início da adolescência Neide lembra as brincadeiras aos domingos, após o compromisso com a Igreja: brincar de fazer o cozido⁶⁴ com as meninas da vizinhança e a bicicleta para os garotos. O futebol, em que as partidas ocorreriam aos

⁶³ Moleque-macho é uma expressão semelhante a macho-fêmea, citada anteriormente e comumente utilizada no interior baiano e refere-se, igualmente, a meninas com comportamentos parecidos com os dos meninos. Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio, realizada em Jequié em agosto de 2009.

⁶⁴ Cozido era um tipo de reunião principalmente desenvolvida por grupos de garotas da cidade em que cada uma das participantes deveria levar um determinado tipo de comida, já preparada em uma panela para, em grupo, aquecerem e socializarem aquele alimento. Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio, realizada em Jequié em agosto de 2009.

domingos, representou uma verdadeira revolução não apenas em sua rotina, mas também nos costumes de muitos integrantes daquela cidade pacata.

No Alto da Balança onde vivia sua família, sua mãe ajudou literalmente a construir a Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, num terreno cedido pela avó materna de Neide. A casa de sua família era situada bem próxima a essa mesma Igreja e próxima também a casa das freiras. Com essa proximidade e sob essa influência, Neide foi batizada, fez catecismo e primeira comunhão, participou de grupo de jovens, posteriormente catequizou outros jovens, etc.; pela ausência do pai uma figura masculina que muito influenciou sua infância e a de seus irmãos foi a do padre Hilário que realizava as missas na Igreja Perpétuo Socorro.

Portanto, fosse em casa ou nas ruas próximas a sua residência, a influência católica a seguiu durante a infância até a adolescência. Na transição para a vida adulta, Neide se afastaria da Igreja Católica e ingressaria no PCdoB, assunto que tratarei posteriormente.

Para romper com esse impedimento, foi preciso muita determinação, coisa que não faltou a Neide nem àquelas meninas que integravam o time do Santos de Caculé. Como os organizadores queriam, na realidade, fazer ressurgir o interesse pelo futebol na cidade e romper com a decadência do futebol masculino, a estratégia de formar um time feminino, certamente atrairia a atenção das pessoas da cidade, mas para isso, seria preciso apresentar um espetáculo interessante de se ver. As garotas jogando futebol seria, indiscutivelmente, uma novidade bem-vinda e o fato atraiu não apenas, as pessoas da cidade, como também de toda a região, dos distritos e municípios vizinhos de Jequié, onde e, por conta do seu sucesso, em alguns deles elas foram convidadas a jogar.

Para que o futebol feminino se tornasse um espetáculo foi preciso investir nesse time precursor, mas as meninas precisavam concomitantemente, ter um tipo de comportamento diferenciado para, em primeiro lugar, aceitar o desafio e, em segundo lugar, ganhar as partidas, objetivo de todo o investimento realizado. De acordo com Neide: “... eles não queriam qualquer menina, eles queriam aquelas meninas que se destacaram, que você via que eram aquelas meninas que conversavam, que tinham iniciativa, que não eram tímidas que tavam naquele meio ali”⁶⁵.

Foi brincando na rua, na porta de casa, correndo, caçando passarinho, pescando no Rio de Contas, atravessando o mato para pegar madeira, que Neide chamou a atenção de João Pretinho, tio de Caculé, dono do time que levaria seu nome: o Santos de Caculé. O senhor

⁶⁵ Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio realizada em agosto de 2009.

João Pretinho embora não participasse ativamente da organização e treinamento da equipe, convidou as meninas para fazerem parte do time de Caculé, como afirma Neide:

Começamos a nos reunir, tudo, tudo se concentrava no Cilion⁶⁶. Tinha numa esquina um barzinho, que agora eu esqueci o nome, mas que Flor⁶⁷ ficava, que u acho que era do pai dele. Logo depois tinha a casa de Caculé que era tio de João Pretinho, que era a pessoa que passava na minha porta sempre, sempre passava na minha casa e sempre falava: menina, você dá pra jogar futebol. Você é uma das meninas que estamos procurando!

As dificuldades em ir aos treinos de handebol já haviam desanimado Neide de participar dessa atividade, até porque sua ida aos treinos preocupava sua mãe. Integrar-se ao time de futebol oferecia a vantagem de ter reuniões na casa de Caculé realizadas próximas a sua casa no Alto da Balança. Mas um aspecto impulsionava mais aquelas garotas: a possibilidade de desenvolverem uma atividade ainda pouco conhecida na cidade, já que havia apenas o time do Joaquim Romão, naquela época.

Além disso, havia o aspecto da gratuidade da prática do futebol que não exigia outros investimentos, a não ser de tempo e dedicação ao esporte. Para os treinos as meninas usavam, normalmente, suas próprias vestimentas, seus próprios kichutes⁶⁸ que usavam diariamente para irem à escola. Essa ausência de investimento empolgava aquelas garotas que, por questões financeiras, não podiam se inserir em outras práticas corporais oferecidas na cidade na época⁶⁹. Ficava notório o sentido da exclusão relativo a determinadas práticas esportivas consideradas elitizadas, o que ajudou a reforçar a integração e dedicação das meninas no futebol, pois, aquele foi o espaço encontrado por aquelas garotas para serem vistas e se tornar motivo de orgulho e reconhecimento.

⁶⁶ Cilion é um outro bairro da cidade de Jequié, no bairro do Jequezinho, uma região central da cidade.

⁶⁷ Flor foi um importante personagem na história do futebol feminino local, dedicou-se a treinar várias garotas de Jequié nessa modalidade esportiva, inclusive aquelas do Santos de Caculé.

⁶⁸ Na década de 70 o quichute era um tipo de calçado que se assemelhava a um tênis bastante utilizado por alunos/as das escolas públicas, seria um tênis de modelo básico que integrava o fardamento escolar.

⁶⁹ Talvez esse aspecto reflita o caráter democrático do futebol que por não prescindir de verbas para sua realização é considerado um esporte não elitizado. Entretanto, por questões apresentadas no percurso do trabalho, pode-se perceber que era considerado um esporte unicamente masculino, portanto, excludente. Mas também é possível observar que essa exclusividade masculina se apresentava mais como um padrão de comportamento, que sempre foi questionada, tanto por mulheres como pelos próprios homens. Estes, de certo modo, com o tempo, foram alterando seu comportamento no que diz respeito a inserção da mulher no futebol e procuraram dividir esse espaço e essa prática, ou ainda, subsidiar tal esporte para sua execução por mulheres. Acredito ainda que, nos dias de hoje, essa exclusividade não é mais uma regra social, mas esse aspecto ainda prescinde de novos estudos.

Nos jogos propriamente ditos, as vestimentas utilizadas pelas garotas eram uniformes emprestadas dos times do futebol masculino da cidade, providenciados pelo técnico Flor, que também era obrigado a conseguir lanches, transporte, etc.; assim como atuava Jorge no time do Joaquim Romão, no Santos de Caculé, Flor se empenhava nas tarefas estruturais do time, inclusive conseguindo espaços para os treinos e jogos, como era também o responsável pela preparação técnica e tática do grupo de garotas.

O sentido de se integrar a algo novo consistia num desafio e instigava aquelas jovens. E, além desse estímulo havia outro igualmente importante: o caráter gratuito e “democrático” do futebol. O sentido democrático desse esporte pode ser compreendido inicialmente pelo fato de, para sua prática informal, não ser necessário um campo oficial, o que torna essa prática bastante acessível e, para uma Jequié na década de 70, com vários espaços sem construções, esse aspecto não era tido como um problema. Para essa prática informal o futebol dispensava vestimentas adequadas e garotos e garotas jogavam livremente, muitas vezes mesmo sem a utilização de tênis. Sandálias podem se tornar traves, como também pedaços de pedras; ou mesmo essas traves podem ser feitas com pedaços de pau colocados lateralmente um do lado do outro. Ou seja, todas essas situações facilitaram sua prática e o contato com as técnicas e táticas desse esporte tão incorporado na cultura brasileira, onde qualquer coisa poderia se transformar numa bola, elemento esse indispensável ao futebol.

No entanto, esse aspecto democrático não se aplica a esse esporte quando se trata de investimentos para o futebol desenvolvido por mulheres, como pode ser observado mais adiante, citando o exemplo de Feira de Santana, onde algumas meninas conseguiram jogar em times em São Paulo e até chegaram a Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Guardando as devidas proporções, no estado de São Paulo até os dias de hoje, a estrutura e apoio oferecidos são diferenciados, mas a pergunta permanece: como compreender o fato de que as melhores jogadoras de futebol do Brasil, ainda hoje, têm que construir suas carreiras em países como Suécia, Estados Unidos, Alemanha, Rússia, entre outros?

Se é fato indiscutível que o futebol faz parte de nossa cultura, por que essa atividade ao ser desempenhada pelas mulheres ainda causa estranheza, distanciamento e o preconceito ainda é muito presente? Verificando a história, pode-se ter uma noção mais clara da construção desse processo e em Jequié, posso afirmar que, enquanto divertimento, o futebol feminino foi muito bem aceito, mas tudo não passou de uma brincadeira, pois não lembrou uma profissionalização. Por outro lado, em Feira de Santana, em que as meninas conseguiram alçar vôos mais altos, o futebol feminino é hoje pouco valorizado e o reconhecimento das atletas da época de 80 é praticamente nulo. Mas é importante atentar para os elementos

basilares dessa história estão enraizados em nossa cultura, como já afirmei anteriormente: profundamente machista, preconceituoso e excludente, elementos que podem ser nesse estudo constantemente observados.

No caso do time do Jequiezinho que foi formado, muito provavelmente cerca de dois anos após o primeiro time da cidade (aquele do Joaquim Romão), o Santos de Caculé não teve uma história muito diferenciada do seu antecessor. Ambos os times foram iniciados sem condições básicas para atender às suas necessidades e demandas estruturais como local para os jogos, vestimentas e treinamentos adequados. Ambos foram formados com o propósito da inovação de levar algo realmente novo e empolgante para a cidade e que atraiu realmente, várias pessoas para verem – mulheres jogando futebol.

Embora com todas as dificuldades apontadas pelas entrevistadas desse período, um fator foi preponderante: a vontade e a determinação daquelas meninas/adolescentes em construir algo diferente - e assim, tornaram-se precursoras do futebol feminino naquela região do estado baiano.

As dificuldades enfrentadas por jogadoras parecia servir de estímulo, pois como pode ser visto na fala de uma das entrevistadas: eram meninas com um perfil diferenciado – tinham iniciativa. Com essa iniciativa e um forte sentimento de coletividade, essas meninas se destacaram e levaram ao Estádio Valdomirão uma quantidade imensa de espectadores e espectadoras, pessoas que, aos domingos à tarde, já tinham programação certa em Jequié: os jogos de futebol feminino.

Com o passar do tempo, mesmo com todas as dificuldades e até com a ausência de uma preparação física mais específica para as meninas, elas conseguiram, além dos jogos realizados com diversas vitórias em Jequié, também jogaram fora da cidade natal, em Distritos como Ipiaú, Itajuru e Florestal, além de outros localizados próximos a Jequié. Embora o técnico Flor costumasse providenciar o transporte, às vezes, a Prefeitura local destinava um veículo para levar as jogadoras e sua comissão técnica aos jogos nessas cidades.

Com a empolgação, o envolvimento, a dedicação e com o reconhecimento por parte da torcida, essas meninas ficaram bastante conhecidas e se tornaram orgulho para suas famílias. Aquele espaço – encontrado no futebol – passou a ser um local capaz de propiciar uma luta daquele grupo de garotas, até então, excluídas e sem muitas oportunidades na cidade. Lutaram por exercer sua liberdade e construir identidade enquanto grupo de mulheres e enquanto classe social.

De acordo com Neide, houve uma situação muito especial para ela na preparação em casa, antes de ir a uma daquelas partidas; quando seu irmão a via colocar seu uniforme e os

demais aparatos para o jogo, ele se reconhecia nela, como mostra em suas palavras: E no meu caso, tudo isso, e também no caso de todas as outras motivava! Porque quando a gente botava aquela roupa... (pausa); teve um dia que eu coloquei aquela roupa e meu irmão disse: “você está parecendo comigo!”⁷⁰.

Nesse instante da pausa Neide fecha os olhos e realiza uma viagem no tempo em busca da sensação daquele momento. Parecer com o irmão mais velho significava ter o poder que aquele garoto com 19 anos tinha: minimizar o sofrimento e a dor de sua mãe que, mesmo com o passar do tempo, ainda sofria muito com a morte do marido e com a dificuldade de criar, sozinha e apenas com a ajuda das freiras e do padre Hilário, 5 crianças.

Parecer com o irmão era também servir de bálsamo para a mãe e para os demais irmãos e irmãs já que essa entrevistada queria mesmo ainda criança, assumir o lugar do pai falecido, de modo a atenuar o sofrimento, especialmente de sua mãe.

Essa entrevista, como quase todas as outras, foi fortemente marcada por muitos momentos de emoção para a entrevistada, fundamentalmente pelo fato de, segundo ela, ninguém até então tinha lhe perguntado a respeito, nem ela se lembrava de ter falado sobre o assunto. Ou seja, esse sempre foi um assunto considerado irrelevante e teria sido uma história que se perdido no tempo, caso o presente estudo não lhes oferecesse a Neide, mas também às demais entrevistadas, a possibilidade de falar, de rememorar aqueles momentos e aquelas sensações. Era quase novamente uma interessante história como tantas outras de mulheres a ser esquecida, a ser apagada de suas memórias e da memória de todo um coletivo.

Nesse sentido, em vários momentos, várias das entrevistadas contam que nunca alguém as havia procurado para perguntar alguma coisa sobre o futebol. Tanto isso é fato que, durante a pesquisa, no encontro com várias pessoas da cidade, mesmo se tratando de pessoas próximas a Nara, Conça, Neide, entre outras, quase ninguém lembrava que havia acontecido o futebol na Jequié dos idos de 1970. E muitas dessas pessoas consideradas íntimas dessas mulheres sequer sabiam que, há algum tempo, elas haviam jogado futebol feminino, fato que causou grande surpresa.

Neide, graças ao futebol, conseguiu tornar-se um orgulho para a família. Mesmo seu irmão mais velho que anteriormente assistia aos jogos escondido, passou a falar para todos que sua irmã jogava futebol e começou a freqüentar e acompanhar as partidas. E, com o reconhecimento da população que assistia religiosamente àquelas empolgantes partidas de

⁷⁰ Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio em realizada em agosto de 2009.

futebol feminino aos domingos também foi importante por outro motivo, como ela mesma afirma: o orgulho superou o preconceito.

Mesmo nos bairros em que residiam essas meninas, desde cedo já sofriam discriminações por conta de seus comportamentos, considerados diferentes do que se esperava para uma menina ou uma mocinha. Eram chamadas sempre de **macho-feme** ou moleque-macho. Mas quando se tornaram conhecidas pelo futebol, houve uma mudança importante na forma de ver e tratar essas garotas. Novamente observando a fala de Neide, pode-se identificar um pouco desse processo:

Veja, o preconceito existia, indiscutivelmente... (mas) uma das coisas que a gente observava nas apresentações é que o preconceito, ele dava lugar a... ao orgulho das pessoas que estavam ali assistindo. Por exemplo, quando eles falavam de Suely (Morbeck), eles falavam de Suely como craque. É como eles estivessem se olhando e se vendo em Suely⁷¹.

Suely Morbeck Ribeiro é, até hoje, a referência na cidade quando se fala em futebol feminino. Mesmo com todo o preconceito que teve que enfrentar por ser mais um moleque-macho, Suely conseguiu o reconhecimento das pessoas pelo talento com que driblava e jogava seu espetacular futebol. Por sua habilidade com a bola ela conseguiu convites para jogar inclusive fora de Jequié em cidades como Ipiaú e na capital, Salvador. Além de se destacar das demais jogadoras e mesmo com outra companheira Diana Ola no time, Suely era a arma infalível e considerada, não apenas pelas garotas que chegaram a jogar com ela, mas também pelos moradores da cidade, a melhor jogadora do time e de todos os tempos na cidade interiorana de Jequié.

Buscando concluir esse momento do futebol feminino em Jequié e continuar a próxima etapa desse estudo retratando um pouco da geração que atuou no futebol jequieense dos anos 80, iniciarei relatando a participação da ex-atleta Suely Morbeck, como ela prefere ser chamada, e de Pingo que ajudaram a construir essa história que integra a do futebol feminino brasileiro. História que, pelo talento e dedicação dessas mulheres, poderia ter como provocação a seguinte questão: quantas Martas⁷² o Brasil deixou de conhecer?

⁷¹ Idem.

⁷² Refiro-me nesse momento a Marta Vieira, considerada a melhor jogadora de futebol do mundo, cinco vezes consecutivas pela FIFA (Federação internacional de Futebol), durante os anos de 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e que, até hoje, apesar de ter sua carreira reconhecida pelas autoridades esportivas brasileiras, não joga no Brasil e para chegar a atuar nos EUA, precisou ter passado por vários momentos difíceis de necessidades, desde que saiu do interior de Alagoas até chegar às divisões de base, inicialmente em São Paulo e, posteriormente no Rio de Janeiro, para aventurar uma carreira que construiu brilhantemente no futebol internacional.

Na realidade tal questionamento é uma referência em relação a quantas histórias de sucesso no futebol feminino nosso país deixou de conhecer e revelar efetivamente por ter buscado, a partir de valores e idéias conservadoras, apagá-las ou esquecê-las?



Figura 3 – Time das Panteras de Ipiatuba / Década de 80⁷³

1.2 - E depois dos babas? Histórias sobre o futebol feminino em Jequié na década de 80

Em 1980 pôde-se observar uma inicial progressão do futebol feminino no interior baiano, assim como em alguns outros estados do país, mas nada que direcionasse essa modalidade esportiva para sua profissionalização. Embora certa movimentação tenha ocorrido, em locais como São Paulo e Rio de Janeiro durante essa década, no Brasil a profissionalização ainda hoje é aguardada por várias atletas, tendo o amadorismo permanecido como traço característico da história do nosso futebol feminino.

Por outro lado a invisibilidade não é percebida apenas na prática feminina desse esporte, mas também em outros, como é o caso do rugby, do skatee do tênis no Brasil. Nos

⁷³ A foto acima foi tirada de dois times do interior baiano entre o final da década de 70 e início dos anos 80. Na primeira foto do time das Panteras registra-se na nota abaixo: Suely esta segurando a bola na foto a esquerda, era considerada o Zico da equipe.

dois primeiros esportes, as autoras apontam dificuldades, inclusive, para encontrar suas praticantes de modo a viabilizarem seus estudos. Nesse caso, a pouca adesão ao rugby e ao skate se deve ao fato de serem esportes classificados como masculinos, permanecendo a violência como marca dessas praticas⁷⁴.

No caso do tênis, a invisibilidade do esporte quando realizado pelas mulheres estaria mais associada a questão específica de gênero, como aponta Mourão:

O fenômeno da ausência de apoio ao esporte brasileiro atinge homens e mulheres, inclusive interrompendo carreiras de atletas brilhantes. A questão de gênero teria haver com a maneira desigual como isso ocorre em alguns casos. Pro exemplo, o tênis feminino brasileiro não compartilha o mesmo prestígio do masculino. Enquanto Gustavo Kuerten está sempre nas manchetes dos jornais dada seu excelente desempenho, as brasileiras tentam sair do ostracismo (a exceção é Vanessa Manga que chegou às manchetes não por seu jogo, mas por sua beleza)⁷⁵.

O silenciamento dessas práticas é uma realidade e concordo com afirmativa anterior, já que o tênis é uma pratica que historicamente sempre contou com a adesão feminina no país. No entanto, tomando o futebol como foco de discussão do presente trabalho, compreendi que a questão de gênero é um dos sustentáculos do silencio e da invisibilidade dessa pratica pelo inúmera quantidade de times femininos que pude observar ao longo do estudo, considerando apenas duas regiões do estado investigadas.

Através das informações colhidas, observei que a partir dos anos 80, vários desses times passaram a existir, mesmo diante do amadorismo muito presente. Só na Bahia, por exemplo, surgiram times como: Conquistar, Macicas, As Panteras, Catuense, Baiano de Tênis, Bahia, Simões Filho, Galícia, Flamengo de Feira, Canadá, Alto do Cruzeiro, Santos de Caculé, entre outros⁷⁶. Tais times proliferaram tanto no interior do estado como na capital.

Com essa proliferação, um aspecto que chamou a atenção durante esse período é que o aumento no número de times só ocorreu pelo crescente número de jogadoras, fato que, me parece, ter ocorrido no país inteiro. Concomitantemente, sugere-se que uma geração de

⁷⁴ FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado, ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. Mulheres praticantes de skate e de rugby no Brasil: histórias a serem narradas. In: GOELLNER & JAEGER (org.). Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança. (2ª Ed.) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

⁷⁵ MOURÃO, Ludmila. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMÕES, Antônio Carlos. Mulher e esporte: mitos e verdades. Bueri, São Paulo: Manole, 2003: p. 132.

⁷⁶ Todos esses times foram citados nos depoimentos colhidos durante as entrevistas.

mulheres atletas foi, através de seus corpos extremamente habilidosos, começando a reivindicar a existência desse espaço para si. Esse último processo desnudou um **tabu** que acompanhou a história do futebol feminino nacional: o da sexualidade desses corpos.

Este último aspecto, portanto, fará parte da continuidade desse capítulo, como dos capítulos subsequentes, pois se apresentará de forma mais evidente na fala da maioria das entrevistadas apresentadas a seguir. Possivelmente, foi exatamente o aspecto da sexualidade desses corpos que agora passa a ser revelado, fator que fortemente colaborou para o silenciamento dessas histórias, como o comprometimento da própria história do futebol feminino no Brasil, como consequência do preconceito direcionado a essas mulheres ‘diferentes’. Mas, contrariamente ao silêncio imposto pela história oficial, esse espaço, a partir desse momento, parece surgir de modo mais claro, como um espaço de identidade que reuniu os seguintes aspectos: o de classe social de onde se originaram a maioria dessas jogadoras e outro ligado a sexualidade dessas mulheres atletas.

Entretanto, na década de 80, mesmo com vários times que surgiam em algumas cidades do interior baiano e em estados como o Rio de Janeiro e Minas Gerais, além de também, muito provavelmente, em outras localidades do país, esses não foram motivos suficientes para se investir nessa modalidade esportiva. No caso de Jequié, as empolgantes tardes de domingo assistindo as partidas de futebol feminino foram ficando apenas na memória de poucos/as. Nessas lembranças, também ficaram os dribles fantásticos daquelas meninas diferentes das demais, por sua habilidade corporal, como é o caso de Suely e Pingo, algumas das mais talentosas jogadoras da cidade de Jequié, como passo a relatar.

Entre as décadas de 70 e 80, a cidade de Jequié continuava a ter várias áreas sem construção e ruas sem calçamento. Com isso, as brincadeiras infantis persistiam e ainda eram fortemente caracterizadas pelas brincadeiras nas ruas e nos grandes quintais das casas ou nas ruas, como ocorrera nos períodos anteriores. Nas sombras dos quintais, com várias grandes árvores espalhadas, a garotada insistia nas brincadeiras, como os “cozidos” com panelinhas improvisadas, nas brincadeiras com bonecas e aquelas com bola, também eram freqüentes.

Foi nesse contexto, que, no ano de 1964, nasceu Suely Morbeck Ribeiro, no Bairro do Jequizinho na cidade de Jequié. Caçula de uma família de seis irmãos, Suely foi uma das mais habilidosas jogadoras do interior baiano atuando tanto em sua cidade de origem, como nas cidades de Ipiaú e na capital Salvador. Mesmo com uma breve carreira no futebol feminino, durante os anos 80, essa ex-atleta, até os dias de hoje, permanece na memória da população como um símbolo daquele período e como uma referência para as companheiras que atuaram junto com ela nos campos de futebol das cidades por onde passou.

Durante a infância, Suely morou num bairro mais central da cidade de Jequié, chamado Jequezinho. E mesmo distante de bairros mais antigos, como o Joaquim Romão, suas brincadeiras infantis em nada se diferenciavam daquelas vividas por garotas de outras gerações como “31olé,” “picula”, “chicotinho queimado” e “baleado”, citadas em depoimentos anteriores.

No entanto, como maior parte das demais entrevistadas nesse estudo, a brincadeira de que mais gostava era realmente o futebol. Como que repetindo a história de outras garotas ligadas ao futebol, essa entrevistada, desde a infância, logo descobriu que gostava mesmo era de “brincar de bola”⁷⁷. Su, como era conhecida, era a caçula e tinha apenas uma única irmã, Kátia Ribeiro Morbeck, mais velha que ela e, por esse motivo, mal participou da infância da irmã mais nova. Com isso, as brincadeiras com os irmãos eram mais frequentes, fato que era estimulado por essa entrevistada achar mais interessante estar com os meninos que com as meninas.

Através dos depoimentos sobre a cidade, foi possível registrar momentos da história de Jequié durante os anos 70 e, nessas falas, pode-se imaginar esse espaço urbano com várias ruas sem calçamentos. Nessa época, sugere-se que a cidade ainda conservava sem muitas alterações nas vias urbanas, com vários espaços vazios sem construções. Como as ruas ainda estavam “sem calçar mesmo”⁷⁸, os espaços ‘vazios’ do lugar propiciavam brincadeiras que favoreciam deslocamentos e a participação de vários grupos. Ali, o futebol, ou os babinhas, continuavam sendo comuns, como a participação e inserção das meninas nessas atividades que, durante a infância de Suely, ocorriam naturalmente, envolvendo meninos e meninas.

Mas essas meninas que se inseriam de modo mais natural nessas brincadeiras e nelas permaneciam, consideradas ainda hoje, como de meninos, como é o caso do futebol, eram aquelas com maior habilidade. Isso significava que eram bem-vindas aquelas que conseguiam se igualar a eles em relação a aspectos como coordenação, força, domínio e controle de bola, por exemplo. Essas características que deixavam essas garotas em pé de igualdade com os meninos nos babas, Suely acredita ser um dom, algo que nasce e que fica com os sujeitos. Foi entendendo que tinha esse dom para o futebol que ela construiu sua identidade com esse esporte e, mesmo após mais de 20 anos sem jogar, essa entrevistada continua

⁷⁷ A entrevista com Suely Morbeck Ribeiro foi dividida em dois momentos e ambas ocorreram em sua residência atual, no bairro do Agarradinho, como é comumente chamada essa área do bairro do Jequezinho. Logo no início da pesquisa, procurei Suely, por ter conhecimento prévio de sua participação no futebol feminino da cidade, antes mesmo de pensar em realizar o atual estudo sobre o futebol feminino na Bahia. Assim, nosso primeiro encontro ocorreu em 19 de março de 2009 e o segundo em 26 de maio de 2011. O fato dessa entrevista ter sido realizada em dois momentos foi objetivando aprofundar e esclarecer melhor as informações colhidas no primeiro momento.

⁷⁸ Entrevista realizada com Suely Morbeck Ribeiro realizada em Jequié em 19 de março de 2009.

assistindo aos jogos televisionados, torcendo pelos times de sua preferência e, logicamente, gostando do esporte.

Mas essa relação quase foi interrompida por sua mãe, dona Doralice, que não gostava que a filha brincasse no meio dos garotos na rua. Não que sua mãe tivesse alguma coisa contra o futebol, já que apoiou a filha alguns anos depois, quando Suely passou a integrar alguns times da cidade. Sua contrariedade estava relacionada ao fato de sua filha permanecer no meio dos meninos, situação muito criticada, principalmente pelas famílias conservadoras, já que o apelido pejorativo de “**macho-feme**” também a acompanhará por vários anos de sua vida.

As preocupações e a proteção que dona Doralice reservava a sua família eram compreensíveis ainda mais para a época, naquela cidade do interior do nordeste do Brasil, fortemente influenciado por valores sociais conservadores. Como era a segunda mulher do senhor José Piton, dona Doralice precisou criar vários artifícios para manter a família, já que, de acordo com Suely, seu pai dava maior assistência a primeira família e pouco visitava a esposa e filhos/as desse segundo casamento, como ela mesma afirma:

Porque era assim, eram duas famílias que meu pai tinha; então, meu pai, ele dava mais assistência a primeira família, né? E a gente era de quando em vez que ele via. Mas mainha sempre cuidou muito bem da gente, né? Ela foi mãe e pai, fez o que tava no limite, o que ela poderia, né? Deu educação, criou a gente com muito amor...

Residindo numa cidade interiorana, dona Doralice deve ter sido alvo de várias críticas, pelo fato de ser e aceitar ser uma “segunda mulher”, o que a colocava no lugar social da mulher só, aquela não oficial: sem marido e com filhos/as. Por esse motivo, essa senhora deveria imaginar que seus/as filhos/as também deveriam ser alvo de preconceito, especialmente a mais nova que vivia nas ruas batendo o baba com outros garotos, o que certamente gerava críticas à forma como essa mãe cuidava de sua prole. Mas, bem ao contrário, dona Doralice buscou ser exemplo para os filhos/as: foi quem assumiu o lar com a ausência do marido e direcionou sua família para o futuro, mesmo indo ao encontro das adversidades que se apresentaram para uma mulher “mãe-solteira”. Assim, sustentou, educou e influenciou seus/as filhos/as para o caminho da música que todos/as seguiram como cantores e músicos, tornando-se assim, uma referência para eles/as.

Mas fazer sua filha caçula desistir do futebol foi uma tarefa que dona Doralice não conseguiu realizar, mesmo porque Suely, além de gostar e sentir-se mais à vontade com os garotos, não se entusiasmava muito com as brincadeiras das meninas: “(...) além de eu gostar de jogar futebol, é como eu falo: as meninas era tudo diferente, sei lá, diferente do meu jeito de ser, porque às vezes, qualquer coisa: ah, tô de mal. Aquelas coisas que eu não gostava.”⁷⁹

Ao citar as coisas das quais não gostava, relacionando-se as brincadeiras com às meninas, Suely se refere a naturalizada fragilidade feminina, ou seja, ao estereótipo do que se convencionou como sendo próprio da mulher, traço que “naturalmente” se apresenta, ou se espera que se apresentasse desde a infância, característica da qual ela destoava. No caso dessa entrevistada, através de seu próprio depoimento, esse não seria um padrão a seguir, o que se explicitaria num futuro próximo quando, entre os 15 e 16 anos, integrou o time do Santos de Caculé, na transição entre as décadas de 70 e 80⁸⁰. Entretanto, essa ex-atleta teve uma curta permanência no Santos, já que Suely só vestiu a camisa para participar de apenas um jogo, defendendo as cores santistas, sob a orientação do técnico Flor. Após esse evento, os dirigentes do Santos acabaram com o time e criaram aquele que viria a ser o maior time de futebol feminino que a população jequieense já viu em campo: o time do Canadá, do qual Suely também foi integrante.

Organizado pelos mesmos dirigentes do Santos, como Flor, que também atuou na função de técnico e vice-presidente, e de integrantes como Nininho e Cerezo⁸¹, o time do Canadá constituiu uma seleção das melhores jogadoras de Jequié. No Canadá, Suely conheceu um time mais estruturado e nele as jogadoras podiam contar, inclusive, com os serviços de um massagista, além de treinos semanais realizados no campo próximo a Ladeira da Balança ou no campo Aníbal Brito, localizado próximo a sua residência, no bairro do Jequiezinho. Para manter a estrutura e organização do Canadá, comerciantes da cidade ajudavam, investindo dinheiro para compra de vestimentas do time, calçados, bolas e mesmo transporte para o deslocamento das atletas para participação nos treinos e campeonatos.

Ainda, no time do Santos, o técnico Flor ajudou Suely a descobrir sua posição em quadra, a qual ela não abandonou mais: a posição de atacante (no caso, a posição de meio-

⁷⁹ Quando Suely usa a expressão “ah, to de mal” para se referir às garotas, procura associar a elas uma negativa corriqueira a qualquer situação que gerasse o mínimo de desconforto nas brincadeiras. Já para essa depoente, essa postura das meninas lhe provocava irritação e, por isso, identificava-se mais com as atividades e brincadeiras desenvolvidas junto aos garotos.

⁸⁰ Sobre o time do Santos de Caculé, originário da cidade de Jequié, cito um pouco de sua história no tópico anterior desse estudo, a partir das informações de outra entrevistada: Maria Neide Cruz Sampaio.

⁸¹ Infelizmente não foi possível entrevistar Cerezo nem Nininho, no presente trabalho, embora tenha conhecimento de que Cerezo ainda participa do futebol da cidade e de eventos esportivos na função de árbitro.

esquerda): “(...) que é centro atacando, né? É camisa 10! Que ela (a atleta) faz o papel de armar o time e também de ir pra frente (atacando), né?”⁸²

Também no Canadá, essa entrevistada passou pouco tempo, apenas uns três a quatro anos, período em que o futebol na cidade de Jequié deu uma parada, ou como as jogadoras chamam: uma esfriada. Esse arrefecimento ou essa esfriada significa que o futebol das meninas passou a não existir mais na cidade durante certo período. No entanto, não posso precisar quanto tempo o futebol tenha parado na cidade por não ter essa informação, muito embora tenha conhecimento de que hoje existem alguns poucos times de futebol feminino em Jequié.

Mas chamo a atenção a essa parada ou esfriada que sofreu (e sofre) o futebol das meninas, pois esse me parece um fato corriqueiro, já que outras entrevistadas também me deram a mesma informação sobre esse esporte na cidade de Feira de Santana. Quando questiono Suely sobre as possíveis causas dessas paradas, ela me responde levantando algumas possibilidades como: a falta de patrocínio, o que impede a existência de salários para as jogadoras, para a equipe técnica e dirigentes. Sem financiamento, compromete-se o investimento para a compra de equipamentos como vestimentas, chuteiras, até mesmo material básico como bolas e cones, muito utilizados nos treinos. Sem salários, como podem as atletas ter dedicação aos times, já que precisariam reservar um espaço maior do seu tempo para os treinos e campeonatos?

Uma coisa compromete a outra e o futebol das meninas vem sofrendo diversos esfriamentos durante os anos. No entanto, a falta de patrocínio e financiamento não são os únicos problemas no futebol feminino no país e a disparidade de tratamento quando um esporte é praticado por homens e mulheres, ou seja, as questões de gênero também estão presentes no esporte nacional, como apontou Mourão:

O fenômeno da ausência de apoio ao esporte brasileiro atinge homens e mulheres, inclusive interrompendo carreiras de atletas brilhantes. A questão de gênero teria haver com a maneira desigual como isso ocorre em alguns casos. Por exemplo, o tênis feminino brasileiro não compartilha o mesmo prestígio do masculino. Enquanto Gustavo Kuerten está sempre nas manchetes dos jornais dada seu excelente desempenho, as brasileiras tentam

⁸² Entrevista com Suely Morbeck Ribeiro realizada em 26 de maio de 2011.

sair do ostracismo (a exceção é Vanessa Manga que chegou às manchetes não por seu jogo, mas por sua beleza)⁸³.

A falta de financiamento comprometeu carreiras nos esporte no país e ainda é um obstáculos em várias modalidades esportivas. Mas é inegável que em alguns casos de esportes realizados por mulheres no país a visibilidade sempre foi garantida. Como no caso do tênis. Já no futebol, pouco foram transmitidas as competições, inclusive as internacionais, até o fim do século passado. Fato que não se aplica em relação “às meninas do vôlei”. E assim se completa um ciclo, como será mai detalhado adiante: sem visibilidade não há patrocínio, o que não gera lucro. Argumento suficiente para justificar a ausência de apoio ao futebol feminino.

Com isso, essa entrevistada aponta que o elementar para o sucesso desse esporte feminino no Brasil nunca existiu. A falta de financiamento acompanhou o futebol desde sempre, gerando uma fragilidade estrutural que comprometeu e compromete o futuro e a profissionalização desse esporte, repito – quando praticado por mulheres!

Sugere-se, portanto, que há no contexto histórico do futebol feminino brasileiro uma falta de seriedade e, ou, uma ausência real de credibilidade para que esse desponte como uma possibilidade concreta de futuro para muitas garotas. Pessoalmente, creio que esse fato está intimamente associado ao preconceito que impediu a articulação de pessoas interessadas em alavancar o futebol das meninas. Entre os motivos figura a questão do corpo diferente do padrão que se convencionou ser esperado observar numa mulher: a fragilidade, graça e doçura.

Todos esses percalços, de acordo com Suely, acabaram por desestimular as atletas e os dirigentes. Mas mesmo com essas barreiras, outros times existiram como o time das Panteras que ficou bastante conhecido, principalmente, no interior do estado baiano, criado na cidade de Ipiaú, localizada a 40 minutos de Jequié.

Sem time para jogar, as meninas se sentiam sem entusiasmo na cidade, e procuravam outros times em outras localidades. Mas esse não foi o processo de transição entre times percorrido por Suely, que foi convidada para integrar o time das Panteras, como ela mesma relata, após uma das partidas representando Jequié, ainda no Canadá, contra um time da cidade de Ipiaú: “(...) acho que joguei muito bem e o povo de Ipiaú também (deve ter) achado... e aí, passado um tempo, esse dono do time veio em Jequié conversar com minha mãe pra mim ir jogar no time por Ipiaú. E foi assim...”

⁸³ MOURÃO (op. cit.2003) p. 132.

Esse dono do time, a que ela se refere, era o senhor Nelson Macedo, que abrigava em sua casa, junto de sua família (esposa e filhas), as meninas do seu time. De acordo com o depoimento da ex-atleta, a residência do senhor Nelson era bem grande e ele reservava um espaço semelhante a um alojamento para abrigar as jogadoras, especialmente nos períodos de realização dos jogos e campeonatos dos quais fizeram parte.

Com esse apoio, Suely e outras meninas optaram por morar na cidade de Ipiaú durante algum tempo. Outras preferiam voltar para suas cidades de origem, já que o senhor Nelson lhes dava dinheiro para as passagens, de modo a facilitar o deslocamento das garotas para os treinos. Quando ocorriam jogos, e isso gerava alguma renda, o senhor Nelson procurava socializar o dinheiro ganho com as partidas entre as atletas, era o chamado bicho, na gíria local, como aponta o depoimento dessa entrevistada com um sorriso de satisfação: “... (ele) dava um dinheiro a cada uma, né? E eu por ser assim, acho que a melhor, sempre tinha um privilegiozinho a mais...”

De acordo com suas lembranças, Suely ficou jogando e residindo na cidade de Ipiaú por volta de três a quatro anos e chegou a participar de dois campeonatos baianos, defendendo o time das Panteras. Nesses campeonatos, teve a oportunidade de jogar contra times como o Catuense e o Baiano de Tênis, times da capital Salvador, além daqueles de outras cidades como: Ituberá, Itabuna, Vitória da Conquista, entre outras. As meninas das Panteras normalmente ganhavam os jogos dos quais participavam, mas tinha um time que era considerado um problema para manter a hegemonia do time de Ipiaú, classificado como um grande rival: o Flamengo, da cidade de Feira de Santana. Quando as meninas que integraram o Flamengo de Feira durante esse período, contemporâneas da entrevistada, lembram do time das Panteras, esse fato parece ser motivo de orgulho para Suely.

Durante o período que integrou esse último time, essa entrevistada conta uma história inusitada sobre uma partida entre as meninas das Panteras e um grupo de homens realizado num povoado chamado Ibitupã. Era um período festivo e, entre os homens de uma das famílias locais abastadas desse povoado, surgiu o interesse em disputar uma partida, um amistoso, como comumente se chama, contra as meninas que formavam um time considerado um dos melhores da região e do estado. Para o evento tudo foi providenciado pela família anfitriã: transporte para o deslocamento das atletas, alimentação e mesmo uma gratificação financeira para cada uma das participantes.

Com toda essa gentileza, as garotas aceitaram o desafio, mas o processo no qual se desenvolveu o jogo não contou com tanta simpatia. Os homens, motivados e sem querer perder para elas, protagonizaram um significativo embate sinalizando uma situação comum de

ser uma disputa numa competição, embora apimentado pelo fato concreto de disputa entre um homem e uma mulher numa partida de futebol, como relata Suely:

Rapaz, me parece que foi empate esse jogo. Eu só me lembro que esse jogo eu não tive condições de terminar porque um rapaz me deu um, um...; foi justamente, eu acho que tava empate e foi numa hora que eu ia desempatar o jogo e quando eu driblei uns dois zagueiros, eles não aceitaram, né? Aí me deu uma pegada que eu saí e não tive mais condição de jogar. Eu não sei nem como esse osso meu (pega no local da perna que foi machucado durante o jogo) não quebrou...

Essa entrevistada conta sorrindo o fato, mas lembra ainda que, durante o retorno para casa em Jequié, até o balanço do carro a fazia sentir a dor do machucado na perna, causado pela agressão na disputa de bola com o rapaz durante a partida. Após esse evento, as meninas não disputaram mais nenhum outro jogo contra homens. Quando isso ocorria, era apenas durante os treinos, orientados pelo técnico, situação que ocorria mais com o objetivo de aprimorar o aspecto técnico e tático das garotas para enfrentarem dadas situações que ocorressem em partidas posteriores.

Pode-se observar tal fato através da óptica da disputa comum de bola, o que caracterizaria uma situação normal de jogo. Entretanto, mesmo no meio esportivo, naturalmente competitivo, existem situações em que atletas, propositadamente, proferem verdadeiras agressões contra os/as adversários/as. Essa postura não é incomum, porém bastante criticada no mundo do esporte. Não posso afirmar que a ação realizada pelo rapaz, citado na história relatada por Suely, foi feita de forma intencional, ou seja, com o objetivo claro de machucar e que tinha, com essa atitude, o propósito de retirá-la da partida. Mas tal atitude também poderia ter sido intencional, já que o objetivo da jogadora era desempatar a partida, o que muito possivelmente levaria seu time a vitória. Nesse caso, a consequência direta seria a concretização de uma situação, creio, bem desconfortável para o time masculino de Ibitupã: a derrota dos homens pelas garotas do time das Panteras.

A partir da relação entre homem e mulher, na forma habitual e costumeira como é colocada socialmente, em que o poder é próprio do homem e cabe à mulher a obediência, uma simples disputa de bola pode se transformar num conflito muito sério, já que não seria aceitável, uma derrota masculina. Tal seriedade se agrava ao se imaginar o contexto no qual o fato ocorreu: um momento festivo num povoado do interior do nordeste brasileiro em que,

numa simples partida de futebol, pôde-se assistir homens sendo derrotados por um grupo de mulheres. Para a cultura local e para os homens representantes de Ibitupã tal situação seria, no mínimo, vexatória. Para evitar o que poderia se tornar um embaraço, qualquer argumento serviria como, no caso, da agressão física.

A situação que comento pode sugerir um quadro distante da realidade, um fato pitoresco ou excêntrico. No entanto, a agressão direcionada a mulher, em muitos casos, tornou-se uma atitude comum no Brasil, que teve no início do século XXI a aprovação da Lei 11.340/06⁸⁴, a chamada Lei Maria da Penha, com o objetivo de coibir atos de violência doméstica e familiar direcionados à mulher. Apesar da nova Lei, as agressões a mulher continuam ocorrendo e, na maioria dos casos, tais agressões são proferidas por seus próprios companheiros. Nesse sentido, fazer um paralelo entre um simples fato ocorrido numa partida de futebol e a realidade não é absurdo, pois o esporte - como um elemento da cultura - pode reproduzir valores sociais ligados a sociedade na qual se integra.

Portanto, considero essa reflexão importante e necessária já que seu pano de fundo é a luta historicamente desigual e muitas vezes desleal entre homens e mulheres, que durante muito tempo silenciou vitórias e outras histórias, como no caso do futebol das meninas. No Brasil, por exemplo, é inquestionável o reconhecimento dos craques, considerados heróis do “nosso futebol”, como aqueles da inesquecível Copa de 70. Mas, mesmo em 70, já havia futebol feminino no “país do futebol” e nesse momento cabe a pergunta: onde foram escritas as histórias sobre essas mulheres craques de bola?

É sobre essa disparidade que procuro tratar nesse estudo, pois o silenciamento de histórias como a de Suely, Pingo e Birrita (figuras também entrevistadas nesse trabalho) são recortes de um universo bem maior. Mesmo atualmente com o Brasil tendo Marta Vieira a maior jogadora do mundo⁸⁵, ela ainda é considerada a Pelé de saias, como se o país não tivesse tido muitas outras atletas de futebol para se orgulhar e para servirem de referência. O fato é que essas mulheres sempre são tratadas como se elas nunca tivessem existido, nem suas histórias são conhecidas. Desse modo, permaneceram e permanecem apenas os heróis numa história sem o outro.

Assim, voltando ao jogo em Ibitupã e à situação pitoresca da partida relatada acima, creio que o importante, além de registrar um jogo de futebol entre homens e mulheres

⁸⁴ Informações retiradas da Cartilha produzida pelo Governo do Estado da Bahia, através da Secretaria de Promoção da igualdade, com o apoio do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Mulheres em 2008 para divulgar a Lei n. 11.340/2006, Lei conhecida como Lei Maria da Penha.

⁸⁵ Insisto em citar Marta Vieira nesse trabalho pelo valor profissional dessa mulher, por sua impressionante história de vida e por sua luta para se tornar uma das maiores craques que o mundo já conheceu com a bola nos pés.

ocorrido no interior baiano na década de 80, é ressaltar que toda superioridade pode ser questionada e que a força não é um atributo especificamente masculino. Além disso, há outras características humanas que podem, inclusive, se sobrepor à força física, como a inteligência, a resistência, a solidariedade, por exemplo. Na luta entre homens e mulheres, creio que essa última característica será fundamental para a (re) construção de qualquer conquista social. E, no caso do futebol feminino, a solidariedade entre essas mulheres atletas foi o que as impulsionou a resistir num espaço excessivamente discriminado. Creio que foi por essa solidariedade o fator que alimentou a resistência das mulheres do futebol, como também foi o elemento que me possibilitou contar e resgatar as histórias a que continuo a relatar.

Ciente de que sua filha estava num lugar seguro, dona Doralice ficava tranquila, mesmo com a filha residindo em outro município. Mas, num período posterior, Suely passou a ficar se deslocando entre as cidades de Ipiaú e Jequié, viajando apenas para os treinos e torneios, como faziam as outras meninas. E com o tempo, logo o futebol na cidade de Ipiaú também começou a esfriar, fato que desanimou bastante essa jogadora.

Foi nesse momento, já com a idade em torno dos vinte anos, que Suely decidiu morar em Salvador, mas sem criar muita expectativa relacionada ao futebol. Após uma breve, mas brilhante atuação nos gramados, essa ex-atleta havia se decepcionado com o mundo do esporte, pois passava a perceber que seu “dom”, como ela considerava, era insuficiente para adquirir a estabilidade financeira que ela esperava através do seu talento. Isso significava que, mesmo com todo seu talento e dedicação ao esporte, o futebol não se tornaria sua profissão, nem garantiria seu futuro.

Assim, na companhia de uma amiga, a ex-jogadora se dirigiu para a capital baiana com uma promessa de trabalho que nada tinha a ver com a bola. Contudo, a promessa de trabalho não se configurou e a mesma amiga sugeriu que ela fizesse um teste em algum dos times de Salvador, conselho que ela seguiu já que não queria retornar imediatamente para Jequié. Entrou em contato com uma das atletas que havia conhecido na cidade de Vitória da Conquista, chamada Rosana, que estava morando e jogando no Clube do Bahia, um dos times famosos de futebol feminino da capital. Através de Rosana, Suely conseguiu um teste no Bahia, time coordenado, na época, pelo senhor Faustino e, após participar dessa avaliação, ela conseguiu se inserir no time e nele passou a jogar com uma das maiores atletas da modalidade que o Brasil já viu em campo: Sissi.

Um teste para ingressar num time de futebol feminino, nesse período, consistia em participar de um dos treinos e, a depender da atuação da atleta, ela poderia ser contratada para integrar o time, ou não. No caso de Suely, logo foi chamada para o Bahia, mas as condições

oferecidas já não a agradavam mais visto que não havia um contrato oficial com o clube nem salário, como ela mesma afirma: “Ah, ele dava casa pra a gente morar, comida e mais nada (...), como lá em Ipiaú.”

Esse é o momento da entrevista no qual essa ex-jogadora fica bastante séria e expressou muita frustração. De acordo com seu depoimento, as jogadoras deveriam ficar à disposição do time para uma eventual viagem ou torneio e não podiam atuar em qualquer outro time, mesmo dentro da capital. Em contrapartida, não era oferecido pelo clube qualquer espécie de contrato, salário ou outra forma de garantia que assegurasse que à jogadora a permanência no time por um tempo determinado. Isso significava que a relação entre atleta e clube era de extrema fragilidade e que, a qualquer momento, a depender do técnico ou do dirigente, essa ou aquela atleta poderia estar fora da escala para participar dos jogos, ou mesmo não continuar no time.

Essa relação extremamente insegura entre atleta e clube Suely já conhecia das experiências acumuladas em Jequié e Ipiaú. Pensando que, por ser em Salvador, essa realidade poderia ser outra, a ex-jogadora ainda arriscou permanecer no futebol. Mas a decepção foi maior por perceber que em nada essa relação se alterava e o que foi pior: ela estava numa cidade maior, numa capital, num lugar onde tudo era mais caro, mais distante e, ainda, sem a companhia de sua família.

Essa situação frustrante foi determinada para que Suely desistisse da carreira de jogadora e abandonasse os campos, deixando todo seu talento se perder. A “Osnir de Ipiaú”⁸⁶ encerrou de forma breve uma carreira que poderia ter sido brilhante. Nisso, certamente, a história de Suely Morbeck Ribeiro não se diferenciou de tantas outras atletas espalhadas por esse nosso “país do futebol”, como foi o caso de Pingo⁸⁷, que passo a relatar.

Contemporânea de Suely, Pingo foi mais uma atleta que também acabou por integrar o time do Canadá, na cidade de Jequié. Nascida no Bairro Joaquim Romão, no ano de 1966, Pingo, irmã mais nova de Conça, (a primeira entrevistada citada nesse estudo), Cleyde, ou

⁸⁶ Suely Morbec recebeu o apelido de ‘Osnir de Ipiaú’ de um famoso comentarista esportivo de Salvador (na época) chamado Raimundo Varela, hoje apresentador de programa da repetidora local da TV Record, a TV Itapoan. No período em que ainda atuava nos gramados, Suely foi comparada por Varela a Osnir por serem ambos verdadeiros craques de bola, atuarem no futebol na cidade de Salvador e por terem baixa estatura.

⁸⁷ Cleyde Regina Araújo ganhou o apelido de Pingo por ter apenas 1,60 de altura e atuar em vários esportes ainda no IERP, onde estudou desde criança. Por seu desempenho nas partidas de voleibol e, especialmente, no futebol, parecia um “pingo de gente”, saltitando pela quadra, o que lhe rendeu o apelido através do qual até hoje as pessoas a conhecem: Pingo. Escolhi utilizar esse apelido pela popularidade que atingiu na cidade e por ser a forma como todos/as a tratam em Jequié, além do fato de também tratá-la desse modo, já que conheci Cleyde muito antes de começar a desenvolver essa tese, ainda no período em que ela foi minha aluna no Curso de Educação Física da Uesb, universidade que integro como docente até os dias de hoje. Informações colhidas através do depoimento de Pingo, realizada dia 11 de setembro do ano de 2009.

Pingo, seria mais uma garota a receber o rótulo de **macho- feme**, ou **machão** por sua atuação nos babas e nas partidas de futebol, como ela mesma afirma: “Olha, na minha infância a gente percebia o seguinte: que as meninas que brincavam no meio de menino, geralmente era chamada de machão, ou **macho-feme**; esses apelidos pejorativos existiam.”⁸⁸

Pingo era a caçula de uma família de oito irmãos/as e lembra-se bastante da infância e do bairro onde nasceu e morou, até seus 14 anos. Provavelmente pela diferença de idade, não guardou recordações de ter visto uma de suas irmãs mais velhas (Conça) participando de partidas de futebol, nem mesmo daquelas poucas que ocorreram no Estádio Valdomiro Borges.

Como as demais ex-jogadoras entrevistadas nesse estudo, Pingo iniciou seu envolvimento com o futebol através das brincadeiras de rua com outros garotos/as da vizinhança. Habilidosa com a bola nos pés, ela adorava jogar, o que não ocorria com as brincadeiras com bonecas para as quais Pingo nunca teve muito interesse nem paciência, como ela mesma afirma:

Eu brincava muito pouco, brincadeira de menina era assim: brincadeira de cozido, simulava, simulava uma vendinha, entendeu, essas coisas...

Continua...

Assim, boneca eu não tive muitas eu tive uma boneca que eu ganhei de presente (do marido de uma vizinha que trabalhava com sua mãe)...; como minha mãe era assistente de enfermagem, eu e minha irmã, a gente só brincava com ela pra aplicar injeção nela. Era só isso. E nos quintais de casa, as casas tinham os quintais muito grandes, tinham muitas árvores, a gente brincava de fazer cozido, tinham umas panelinhas, era assim... Mas não (eram) brincadeiras que durassem muito tempo, era aquele momento nosso de irmã, mas logo ia pra rua. Era (só) o tempo que o pessoal tava chegando da escola pra ir pra rua.⁸⁹

Esse movimento de ir para a rua significava encontrar com os garotos para realizar as brincadeiras que Pingo mais gostava, dentre elas o futebol. Nesse período, como na década anterior, a cidade de Jequié ainda possuía muitas ruas sem calçamento e muito campo de terra batida, além de muitos espaços sem construção, o que propiciava e estimulava as

⁸⁸ Depoimento de Pingo em entrevista realizada dia 11 de setembro do ano de 2009 em Jequié.

⁸⁹ Idem.

sociabilidades das crianças. Essa entrevistada lembra a variedade de atividades que coletivamente realizava com as demais crianças de sua rua e do bairro, como quando brincava de picula, 31 olé, o baleado, e as brincadeiras mais ligadas a cultura local, como as brincadeiras de roda, de Bumba-meu-Boi, mulinha e as rodinhas de capoeira.

Quem sabe o fato de ter tido a oportunidade de realizar várias atividades corporais na infância e, até mesmo pelo gosto das brincadeiras ligadas a vários esportes diferentes, foi o que posteriormente a levou a praticar o futebol e o vôlei. Mais tarde Pingo decidiu se formar em Educação Física. Mas seu contato inicial com o futebol, assim como se deu para a maioria das entrevistadas nesse trabalho, ocorreu nos espaços da rua, como ela afirma: “Era o futebol no meio da rua, as ruas não eram nem calçadas ainda, né? Eram as travezinhas de pedra ou de chinelo e o futebol no meio da rua...”⁹⁰.

Ainda em sua infância, no Joaquim Romão, Pingo lembrou as brincadeiras improvisadas de atletismo,... “saltando uma varinha que ia aumentando no quintal da casa do seu Zé Sampaio”⁹¹. Por ser a mais nova, a caçula da família, brincava com Nonha, apelido do filho mais novo de seu Zé Sampaio. Nonha foi um dos amigos de infância que incentivaram Pingo a prática de esportes, como também seu irmão Neto, um apaixonado por futebol e que ela viu jogando em times da cidade, como o Flamenguinho.

Mas o gosto de Pingo pelo futebol em detrimento das brincadeiras “de menina”, como ela mesma diz, decorria de sua habilidade com a bola nos pés. Essa habilidade era uma característica quase unânime entre as jogadoras e que, segundo ela, as agregava e auxiliava a superar os mais sérios dos obstáculos, como o preconceito. A habilidade, traduzida pela ginga de corpo com a bola, pelos dribles que conseguiam realizar, era o que diferenciava mais ainda essas garotas das demais e incentivava as críticas às quais eram submetidas as garotas do futebol, naturalmente rotuladas como lésbicas.

Em alguns estudos mais atuais, pode-se observar a permanência de certo conflito vivenciado por garotas que praticaram o futebol. O estudo de Paim e Strey (2005)⁹², nesse sentido pode ser esclarecedor, pois realizaram uma pesquisa visando discutir a construção da auto-imagem de adolescentes (entre 15 e 18 anos) que praticaram o futebol. Através das respostas das entrevistadas, concluíram que: ao tempo em que as garotas gostam dessa prática associada ao universo masculino por se tratar de um esporte violento e que exigia muito esforço físico; além disso, as adolescentes relacionavam o futebol a questões ligadas a saúde e

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Idem.

⁹² PAIM, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. Percepção do corpo da mulher que joga futebol. In: Efdeports.com: [HTTP: WWW.efdeports.com](http://WWW.efdeports.com), Revista Digital, Buenos Aires, Ano 10, n.º 85, junho de 2005.

a construção de um belo corpo, mas também achavam que o futebol as desfavorecia porque desenvolvia muito os membros inferiores e as tornavam fortes, distantes do padrão de magreza exigido socialmente, principalmente para as mulheres.

No entanto, essa não parece ser uma discussão que existia nos grupos de jogadoras e ex-atletas entrevistadas na presente tese. Ao contrário, foi no espaço do futebol, que essas garotas se encontraram e construíram para si um espaço com sentido de igualdade no que se referia às preferências e sonhos. Sobre sua própria habilidade e desenvoltura para jogar, ela afirma que se sentia inteira, poderosa e realizada,

...(no) futebol não era eu que ficava pra ser escolhida, eu é que escolhia os meninos, entendeu? Eu não ficava de lado porque realmente jogava e todo mundo queria ficar do meu lado. Geralmente os meninos mais velhos da rua, realmente aí eu que mandava, eu queria ser a dona da bola⁹³.

O envolvimento dessa entrevistada com os times de futebol da cidade começou, efetivamente, através de um convite para integrar o Esporte Clube Alto da Colina, time de Dona Carminha, talvez a única mulher a ser dona de time na cidade de Jequié.

Na antiga Avenida dos Operários, atualmente bairro Pompilho Sampaio, havia um campinho de terra batida no qual eram realizados os treinos do time de Dona Carminha. Foi por volta de 1979, através do convite de Cristina, sua amiga (uns dois anos mais velha que ela), que Pingo passou a integrar o que foi seu primeiro time de futebol em Jequié. Nesse período, já havia na cidade outros times de futebol feminino, como ela afirma:

(...) quando eu entrei nesse time é que eu soube que já tinha outro time no Joaquim Romão, que era lá nessa mesma região (Inferninho⁹⁴) que meu irmão (Neto) jogou, que aí eu soube da existência do Canadá que aí já era um time do Jequiezinho e o Conquistar que era do Mandacaru⁹⁵.

Embora a existência de outros times pudesse representar a expansão do futebol feminino, a precariedade e o amadorismo na forma como estes eram organizados e

⁹³ Entrevista com Pingo, realizada na cidade de Jequié em de setembro de 2009.

⁹⁴ A região chamada inferninho fica localizada no bairro Joaquim Romão próximo a uma das saídas da cidade: localidade periférica, configura-se num espaço marginalizado e desprivilegiado em relação as ações das políticas públicas e ganhou o nome de inferninho por ser um dos locais de Jequié bastante violento. Idem, entrevista com Pingo, realizada em setembro do ano de 2009.

⁹⁵ Mandacaru é outro bairro que integra o município de Jequié, localizado as sul da cidade. Idem entrevista com Pingo, realizada em setembro do ano de 2009.

estruturados não foi alterada durante esse período, como já afirmei anteriormente. Ser dono ou dona de time significava reunir garotas com habilidade para a prática da modalidade esportiva, simplesmente pelo fato desses/as organizadores/as serem entusiastas do futebol praticado por mulheres. O amadorismo que os caracterizava se reflete principalmente, na falta de condições básicas para a existência desses times: ausência de remuneração (seja para a comissão organizadora, seja para as jogadoras), pela falta de uniformes próprios para as meninas, falta de treinamento específico para a modalidade quando praticada por mulheres, consequência da própria ausência de preparo dos treinadores, etc.⁹⁶

Tal aspecto fica evidente na fala de Pingo ao tratar sobre os/as organizadores/as ou donos/as de times:

Então essas pessoas não tinham dinheiro, assim, pra bancar. Então eles reuniam as pessoas, as meninas, tipo assim, **garimpava da escola**: na minha escola tem uma colega que joga! Aí ia pegando aquelas meninas e não tinha muito, assim, viagens (para jogar em outros locais). Só depois, quando veio a questão do Canadá que aí tinha. Antes era só pra jogar aqui dentro da cidade mesmo, a gente ia andando e voltava (andando)⁹⁷.

O esforço feito pelas meninas era enorme e demonstrava o alcance de sua dedicação e o grau de envolvimento com seus times. Esse aspecto reforça a idéia de identidade que o espaço do futebol tinha a possibilidade de desenvolver entre elas. Ressaltando que nesse momento já se tratava do início da década de 80, a expectativa dessas garotas me parece maior do que em anos anteriores, em relação ao futebol. Não necessariamente no sentido da profissionalização, de fato, da modalidade esportiva, mas em relação ao seu crescimento local.

Um dos fatores que chamam a atenção e que começa a surgir de modo mais evidente nas falas das entrevistadas se refere à questão da **sexualidade** das garotas que passo, a partir dos depoimentos com as jogadoras da década de 80, a perceber de forma mais nítida.

A partir da fala das primeiras entrevistadas, já tinha ficado claro que a relação dessas meninas com o futebol teve haver, inicialmente, com o aspecto relacionado a classe social a

⁹⁶ Vale salientar que no Brasil dos anos 70, era muito pequeno o número de publicações sobre a prática esportiva direcionada a mulher. A expansão desse tipo de literatura só ocorre a partir do final dos anos 80 como o acesso a essas publicações. Como o futebol feminino ainda era uma prática bastante incipiente nesse período, não acredito que existia publicações sobre o treinamento do futebol para mulheres.

⁹⁷ O Canadá será outro time que Pingo integrará, mas também já citado anteriormente nesse trabalho. Idem entrevista com Pingo, realizada em setembro de 2009.

qual pertenciam, o que foi ressaltado por Conça e Nara, mas principalmente na entrevista com Neide que atuou no futebol em Jequié nos anos 70. Em seu depoimento essa entrevistada afirmou que entrou no futebol porque era gratuita essa inserção, excluindo a questão de gastos das famílias para terem suas filhas participando dessa modalidade esportiva, o que não se repetia quando da participação em outros esportes, geralmente pagos.

Por outro lado, nesse estudo, no que tange a geração que atuou no futebol na década de 80 e, obviamente diante desse universo aqui pesquisado, tornou-se mais contundente também o aprimoramento da habilidade corporal ligada ao esporte o que fica transparente nas suas falas. Elas eram e queiram ser “donas da bola”, como disse Pingo especialmente por poderem, através do domínio de bola serem - exatamente isso – suas donas.

O campo e as jogadas, para essa geração, não pareciam ser uma brincadeira apenas, mas um espaço de expressão de seus corpos naquilo que sabiam fazer de melhor: driblar, brincar com a bola e fazer gol. Se se pode chamar de brincadeira, nos times e nos jogos, essa geração passou a brincar de forma mais séria, o que sugere que a procura e a escolha pelos/as donos/as de times, por essas garotas com maior habilidade passava a ser realizada de forma mais tranquila, como se houvesse um número maior de meninas aptas ao futebol.

No caso das meninas que atuaram no futebol na cidade de Feira de Santana, por exemplo, o talento para essa prática esportiva as levou a se inserirem, inclusive, em times de cidades como São Paulo e Minas Gerais. Nesse caso, foi a habilidade e o talento que as fizeram prosseguir buscando esse espaço que, acima de tudo, reunia mulheres que, como elas, revelava uma identidade que a população local denominou de **macho-feme**.

Outros aspectos sempre reiterados nos seus depoimentos era a falta de investimento, que se configurou como um problema para o futebol feminino e se tornou verdadeiramente um dos grandes empecilhos para um futuro promissor. Além disso, o próprio preconceito que, para Pingo, se revelou mais claramente fora de casa.

Quando pergunto sobre o time do Esporte Clube Alto da Colina, Pingo fala sobre as dificuldades que se iniciavam desde o deslocamento para os treinos dos quais ela ia participar, logo depois da aula de educação física no Instituto Régis Pacheco (IERP), a escola na qual estudava. Para realizar esse percurso, ela precisava da companhia das irmãs para chegar até o local dos treinos, devido a distância entre o Bairro de sua residência (Joaquim Romão) e o Bairro Pompilho Sampaio, já que não havia transporte disponível para isso. Além desse fato, não havia remuneração nem alimentação para as jogadoras, apesar do esforço de Dona Carminha, que ficava à frente do time.

O uniforme desse time como alias o dos outros, era emprestado de outros times masculinos, como lembrou:

Uniforme era o uniforme que homem jogava: aqueles calção cumprido, a camisa, entendeu? Para quem era pequena (como ela) era um horror, era terrível (sorri)! Ninguém ganhava uma chuteira, até então. Na época tinha aquela coisa de jogar de **quichutes**, depois que veio existir uma chuteira pequena para mulheres, então não tinha nada disso, entendeu?⁹⁸

Os kichutes, aos quais Pingo se refere, eram um tipo de tênis obrigatório usado no fardamento de escolas públicas nesse período. De formato muito simples, esses tênis não dispunham de amortecimento para absorção de impacto, como os tênis usados nos dias atuais, criados com apoio de tecnologias mais recentes. Provavelmente era bastante desconfortável usar esse tipo de calçado para jogar, já que os campos nos quais as garotas principalmente treinavam não eram, em sua maioria, gramados, sendo apenas descampados de terra batida. Na cidade de Jequié, por exemplo, que é localizada numa região de caatinga, esses campos são espaços abertos e sem cobertura, o que propicia o contato com altas temperaturas e muita poeira.

Todos esses times eram organizados por homens, de acordo com os depoimentos obtidos, e apenas o Esporte Clube Alto da Colina era presidido por uma mulher: dona Carminha. Os treinos eram realizados, geralmente, aos sábados, já que os jogos aconteciam aos domingos. A condução do treinamento das meninas também era realizada por homens e, no caso desse time como de outros como o time do Joaquim Romão, o técnico não possuía formação na área nem mesmo literatura específica para o trabalho com mulheres. Esses técnicos eram homens que tentaram uma carreira no futebol. Sem sucesso, se comprometiam, espontaneamente, em passar suas experiências no futebol para as meninas.

No caso de Pingo, se havia dificuldades estruturais para sua inserção no futebol, houve, também em compensação, o apoio dado por sua família para que ela integrasse os times da cidade. Como era mais nova, a caçula da família, as irmãs já trabalhavam, e sempre a presenteavam com os mimos, como ela chama, referindo-se a presentes como vestimentas, para participar das partidas, além da companhia para assistir aos jogos. Seus pais, entretanto, nunca foram prestigiá-la nessas atividades, mas Pingo lembra que seu pai, à noite, sempre ficava sentado na calçada assistindo suas partidinhas de futebol com os garotos da vizinhança,

⁹⁸ Entrevista com Pingo realizada em setembro de 2009.

nos espaços criados por eles/as: nas ruas sem calçamento com as travezinhas de pedra ou de chinelo que ela chama de “arinha fechada”⁹⁹.

Sua mãe, dona Claudenice, dizia que não gostava de esportes e se chateava com Neto, um dos irmãos mais velhos de Pingo, por seu envolvimento com o futebol. Mas foi Neto quem a influenciou diretamente para que participasse dos esportes que marcaram sua vida: o vôlei e o futebol. E foi para obedecer a uma das determinações de dona Claudenice que Pingo, em 1981, saiu do Esporte Clube Alto do Cruzeiro e vai ingressar no Canadá, como ela diz: “... Aí minha mãe falou de lá: se não for, não vai mais jogar futebol. Aí eu falei: mas por que isso? Porque sim, senhora”¹⁰⁰.

Como havia sido convidada por sua amiga Cristina¹⁰¹ para participar do seu primeiro time, Pingo se viu numa situação difícil para fazer essa troca, o que só foi possível depois da ordem estabelecida por sua mãe.

Ao falar de dona Claudenice que hoje já é falecida, Pingo se reporta a figura de uma mulher muito forte e decidida, que teve muita influencia na educação de todos/as os filhos/as. Ela foi uma referência muito forte na família e essa visão a seu respeito permaneceu nas memórias de Pingo:

(...) mainha criou a gente com muita independência os filhos, e as filhas, então! Entendeu? Eu acho que nós, as mulheres da casa, somos muito independentes porque a gente assistiu isso dentro de casa. Porque na época que minha mãe viveu (...) ela foi muito além do tempo dela. Minha mãe nasceu em 1930, né? Minha mãe era de uma geração que era totalmente dependente, de pedir dinheiro pra o marido pra fazer a feira! Minha mãe nunca pediu dinheiro a meu pai pra fazer a feira! Começou a trabalhar como atendente de enfermagem e era aquela história: meu pai fazia o supérfluo e o restante era ela quem tomava conta da casa de tudo, de tudo: de roupa, de tudo, de tudo, de tudo!¹⁰²

Com essa imagem de mulher forte que criou diante dos/as filhos/as, ninguém questionava as determinações de dona Claudenice. Nesse caso, sua determinação em relação à troca de times, a que Pingo obedeceu, decorria das preocupações de sua mãe com a própria

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Cristina ou Tina como Pingo a chama, hoje reside em São Paulo. Idem, entrevista realizada com Pingo em setembro de 2009.

¹⁰² Entrevista realizada com Pingo em setembro de 2009.

segurança, para que a filha continuasse participando das atividades futebolísticas. E, nesse sentido, o Canadá já citado um pouco antes, por ser um time mais organizado, com patrocínio de pessoas do comércio da cidade, oferecia uma melhor condição para as meninas jogarem. Mais estruturado, o Canadá era, na realidade, uma seleção das melhores jogadoras da cidade, um time que não perdia para ninguém. Tanto essa informação procede que, de acordo com Pingo, em certa oportunidade, criaram uma “seleção de Jequié” para jogar contra o Canadá.

Nesse time os treinos ocorriam no Alto da Prefeitura, bairro mais central da cidade e que, atualmente, além da Prefeitura, abriga o Fórum da cidade, além do Conjunto dos Bancários, ou seja, um local de classe média, portanto, mais bem visto pelos familiares das garotas que integravam o time. Por outro lado, havia transporte para levar as meninas para os treinos e depois para levá-las em segurança para suas casas.

No Canadá, Pingo conheceu outra condição para jogar futebol, pois até os uniformes das atletas eram melhores: adaptado ao corpo das meninas com shorts mais curtos e menos folgados, com camisetas cavadas, semelhantes as camisetas dos times de handebol da época. Foi inclusive nesse espaço que essa entrevistada conheceu e pôde calçar uma chuteira pela primeira vez.

Ainda no Canadá, as jogadoras que tinham maior habilidade e, a depender de onde fossem ocorrer os jogos, eram presenteadas com chuteiras, o que melhoraria ainda mais seu desempenho. Essa gentileza, muito provavelmente, excluía, ou deixava em segundo plano, aquelas jogadoras menos habilidosas. Entretanto, mesmo com todo esse investimento e organização, o que diferenciava esse time dos demais, o Canadá durou apenas um ou dois anos.

Após seu termino, o que representava o encerramento de mais um time de futebol da cidade, Pingo passou a atuar no Macicas, time da cidade de Vitória da Conquista, cidade localizada mais ao sul da Bahia, próxima ao estado de Minas Gerais. Essa transição entre times ocorreu de forma simples, como ela esclarece:

É porque eu tava paralelo, eu tava treinando o futebol de campo e já na escola, no IERP, eu tava treinando vôlei. Eu praticava tudo o que tinha: handebol, basquete, tudo eu jogava na escola. E aí, o que é que acontece: na inauguração do Ginásio de Esportes, jogando vôlei, Barriga (Walter Sampaio Filho) me apresentou a Marcinha, que tava aqui nos Jogos Abertos que tinha o Macicas, em Conquista. (Barriga) falou: ‘olha, aqui é minha prima e joga muito!’ ela falou: ‘É mesmo, rapaz? Olha, tô com um time lá em Conquista!’

Libera a menina pra ir jogar com a gente!’ Aí ele falou: aí tem que conversar com ela, com o pessoal pra ver se libera.’ Foi quando eu fui e joguei também pouquíssimo tempo no Macicas. Foi pouco tempo, foi o que: 82, 83, por aí.¹⁰³

Sua participação no time conquistense não demorou muito tempo, mas Pingo teve a oportunidade para jogar em outras cidades representando-o. Como residia em Jequié, ela sequer treinava com o time; o pessoal passava na cidade para pegá-la para participar dos amistosos e depois a deixava em casa. Em suas lembranças, ela fala que muitas pessoas iam assistir aos jogos, torciam e interagiam bastante, o que sugere que os jogos de futebol feminino se configuravam como um empolgante evento, mesmo nas cidades do interior baiano. Tal fato também pode ser observado nas falas de outras entrevistadas desse estudo, tanto daquelas que atuaram no futebol na década de 70, como nas décadas subsequentes.

Os jogos aconteciam em várias cidades, mas, para as meninas baianas, o futebol parecia uma realidade local e sequer desconfiavam que em outras cidades do país esses mesmos eventos já ocorriam. É preciso compreender, com isso, que, durante esse período, não havia muita divulgação do futebol feminino nos meios de comunicação, o que pode ser melhor compreendido a partir das falas das jogadoras de Feira de Santana.

Foi também no Macicas que, pela primeira vez, Pingo percebeu as meninas assumindo sua condição sexual. Na maioria dos casos, esse fato era escondido, sublimado mesmo, como ela diz, “cada uma ficava em seu mundinho, no seu cantinho”. Essa entrevistada revela ainda que, na época, tinha conhecimento do relacionamento entre duas das garotas que integravam alguns dos times dos quais participou, mas isso não era assumido diante das demais. Entre elas, algumas mantinham relacionamentos amorosos, mas esse fato ocorria de forma velada, embora com o consentimento do grupo, já que ninguém comentava abertamente, como também havia meninas que paqueravam e namoravam os treinadores e técnicos dos times.

Creio que fica fácil de imaginar o porquê dessas garotas “esconderam” tais relacionamentos e não assumirem a condição de lésbicas. Lembrando o contexto repressivo brasileiro nas décadas de 70 e 80, especialmente nas cidades do interior, para uma adolescente afirmar sua condição sexual não deveria ser nada fácil.

Sobre esse aspecto, Pingo lembra o caso de uma amiga de sua mãe que, embora todos/as soubessem que era lésbica, ninguém tocava no assunto, principalmente se ela estivesse no ambiente. Lembrou-se ainda, durante a entrevista, de mais dois casos famosos em

¹⁰³ Idem.

Jequié de mulheres lésbicas: um deles se refere a senhora Maria Cruz e outro de uma das jogadoras mais habilidosas que havia na cidade: Deise¹⁰⁴. Essa ultima garota, na opinião da entrevistada foi uma das mais brilhantes que ela já viu atuando no futebol e que ela namorava meninas. Causou-lhe surpresa quando Deise casou com um rapaz e logo depois disso, foi residir nos Estados Unidos. Lá, Deise poderia ter tentado uma carreira no futebol, mas o marido a impediu, como pode ser observado em suas palavras:

Teve a oportunidade foi para os Estados Unidos. Talvez, se tivesse entrado no futebol feminino, hoje estaria exercendo outra profissão: estaria hoje já com o visto, já tudo legalizado e o marido não aceitou – pra você ver a coisa do preconceito. Seria muito mais fácil pra ela chegar lá e procurar um clube de futebol, começar a jogar, porque jogava (muito), e hoje estaria lá por trás, na comissão técnica num clube, outra realidade, entendeu? Mas ele (o marido) não aceitou. Ela chegou a comprar chuteira e procurar um time de futebol nos Estado Unido pra jogar, mas ele não aceitou – o marido¹⁰⁵.

O caso de Deise é bastante emblemático, pois reflete a situação real, concreta de uma garota que abdicou de fazer o que gosta, deixou jogar futebol, por causa do preconceito que enfrentou. Mesmo sem ter conhecido Deise, é fácil imaginar que para continuar jogando, muito provavelmente ela teria que romper com a família e com a sociedade local em busca da realização de seu sonho. E como no Brasil, nesse período, o futebol feminino não assegurava um futuro profissional, ela abriu mão dessa possibilidade para viver uma vida mais estável, considerada “normal”, mesmo abdicando de sua condição sexual, o que significa omitir um aspecto fundamental da identidade dos sujeitos: sua sexualidade.

Mas a omissão da sexualidade de atletas ou de pessoas públicas, ainda hoje é muito presente, pois quando assumem sua homossexualidade, essas pessoas passam a ter suas vidas muito expostas e passam a ser alvo de críticas, principalmente pelos meios de comunicação. Recentemente o jogador Richarlyson, que atua no São Paulo, por exemplo, foi alvo de ironias, até pela torcida, após um dos dirigentes do Palmeiras ter exposto sua sexualidade num programa esportivo¹⁰⁶.

¹⁰⁴ Prefiro omitir o nome dessa ex-atleta pelo fato de não ter tido a oportunidade de incluí-la nesse estudo, já que ela não reside na cidade de Jequié já há vários anos. Por esse fato, vou usar o nome fictício de Deise para me referir a essa ex-atleta. Idem entrevista realizada com Pingo em setembro de 2009.

¹⁰⁵ Entrevista realizada com Pingo em setembro de 2009.

¹⁰⁶ Essa reportagem foi retirada da página <http://ultimainstancia.uol.com.br/noticia/40760.shtml> Acesso em agosto de 2008.

Após o fato, o jogador processou o dirigente, o que provocou uma inusitada situação: o Magistrado encarregado de julgar o caso resolveu arquivar o processo, afirmando que a queixa-crime não continha elementos que reunissem condições para efetuar o julgamento. Para o juiz da 9ª Vara Criminal de São Paulo, Manoel Maximiano Junqueira Filho, um jogador de futebol não pode ser homossexual, já que se trata de um jogo viril e seria inimaginável, além de decepcionante pensar atletas, como aqueles da Copas de 70, assumindo essa condição. De acordo com seu pensamento, o homossexual que quiser jogar futebol teria que criar seu próprio time e sua própria Federação ou, de outro modo, teriam que ser criadas ‘cotas’ para a inserção dessas pessoas nos times de futebol. E o juiz ainda concluiu sua decisão citando um dito popular, traduzindo seu pensamento sobre a homossexualidade de modo exemplar: “Cada um na sua área, cada em seu galho, cada galo em seu terreiro, cada rei em seu baralho”.

No caso, trata-se de um juiz, uma pessoa que, supostamente, está apto a pensar a sociedade e agir de modo consciente e coerente com toda a complexidade e dinamicidade desse corpo social. E mais: trata-se da ação de um homem do Direito no Brasil durante o início do século XXI. E ainda, “o caso Richarlysson”, como ficou conhecido, é apenas um a ser tratado aqui, pela popularidade e polêmica que gerou. Outros não tão conhecidos continuam a ocorrer e exprimem a presença ainda impregnada e constante do preconceito ao qual, pessoas como esse jogador e a ex-jogadora Deise, são expostos/as cotidianamente.

No exemplo citado acima, ficou clara a compreensão popular de que um jogador de futebol não pode ser homossexual. No caso do futebol feminino, é fato que nem todas as jogadoras eram lésbicas, mas há uma boa parte dessas mulheres que têm essa orientação sexual, como também em outros esportes. Entretanto, no caso específico do futebol feminino, a habilidade com os pés, os dribles mais impressionantes, a força desprendida nas disputas de bola e as jogadas de corpo mais refinadas e desconcertantes, sugere-se que são reservadas àquelas que, mesmo que não sejam lésbicas, são associadas à figura da “mulher macho”, “machão” ou da **macho-feme**, como se usa dizer na Bahia.

Nesse trabalho, através de depoimentos, esse fato se revela, embora nem todas as ex-jogadoras tenham expressado essa relação tão abertamente; algumas omitiram sua condição sexual. No caso de Pingo, que trata de forma muito tranquila essa questão, foi mais longe ao afirmar que as jogadoras mais habilidosas eram lésbicas. Quando pergunto como é que a

torcida agia em relação a essas jogadoras, ela afirma: “Aí pega no pé, muitas vezes, até pra inibir a atuação, a atuação...”¹⁰⁷

Ela então elucida essa situação lembrando, indignada, a situação vivida por uma das grandes atletas jequieense de nome Eliomar, em um dos Jogos Abertos, realizado na cidade de Feira de Santana, no Feira Tênis Clube. Sem citar a data, Pingo relata que um dos torcedores chamou Eliomar próximo ao alambrado e que, quando a atleta chegou perto, esse torcedor fez um gesto para pegar em seu órgão sexual, como que para comprovar que se tratava de uma mulher. Por sua habilidade e por ser uma pessoa extremamente calma, segundo Pingo, ela apenas com um giro de corpo se livrou desse ato desagradável, deu as costas e saiu para continuar o aquecimento.

Esse fato ocorreu com uma atleta no início de uma partida de voleibol e não durante um jogo de futebol. No caso desse último esporte, é comum as atletas serem taxadas pelas torcidas de machonas, e como no futebol feminino, as vestimentas são muito parecidas com aquelas usadas pelos jogadores do masculino, essa associação é praticamente naturalizada. O fato das atletas de futebol precisarem trabalhar muito a musculatura dos membros inferiores, pois precisam desenvolvê-los para fazerem jus às dimensões dos gramados, provavelmente faz aumentar, para o senso comum, a associação desses corpos àquilo que se compreende como sendo uma mulher masculinizada.

De acordo com Simões¹⁰⁸, a inserção da mulher no esporte e no esporte de rendimento começa a ser percebida no Brasil a partir dos anos 60 pela própria expansão do fenômeno esportivo, mas pondera que o esporte impõe muitas barreiras a serem enfrentadas pelas mulheres, enquanto que, para os homens esse é um espaço considerado de seu pertencimento, sendo o sexismo e as desigualdades entre os sexos os fatores que respondem pela supremacia masculina no esporte. Continua esse autor:

Tanto homens quanto mulheres são produtos de culturas distintas, que via de regra reforçam as diferenças pessoais e sociais na manutenção do status quo. Um desses mitos está ligado à concepção de que as práticas esportivas mais intensas levam as mulheres à masculinização. (...) O alcance da potencialidade plena feminina, portanto, seria sinônimo de perda da feminilidade. (...) O uso de expressões como “mulher-macho”, “não-feminina” e “lésbica/sapatão” serve como percepções sociais para justificar a

¹⁰⁷ Entrevista com Pingo realizada em setembro de 2009.

¹⁰⁸ Simões, Antônio Carlos. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno. In: SIMÕES, Antônio Carlos (org.). Mulher e esporte: mitos e verdades. Bueri, São Paulo: Manole, 2003, p. 10.

presença feminina no esporte de alto rendimento e as manifestações da sexualidade que são marginalizadas.

No esporte, e não apenas no esporte de rendimento, o preconceito é norma a ser enfrentado historicamente pelas mulheres que ousam estar num espaço considerado de reserva masculina. Reafirmando esse aspecto estão os depoimentos apresentados nesse trabalho mostrando situações de preconceito que costumeiramente fazem parte do cotidiano dessas mulheres. No entanto e, contraditoriamente, esse foi um dos fatores de solidariedade e união entre as atletas por se sentirem protegidas, reafirmando o seu sentido de grupo que também se percebe nesse espaço.

Mesmo considerando o número pequeno de entrevistas realizadas, o estudo aponta que as jogadoras que afirmaram sua orientação sexual enquanto lésbicas foram aquelas que atuaram no futebol somente a partir da década de 80. Obviamente que mulheres lésbicas ou não estão presentes na sociedade, como no esporte, e que esse é um fato atemporal, mas a liberdade em assumir sua orientação sexual, ao que me parece, foi uma característica de atletas da atualidade, embora esse fato continua sendo um tabu também no mundo esportivo.

Na fala de Pingo, como nas falas das ex-atletas de Feira de Santana, que atuaram no futebol durante as décadas de 80 e 90 (o que será mais detalhado no capítulo posterior), o espaço do futebol começou a se desenhar como um espaço de liberdade para essas garotas “diferentes”. Consideradas destoantes de um comportamento normatizado foi no espaço propiciado pelo futebol que elas puderam se encontrar e, inclusive trocar intimidades como beijos e carícias escondidas nos pequenos vestiários, atitudes que deveriam se estender a outros espaços que garantissem a intimidade entre elas - uma intimidade velada, reprimida e, por isso mesmo, silenciada, como a própria história do futebol feminino brasileiro.

Insisto nesse aspecto pelo fato evidente do silenciamento e da falta de reconhecimento imposto ao futebol feminino no Brasil, até a atualidade. Silenciamento de histórias de meninas/mulheres talentosas e que poderiam, sem dúvida, ter tornado a história do futebol, no “país do futebol”, um pouco mais democrática. Por outro lado, ao se manterem no mundo do esporte as mulheres o transformam num espaço de resistência.

Nesse sentido, acredito no aspecto geracional como um possível impulsionador no desvelar desses diferentes corpos femininos atuantes no mundo esportivo e futebolístico, provavelmente pelo fato de ter, essa geração, reivindicado para si o desejo de exercer essa atividade esportiva com maior liberdade. Compreendendo a homossexualidade como um aspecto social e que não é o esporte que gera homossexuais, mas a sociedade e que, portanto,

tanto heterossexuais como homossexuais também se inserem no meio esportivo, SIMÕES afirma essa relação no que se refere às mulheres lésbicas:

As lésbicas entram sem medo em espaços predominantemente masculinos (basquetebol, futebol de campo, futebol de salão, handebol, tênis de campo) quebrando paradigmas, em especial contra sua discriminação (...)

Pesquisas feitas em equipes de basquetebol, handebol, futebol e tênis mostram a incidência de até 90% de mulheres-atletas lésbicas. O pano de fundo expõe problemas filosóficos, que nos levam a certas discussões teóricas sobre o lesbianismo no esporte. Se os especialistas estão levantando questões desse gênero é porque o assunto entra numa esfera não-tradicional da reflexão da feminilidade no esporte. As relações entre lésbicas e esporte de alto rendimento não tem nada de tirânico. Aparecem como um fenômeno bastante estável, baseado nas suposições de que as mulheres querem e/ou irão assumir um padrão de comportamento diferenciado do padrão de outras épocas...¹⁰⁹

O autor afirma que esses estudos são ainda incipientes e que prescindem de maiores investigações. Mas o fato é que, independentemente da orientação sexual, o simples fato de estar no meio esportivo sempre gerou preconceitos em relação a jogadoras e que, sua permanência nesse espaço, como no futebol, foi um fator preponderante para modificar barreiras que lhes foram impostas durante toda a história, como a invisibilidade e o silenciamento das mulheres no futebol.

Acrescento um pouco mais a essa discussão nos capítulos que irão se suceder, relatando fatos ocorridos com ex-atletas de futebol do município de Feira de Santana: suas vidas, o ingresso no futebol, suas carreiras, até chegar a uma das primeiras configurações da Seleção Feminina de Futebol que foi formada no início da década de 90 que expôs, pela primeira vez em rede nacional. Contudo, caso todos os argumentos utilizados nesse estudo, até o momento, não sejam representativos da realidade no que se refere a invisibilidade e falta de reconhecimento do futebol feminino brasileiro, concluo esse capítulo com uma das questões apontadas por Pingo: “Que país do futebol é esse?”¹¹⁰

¹⁰⁹ SIMÕES (Op. Cit 2003), p. 25.

¹¹⁰ Entrevista com Pingo realizada em setembro de 2009.

CAPÍTULO II

Questões de gênero e futebol feminino em Feira de Santana.



Figura 4 – Time do Flamengo de Feira de Santana / Década de 80

2.1- aqui algumas dessas histórias...

No capítulo anterior, foi possível verificar que, em Jequié, houve histórias de mulheres que construíram uma parte da história do futebol feminino do Brasil. Desta mesma forma, Feira de Santana, hoje, um dos maiores municípios do estado baiano, foi outra cidade do interior onde, provavelmente, mais se expandiu essa modalidade esportiva. Nessa última cidade, na década de 70, o futebol feminino também já havia sido iniciado, mas igualmente de modo bastante amador. Já nos anos 80, com uma melhor estrutura para esse esporte, alguns dos times femininos de Feira, como o Flamengo de Feira, destacavam-se, inclusive no cenário nacional.

Buscando esclarecer um pouco do contexto onde esse processo se desenvolveu, passo a relatar as histórias de duas ex-atletas de futebol desse estado: uma nascida em um município próximo à Feira de Santana e outra em Salvador, mas ambas desenvolveram suas carreiras nesse esporte nessa última cidade, atuando no Flamengo de Feira, ainda hoje, um dos times mais tradicionais da cidade.

Nesse sentido, inicio contando um pouco da história de Neumanci Ferreira Gonçalves e, posteriormente, passo a relatar, a partir de suas memórias, a interessante história de Ivonete Ferreira de Oliveira. Ambas tiveram oportunidade de participar de um dos primeiros campeonatos nacionais da modalidade durante a década de 80, torneio realizado na cidade de São Paulo. Além de apresentar essas ex-jogadoras, reservo outro momento para contar a história de Solange Bastos, uma atleta feirense que chegou a integrar uma das primeiras formações da Seleção Brasileira Feminina de Futebol, onde atuou durante toda a década de 90.

Durante esse processo, descobri uma das figuras emblemáticas do futebol feirense: o senhor Edmilson Amorim, o seu Michelinho¹¹¹ como é conhecido, dono do time do Flamengo de Feira.

Do trabalho sério desenvolvido por esse grupo, que contou com vários talentos, saíram garotas que participaram de times como o Bahia de Salvador, além de times de outros estados como o Bordon de São Paulo, e mesmo das atletas que chegaram a integrar a Seleção Brasileira de Futebol Feminino, criada em 1991, como foi o caso de Sisleide Lima do Amor, nascida na cidade de Esplanada (BA), a Sissi.

Essa última jogadora, que se tornou uma das maiores atacante do futebol feminino brasileiro, nasceu num povoado próximo a Feira de Santana, e o início de sua carreira no futebol ocorreu exatamente no time do senhor Michelinho. Do Flamengo, alguns anos depois, Sissi partiu para residir em São Paulo e atuar no Bordon. As informações sobre essa jogadora foram colhidas nos depoimentos de suas ex-parceiras no Flamengo de Feira, como Neumanci e Solange (sua contemporânea dos tempos da Seleção Brasileira). Entretanto, não foi possível contatá-la, pois já há muitos anos essa excelente atleta mudou-se para os Estados Unidos onde atua no futebol americano, local de onde nunca mais retornou ao Brasil. Nos depoimentos dessas entrevistadas, foi possível perceber o sentimento de decepção de Sissi com o futebol feminino no Brasil, com a falta de reconhecimento a esse esporte e com a falta de perspectivas para atletas como ela em nosso país.

Para o trabalho de pesquisa em Feira de Santana, contei com a contribuição de colegas da UEFS¹¹² que me possibilitaram o contato com o senhor Michelinho. Foi em seu

¹¹¹ Infelizmente não foi possível realizar entrevista com o senhor Edmilson Amorim, o senhor Michelinho como é chamado. Proprietário de um estabelecimento comercial no centro da cidade de Feira de Santana, onde fui diversas vezes na tentativa de entrevistá-lo, e inclusive local cedido por ele para a realização da entrevista com Ivonete, a Birrita, no entanto, mesmo com essa e outras visitas o senhor Michelinho não se dispôs a conceder entrevista para o presente estudo.

¹¹² Agradeço especialmente ao professor Celestino Amoedo, docente do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana, pelo contato com as pessoas do mundo futebolístico de sua cidade.

estabelecimento comercial que tive o primeiro contato com Neumanci Ferreira Gonçalves, a Neuma, e com Ivonete Ferreira de Oliveira, a Birrita. Através de Neuma, conheci Solange Bastos, a terceira entrevistada desse capítulo. A partir desses contatos conheci outras jogadoras que atuaram no futebol de Feira nas décadas de 70¹¹³ e 80, além de outras mais contemporâneas e que ainda permanecem atuando no futebol da cidade de Feira e em cidades como São Paulo.

Para iniciar a relatar essas histórias, começo com o depoimento da ex-atleta Neumaci Ferreira Gonçalves, a Neuma, como gosta de ser chamada. Embora tenha nascido no povoado Santa Bárbara, Neuma veio com a família bem nova residir em Feira de Santana onde mora já há mais de quarenta anos. Pessoa muito simples e popular onde mora, essa entrevistada está sempre disposta a ajudar a quem pode e mesmo a quem não conhece, como no meu caso¹¹⁴.

O início de sua história com a bola é muito semelhante ao das demais entrevistadas nesse trabalho, pois Neuma, mesmo a contragosto dos pais, começou a jogar ainda pequena na rua, no meio dos irmãos. Seus pais atualmente já são falecidos, mas em suas memórias, recorda-se de sua mãe brigando e de seu pai batendo nela, buscando impedir que a filha fosse para as ruas sem calçamento bater bola no meio dos meninos. No entanto, nada disso impediu que Neuma fizesse o que mais gostava:

Só (de jogar) bola; eu nunca gostei de boneca, eu nunca gostei de usar saia...hoje todo mundo usa é normal, né? Mas naquela época: meu pai era rígido, meu pai não queria que vestisse saia não, que pintasse unha, só com (esmalte) incolor, né? Minhas irmãs são vaidosas agora eu, por outro lado, nunca gostei de pintura, sempre gostei das coisas natural!¹¹⁵

Como as garotas que geralmente gostam de bola, Neuma diz ser uma pessoa simples e de hábitos igualmente modestos. Não gosta de pintura nem de saia, o que corroborava com as

¹¹³ Através de Neuma e Solange assisti e pude registrar um jogo amistoso entre as atletas feirenses que atuaram no futebol entre as décadas de 80 e 90 e atletas da atualidade. Percebi uma forte rivalidade entre elas em que as mais velhas procuravam mostrar sua superioridade através da experiência com a bola e as mais novas, por sua vez, buscaram provar que se sobrepunham às outras através da força, vitalidade da juventude. Nesse evento conheci ex-atletas como Ninha que atuou no futebol no anos 70 e chegamos a marcar um encontro para a realização de entrevista o que não ocorreu pois, no dia marcado, ela não compareceu ao nosso encontro pelo fato de não poder se ausentar do trabalho como caixa, num mercado da cidade.

¹¹⁴ Neuma foi a primeira ex-atleta que conheci em Feira de Santana e foi a partir dela que consegui os demais contatos com as ex-jogadoras feirenses. A partir de seu contato pude filmar o amistoso entre as garotas do futebol feminino da cidade, amistoso que ocorreu dia seis de março de 2010 no clube SESC da cidade de Feira de Santana.

¹¹⁵ Depoimento concedido por Neuma em entrevista realizada na cidade de Feira de Santana em outubro de 2009.

ordens do pai que não apoiava esse tipo de comportamento por parte da filhas. Como não gostava de boneca e sim das brincadeiras de bola com os garotos da rua, ela procurava fugir e desobedecer as determinações paternas, apenas nesse caso, de modo a permanecer na rua no meio dos irmãos, batendo um babinha: “E (sua mãe), mandava minha irmã mais velha ir me buscar, a Preta, né, que mora aqui vizinha, e eu dizia: não vou, não vou, não vou! E aí não ia, não vinha mesmo, ficava, ficava até bater um babinha! Aí ficava os irmãos...”¹¹⁶

A formação de Neuma e dos irmãos/as parece ter sido rígida, pois seus pais se preocupavam em passar para os/as filhos/as valores e princípios coerentes com uma vida simples e honesta. Dos vinte e dois filhos/as que tiveram, sobreviveram quatorze e todos/as aprenderam a dividir tudo entre si e buscavam seguir as normas que eram estabelecidas, como não sair de casa nem ir a festas, já que seus pais também não podiam arcar com esse tipo de despesas, como ela afirma:

E, é, é, como se diz assim: antigamente o pai da gente não deixava a gente ir na esquina, né? (...) eu não andava antigamente, porque meu pai também não tinha (dinheiro), né? Primeiro que eu não ia tirar é, da boca dos meus irmãos e das minha irmãs pra poder ir para festa, né? A gente ia pra festa quando assim é, um Micareta¹¹⁷ (carnaval fora de época) né, que, a gente chegava a ir na rua, ver o artista, brincava... hoje você já não pode mais fazer isso, porque a violência hoje é incrível, total!¹¹⁸

Mesmo com tantas crianças para cuidar, seus pais, que já são falecidos, até hoje são recordados com saudades e muito admirados e respeitados por seus filhos e filhas por terem tido uma vida de dedicação a eles em que atitudes como o companheirismo, a compreensão e o amor sempre estiveram presentes. Mas como essa entrevistada já afirmou o rompimento às suas normas ocorriam no momento em que Neuma queria estar no meio dos meninos jogando bola. O futebol, aliás, é um esporte muito apreciado por toda a família e, até hoje, essas pessoas continuam promovendo o baba entre eles/as e o pessoal da vizinhança, além de serem todos/as apaixonados/as por times de futebol, como o Bahia que é um dos clubes baianos, como também são fãs de clubes de outros estados, como o Flamengo e o Fluminense, times do Rio de Janeiro.

¹¹⁶ Entrevista concedida por Neuma, realizada em Faria de Santana em outubro de 2009.

¹¹⁷ Micareta é um tipo festa fora de época que ocorre em alguns municípios do interior baiano, como o carnaval fora de época, por exemplo, mas que perdeu seu aspecto interiorano, passando a se tornar muito violenta.

¹¹⁸ Entrevista concedida por Neuma, realizada em Faria de Santana em outubro de 2009.

E foi na rua em que reside sua família, na época ainda sem calçamento, no meio dos garotos da vizinhança e de seus irmãos, que essa ex-atleta iniciou sua relação amorosa com o futebol, jogando sozinha enquanto mulher, batendo o baba, ambiente que a tornou uma sensação no bairro, diante das travinhas que armavam para os jogos:

A travinha com uma perna pra um lado e uma perna pra o outro; a bola, mamãe dava, né, aos meninos, os meninos (que) sempre tinha bola porque mamãe e papai dava... **a mim não - a mim era negócio de boneca mas eu ficava lá na minha!**¹¹⁹ E aí eles começavam a jogar na rua com a criançada, a meninada, molecada mesmo! E eu ali de junto! Minha mãe ficava: menina, menina, o que é que tu tá fazendo aí?¹²⁰

A partir dos babinhas com os garotos, essa entrevistada começou aos poucos a se inserir nos times de futebol femininos da cidade que foi descobrindo que existiam. De acordo com seu depoimento, um rapaz da vizinhança começou a reunir garotas e a promover jogos, partidas entre as meninas que residiam no bairro em que Neuma morava, num local bem próximo à sua casa chamado Estação Nova.

Assim, batendo o baba de forma despretensiosa e fazendo o que mais gostava na vida, foi que, por volta dos seus quatorze anos, o senhor Edmilson Amorim, o senhor Michelinho, como é chamado e conhecido, a descobriu e a introduziu no Flamengo de Feira (até hoje, um dos principais times femininos de futebol do interior baiano). Mas, para isso, foi necessário que esse senhor obtivesse o consentimento dos pais dessa ex-jogadora, o que provocava brigas e discussões em sua casa. Só depois de certo tempo, e com a insistência de Neuma e do senhor Michelinho, é que seus pais, vencidos pelo cansaço, permitiram que ela começasse sua história no universo do futebol.

Na época, início da década de 80, o senhor Michelinho queria criar um time feminino forte o suficiente para participar de campeonatos estaduais e nacionais. Para isso, investiu de diversas formas, seja conversando com os pais das meninas para que eles autorizassem sua participação ou até mesmo investindo recursos próprios para manter os talentos em seu time, já que nem todas as garotas, nas primeiras formações do Flamengo, residiam na cidade de Feira de Santana, como afirma Neuma: “Era porque ele pagava a casa! Ele gastava do bolso! (...) Ele alugou uma casa, mobiliou a casa e botou todo mundo dentro!”¹²¹

¹¹⁹ Grifo Nosso.

¹²⁰ Entrevista concedida por Neuma, realizada em Feira de Santana em outubro de 2009.

¹²¹ Idem.

Não havia pagamento em dinheiro para as meninas, mas o senhor Michelinho buscava dar toda uma estrutura, principalmente para manter em Feira, nos períodos de treinos e jogos, as garotas que residiam em outras cidades. Tal estrutura se configurava em forma de uma casa alugada, dinheiro para as passagens de ida e volta para Feira de Santana, alimentação, todo o material necessário para os jogos, como as vestimentas que mandava confeccionar, bolas, além de outros suportes que se apresentavam necessários¹²².

Neuma e outras garotas como Birrita, residiam na cidade não havia necessidade de permanecer morando na casa alugada para as jogadoras, fato que provocava em Neuma muita ansiedade para estar no meio das companheiras. Para resolver a situação e não ter que se indispor com os pais, essa ex-atleta procurava fazer todas as obrigações domésticas rapidamente para poder se liberar e se reunir às demais garotas do time. Pude perceber que, ao mesmo tempo em que as meninas se interessavam e se dedicavam ao esporte porque amavam o que faziam, havia também, por outro lado, muito empenho e dedicação também por parte do senhor Michelinho para viabilizar seu objetivo: criar o Flamengo de Feira, time que até os dias de hoje existe tanto pelo afincio das atletas como pelos esforços desse senhor.

Então, o início da criação do time do Flamengo ocorreu desse modo: com o senhor Michelinho indo à casa de cada um dos talentos que encontrava na cidade e nos locais que descobria, buscando obter o consentimento dos pais e, assim, introduzi-las no futebol. Tal investimento exigia ainda a aplicação de recursos próprios para ver esse seu sonho finalmente realizado.

Para formar esse time dos sonhos, com potencial para crescer e disputar campeonatos internos e externos ao seu estado, o senhor Michelinho foi procurando, garimpando e selecionando atletas em cada bairro da cidade e mesmo fora, como já comentado anteriormente. Com esse time, o Flamengo começou a ganhar campeonatos baianos, dos quais Neuma e suas companheiras participaram e saíram vitoriosas como naqueles que ocorreram durante os anos de 81, 82, 83, 84, 85, e 86¹²³. Com esse feito, o time iniciou a despontar no cenário nacional, e a participar de competições pelo país. Para isso, no período em que o Flamengo começou a participar dos campeonatos locais, pessoas do comércio de Feira

¹²² Sobre esses suportes, como encaminhamento a assistência médica pelo Sistema Público de Saúde, discorro mais adiante, a partir do depoimento da ex-atleta Solange Bastos.

¹²³ Nesse momento, Neuma retira do meio de um grande acervo composto por fotos, jornais, medalhas, etc., uma flâmula com o escudo do Flamengo de Feira, onde constam as datas dos campeonatos nos quais foram campeãs: 1981, 1982, 1983, 1984, 1985 e 1986. Sobre toda a história que conta, dos times que integrou e dos campeonatos que foi campeã essa ex-atleta exibe com orgulho fotografias e outros materiais que até hoje guarda com muito carinho pois fazem parte de suas memórias. As lembranças de suas histórias no futebol fizeram com que Neuma se emocionasse bastante durante toda a entrevista, que em certos momentos tive que interromper por seu silêncio vendo algumas fotos.

procuravam colaborar com a compra de ingressos, que eram vendidos pelas atletas para assistir aos jogos realizados em Feira de Santana, em Salvador ou em outras cidades do interior do estado.

Com todo esse trabalho e dedicação, as atletas foram alimentando o sonho de fazerem o que mais gostavam – jogar futebol – e construindo a expectativa de viverem do esporte. Para participar dos treinos, Neuma lembra que muitas vezes se deslocava de bicicleta, ou de ônibus, usando para isso o dinheiro para o transporte de ida e de volta, fornecido pelo senhor Michelinho. Da época, lembra-se ainda que as garotas não tinham vícios de quaisquer natureza e mantinham uma rotina adequada à prática esportiva. Inclusive, na casa alugada para as atletas, seguia-se uma rotina severa com horário para as visitas, cumprido até mesmo pelas atletas feirenses; horário para dormir e levantar, e treinos periódicos determinados durante alguns dias da semana, incluindo o treinamento para aprimoramento do aspecto físico das atletas, o que incluía corridas do grupo pelas ruas da cidade.

Essa ex-atleta lembra-se, ainda, que naquele período, um dos prefeitos de Feira, o senhor José Falcão foi um dos feirenses que, entusiasmado com o sucesso do time e com a obstinação das atletas, em muito colaborou com o Flamengo, inicialmente liberando o campo de futebol do Estádio Jóia da Princesa¹²⁴ para os treinos. Reflexo do reconhecimento do trabalho de Michelinho e das atletas, até mesmo passagens foram fornecidas pela Prefeitura da cidade para que o time pudesse se deslocar para torneios mais distantes, como relembra Neuma: Essa (passagem) aqui, que até faz vergonha, mas é da minha época – essa aqui – foi José Falcão que deu pra a gente! **Pra disputar – o primeiro campeonato brasileiro de futebol de campo!**¹²⁵

Essa jogadora se recorda que estava dormindo quando ouviu a voz do senhor Michelinho em sua casa. Essa visita se dava em função da solicitando desse senhor a seus pais para autorizarem a participação de Neuma nesse campeonato brasileiro, que para tanto ela deveria realizar a viagem a São Paulo. Com o consentimento dos pais, principalmente após os apelos de Neuma, ela e as outras atletas embarcaram para aquilo que deveria ser uma

¹²⁴ O Jóia, como é comumente chamado, é o maior e mais tradicional Estádio de Futebol de Feira de Santana, possuindo uma ótima estrutura e é motivo de orgulho da população local. Idem entrevista concedida por Neuma, realizada em Feira de Santana em 28 de outubro de 2009.

¹²⁵ Neuma se refere, acanhada, a uma velha passagem de papel guardada em seu acervo pessoal, que ela, juntamente com as demais companheiras receberam do prefeito, na época, José Falcão para disputarem, de acordo com suas informações, do primeiro campeonato brasileiro de futebol feminino no Brasil, realizado em São Paulo. Além dessa passagem essa ex-atleta mostra um vasto acervo que é guardado por ela com muito carinho e muito cuidado, pois revela e reflete anos da história de sua vida e conta um pouco da história do próprio futebol feminino brasileiro. Idem entrevista concedida por Neuma, realizada em Feira de Santana em 28 de outubro de 2009.

verdadeira aventura para aquelas meninas simples do interior do nordeste, o que contribuía para alimentar, cada vez mais no íntimo de cada uma delas, o sonho de viver jogando bola. Já para a família e para os pais de Neuma que levavam uma vida simples e interiorana, uma viagem de avião naquele período seria um feito fantástico a ser realizado por sua filha, principalmente porque ela iria participar de uma disputa nacional, defendendo as cores do time do seu estado.

Como noticiavam jornais estaduais da época em seus cadernos de esportes, como o Jornal Feira Hoje do ano de 1986, o time feirense se destacava nos disputadíssimos campeonatos estaduais daquele período. Nesse ano o Flamengo, após vencer o time do Catuense em Salvador com um placar de 2 X 0, conseguiu se classificar para a final do Campeonato Baiano de Futebol Feminino. Para garantir a vitória seria necessário que o time do senhor Michelinho vencesse ainda uma semifinal contra o time do Ipiranga que ocorreu no Estádio Jóia da Princesa em Faria de Santana, posteriormente, seguiram para a decisão contra o Baiano de Tênis, esse último, outro time consagrado por suas atletas naquele período. Esse último jogo foi realizado no Estádio da Fonte Nova em Salvador e, de acordo com o jornal: “... espera-se um grande público que tem sido uma constante nos jogos do Flamengo em Salvador, pela repercussão do terceiro lugar obtido pela equipe feirense no (campeonato) brasileiro, disputado em São Paulo”¹²⁶.

Além de aumentar sua popularidade, o interesse da população pelo futebol das garotas também parecia crescer. E ainda no ano de 86, em função dos resultados de público do Campeonato Estadual de Futebol Feminino, algumas informações serviram como base de dados para que a Prefeitura de Salvador através do Departamento de Esporte e Animação Urbana, juntamente com Federação Baiana de Futebol, realizassem o ranking baiano da modalidade. A reunião desses dados sobre o futebol feminino de campo no estado serviu como instrumentos que possibilitou aquela Prefeitura a se preparar para a elaboração do primeiro campeonato estadual. Sobre esses dados obtidos, registravam os jornais que, naquele período - o estado baiano contava com mais de 100 equipes de futebol feminino e, do campeonato em 1986 participaram 30 equipes, sendo 9 times do interior e 21 da capital¹²⁷.

A participação do público, não apenas para o Flamengo de Feira, como para os outros times femininos de futebol parecia não ser problema, pois num dos jogos realizados entre o Flamengo e o Ipiranga na semifinal daquele campeonato baiano houve uma renda de Cr\$

¹²⁶ Matéria retirada do Jornal Feira Hoje de cinco de fevereiro de 1986, gentilmente cedido por Neuma durante a entrevista realizada em sua casa em Faria de Santana em outubro de 2009.

¹²⁷ Ibid.

2.585.000,00. Nessa partida o Flamengo venceu o Ipiranga com um placar de 4 x 2 no jogo realizado no Jóia da Princesa. Esse placar levou o time a disputar a final na Vila Canária em Salvador, partida que foi transmitida pela TV Itapoã.

Numa outra oportunidade o Flamengo havia vencido o time das Panteras da cidade interiorana de Ipiaú, do qual Suely, outra entrevistada nesse estudo era integrante. Com uma vitória por 3 X 0 o time feirense não desanimou seu público que engrossou as fileiras nas arquibancadas gerando uma renda de Cr\$ 404.000,00, para um total de 2.034 pessoas assistindo o futebol da meninas. Nesse jogo em que o Flamengo venceu com gols de Wilma, Dalvinha e Neuma o destaque foi para a sua fiel torcida que animada com a atuação do time, não perdia as partidas disputadas com afincos pelo time feirense. O próximo desafio do Flamengo foi contra o Baiano de Tênis, time que contava, naquela ocasião, com nomes como Helena nova e Tânia Meireles, atletas que também se consagraram e foram destaques do futebol baiano, de acordo com os depoimentos colhidos durante esse trabalho.

Naquela época participavam das disputas outros times como: Tejan, Ypiranga, Agroveco, Guadalupe, Yuratin, Catuense, Brasília, 8 de Agosto, entre outros já citados. Só no estado baiano havia mais de 100 times registrados pela Confederação e a participação do público, revertida em renda nos jogos não era um aspecto a ser desconsiderado pelos organizadores do evento. Havia o que também foi observado nos depoimentos dessas ex-atletas, uma interação e participação empolgada das torcidas. Com espectadores, renda e talentos à disposição, além da vontade de jogar das meninas, o que justifica a esfriada desse processo que ocorreu no futebol feminino baiano alguns anos depois, como a entrevistada Solange afirmará mais adiante? Se havia desinteresse por parte dos organizadores, esse, muito provavelmente, não era o sentimento do público que gerava renda ao participar daquelas inusitadas competições, inclusive se deslocando entre as cidades do interior ou mesmo se dirigindo à capital baiana para prestigiar seus times.

No entanto, a vida dessas garotas do futebol não foi só de glórias e o preconceito foi um aspecto marcante nessa trajetória. Neuma se recorda que nas idas e vindas nos ônibus em direção aos treinos, percurso no qual as atletas iam se encontrando até chegarem ao Estádio Jóia da Princesa, os insultos proferidos por passageiros, principalmente homens, chegavam realmente a incomodá-las. Como o passar do tempo, as garotas foram deixando de se importar com as ofensas que geravam muitos bate-bocas, pois as respostas elas passaram a dar no campo. Esse tipo de preconceito Neuma vivenciou fora de casa, pois, segundo ela, sua família sempre a apoiou:

A minha (família) não (tinha preconceito), a dos outros sim. A gente passava na rua e eles falavam absurdos! Falavam coisa a gente chegava também não gostar! Mas tinha também o ditado: a melhor resposta é não se dar. (...) Hoje já tem mais gente admirando (o futebol feminino), mas **antes a gente comia o pão que o Diabo amassou!**

Hoje essa ex-atleta acredita que o preconceito que sofreu, como os xingamentos nas ruas, já é um tipo de situação superada e que as pessoas hoje se constroem mais em ter esse tipo de atitude. Essa mudança de comportamento ela reconhece que se deve a atletas que participaram de sua geração, mas também agradece a talentos da atualidade, principalmente na figura da jogadora Marta Vieira, também citada anteriormente, que por sua brilhante atuação no futebol passou a ser valorizada socialmente. Esse reconhecimento, de acordo com Neuma, se expande às jogadoras de futebol da atualidade que passaram a ser mais valorizadas pela população. Ela reconhece e aplaude o empenho de Marta em defender o futebol feminino através de sua história e dedicação a esse esporte, como ela mesma afirma:

A Marta aí no auge, né? A melhor do mundo! Aí ela também pedindo, que é o que ela mais pede é que o futebol feminino venha a estourar! É uma pessoa muito humilde, não conheço a Marta, conheço por foto, por televisão, pessoalmente eu não conheço! Se fosse a segunda melhor do mundo, aí eu tenho a história (ri alegremente), que é a Sissi (...)! E a Marta pede, pede muito, mito, muito! E eu, eu, exclusivamente eu, até agradeço inclusive, porque era o que a gente vinha lutando pra poder fazer!¹²⁸

Através de suas palavras, é possível identificar que, apesar do esforço e da dedicação de atletas como ela e as companheiras de sua geração, elas não conseguiram promover o reconhecimento social que o futebol passou a ter atualmente. Na realidade, as meninas do futebol de décadas como 80 e 90 no Brasil, embora tenham tido muito empenho para construir suas carreiras, simplesmente passaram pela história oficial sem algum tipo de notoriedade. Reflexo desse processo é a quase total ausência de registro sobre suas vidas, suas conquistas.

Mas o importante da luta dessas mulheres é que elas começaram uma história que, hoje, parece sugerir outros contornos, traduzida por um processo em que o arrefecimento da discriminação a esses corpos femininos passou a ser suavizado. Parece haver hoje em dia uma

¹²⁸ Entrevista concedida por Neuma, realizada em Faria de Santana em outubro de 2009.

maior tolerância em relação a essas mulheres diferentes, principalmente a partir do momento em que a jogadora Marta Vieira, citada por Neuma, passou a ser extremamente valorizada pela imprensa internacional, o que ocorre somente na primeira década do século XXI.

Na esteira de suas lembranças, Neuma também cita com muito carinho Sissi, atleta que conheceu e foi sua companheira defendendo o time do Flamengo de Feira e posteriormente o Bordon em São Paulo, em cujas quadras atuaram no futebol feminino. A recordação sobre essa atleta é natural, pois ela representou para sua geração aquilo que a jogadora Marta atualmente significa em relação à qualidade do seu futebol. Entretanto, a imprensa não faz essa alusão, ao contrário, Sissi hoje foi praticamente esquecida pela imprensa brasileira que se refere a Marta comparando-a a Pelé, como se na história do futebol feminino nacional nunca houvesse existido outros talentos, outras referências femininas, outras histórias que não se resumisse apenas aos talentos masculinos.

A partir das memórias e do depoimento de Neuma, passo a compreender que Sissi quase não teve a oportunidade de desenvolver a linda carreira que construiu no futebol feminino em função do impedimento imposto por seu pai, homem do interior baiano de formação bastante rígida, que procurou transmitir seus valores a seus/as filhos/as.

De acordo com seu depoimento e, como já visto, foi esse tipo de educação rígida, comum nesse período, que demandou e exigiu muitos esforços e argumentos para que o senhor Michelinho convencesse os pais de suas atletas a participarem do seu time. E foi desse modo que ele também obteve a permissão do pai da atacante Sissi para que ela, antes de seguir sua carreira nesse esporte, atuasse no Flamengo de Feira. Oriunda de um interior próximo a Feira, como Neuma, essa atleta¹²⁹ pôde posteriormente se consagrar como um dos maiores talentos da história do futebol feminino de sua época, uma história quase interrompida por conta das normas rígidas de seu pai:

Mas o pai da Sissi sempre foi carrasco. Pra Sissi atingir o que tem hoje, foi com muita raça, gente! Foi com muita briga, foi com muita luta, foi com muito suor! Sissi descobriu que a gente existia aqui em Feira de Santana através da rádio, rádio Sociedade, foi que ela e o pai ouviu o jogo feminino que na época radiava (transmitia)!

¹²⁹ Sissi foi uma das maiores jogadoras do Brasil e atuou na Seleção Brasileira durante a década de 90. Antes disso atuou no Flamengo de Feira e no Bordon em São Paulo. Após sua permanência na Seleção Brasileira de Futebol Feminino se mudou para os Estados Unidos onde atua até hoje no meio futebolístico, inclusive como atleta.

Contrariamente ao depoimento de Neuma, em entrevista ao Jornal Hoje de 1984, que em seu título já destacava “Sissi a grande goleadora”, essa última atleta afirmou que só conseguiu jogar futebol por conta do apoio do pai, que se contrapunha a rejeição de sua mãe. Compreendendo que essa rejeição ao futebol é decorrente do forte preconceito, Sissi ainda afirmou na matéria que teve que se afastar de amigas por conta do esporte, pois sempre lhe diziam que futebol “é coisa pra macho.” Na época a atleta que atuava no futebol feirense e despontava entre as companheiras e fazia previsões apostando no avanço do futebol feminino no país, como registrou a matéria:

Ela nega que esteja se tornando em um ídolo. Mas a verdade é que Cici se constituiu numa das principais jogadoras do Flamengo (de Feira) e numa das maiores artilheiras do futebol feminino (...). com seu futebol simples, mas empolgante, Cici conseguiu fazer com que os torcedores rubro-negros esquecessem totalmente a ponta-esquerda Dalvinha, até então, a deusa naquela posição. Com relação ao preconceito surgido de que o futebol é coisa pra homens, a ponta-esquerda, de 20 anos de idade, diz que, apesar de tudo as mulheres irão em frente.¹³⁰

Através da Rádio Sociedade e da TV Itapoã¹³¹, as garotas foram ficando famosas com seu futebol, principalmente com os depoimentos delas que passaram a ser transmitidos e com a valorização e reconhecimento da população local que, pouco a pouco, passou a reconhecer seus talentos. Isso levou Neuma e outras meninas passaram a desejar algo maior, e alçarem outros vãos e almejando para si um futuro diferente, recriando seu cotidiano e redimensionando suas próprias vidas.

Diante desse desejo e dessa expectativa, conseguiram, através de outra jogadora, Marília (uma das companheiras do Flamengo, mas que residia em Salvador), um convite para atuarem na capital, deixando para trás o senhor Michelino e as demais jogadoras do Flamengo, passando a atuar no time do Bahia. Mas o reconhecimento a esse senhor não foi esquecido, pois foi com ele que elas descobriram o caminho para se tornarem as jogadoras que foram com a dedicação e seriedade necessárias a qualquer atleta. Foi através dos

¹³⁰ Caderno de Esportes do Jornal Feira Hoje de 1984.

¹³¹ Procurei a TV Itapoã em abril de 2010 buscando as reportagens dos jogos e campeonatos de futebol feminino transmitidos por essa emissora nos anos 80. Através de sua Acessoria de Comunicação, na figura de Jeniffer Homann, então Relações Públicas, tive a infeliz notícia de que todo o material das transmissões se perdeu, pois sem o equipamento adequado não conseguiram digitalizar as imagens e que, sem conservação adequada, todo acervo havia sido danificado sem recuperação.

treinamentos com Michelinho, da preparação física, a qual Neuma chama de educação física, dos treinos individuais e coletivos que essas meninas foram aprimorando suas características individuais e suas atuações em campo, até se transformarem, coletivamente, numa das maiores equipes de futebol feminino que a Bahia conheceu.

O depoimento da ex-atleta, portanto, sugere um interessante e dedicado trabalho que Michelino desenvolveu no futebol feminino na cidade, instruindo as garotas a se impor socialmente, inclusive no que diz respeito à resistência e superação às várias formas de preconceito social impostas às jogadoras. Esse trabalho que se traduzia também fora dos gramados começava com uma rígida disciplina nos treinamentos, diante da preparação nos aspectos técnicos e táticos do jogo, de modo a deixar as meninas preparadas para enfrentar situações em campo, dando liberdade para cada jogadora atuar, de acordo com os talentos individuais que possuíam.

Com essa segurança em campo e com o apoio financeiro de Marília, que disponibilizou seu apartamento em Salvador para elas inicialmente residirem, as ex-jogadoras do Flamengo resolveram partir. Na época, Neuma estava entre seus vinte e três e vinte quatro anos e, mesmo deixando o senhor Michelinho e as demais companheiras de Feira de Santana chateados, ela, Sissi e outra companheira do Flamengo resolveram partir e aceitar o convite de Faustino¹³² para defender o time do Bahia, como ela afirmou em suas palavras: “Foi assim: a gente aqui do Flamengo, o pessoal lá achava, sabe, um espetáculo a gente jogando bola, sabe, **cada uma jogava da sua maneira, jogava do seu jeito, do seu íntimo, sabe? E aí a gente foi convidada e aí pá – embarcou...**”¹³³.

A proximidade e o entrosamento entre as jogadoras, dentro e fora do campo, já havia se tornado natural. Foi então, com seus talentos individuais em destaque, com a juventude e a vitalidade que possuíam e com a vontade de descobrir e viver novas experiências que, logo após a vivência no Bahia, as meninas decidiram ir além. Partiram dessa vez para um destino um pouco mais distante de suas origens e foram atuar no futebol paulista. Nessa capital, totalmente diferente do interior nordestino onde nasceu, Neuma permaneceu por volta de três anos jogando futebol de salão no Bordon, onde conquistou, juntamente com Sissi e outras companheiras, alguns dos principais títulos nos campeonatos paulistas de futebol de salão.

¹³² O senhor Faustino seria o dono do time do Bahia, como considerado na época. Esse senhor cedeu sua residência e de sua família para as meninas do Bahia morarem. Foi nesse espaço que Suely Ribeiro Morbeck, uma das entrevistadas que atuou no futebol na cidade de Jequié, teve a oportunidade de conhecer e atuar com a atacante Sissi, durante o período em que também atuou nesse time da Capital baiana.

¹³³ Entrevista concedida por Neuma, realizada em Faria de Santana em outubro de 2009.

Já na transição entre as décadas de 80 e 90, Neuma e Sissi se associaram ao talento das atletas do Bordon, time que conquistou, naquele período, inúmeras vitórias no futebol de salão feminino. Com as incertezas do futebol de campo na Bahia e com a confiança adquirida a partir de seus próprios esforços e também de seus talentos, as meninas decidiram enfrentar outros desafios no mundo futebolístico, mas agora fora dos gramados e sim nas quadras.

De acordo com a Revista Placar, em 1990, Neuma e Sissi já estavam no Bordon, e essa última atleta já se destacava no grupo que, juntamente com Érica, Lucileide e Marcinha, compunha a equipe base do time que se consagrava naquele ano como Campeão Paulista. Convites para participar de outros times, inclusive times de outros países já aconteciam e a atleta Marcinha afirmava já ter inclusive recebido convite de um time de Roma para atuar. Na época o treinador Geraldo da Costa que trabalhava à frente do Bordon desde 1987 já afirmava que as meninas “... assimilam o jogo com maior facilidade que os homens.”¹³⁴.

No mesmo ano o Jornal Bola Pesada também parabenizava a vitória do torneio Metropolitano Paulista pelo time de Neuma, destacando como artilheiras as seguintes atletas: Roseli com 25 gols no campeonato, Sissi com 19 e Marcinha com 18 gols.



Figura 5 – Time de Futebol de Salão do Bordon SP / Década de 90

¹³⁴ Matéria retirada da Revista Placar de dez de agosto de 1990, material gentilmente cedido por Neuma durante a entrevista realizada em sua casa em Feira de Santana em outubro de 2009.

Ainda no mesmo ano o Jornal do Futsal de São Paulo publicava matéria do jornalista José Luiz Munuera Reys em que destacava a vitória do Bordon¹³⁵ no Campeonato Estadual Paulista de 1990, pela primeira divisão. Na mesma matéria parabenizava a competência do time que só havia sofrido um empate em todo o campeonato.

Esse ano foi de várias conquistas para o time da capital paulista que ainda no início de 1990 já havia conseguido conquistar também o Segundo Troféu Brasil de Futsal Feminino ocorrido na cidade de Mairinque, já que sua primeira edição havia sido realizada em Brasília. Em algumas matérias os jornais apontavam o descaso e a indiferença da CBF em relação às competições de futsal feminino, pois essa Confederação insistia em não oficializar tais torneios que continuavam ocorrendo com altos índices de público e grandes performances técnicas e táticas das atletas.

No torneio em Mairinque um grande público acompanhou todas as rodadas do campeonato que foi disputado entre 12 equipes femininas, o que registrava o crescimento da modalidade no Brasil. Essa competição foi transmitida pela Rádio Universal de São Roque, o que gerou, por parte da torcida grande expectativa, principalmente para ver a exibição do Bordon (SP) e o Vasco (RJ), os times favoritos na conquista de mais esse título. Na partida final do torneio entre esses dois times o ginásio Municipal de Mairinque ficou lotado com um público de mais de 4 mil pessoas acompanhando e torcendo animadamente a empolgante disputa.

O Bordon que havia conquistado o público pela atuação de suas atletas entrou no ginásio com a bandeira da cidade anfitriã e uma faixa buscando retribuir o carinho da torcida que aplaudiu o time. Daí por diante o jogo se desenvolveu com grandes lances traduzidos pela habilidade das atletas em jogadas que justificaram o espetáculo futebolístico assistido pela entusiasmada platéia que viu mais uma vitória do time paulista por 5 X 3 contra o Vasco. Para o técnico Aberi que ficou entusiasmando com tanto carinho da torcida por seu time concluiu: “O importante é que o futebol arte venceu”.¹³⁶

O jogo final foi contra o time do Vasco da Gama do Rio de Janeiro e a decisão teve recorde de público, movimentação impulsionada pelo talento das atletas como pode ser

¹³⁵Matéria retirada do Jornal Bola Pesada de 1990, material gentilmente cedido por Neuma durante a entrevista realizada em sua casa em Feira de Santana em outubro de 2009. Na foto exibida nesse jornal, na fileira abaixo, da direita para a esquerda, Sissi é a primeira atleta seguida por Neuma; no mesmo sentido e na mesma direção Roseli uma as artilheiras do Bordon e que também atuará na Seleção Brasileira ocupa a quarta posição.

¹³⁶Essa matéria da qual pude retirar a foto acima não tem registro da fonte que a produziu, mas foi mais um dos materiais que tive acesso através do acervo de Neuma, quando da entrevista realizada em Feira de Santana em outubro de 2009. Neuma nessa foto está localizada na fileira em pé, e é a quarta pessoa da esquerda para a direita, com uma rosa na mão. Sissi é a primeira pessoa na fileira de cócoras da direita para a esquerda, apoiando-se no troféu conquistado nessa importante competição para o time do Bordon.

observado na matéria: “O clube paulista, além de ser campeão do torneio, teve a artilheira da competição Sisleide (Sissi), com 22 gols, e a goleira menos vazada, Didi, que sofreu nove tentos. Nos sete jogos que realizou no Troféu Brasil, o time campeão marcou 61 gols e sofreu apenas nove”¹³⁷.



Figura 6 – Time do Bordon

Os jornais continuavam publicando as conquistas do Bordon e destacando o sucesso de atletas como Sissi e Roseli que, naquele mesmo período já atuavam também na Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Outra conquista dessas jogadoras foi a I Taça São Paulo de Futebol de Salão Feminino, evento organizado pela Prefeitura Municipal, através da Diretoria de Esportes da cidade de São Paulo. O torneio foi composto pelas seguintes equipes: Bordon (SP), Aruc (DF), Frigo Arnaldo (MG) e Vasco da Gama (RJ).

Com o excelente trabalho e tantos talentos em quadra o Jornal de Esportes de São Paulo¹³⁸, no ano de 1991, destacava o favoritismo do Bordon no II Troféu Brasil de Futsal Feminino, que teve seu início em janeiro daquele ano, embora seu favoritismo nos campeonatos que já disputava viesse desde 1988. O objetivo do torneio seria o aprimoramento

¹³⁷ Matéria retirada do Jornal Bola Pesada de janeiro de 1990, material gentilmente cedido por Neuma durante a entrevista realizada em sua casa em Feira de Santana em outubro de 2009.

¹³⁸ Ibid.

do nível técnico, tático e disciplinar das equipes, além do aumento no número de público durante o evento. Os destaques do Bordon continuavam a ser Roseli que atuava como ala, a armadora Sissi que desempenhava a função de pivô e havia se consagrado junto essa companheira como artilheiras do time campeão. Desse campeonato 12 times participaram: Aruc (DF), Artrok (MS), A.D.C Frigo Arnaldo (MG), Goiânia E. C. (GO), G. R. Transvira (SP), C. R. Vasco da Gama (RJ), Bordon Poli Esporte (SP), Canto do Rio F. C. (RJ), Center Clube (PR), Flávio Automóveis (CE), Independente A. C. (PA) e Sul América (AM).

Na mesma matéria foi possível ainda verificar as conquistas do Bordon já naquele período, de acordo com seu assessor de imprensa, na época, o senhor Luiz Carlos Corrêa: Bicampeão Metropolitano entre os anos de 88 e 90, Campeão da I Copa Sudeste ocorrida no Rio de Janeiro em 1990, Campeão da I Taça Cidade de São Paulo também em 1990, além de Campeão Estadual no mesmo ano, entre outras conquistas.

Além de tais informações, na mesma reportagem ainda se verificava o destaque dado àquelas jogadoras que possuíam, de acordo com os autores, as seguintes características: as mais simpáticas, as melhores jogadoras e as mais bonitas. Importante observar que a imprensa sempre procurou destacar e valorizar aspectos como a beleza e a graciosidade dessa ou daquela atleta, mesmo em se tratando do seletor grupo que constituirá a Seleção Brasileira Feminina de Futebol, aspecto que poderá ser aprofundado mais adiante. Entretanto, o destaque a tais aspectos como a beleza ou a graciosidade de certas atletas se torna desnecessário se se considerasse que o talento, a agilidade e habilidade das meninas com a bola eram elementos de maior importância em campo ou em quadra, como é o caso.

No mesmo Jornal Bola Pesada, de maio de 1991, registrava-se a segunda edição da Taça Brasil de Futsal Feminino, ocorrida em Contagem. Tratava-se de uma competição interestadual, como havia acontecido alguns anos antes nas cidades de Brasília e Mairinque. Nessa matéria que informava o quantitativo de pagantes durante a partida final do torneio, também se podia observar a seguinte informação:

Alheio a indiferença da Confederação Brasileira, o futebol de salão feminino continua dando mostras de que está em franco desenvolvimento.

Os dois primeiros colocados decidiram no domingo pela manhã, dia 5 de maio, o título da competição. Com mais de 4 mil pessoas lotando o ginásio poli Esportivo Riacho, o time da casa recebeu todo o apoio. Mas como se jogassem com o orgulho ferido as meninas do Bordon não brincaram em

serviço. Viraram o primeiro tempo na frente, vencendo por 2 a 1, com gols de Sissi e Andréa, enquanto Cacá descontou para o Frigor Arnaldo [...]”¹³⁹.

Naquele período a matéria já destacava o descaso da CBF em relação às competições interestaduais e nacionais de Futsal Feminino que, pelo que os jornais da época apontavam, já ocorriam desde a década de 80 e em 90 estavam em “franco desenvolvimento”. O que estaria por trás de tal desinteresse por parte daqueles que organizavam, controlavam e promoviam o futebol nacional? Quais motivos faziam com que o principal órgão que gestava esse esporte em todo o país não desse a devida atenção a essa modalidade quando praticada por mulheres? O fato é que, nesse mesmo evento o Bordon também se sagrou campeão e como se observa no título da reportagem no citado Jornal: “Bordon continua sendo o melhor time do Brasil”.¹⁴⁰

Dessa competição participaram os times do Aruc (DF), Frigor Arnaldo (MG), além dos times paulistas Saad e Bordon. Sissi continuava se destacando como artilheira da competição e o time do Bordon contava ainda com as atletas: Silvana, Andréa, Zeti, Jacozinha, Magali, Neuma, Didi, Márcia, Renatinha, Valéria e Amendoim.

Após essa trajetória no sudeste brasileiro, essa Neuma retorna a Feira de Santana e voltou a atuar no futebol de sua cidade, mas já não conseguiu destaque como em épocas anteriores. Retorna também a residir com os irmãos/as na antiga casa dos pais, atualmente totalmente modificada para abrigar a ela e alguns dos irmãos/as e suas respectivas famílias.

De toda sua trajetória, Neuma guarda com saudades e carinho as lembranças do tempo em que atuou no futebol, das amizades que fez e se orgulha daquilo que esse esporte trouxe para sua vida. Se por um lado, no que diz respeito ao aspecto financeiro não houve ganhos, por outro, no que se refere ao crescimento pessoal, o futebol parece ter contribuído em muito para sua vida, como afirma essa ex-jogadora, perdida em suas lembranças e claramente emocionada:

Eu, eu, eu ganhei muita coisa com o futebol: eu ganhei experiência na minha vida, eu ganhei amigos, eu aprendi...a viver, sabe?

Hoje eu sou uma outra mulher porque, sei lá! Os pais não deixava a gente sair de dentro (de casa); ... Tudo o que eu aprendi hoje, foi o esporte que me ensinou; tudo o que eu tenho hoje foi porque fui pra fora! Aprendi a viver,

¹³⁹ Matéria retirada do Jornal Bola Pesada de maio de 1991, material gentilmente cedido por Neuma durante a entrevista realizada em sua casa em Feira de Santana em outubro de 2009.

¹⁴⁰ Ibid.

aprendi a dar valor nas coisas, como falei a você: aprendi ser humilde, aprendi a ouvir o próximo, aprendi a ajudar o próximo...¹⁴¹

E continua: **“Tenho minhas lembranças, vou continuar com minhas lembranças...”**¹⁴²

Viver de lembranças dos tempos do futebol parece ser uma constante para as atletas do futebol feminino das gerações anteriores ao início desse século, como é o caso da maioria das ex-jogadoras que tive a oportunidade de conhecer para a realização desse trabalho.

Essa também é a situação vivida hoje por Ivonete que passo a contar...

Em 1962, em Salvador, nasceu Ivonete Ferreira de Oliveira¹⁴³, que logo cedo ganhou o apelido de Birrita, como ainda hoje é chamada e conhecida em Feira de Santana, local para onde toda a família se mudou quando Birrita ainda tinha seis anos de idade. Nascida numa família de nove irmãos/as, ela lembra ter tido uma infância muito sofrida na Liberdade, um dos bairros negros mais tradicionais de Salvador. Por ter um temperamento agressivo, passava a maior parte do tempo trancada em casa, sem sair, como ela mesma lembra:

Eu lembro, tem uma irmã que me fala que eu só andava presa, porque eu batia, eu saía e aprontava até umas horas. Não podia ver ninguém que batia, e as mães (das outras crianças) não podiam me ver: me xingavam porque eu era muito danada. (...)

Diz que uma vez eu peguei uma criança que tava deitada lá na cama, saí puxando pelos pés de cima da cama... (risos), minha irmã me contando, eu dou risada disso...¹⁴⁴

Ao contar esse episódio sobre sua vida, parece que Birrita está falando de outro alguém, pois mostra hoje ser uma pessoa bastante tranquila e calma. Como ela mesma afirmou, hoje mudou muito em relação ao que era e o temperamento agressivo se devia ao fato da família sempre a manter trancada em casa. Quando solta, queria fazer arruaça, bater

¹⁴¹ Entrevista concedida por Neuma, realizada em Feira de Santana em outubro de 2009.

¹⁴² Neuma parece novamente se perder em suas lembranças, olhando os diplomas e medalhas na parede do seu quarto que gentilmente havia me convidado a conhecer. Nesse momento encerro a entrevista, pois Neuma volta a se emocionar com seu passado, suas histórias, histórias de uma mulher que, junto com suas companheiras, construiu uma parte da nossa história do futebol feminino, mas que boa parte desse país ainda insiste em desprezar. Idem entrevista concedida por Neuma, realizada em Feira de Santana em outubro de 2009.

¹⁴³ Segundo Ivonete Ferreira de Oliveira, seu apelido Birrita, ou Birtão, é como todos/as a conhecem e por esse motivo preferi utilizá-lo para me referir a ela e poder contar um pouco sobre a história dessa mulher, repleta de amores e de batalhas para a superação de inúmeros obstáculos da vida. A entrevista com Birrita foi realizada na cidade de Feira de Santana, no ponto comercial do senhor Michelinho, em outubro de 2009.

¹⁴⁴ Depoimento de Birrita em entrevista realizada em Feira de Santana em outubro de 2009.

nas pessoas, especialmente nas crianças, como uma forma de se vingar, mas hoje tem o “rabo preso”¹⁴⁵.

Com uma infância conturbada, essa ex-atleta enfrentou, quando tinha por volta dos onze anos o falecimento de sua mãe. Nesse período, já morava em Feira de Santana com seu pai que, logo após o falecimento da primeira esposa, casou novamente e constituiu uma nova família. Em decorrência dos desentendimentos de seu pai com a segunda esposa, Birrita saiu da casa paterna e foi morar com uma irmã em Salvador.

Esse foi um momento conflituoso e bastante difícil de sua vida e da vida de sua família, pois os irmãos se separaram. Sem a união e o apoio da família, essa ex-jogadora logo começou a beber muito e fazer algazarra pelas ruas de Salvador. Mesmo assim, conseguiu um trabalho num armazinho e voltou a estudar. Mas as idas e vindas entre as cidades de Salvador e Feira de Santana eram permanentes, e Birrita começa a fazer esse percurso diariamente: passava o dia em Salvador e à noite vinha para Feira. Foi assim que voltou a morar definitivamente em Feira de Santana onde, inicialmente, morou com os irmãos e finalmente conheceu o time do Flamengo de Feira.

Embora presa dentro de casa ainda menina, quando tinha a oportunidade de sair ou, fugir, Birrita sempre procurava um cantinho para jogar com os meninos na rua. Como era pequena, pedia para participar dos jogos atuando no gol, pedido que era consentido pelos garotos. Foi quando, alguns anos depois, participando dos babas nos campinhos improvisados nas ruas, que um rapaz que passava e que trabalhava nos Correios, de acordo com suas lembranças, assistiu Birrita batendo uma bola com os garotos e a informou da existência de um time feminino de futebol que ele lhe aconselhou a procurar. E foi assim, já por volta dos seus dezesseis anos que ela se apresentou ao senhor Michelinho, dono do famoso Flamengo de Feira e pediu para fazer um teste no time que passou a integrar:

É, perto da minha casa, aí passou um rapaz (...) que me viu jogando bola e ficou esperando ali naquela expectativa pra... Aí: ô Birrita, tu não quer jogar no time feminino, não?

Oxi (diz Birrita), onde é que tem esse time feminino?

¹⁴⁵ A expressão ‘rabo preso’ é utilizada ao se referir a alguém que possui dívidas com outras pessoas, por isso, deve andar de forma correta, temendo a alguma punição. Essa expressão Birrita utilizou em relação a si mesma, como uma forma de dizer que deve satisfações a alguém que lhe cuida e olha por ela, o que também tem haver com uma pessoa que sempre foi alvo de críticas. Idem entrevista com Birrita em Feira de Santana em outubro de 2009.

Ele disse: aqui em Feira! Aí ele me deu o endereço e disse: vai lá que o Michelinho vai te aceitar. Aí eu fui, vim pra o Michelinho (...). Aí eu: me falaram que o senhor tem um time aí e eu vim aqui pra fazer um teste. Aí ele: vem tal dia pra fazer o teste. Aí eu fui pra o treino, fiz o teste, gostei e fiquei. Fiquei uns cinco anos com o Michelinho jogando bola.¹⁴⁶

Sua inserção no Flamengo ocorreu no início dos anos 80 e esse time do coração de Birrita foi o único no qual ela atuou como atleta. Nesse período, vestindo a camisa desse time do coração, essa jogadora participou do Campeonato Brasileiro, também citado anteriormente por Neuma. Birrita lembra com tristeza o fato de terem ficado no quarto lugar, mas guarda a medalha desse campeonato até hoje com afabilidade e, inclusive, a levou para nossa entrevista. Ao falar da última partida, se lembrou que algumas jogadoras, além dela, estavam contundidas, e por causa desses desfalques justificou o fato do seu time não ter vencido o jogo. Emocionada, ela segura a medalha que exhibe orgulhosa, e a beija carinhosamente como que saudosa dos momentos que viveu no universo do futebol das garotas.

Lembra-se que o Flamengo era um time composto por meninas que moravam tanto em Feira quanto em Salvador e que essas últimas se deslocavam de lá para participarem dos treinos e dos jogos. De acordo com Birrita, o relacionamento era saudável entre elas e não havia conflitos. Na época, com um time jovem, com uma média de idade das atletas entre dezesseis e dezoito anos e com treinos que ocorriam umas quatro vezes por semana, o Flamengo se tornou praticamente imbatível e chegou a ter o apoio dos comerciantes de Feira que investiam financeiramente no time para que as meninas pudessem participar de campeonatos.

O apoio financeiro vinha também da venda de bilhetes que as próprias atletas saíam vendendo aos/as lojistas pelo comércio da cidade. Com esses bilhetes, as pessoas podiam assistir aos jogos e torcer pelo Flamengo que, segundo essa entrevistada, sempre teve uma torcida grande e fiel. Essa venda de bilhetes para os jogos também servia para que o senhor Michelinho repassasse algum dinheiro para as meninas, buscando ajudar principalmente aquelas que não trabalhavam, transferindo para elas um **cruzinho**¹⁴⁷.

Além disso, as garotas do time também contavam financeiramente com a ajuda de Michelinho para quaisquer eventualidades e, como Birrita mesma afirma: (...) até hoje ajuda,

¹⁴⁶ Depoimento de Birrita em entrevista realizada em Feira de Santana em outubro de 2009.

¹⁴⁷ Essa expressão é utilizada pelas garotas feirenses integrantes do mundo da bola e se refere a uma porcentagem em dinheiro, obtida, nesse caso, com os jogos dos quais participavam.

se precisar ele tá rente. A mim mesmo chego aqui e digo: ‘Michelinho to precisando de tal’. E ele ajuda até hoje¹⁴⁸.

Esse tipo de ajuda ainda é muito comum no universo do futebol feminino e se deve a precarização desse espaço, pois como é sabido, não há a regulamentação dessa profissão. Infelizmente como a maioria das garotas vem de uma classe social bastante desfavorecida, a ausência de uma remuneração regular e da falta de contratos para as jogadoras resulta na venda de sua força de trabalho a qualquer preço. Muitas delas, não tendo condições de trabalhar para poderem se dedicar aos jogos e treinamentos se tornam alvos fáceis para as abordagens de técnicos, treinadores ou dirigentes dos times de futebol feminino espalhados pelo país. Em alguns casos, como precisam ajudar a família, elas as vezes chegam a vender seu corpo para poderem continuar jogando, fato que não é tão incomum nesse universo¹⁴⁹.

Mesmo com esse aparato e integrando um time que ficou famoso, as garotas conheceram o preconceito pelo fato de jogarem bola e, de acordo com essa ex-atleta, havia o preconceito mesmo por parte de atletas de outros esportes que ela percebia na forma: “como elas olham pra a gente diferente! Elas olham pra a gente!”¹⁵⁰.

Meninas participando do futebol, nesse período, era uma atividade bastante criticada, como já pôde ser observado nos depoimentos anteriores. Além disso, essas garotas tinham em comum o amor pela bola e o desprezo por bonecas e outras brincadeiras que costumeiramente são associadas às meninas. Somando-se a esses aspectos, corporalmente as garotas do futebol se apresentavam de forma diferenciada, com comportamentos semelhantes àqueles apresentados pelos meninos. A associação desses elementos fazia com que, para ter as garotas, ou seja, os talentos que descobria participando do time, o senhor Michelinho, várias vezes, teve que ir à casa das meninas e pedir o consentimento dos pais para que integrassem o Flamengo, como já apontou Neuma e como Birrita comenta:

É, tinha preconceito, todo mundo falava mal: ‘isso aí vai dar pra o que não presta.’ Naquele tempo não tinha nem (a expressão) entendida, chamava sapatão! Era sapatona, isso aí vai ser sapatona! Ninguém (referindo-se aos pais das atletas) queria deixar as menina ir! Até pra a gente achar alguém pra

¹⁴⁸ Entrevista com Birrita em Feira de Santana em outubro de 2009.

¹⁴⁹ Tive acesso a essas informações a partir de conversas informais com atletas de Jequié, mais contemporâneas que afirmam que algumas garotas “namoram” com técnicos e dirigentes de times dos quais atuam por dinheiro, mesmo gostando de outras garotas. Deixo claro, entretanto que essa afirmativa não foi me concedida em nenhum dos depoimentos das atletas e jogadoras que entrevistei nesse estudo. Entretanto, cito essa questão que surge em forma de denúncia, pois compreendo que esse fato precisa ser investigado e aprofundado em estudos posteriores.

¹⁵⁰ Entrevista com Birrita em Feira de Santana em outubro de 2009.

jogar no Flamengo tinha preconceito. Michelinho tinha que ir na casa sabe, mostrar tudo e conversar em casa, conversar pra os pais deixar...¹⁵¹

Para a sorte de Michelinho, alguns pais permitiam que as filhas participassem do time e algumas famílias apoiavam suas filhas nas incursões nos times de futebol feminino na época. No caso de Birrita, os irmãos sempre a apoiaram e faziam questão que ela jogasse com eles nos campos de futebol improvisados próximos a sua casa.

No entanto, o apoio da família não foi suficiente para que Birrita permanecesse no mundo futebolístico por muito tempo. Em 1996, ela encerra sua carreira por conta de um relacionamento amoroso. De acordo com seu depoimento, muitas de suas companheiras do Flamengo a incentivaram a jogar fora de Feira de Santana, pois era uma atleta muito talentosa, atuando “na lateral direita”. Entretanto, ela sempre se recusou a sair de sua cidade, mesmo tendo recebido um convite para jogar no Bahia em Salvador e num ouro time de Curitiba. Esse último convite lhe foi feito quando foi participar do Campeonato Brasileiro, na cidade de São Paulo. Tal negativa se dava pelo fato de Birrita ser muito ligada aos irmãos e a cidade que escolheu para viver. Mas outro aspecto foi preponderante em sua decisão, tratava-se da opinião de sua companheira que não admitia que ela continuasse nos gramados, como ela mesma relata:

Quando eu saía com uma sacola, ela aí pegava a minha roupa do treino, sabe? Chuteira esse negócio, nesse tempo a gente trazia (para lavar em casa), aí ela escondia. Eu procurava pra poder ir e nada. Aí toda vida assim: quando eu ia sair pegava, quando eu vejo não tava mais no lugar. Aí eu comecei a falar pra o Michelinho o que tava acontecendo o porque não tava indo (para os treinos), aí fui saindo devagarzinho, foi... (faz um gesto com a mão sinalizando sua saída definitiva do futebol), até parar de vez.¹⁵²

A negativa de sua companheira se devia ao fato de saber que entre as meninas do futebol os romances e as paqueras eram uma constante, apesar de nem todas as meninas se assumirem publicamente, como afirma Birrita: “(...) algumas diziam que não, mas por detrás, sabe?”¹⁵³.

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Birrita se refere às garotas que publicamente não admitiam, mas no meio das outras garotas do futebol, em espaços como os vestiários, eram vistas namorando meninas. Algumas dessas chegavam a ter inclusive namorados e assim, conseguiam esconder, principalmente para os familiares, seus romances “secretos” com meninas. Idem entrevista com Birrita em Feira de Santana em outubro de 2009.

Tais relacionamentos muitas vezes se iniciavam a partir do primeiro olhar, num primeiro encontro que ocorria nos gramados, nas arquibancadas, nos vestiários ou fora desses espaços, como nos bares das cidades onde as jogadoras normalmente se encontravam. Tais encontros eram recheados de conversas que, em muitos casos se davam sobre as partidas, sobre seus lances espetaculares ou mesmo sobre a criação de jogadas, novos lances ou novas parcerias em campo.

Nesses ambientes, as jogadoras se sentiam à vontade e carícias entre as meninas eram naturais como o surgimento de novos namoros entre elas. Ciente desse fato e por ciúmes, Sigônia naquela época, companheira de Birrita, logo tratou de criar formas para impedir que ela continuasse freqüentando o meio do futebol das meninas, temendo o surgimento de seu interesse por uma ou outra jogadora que aparecesse nos ambientes freqüentados pelas atletas¹⁵⁴.

Mas o apoio dos irmãos nunca deixou de acontecer, mesmo quando Birrita abandonou o futebol por causa da relação com Sigônia. Com essa companheira, essa ex-atleta conviveu durante quatorze anos de sua vida e nesse período ajudou a criar seus sete filhos/as. Para isso, a ajuda dos irmãos era bem-vinda, pois com eles ela aprendeu a pintar e pintava suas casas. Também com eles, tornou-se pintora e pintava casas de fazendas e até carros para ajudar a manter a família em casa, já que o ex-marido de sua companheira não ajudava financeiramente a ex-mulher e os/as filhos/as. Mas, apesar de toda essa dedicação, o relacionamento chegou ao fim em função do envolvimento do filho mais velho de sua companheira com drogas, pois Birrita não concordava com o modo como Sigônia lidava com esse problema: sem querer encarar de frente.

Mesmo com o fim precoce de sua carreira, essa ex-atleta falou saudosa dos momentos que viveu na companhia do senhor Michelinho e de suas ex-companheiras do Flamengo de Feira. Ao questioná-la sobre o que foi mais significativo da relação que ela construiu com o futebol feminino em sua vida, ela afirma que foi no modo como as pessoas passaram a tratá-la, a partir do esporte. Refere-se então à forma como as pessoas na rua a reconheciam e passaram a valorizá-la a partir dos jogos que eram transmitidos pela TV e por uma das rádios

¹⁵⁴ Em outro depoimento Solange Bastos fala que nesses locais as garotas sempre se deparavam com situações de preconceito, exatamente pelas intimidades entre elas. Se no campo e nas ruas após os jogos essas garotas eram elogiadas, sem o uniforme dos times e em situações de intimidade como em lanchonetes, praças e bares locais, a reação do público já se modificava e se tornava repressiva, pois não se admitia que entre mulheres houvesse trocas de carinho tão explícitas, fato que ainda é muito corriqueiro atualmente. Depoimento de Solange S. Bastos em entrevista realizada em Feira de Santana em março de 2010.

loais¹⁵⁵. Birrita fala de como o olhar das pessoas em relação a ela se tornou diferente, passando a respeitá-la por seu desempenho nos gramados, ao invés da discriminação que sempre sofreu desde os dezesseis anos, quando se assumiu lésbica.

Birrita terminou a entrevista com o seguinte comentário: “Que todas as pessoas incentivem o futebol feminino botem lá no auge como o masculino, não tenham preconceito não, porque mulher joga bola! Só peço isso: que todo mundo pense nisso – preconceito nunca!”¹⁵⁶

2.2 - Feirense na Seleção Brasileira: Solange e suas aventuras com a bola nos pés.

Solange é uma mulher, até hoje, apaixonada pelo futebol e pela vida e, provavelmente por esse motivo, uma pessoa que tem muitas lembranças e muitas histórias para contar. Logo de início, essa mulher que, através de sua dedicação ao esporte, chegou a atuar na Seleção Brasileira de Futebol, surpreendeu-me por sua humildade e simplicidade, com as quais se disponibilizou a relatar suas lembranças. Através da Seleção, conheceu vários países, mas sua história não foi sempre tão cheia de glamour; e ela não fez questão de encobrir detalhes de sua infância pobre em Feira de Santana, cidade onde nasceu, e de onde partiu, alguns anos depois, tentando recriar seu próprio destino. Através desse esporte, conseguiu, inclusive, ajudar financeiramente a família, que nunca esqueceu, muito embora tenha sofrido bastante com o preconceito das irmãs, que não admitiam sua relação com o futebol, nem sua orientação sexual, pois viam, nesse último aspecto, uma relação direta com a prática desse esporte, como se o futebol pudesse provocar esse “desvio de comportamento” na irmã mais nova.

Mesmo assim, Solange continuou “jogando bola” e vivendo a vida, como uma criança se descobrindo e descobrindo um mundo outro: sem pobreza nem a miséria que conheceu de perto, ainda criança, em sua cidade de origem. O futebol fez parte de todos os momentos de sua vida, que, ela mesma, relata com muita emoção. Por esse motivo, e pelos detalhes com que resgatou as memórias da infância, até o período da saída da Seleção, nossa entrevista foi realizada em dois momentos, que, pela riqueza das lembranças e pelo valor e relevância que cada instante de sua vida traduz, é como se tudo tivesse acontecido ontem. Em

¹⁵⁵ Como já havia sido citado por Neuma e Suely anteriormente a TV Itapoã transmitia os jogos de futebol feminino nesse período e também a Rádio Sociedade que, de acordo com Birrita, divulgava esses eventos, havendo inclusive entrevistas fornecidas pelas atletas. Idem entrevista com Birrita em Feira de Santana em outubro de 2009.

¹⁵⁶ Entrevista com Birrita em Feira de Santana em outubro de 2009.

razão disso, nossa rica e longa entrevista foi realizada em dois distintos períodos, durante o ano de 2010: inicialmente, em Feira de Santana, e, posteriormente na cidade de Salvador. Passo, então, a relatar um pouco de suas histórias, que refletem também um período da história da própria Seleção Feminina de Futebol, durante os anos 90.

hal Deodoro

Lei impede que escolas exijam diversos itens

Uma lei proíbe as escolas, sejam públicas ou particulares, de impor aos pais de alunos a obrigação de comprar materiais como papel higiênico, creme dental, algodão e muitos outros, ou pagar taxas para aquisição destes itens. Em Salvador, o Ministério Público já foi acionado. Em Feira, poucos sabem da legislação. A diretora de uma escola admite que

... para alistar os re- rantes dali, mas logo no dia seguinte eles retornavam, de Abastecimento, mas não se instalaram em seu novo abrigo. Local, página 3

Fluminense quer bater o recorde de público

O Fluminense quer quebrar o recorde de público do atual Campeonato Baiano, no jogo deste domingo, frente ao Galícia. A diretoria do clube faz um apelo para que a torcida compareça em massa ao Alberto Oliveira. A jogadora Solange, campeã sul-americana de futebol feminino, tem família morando em Feira. Esporte, páginas 11 e 12

A zagueira da Seleção Brasileira, Solange, passou vários dias em Feira

Imperatriz fica com bicampeonato Fernando Henrique elogia mais novo

Figura 7 – Solange Bastos na Seleção Brasileira

Solange Santos Bastos nasceu em Feira de Santana, em 1969, período em que a cidade ainda não havia se tornado um pólo de desenvolvimento do estado baiano, com a ampliação no número de indústrias e com o desenvolvimento econômico. Nesse período, a cidade ainda possuía várias áreas sem calçamento, locais em que Solange e os irmãos aproveitavam para criar os capinhos para a prática do futebol, os velhos babinhas. Filha

caçula da primeira família de seu pai, que teve um total de dezenove filhos¹⁵⁷, ainda menina logo se identificou com as brincadeiras dos irmãos homens, que eram maioria, e, nesse meio, que propiciava a liberdade natural da infância, Solange descobriu o que mais gostava de fazer na vida: jogar futebol.

Quando criança, Solange descobriu que, para se inserir nesse esporte praticado somente por meninos, a oportunidade se apresentaria apenas para garotas mais habilidosas. Com o tempo livre, Solange buscava sempre estar no campinho da Baraúna, próximo à sua casa, com os irmãos ou com a molecada, como ela chamava, batendo uma bola, especializando-se nos babas. Ela afirma que: “Primeiro porque brincava muito com a molecada, eu só tinha amiguinho por causa do futebol então era muito comum eu ter mais amigos meninos do que meninas, né? Isso, por conta do futebol! Se as meninas não sabiam (jogar)?”¹⁵⁸

De acordo com ela, as meninas não desenvolviam condições para participar dessa brincadeira considerada de menino, o que demandava dedicação e algum talento. Mas, para essa entrevistada, a quantidade de irmãos homens que participavam dos babas e o apoio do pai foram fatores que, associados, favoreceram aquilo que Solange considera uma questão natural, o seu próprio entrosamento com os garotos da rua:

(...) foi uma coisa muito natural, eu não pedi pra o meu pai me ensinar (a jogar), entendeu? Foi natural, eu fui crescendo, eu lembro que eu tinha assim, cinco ou seis (garotos), assim, mas eu tinha muito irmão meninos, né? Eu tinha uma irmã que é a Nadir, só tinha uma, mas eu tinha 3 meninos, então eles ganhavam bola no Natal e aquilo ali pra mim era fantástico porque olha, tinha três bolas, se furasse uma tinha mais uma de reserva (ri)! Mas e foi que a gente foi integrando assim, naturalmente.¹⁵⁹

Assim como sua inserção no meio da garotada, para a prática do futebol, natural também foi o apoio de seu pai, que, mesmo se indispondo com sua esposa, costumava levá-la para os campinhos, situação que ficou registrada em suas lembranças, como ela aponta: “Ele

¹⁵⁷ Do casamento de seu pai com sua mãe Solange teve além dela, mais duas irmãs, mas da segunda família paterna teve mais dezenove irmãos, havendo sobrevivido dezesseis. E foi no meio dos irmãos que tomou gosto pelos babinhas que logo depois passou a realizar também com outros garotos na Baraúna, bairro onde nasceu e cresceu. Entrevista realizada com Solange Santos Bastos em março de 2010 em Feira de Santana; na oportunidade do nosso encontro, essa ex-atleta se encontrava na cidade de férias, visitando sua família.

¹⁵⁸ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

¹⁵⁹ Idem.

pegava na minha mão assim, eu pequeninha. Eu lembro como se fosse hoje. E ele foi meu grande incentivador, na verdade, foi ele (...).”¹⁶⁰

O pai de Solange, embora tivesse uma segunda família, foi uma pessoa muito marcante para essa ex-atleta, participando e incentivando-a, desde a infância, diferentemente de sua mãe, que não apoiava o ingresso da filha num espaço composto apenas pelos garotos. Precisando trabalhar para prover a casa e as filhas, sua mãe não gostava que Solange permanecesse na rua, embora não soubesse o que sua filha mais nova estava fazendo durante o dia. Mas, a entrevistada lembra que sempre conseguiu escapar e sem ninguém para impedi-la, passava horas a fio com os garotos nos babas, com os irmãos ou mesmo sozinha, criando sonhos diante do universo futebolístico:

Minha mãe não tinha muito tempo de ficar em casa porque a minha mãe trabalhava, o meu pai era separado da minha mãe e moravam em casas diferentes então era assim: eu ficava meio dispersa assim, no meio da tarde inteira... Então a diversão que eu tinha era o futebol! Eu tinha um campo em frente da minha casa enorme, quando quisesse tava lá podia ser o horário que fosse e aí eu pegava uma bolinha ou fazia uma bolinha de pano que fosse ou de papel e ali ficava sozinha brincando, imaginando um estádio, torcida, jogador contra... Tudo imaginário, mas foi uma coisa que eu vivi e isso foi sempre muito bom na minha infância! Eu inventei tanto isso que eu tive isso quando eu cresci, quer dizer: guardei isso pra mim dentro do meu coração!¹⁶¹

Solange sempre se refere ao esporte com carinho, situação que reflete um pouco de sua natural dedicação e envolvimento com essa prática. Pelas próprias características do futebol, que é um esporte que pode ser praticado pelos sujeitos sem a necessidade de outras companhias; que pode ser realizado sem equipamentos adequados, sem vestimentas ideais e em qualquer tipo de espaço, para a ex-jogadora, o futebol, em sua vida, foi o espaço de descoberta pessoal e de encantamento.

Sua habilidade com a bola nos pés não foi um fator difícil de ser desenvolvido, já que ela usava todo seu tempo disponível, que não era pouco, para a prática. Mesmo quando estava sem a companhia da molecada, sonhava, imaginava situações driblando, correndo, fazendo o gol com a torcida a apoiando, vibrando com suas jogadas. Ou seja, tudo isso acontecia na fértil imaginação daquela garota, que parecia antever um futuro de glórias. No

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ Idem.

entanto, o parâmetro que esta garota tinha era do futebol masculino e, por mais sucesso que Solange veio a obter na sua carreira, a visibilidade adquirida não chegou aos pés do futebol masculino.

Da companhia de meninas em suas brincadeiras que, na maioria das vezes, se resumiam aos babas, Solange não se recorda, mesmo fazendo um grande esforço para lembrar o período da infância, durante seus cinco ou seis anos de idade. Ela não se recordou de nenhuma menina de seu bairro que a acompanhasse nos babas. Nem mesmo das irmãs participando dessas atividades ela se recorda porque elas não eram escolhidas pelos garotos para integrar os times que formavam, já que não tinham habilidade necessária para a brincadeira.

Das atividades que desenvolvia com suas irmãs e com as garotas mais próximas, a ex-atleta se recorda que na infância existiam algumas brincadeiras e algum tempo reservado para elas: “(...) a gente brincava muito (e frente) a porta (de casa), a gente fazia um mesclado assim de pega-esconde, garrafão, brincava de roda, cantava música de criança, sabe? A gente brincava bastante! Esse era o tempo que eu tinha com as meninas.”¹⁶²

Esse tempo foi suficiente para as brincadeiras com as irmãs, que só aconteciam na ausência da molecada, normalmente à noite, quando eles estavam dormindo ou simplesmente sumiam, como ela mesma fala: “não sei onde eles estavam!”. Recorda-se, ainda, que, mesmo quando estava brincando com as irmãs e algum dos meninos passavam e chamavam para um baba, prontamente ela ia, deixando as irmãs sem sua companhia para as brincadeiras que considerava menos interessantes, como afirma:

Agora, te juro, pela manhã eu já acordava: onde tá meus irmãos, onde estão meus irmãos? Então quando eu encontrava um já ele tava com a bola em baixo do braço: eles eram tão loucos quanto eu por futebol, né? E aí vamo embora, vamo embora! A gente apostava qualquer coisa: geladinho¹⁶³ sabe o que é né? Quem batia mais é, (faz o gesto com o pé) é, embaixadinha! E aí passava o tempo pela manhã e à tarde, mas aí foi o tempo e entra a restrição que eu tive: eu ainda não era registrada...¹⁶⁴

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Geladinho é um tipo de picolé ensacado, normalmente feito com suco de frutas e não industrializado, comercializado pelas famílias para aumentar sua renda, o que torna seu valor bem em conta, sendo bastante apreciado pelas crianças. Idem: depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

¹⁶⁴ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

O tempo livre que Solange dedicava ao futebol se devia ao fato de estar fora da escola. Tal situação só foi resolvida anos mais tarde, depois de a ex-jogadora ter tirado a certidão de nascimento. Seus pais, por problemas conjugais, demoraram a registrá-la. Filha caçula, ela nasceu com o pai já estando casado com a segunda esposa, ou seja, foi durante o relacionamento com sua mãe, paralelamente ao novo casamento, que Solange foi gerada. Isso provocou muitos desentendimentos entre as famílias e postergou seu registro e, conseqüentemente, o ingresso de Solange na escola.

Se seu ingresso tardio na escola justificava o tempo dedicado ao futebol nos campinhos, ao mesmo tempo, causava-lhe constrangimento, pois era a única filha sem registro e fora da escola, já com idade avançada, como que seus pais não tivessem lhe dado a mesma dedicação reservada aos demais irmãos e irmãs. Entretanto, tal situação, além da pouquíssima renda familiar, não a tornava uma criança triste, ao contrário, a decepção por estar fora da escola se dava mais pelo fato de deixar de conhecer mais garotos para bater o baba nos recreios, nos intervalos das aulas, fato que a entrevistada imaginava ser corriqueiro nas quadras das escolas.

De suas memórias da infância, a entrevistada se recorda saudosa e com carinho, pois conseguia se realizar na liberdade que tinha para correr pelos campinhos de futebol, com os cabelos enormes e soltos, como ela afirma:

E eu era uma criança muito assim, não esperta, mas muito... feliz com a vida que eu tinha. Não era boa sabe, pra criança, mas só em você ta ali, no caso, com os meus irmãos, brincava o dia inteiro, né? Com aquele cabelo enorme... (sorri)

Minha não penteava (continua sorrindo), minha mãe não tinha tempo, minha mãe saía e não tinha tempo de cuidar de mim. Mas eu não tava nem aí, eu queria assim mesmo, os moleques, eu ia lá e jogava assim mesmo...¹⁶⁵

Foi com os grandes cabelos crespos e soltos que Solange passou a maior parte de sua infância, na periferia de Feira de Santana, nos jogos com os irmãos. Mas, de todos os irmãos, recorda-se com carinho de David e de Moisés. Esse último, um dos irmãos por parte de pai, logo cedo se tornou seu parceiro nos gramados, mas faleceu quando ainda era adolescente. Também se recorda de um jogo que seu pai organizou entre os irmãos e que seu time ganhou por 1 x 0, sendo que o gol da vitória fora marcado por ela, a única garota em

¹⁶⁵ Idem.

campo. Tal feito pôde ser realizado por conta do seu talento, mas também pelo fato de ser pequena, o que gerava uma especial atenção e proteção, por parte de seu pai, como ela afirma:

Eles não podiam me bater porque eu era pequena (sorrindo), eles não podiam dar porrada (sorrindo) e aí os irmãos ficavam loucos, porque no outro gol tinha um rapaz porque no jogo só podia entrar homem... e só sei que eu consegui driblar um, driblar outro e dei um “bico” na bola com medo de alguém me tomar, sabe a bola – **e eu queria fazer aquele gol porque eu queria mostrar pro meu pai, que...** (faz um gesto de vitória com um dos braços e com o punho fechado). **Aquele gol foi pro meu pai!** Aí eu fiz o gol e saí correndo e ele já veio me abraçar e aquele foi um momento único na minha vida – mágico!¹⁶⁶

Lembranças desse período marcaram sua vida, mas, principalmente, da figura de seu pai a apoiando, torcendo e incentivando. Sempre que se refere ao pai, Solange demonstra no semblante tristeza e saudade. Seu pai já faleceu. Sua morte ocorreu precocemente, quando ainda não havia chegado aos cinquenta anos, o que o impediu de ver a filha trilhando um caminho como profissional nas quadras e nos campos. Seu pai sequer chegou a vê-la atuando frente à Seleção Brasileira Feminina de Futebol, o que deixou na ex-atleta um enorme vazio, pois seu grande incentivador não esteve presente no momento em que ela atingiu seu maior objetivo: jogar futebol profissionalmente e, por esse fato, ser reconhecida nesse universo.

A exceção do apoio paterno, os primórdios da relação da entrevistada com o futebol pouco se diferencia das histórias das demais jogadoras e ex-atletas, também entrevistadas. De suas lembranças ainda permaneceram momentos como os Natais em família, em que ela gostaria de ganhar de presente uma simples bola para continuar nos campinhos, entre a molecada e os irmãos, mas que só recebia de sua mãe bonecas ou vestidos. Sequer um short sua mãe lhe dava, buscando interromper, ou mesmo amenizar a vontade tão presente na filha de estar nos babinhas com os garotos. Assim, para conseguir um calção, ou um short, ela pegava, escondida, um calção dos irmãos, como ela relembra:

E aquele calção ficava pra sempre comigo! Não era por nada não, mas era porque ela (sua mãe) não me dava, ela me dava vestido e da cor rosa. (coloca as duas mãos na cabeça) **Tudo era cor rosa: chegava Natal com aquele vestido rosa mais uma boneca pra mim!** Eu, pra você ver, quem tinha minhas bonecas eram minhas irmãs, eu brincar de boneca? Não que eu não

¹⁶⁶ Idem.

gostasse de brincar, eu até gostava, brincava um pouquinho aquela coisa assim... Mas a minha mãe ela insistia em dar brinquedos mais femininos pra mim, eu vejo assim, pra ver se tirava (a vontade de jogar)...¹⁶⁷

A tentativa da mãe de tirá-la do futebol foi em vão e Solange continuou nos capinhos, jogando. Foi então, nesse contexto, quando já tinha por volta dos seus doze anos, que ela começou a participar dos babas também das meninas, que começaram a acontecer na cidade. Eram babas entre times de bairros diferentes de Feira de Santana, organizados por pessoas, o que gerava certa rivalidade. Assim, durante uma dessas partidas, ela chama a atenção no jogo por sua habilidade e por sua estatura, pois sempre foi alta, embora magra, como ela mesma fala. Tinha um biótipo próprio para a prática esportiva.

Foi num desses jogos, ocorrido num domingo, que fez com que o senhor Michelinho também a descobrisse e, na terça-feira seguinte, esse senhor estava em sua casa solicitando à mãe de Solange sua autorização para ida para o Flamengo, time que começava a ficar famoso no interior baiano:

Então, aí foi com o Michelinho, né, do Flamengo e ele fez um torneio lá... eu tinha 12 anos! E aí o pessoal de Salvador veio, e o pessoal de Salvador era o “bam-bam-bam” da época! Veio um time de Salvador chamado América, muito bom, muito bom aquele time! Tinham várias jogadoras, hoje, hoje são professoras, envolvidas com o futebol acho que ninguém, ninguém se desliga, essa é que é a verdade!

E aí eu comecei a jogar e aí pô, tinha uma menina chamada Marília, ela até morreu, mas era uma zagueirona e eu me inspirei nela bastante pra jogar! E ela me chamou me abraçou e falou: nossa, mas você joga muito, menina! O que é que você ta fazendo aqui? Você precisa de alguma coisa melhor pra você! Tipo assim: vamos pra Salvador, né?¹⁶⁸

Aquele suposto convite para tentar jogar em Salvador feito por Marília parecia fascinante, mas, para Solange, nesse período, ainda muito nova, sair de sua cidade natal não estava nos seus planos. Mesmo porque seria romper com os amiguinhos e com os irmãos que participavam dos babas, situação que, em sua imaginação, ela iria continuar a viver, até ficar velha. Além disso, deixar sua mãe, a casa e as origens seria traumático para aquela garota simples do interior, que só pensou em sair dali um dia para jogar bola, em suas fantasias de

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ Idem.

criança, pois seu mundo se resumia àquele campinho em frente à sua casa onde, apesar da pobreza e das necessidades materiais da família, ela era uma pessoa absolutamente feliz e completa: “E aí eu falei: não, eu tenho que ficar aqui em minha casa! Porque realmente eu era muito simples, sempre fui, sempre fui! Então eu queria ficar brincando com os meninos até eu ficar velha...”¹⁶⁹

Com o interesse e a vontade que tinha pelo futebol, somando-se ao seu talento natural e seu biótipo adequado para essa prática esportiva, logo Solange se integra ao time do senhor Michelinho, que, como ela mesma relembra, num misto de saudosismo, agradecimento e tristeza, a adotou:

Tipo assim, meu pai era um pai super carinhoso, entendeu, mas deixava a gente de lado! Então a gente tinha muita necessidade de comida, de... (tudo), entendeu? Era... complicado! Minha infância, nesse sentido sim (era complicada), né?

Carinho de minha mãe sempre tive. **Minha mãe era raladora, toda mãe sem marido é, batalha pra caramba por causa dos filhos, e a minha não foi diferente. Então, a parte triste da minha infância foi essa aí: passei muita fome!**

Então quando ele (Michelinho) me viu e viu a carência que eu tinha dentro da minha casa ele meio que me adotou.¹⁷⁰

Dos momentos de alegria e diversão nos campinhos, a entrevistada passa a relatar outro aspecto de sua infância e início da adolescência, a dura realidade em que vivia sua família. Desse período, fala como que pedindo desculpas ao pai por expô-lo à difícil circunstância pela qual passou, juntamente com a mãe e as irmãs, principalmente na infância, provocada pela ausência de apoio financeiro do pai. Ter comida em casa para sustentar a prole foi uma tarefa difícil realizada por sua mãe que, sozinha, buscava trabalhar para prover a família, além de ter que, sem o apoio do ex-marido, educar os filhos. Assim, Solange relembrou os vários momentos que ficava na rua sozinha, pelas manhãs e pelas tardes, ambiente no qual se encontrou com o futebol.

Como ela mesma relembra, ao entrar no Flamengo, durante os treinos, sentia muita fome, pois muitas vezes saía de casa sem comer absolutamente nada. Algumas vezes procurava alimento em casa e o que encontrava para comer era um pouco de farinha. Com

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Idem.

esse bocado saia correndo para os treinos, como afirma brincando, ao relembrar a situação: **“Com fome ou não, meu filho, minha bola de baixo do braço era a minha comida (sorri), entendeu? Então foi por aí.”**¹⁷¹.

Desejar ter coisas como uma roupa ou uma bola para os babas e não ter ou, sequer ter comida suficiente em casa, ou ainda ter estudado já tarde, foram obstáculos que Solange foi aprendendo a driblar pela vida. Observando as dificuldades que enfrentava com sua família, o senhor Michelinho meio que a adotou, principalmente por ser um homem com o olhar preparado de quem tem a experiência de lidar com pessoas oriundas de uma classe social baixa e que precisam enfrentar a miséria, como afirma essa entrevistada:

Ele me adotou assim: ele tinha um **alojamento** muito bom, muito bom pra época, era um dos melhores alojamentos do futebol feminino, acredito que sim. E ele mandava eu fazer as refeições lá, no alojamento. Ele não queria me tirar da minha casa, porque ele sabia que eu tinha essa carência, né? De não ter (comida), meio dia, né? Então eu almoçava três horas, mas não sabia se eu ia jantar! Se eu jantasse eu não sabia que horas que eu ia comer no outro dia!¹⁷²

Solange passou, então, a realizar as refeições no alojamento providenciado pelo senhor Michelinho para as jogadoras, mas sem sair da casa materna, pois, como apontou Neuma¹⁷³, anteriormente, sua contemporânea dos tempos do Flamengo, aquelas garotas que moravam em Feira permaneciam em suas casas. Mas esse senhor passou a observá-la com maior atenção, pois Solange, por ser uma garota muito envergonhada, nada falava, nem reclamava de estar sentindo fome nos treinos, como ela contou em seu depoimento anterior.

Mesmo com o futebol passando a ser sua comida, como ela comentou acima, a total ausência de alimento começou a se tornar uma dificuldade visível, já que enfrentou situações difíceis, principalmente após os treinos, como pode se observar em seu depoimento: “...eu jogava, eu juro pra você - a fome ia pro espaço! Eu jogava, depois do jogo eu passava mal. Eu tinha que sentar e disfarçar pra não dizer pra ninguém que eu não tinha tomado café.”¹⁷⁴

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Neuma, a Neumanci ex-atleta feirense que, como Solange, foi entrevistada nesse trabalho.

¹⁷⁴ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

As quedas durante os treinos se tornaram uma constante e, além disso, relata que sempre ficava tonta após os exercícios, fato que se agravava pelas altas temperaturas da cidade, o que provocava um calor insuportável no campo, nos momentos dos treinamentos. Foi nesse período, por volta dos seus doze anos de idade, que o senhor Michelinho a “adotou” no time, também pela ciência das dificuldades financeiras de sua família. Mas a dedicação dessa atleta, que ia desde o zelo com o material do time até a preocupação com o horário de dormir para estar mais descansada para o treino do dia seguinte, foram aspecto observado naquela jovem atleta que empolgava o dono do Flamengo de Feira.

Nesse período seu pai faleceu, aos quarenta e oito anos de idade, sem registrar a filha. Foi nessa circunstância que sua mãe, que, anteriormente, por desentendimentos com o ex-marido, não havia tomado essa atitude, finalmente providenciou seu registro civil. Então, Solange entrou na escola e contou, também para isso, com a ajuda do senhor Michelinho, que se preocupava essa atleta. Esse senhor chegou, inclusive, a comprar o material escolar necessário nesse início, já que sua mãe não tinha recursos disponíveis para isso.

Ao ingressar na escola, contou uma experiência, ao mesmo tempo, engraçada e constrangedora, que viveu: já com doze anos e bastante alta para sua idade, Solange passou a se sentir constrangida por ser a mais alta da turma, “com a molecada batendo na cintura¹⁷⁵”, mas ainda sem sequer saber ler. A alta estatura a diferenciava do restante do grupo, pois sugeria que ela tivesse mais idade que os demais colegas de classe. Esse fato, além de lhe provocar muita vergonha, gerava indignação na professora, que não compreendia como aquela aluna não sabia ler, e as demais crianças menores que ela já sabiam, como ela mesma relembrou, num diálogo entre ela e sua mestra:

É, mas é porque eu não tava na escola e a professora ficou assim, louca! E ela assim: pô, mas você nunca veio na escola? Eu falei: não, professora, é a primeira vez que eu to vindo na escola foi hoje – eu consegui falar, eu consegui falar! Não sei como eu consegui falar com a professora!¹⁷⁶

Solange lembrou que sempre foi uma garota muito tímida e envergonhada, mas seu ingresso na escola e sua inserção no Flamengo, situações que ocorreram concomitantemente em sua vida, a tornaram outra pessoa. Ela foi aprendendo a superar as dificuldades e os períodos conturbados que atravessou, sempre com muita alegria, sem reclamar muito da vida e com a esperança natural, de todo nordestino/a, de dias melhores.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ Idem.

Essas dificuldades ajudaram a moldar a mulher que Solange se tornou. Como ela fala, esse foi apenas um detalhe que ela experienciou na vida, mas do que não reclama e conseguiu superar os maus momentos vividos.

Algumas pessoas que a ajudaram a superar os obstáculos que surgiam e sua professora passou a ser uma aliada naquilo que veio a ser uma batalha para essa entrevistada: saber ler e escrever, processo que iniciou aos doze anos de idade.

Como recorda Solange, a professora passava em todas as carteiras observando as atividades realizadas pelas crianças, mas, ao chegar à sua carteira, sempre lhe dava uma especial atenção, pois sabia das dificuldades daquela garota e procurava ajudá-la. A atenção e o incentivo da professora foram absorvidos pela aluna, como também o carinho com o qual aquelas importantes lições foram transmitidas, do mesmo modo como, a partir do seu esforço e dedicação, o aprendizado foi acontecendo, até o momento em que ela começou a ler e escrever, como descreve:

Logo no finalzinho do ano eu comecei a ler! Primeira palavra que ela escreveu assim, ela perguntou: quem vai ler?

Abaixei a cabeça e levantei a mão e ela falou: você?

Aquilo pra ela foi uma alegria muito grande e pra mim! Eu lembro como hoje a palavra foi: brinquedo! Mas isso eu já tava maior, né? Porque a molecada começa a estudar com cinco, se eu tivesse essa idade eu não lembraria, eu lembro porque eu já tinha doze anos. Mas a palavra era enorme, difícil pra quem tava aprendendo a ler: brinquedo é uma palavra enorme! E ela veio e me abraçou, foi uma felicidade enorme!¹⁷⁷

Sempre com simplicidade, Solange foi narrando suas histórias repletas de detalhes, em uma vida cheia de contratempos e atropelos, mas também de muitas superações. O fato de ter conseguido ler se transformou numa importante vitória e ela buscou passar a importância disso para os sobrinhos, principalmente aos filhos de suas irmãs maternas, pois se preocupava com o fato deles terem que passar pelo constrangimento de chegar à escola aos doze anos, como ela. As preocupações com sua família também a impulsionaram a superar várias barreiras que se apresentaram futuramente, mas que ela buscou superar, pensando sempre em ser uma referência para a família, lugar que entendia ter sido de seu pai e que ela buscou ocupar, como poderá ser observado mais adiante.

¹⁷⁷ Idem.

Os obstáculos superados foram realmente diversos e uma das situações relatadas se refere ao preconceito por parte das irmãs maternas, que teve que superar, pois a relação com sua família, em especial com suas irmãs, nem sempre foi tranquila. Quando passou a jogar pelo Flamengo, Solange sofreu várias formas de agressão impostas pelas irmãs, por estas não aceitarem sua orientação sexual. Como a mãe sempre estava ausente, por conta do trabalho, suas irmãs mais velhas normalmente a xingavam e a humilhavam verbalmente. Fato que ela expressa com tristeza:

Ah (falavam): “saí daqui sua sapatona!”

Elas me xingavam até na rua, minhas próprias irmãs! Não todas, mas as duas irmãs que eu tinha dentro de casa...

E, foi uma fase muito difícil de falar porque – **é complicado!**

E elas, em momento algum foram solidárias a mim. Talvez brigasse com o cara que me xingasse (na rua), entendeu? Mas me xingava (também).

Numa casa em que a renda familiar era pequena, suas irmãs chegavam, inclusive, a jogar seu alimento fora, para que ela ficasse sem o que comer. Situações como essas foram se repetindo, até o momento em que Solange decidiu sair de casa e morar no alojamento do time ao qual pertencia. Ela lembra que, algumas vezes, queria mesmo estar em casa, próxima à sua família, mas as diversas formas de violência e os preconceitos das irmãs a afastaram de sua residência, período em que Solange estava com quatorze, quinze anos.

Na companhia das garotas, no alojamento, sua vida passou a ter um pouco mais de tranquilidade e, como permanecia bastante tempo naquele meio, Solange passou a se identificar mais com o grupo, já que todas tinham uma média de idade semelhante e uma mesma paixão: o futebol. Além desses aspectos, o senhor Michelinho buscava lhe dar o apoio necessário para sua permanência no time, como mostra seu depoimento: “Eu já ficava direto (no alojamento). Mas eles me adotaram de qualquer jeito, o Michelinho me dava tudo: me dava de escola a médico, cabelo, tudo, tudo ele me dava. Roupa tudo ele me dava!”¹⁷⁸

Fora de casa, Solange também sentiu preconceito. Mas, mesmo que isso se apresentasse verbalmente, no meio da rua, a situação a machucava menos pela impessoalidade, do que nos momentos em que esse tipo de atitude era tomada pelas irmãs. Como atleta, ela recorda que, quando estava jogando, o preconceito parecia sumir e as pessoas

¹⁷⁸ Idem.

esqueciam esse aspecto, ou algo assim. Já, quando ela e as companheiras de time estavam na rua sem o uniforme, as agressões eram corriqueiras.

Até nesse aspecto o senhor Michelinho tinha especial atenção, pois procurava encomendar e produzir as vestimentas do seu time com cortes mais justos e shorts mais curtos, característica considerada, naquele período, inovadora. Essa foi sua estratégia para diferenciar o seu time dos demais, já que, naquele período, os times femininos usavam vestimentas que, em nada, se diferenciavam dos times masculinos. Conhecedor do preconceito que as garotas freqüentemente tinham que enfrentar, esse senhor buscava formas de deixar as meninas o mais femininas possível, fato ao qual as garotas pouco davam importância, tanto pelo costume de usarem vestimentas que as deixavam mais à vontade, ou mesmo por preferirem o uso de calções mais compridos e camisas mais soltas.

Com atenção às vestimentas de suas atletas, numa das matérias de jornal na qual se registrou a vitória, em uma das Copas de Futebol Feminino, pelo time do senhor Michelinho, pode-se também observar:

Além de campeão, o Flamengo, dirigido administrativamente e tecnicamente por Michelinho, levantou os troféus de artilharia, goleira menos vazada, **time melhor uniformizado e mais disciplinado**. Isto está valendo ao clube uma série de convites para amistosos pelo interior do estado.”¹⁷⁹

Mas as dificuldades que foram constantes na vida de Solange, como a superação do preconceito, dentro e fora de casa, com o tempo, foram se transformando em lições que essa entrevistada soube absorver e converter em aprendizados. Embora sendo uma pessoa bastante simples, ela não se fechou aos novos desafios que o cotidiano lhe apresentava e buscou enfrentar essas e outras questões com naturalidade, sem criar muita expectativa sobre seu futuro, pois, como ela mesma afirmou: “Um dia eu não vou ter que dar satisfação, a vida é minha e eu não vou ficar com quinze anos (a vida toda), né?”¹⁸⁰

O tom que essa ex-atleta associa às suas narrativas sugere que ela esperava, pacientemente, que a vida a levasse a outros lugares. É como se essa espera fosse necessária para chegar ao lugar de respeito e reconhecimento que ela, silenciosamente, sem fazer muito

¹⁷⁹ Matéria retirada do Jornal Feira Hoje de cinco de fevereiro de 1986; material do acervo pessoal, gentilmente cedido por Neuma, durante a entrevista realizada em sua casa em Feira de Santana em outubro de 2009.

¹⁸⁰ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

alarde, aguardava. Mas essa paciência a fazia aguardar, principalmente, por uma conquista valiosíssima: a valorização por parte de sua família.

Se seu cotidiano se resumia a uma rotina entre os treinos e as aulas na escola que Solange, por vários anos, aguardou acontecer, em suas fantasias outra realidade a aguardava. Mesmo quando ficou sem participar de um clube ou outro, essa ex-atleta parecia ter certeza de que sua realização estaria, sim, na Seleção Brasileira, que, na década de 80, começava a dar seus primeiros passos:

É, olha só, eu não me via em time não. Quando criança, **desde criança eu só me via na Seleção Brasileira!** Pô, juro por Deus: na minha vida eu não pensei... Eu gostava do Flamengo na época do Zico, eu era fanática! E eu gostava do Mozer, eu falei: é o cara, zagueiro, vou ser zagueira também! O Mozer jogava no Flamengo também (...) mas o Mozer, na década de 80, o Mozer jogou muito bem no Flamengo. Depois ele saiu do Flamengo, eu falei: pô acabou meu time! Mas eram o Zico e o Mozer que eu tinha uma admiração muito grande! Inclusive porque eu jogava numa posição: zagueira, meio de campo ali, **eu me achava um Mozer...**¹⁸¹

Nessas palavras se pode verificar que as grandes fontes de inspiração de Solange estavam no futebol masculino, especialmente no zagueiro Mozer, de quem ela guarda recortes de revistas até hoje. Na realidade, para essa geração de jogadoras, não havia outra referência, já que a popularidade do futebol feminino ainda estava por se construir. Na mídia, pouco se falava no futebol das garotas, a exceção dos jogos e campeonatos regionais transmitidos pelas rádios e televisões estaduais, como se confirma nos depoimentos de algumas entrevistadas. Pouco se noticiava em rede nacional um campeonato de futebol feminino naquele período, o que se alterou somente a partir de 1994, quando a TV Bandeirantes, através do apresentador Luciano Du Vale¹⁸², montou uma equipe especializada em esportes femininos, fato melhor pormenorizado posteriormente. Esse fato ocorreu alguns anos após a criação da primeira Seleção Brasileira Feminina de Futebol (1988). A partir da década seguinte, começou a se tornar conhecida, e contar com uma importante atleta na zaga: a própria Solange.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Informações sobre esse aspecto podem ser observadas na Revista Istoé de 10 de agosto de 1994 que tive acesso através do Arquivo Público da cidade de São Paulo, no entanto, no tópico seguinte essa mesma entrevistada comenta um pouco mais sobre a importância desse repórter para divulgação do futebol feminino brasileiro durante a década de 90.

Mas, voltando a esse período de sua vida, foi com a simplicidade com que Solange levava o dia-a-dia, entre um treino e outro, entre um torneio e outro, do qual participava, que ela continuava vivendo com a dedicação e o empenho de sempre. Ainda no ano de 1985, no Flamengo, recorda-se de ter participado de um Campeonato Brasileiro, defendendo as cores feirenses, com seu time concluindo a participação nesse importante campeonato em terceiro lugar no computo geral. Esse feito foi surpreendente, tanto para as garotas baianas como para as pessoas que participaram daquele campeonato, pois as meninas nordestinas derrotaram times do sudeste, considerados, na época, imbatíveis, como ela recorda:

E aí foi que a gente viajou até São Paulo e aí pegamos um frio! Imagina um monte de, (...) um monte de nordestina, o sol 40 ° aqui e pegamos um frio que chorava, viu? Morrendo de saudade de casa! E só passei quinze dias, imagine!

E aí enfim, nós chegamos lá, todo mundo sem roupa de frio (sorri)... Nessa época em São Paulo fazia frio, hoje não faz, mas nessa época fazia! A gente não tinha um agasalho de frio, a gente não tinha, ninguém tinha, eu mesma não tinha. Aí peguei um cobertor, outro, botei na sacola e... (foi embora). Mas era um frio lá! O primeiro jogo foi contra o Pinheiros! O Pinheiro era um time assim: São Paulo!¹⁸³

O time do Pinheiros, como destaca a ex-atleta, era considerado, na época, um time de top do sudeste brasileiro. Jogar e ganhar de um time desses, para aquelas meninas do nordeste, significava muito. Estar nessa posição de superioridade significava estar acima dos outros times, em termos técnicos e táticos, consequência de uma preparação minuciosa, extremamente cuidadosa, pois o sucesso de um time ou outro não está apenas nos talentos individuais que possui, mas também no aprimoramento das qualidades do grupo como um todo, princípio de treinamento de qualquer esporte coletivo.

E, assim, ganhar de um time como o Pinheiros foi uma espécie de glória para aquelas garotas que sequer um agasalho tinham na bagagem para enfrentar o frio nas cidades que visitavam para participar das competições que surgiam. Nesse caso, o campeonato se deu na cidade de São Paulo, que apresentava o frio como um inicial obstáculo para aquelas atletas nordestinas, que nunca haviam saído de seu estado de origem para conhecer outros locais do país. Somando-se a essa questão, era necessário ainda enfrentar também os times

¹⁸³ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

considerados mais fortes e que tinham mais tradição e, teoricamente, melhor preparo e condições estruturais, além de serem times do sudeste, fato esse que, por si só, traduzia, como ainda hoje é o caso, superioridade, principalmente em relação aos times do nordeste.

Entretanto, qualquer jogo só se ganha no final e, até lá, vários lances acontecem e a somatória deles é que determina o placar. E, nesse ambiente, surpresas acontecem e superioridades são questionadas – foi o que aconteceu com o Flamengo de Feira nos idos de oitenta.

A despreensão das garotas, que sequer tinham real conhecimento de suas rivais (paulistanas ou sulistas), e que queriam apenas mostrar seu futebol, foi fator que em muito contribuiu para que atingissem o sucesso e as vitórias conquistadas. Com uma média de dezessete anos, o time de Feira contou com talentos, como o das atletas Sissi, Helena Nova, Nalvinha, Biro-Biro, Neuma¹⁸⁴, Birrita¹⁸⁵, Mirian, Solange, Naninha, além de outras companheiras que Solange não lembrou no momento.

Foi nessa ocasião que a ex-atleta definiu seu posicionamento em campo e passou, decididamente, a atuar na zaga¹⁸⁶, posição também de atuação de seu ídolo Mozer, como ela mesma recorda:

É, porque eu descii, mas aí foi que ele (o treinador) falou: joga aí na zaga um pouco pra mim! E aí eu fui e nunca mais voltei! Eu adoro jogar de volante, adoro, mas aí eu perdi toda a habilidade de volante. Porque o volante tem toda uma habilidade: joga e movimenta o corpo; o zagueiro joga meio que em pé e o volante não, o zagueiro fica ali meio parado, mas o volante não, ele se movimenta mais, fica ali meio correndo, ele vai e volta.¹⁸⁷

Com uma equipe teoricamente inferior, foram necessários muitos esforços do time feirense para enfrentar aqueles importantes embates. Até o momento, essas atletas tinham enfrentado adversárias de times do nordeste e, mais especificamente, do seu estado de origem. Para elas, o campeonato em São Paulo representava um desafio, até aquele momento, inédito. Mas era também um aprendizado observar outras atletas em campo, o que lhes traria experiência e, se não a vitória, muito aprendizado. Além desse fator, outro aspecto relevante

¹⁸⁴ Ex-atleta também entrevistada no tópico anterior desse trabalho.

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ A zaga é ocupada pelas/os jogadoras/res que ficam localizadas/os próximos à área do gol e têm a função principal de defenderem o time, pois são as/os últimas/os jogadoras/res antes da/o goleira/o.

¹⁸⁷ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

para as garotas do Flamengo foi a possibilidade de, através desse importante campeonato, poder conhecer outra cidade, outras pessoas, outra cultura bastante diferente da sua, o que tornava todo aquele momento especial, uma verdadeira aventura.

Naquele momento, jogar contra o Pinheiros, time favorito de uma cidade desconhecida, foi um feito fantástico e, em suas lembranças, Solange falou daquele duelo considerado para ela e suas companheiras, um verdadeiro desafio:

Mas aí chegamos lá e pegamos o Pinheiros, fizeram um alarme por causa do Pinheiros e nós, imagine, tudo com quinze, dezessete anos pensamos: vão bater na gente, vamos tomar é gol, o milésimo gol! Mas só que eles não sabiam o que nós tínhamos, porque criança, você imagina, criança quer é jogar! E aí vai: no Pinheiros joga fulana, no Pinheiros joga não sei quem, porque eu não conhecia ninguém, porque pra mim era (desconhecido)... Eu sabia que era time porque ouvia um monte de gente falando desse time, né?! Mas pra mim eram elas e minhas colegas e minhas colegas jogam melhor, porque pô, eu não tinha noção, né? Então teve esse jogo e nossa, tava tão frio, tão frio, tão frio, que a gente precisou tomar conhaque pra aquecer porque não dava não. Aí sabe como é aquele **pé duro**? Então não tinha como, teve que tomar uma dose de conhaque, a mão não abria (de frio) e aí, e, de repente, sabe o que aconteceu? Nós ganhamos deles! Ganhamos de 3 X 0.¹⁸⁸

É interessante perceber que a ex-atleta se refere a seu time como pé duro, expressão muito usada no nordeste, normalmente com referência a cães e gatos que, por não terem donos, vivem nas ruas das cidades sem terem onde dormir ou comer e que, por esse motivo, saem por aí se virando para sobreviver. Com essa expressão, ela fez uma analogia a seu time que, mesmo sem muito apoio, sem sequer ter vestimenta adequada para enfrentar o frio de São Paulo, conseguiu vencer o Pinheiros, time que, em relação ao Flamengo, representaria um cão ou gato de raça nobre; e venceram aquele duelo inesquecível¹⁸⁹.

Solange se recorda que, após o jogo, ao chegarem ao alojamento, as meninas do Flamengo se abraçaram e choraram emocionadas por terem conseguido aquela vitória. Além do Pinheiros, nas lembranças dessa entrevistada, participaram também daquele campeonato o

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Importante destacar que esse mesmo campeonato foi citado por Neuma e Birrita, tendo essa última ex-atleta levado inclusive a medalha daquele campeonato para expor no momento de nossa entrevista, demonstrando a importância de ter participado daquele campeonato para suas vidas.

time do Atlético Mineiro, o Cruzeiro, o Ferroviário de São Paulo, o Santa Cruz, dentre outros times importantes do país, o que significa que, na década de 80, havia vários times de futebol feminino espalhados pelo país.

Sobre tal aspecto a ex-jogadora, durante todos os momentos de nossa entrevista, fez duras críticas aos dirigentes de futebol, principalmente, os que estavam à frente da CBF naquele período, pela ausência de apoio ao esporte o Brasil. Nas entrevistas realizadas para o desenvolvimento dessa tese, pode-se perceber certo grau de consciência das entrevistadas no que diz respeito à necessidade de profissionalização do futebol feminino. Mas, no caso de Solange, seus argumentos são mais contundentes, principalmente pela experiência que adquiriu nos espaços a que teve possibilidade de se inserir, decorrentes de sua dedicação e desempenho pessoal.

Nesse sentido, suas palavras sugerem que havia realmente desinteresse no desenvolvimento do futebol das garotas, durante esse período, no país. Pois, já que existiam times atuando as muitas organizações locais buscando promover competições, mesmo que sem interação ou coordenação entre elas, faltava vontade por parte dos dirigentes dessa principal Confederação para fornecer o direcionamento necessário para o fortalecimento do futebol praticado por mulheres.

O posicionamento de Solange é bastante incisivo e reforçado, em todos os momentos da longa entrevista que realizei, pois ela buscou sempre destacar o lugar desse esporte na visão de quem organiza o futebol feminino nacional: o local do esquecimento, como algo que não existiu.

Em suas palavras é possível verificar que as críticas que faz foram construídas com base nas vivências nesse universo e nas experiências adquiridas ao longo dos anos, como ela mesma afirma:

Você veja: nós tínhamos o melhor time daqui. Veja, aqui tinha um campeonato, lá em São Paulo tinha outro, no Rio tinha outro, mas era disperso assim, você entendeu? Quer dizer, se juntasse tudo, nós tínhamos uma Confederação organizada pra nós!¹⁹⁰

Em sua compreensão, a presença de uma Confederação, ou mesmo de um setor dentro da CBF, poderia ser um caminho para a organização, estruturação e profissionalização

¹⁹⁰ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

do futebol feminino, já que os talentos das atletas para a existência de tal modalidade e a vontade e dedicação das meninas eram uma constante. Entretanto, esse órgão capaz de fornecer um futuro para essa modalidade ainda não existe. E é através da lógica dessa mesma falta de interesse e de vontade dos dirigentes que se pode compreender um pouco sobre o porquê de o futebol feminino dar aquelas constantes esfriadas, como no caso do futebol que acontecia em Jequié e que também foi observado em Feira de Santana, como, provavelmente, em vários outros pontos do país.

Nessa última cidade, e, mesmo que os anos 80 tenham sido um período marcadamente de glórias para o time do Flamengo, que se tornou uma referência local, também ali o futebol parou, ou melhor, dar aquela esfriada, como as ex-atletas entrevistadas costumam lamentar. Mesmo frente a essas esfriadas no futebol em sua cidade, o que ocorreu entre 1985 e 1989, Solange continuou, mesmo sem time, batendo os babas com as companheiras feirenses e obteve outro incentivo para jogar: é convocada para participar da Seleção Baiana Feminina de Futebol, o que ocorreu no final da década de 80.

Embora nas matérias jornalísticas as quais tive acesso através do acervo das entrevistadas, sua convocação para participar da Seleção Brasileira Feminina de Futebol só se deu em 1991. Mas em 1989, quando Solange estava entre seus 18 e 19 anos, de acordo com seu depoimento, veio sua primeira convocação. Nesse período encontrava-se machucada, e somente passou a integrar a Seleção em 1991.

No entanto, até aquele momento não existia uma configuração definida para a Seleção Feminina do Brasil, que era representada por um único time: o Radar do Rio de Janeiro. O Radar, um dos principais e mais antigos times de futebol feminino do Brasil, de acordo com a entrevistada, era formado por atletas do país inteiro. Havia, para tanto, uma coordenação que circulava pelo Brasil em busca de novos talentos e uma das demandas para a formação da Seleção era encontrar uma zaga forte, realmente atuante. Foi com base nessa busca que o senhor Eurico Lyra, representando o Radar, chegou a Salvador, através de indicação de nomes de atletas, para realizar uma avaliação prévia com os nomes indicados. Tal indicação era realizada por pessoas envolvidas com o futebol, nos diversos estados do país, e a visita do senhor Eurico significava a possibilidade para essas jovens atletas de ingressarem, ou não, no seletivo grupo que integraria a Seleção Brasileira Feminina de Futebol.

A aprovação nesse processo avaliativo não era tarefa fácil de realizar. De acordo com o depoimento de Solange, essa avaliação consistia em treinamentos técnicos e táticos diários, incluindo a parte física e a participação de coletivos contra seleções masculinas, como a do sub-15 do Vitória e a sub-15 do Bahia. A diferença de idade é um aspecto relevante em

qualquer esporte e, para Solange, que já estava, na época, por volta dos seus 20 anos, jogar com garotos mais novos e se submeter a um treinamento bem mais pesado que o de costume, além de lhe provocar um enorme cansaço, também gerou nela um sentimento de descrença, quase absoluta, sobre a possibilidade de sua contratação para compor a Seleção, chegou a pensar que não se encontrava em condições físicas para assumir esta importante missão.

Para ela, o processo de convocação se encerraria naquela semana de testes, dos quais só participou devido ao apoio e incentivos dados pelo senhor Michelinho, que chegou a levá-la de carro a Salvador para que ela pudesse participar daquele processo. De início, Solange havia dito que não participaria, mas, através das informações desse senhor, ela ficou sabendo que a Seleção precisava de uma zagueira com um perfil no qual seu biótipo se encaixava. Mesmo que esse fosse um incentivo importante, a insegurança daquele desconhecido desafio causava um enorme medo na atleta, ainda inexperiente, que, embora sempre tivesse sonhado com aquele momento, de fato, nunca chegou a acreditar que seu sonho pudesse se realizar. Era natural essa forma de perceber este momento de sua vida se analisado o início da carreira dessa atleta que jogava, mesmo com fome, como se o futebol fosse um remédio, um ópio através do qual esquecia a fome e a discriminação, dentre outras dificuldades que a acompanharam desde muito nova.

Desse modo, e sem criar muita expectativa, mas pelo incentivo do senhor Michelinho, Solange se dirigiu ao primeiro dia de testes que, em sua análise, foi péssimo, no qual realizou jogadas horríveis, acompanhadas de muitas faltas, principalmente pelo nervosismo e ansiedade do momento. Mas, no dia seguinte, ela já se apresentou de forma diferente ao treinamento, menos ansiosa, passou a perceber que pouco sabia sobre o futebol de alto nível, mas que podia crescer e melhorar seu desenvolvimento em campo, principalmente se orientações lhe fossem passadas e outra estrutura oferecida. Já na zaga, posição no campo em que não deixou mais de jogar, ela começa a entender melhor as orientações que lhe eram passadas. Nesse rápido período compreendeu que era importante passar e distribuir melhor a bola, processo que ocorreu no início da construção das criações de jogadas ofensivas. Mudou também a forma de construir a defesa, buscando fazer menos faltas, atuando com mais calma e com a categoria que lhe passaram a ser peculiares.

No último dia do processo de avaliativo saiu a lista das atletas convocadas. Após o treinamento, as atletas foram almoçar, para aguardar o resultado, num salão enorme, de acordo com as recordações dessa entrevistada. Tal episódio causou o maior burburinho e especulações entre as atletas sobre quem estaria apta, ou, no nível de concorrer a uma vaga para a Seleção. Sentada confortavelmente num sofá presente naquele enorme salão, a

entrevistada finalmente ouviu o resultado da convocação, fato que, segundo ela, causou espanto e decepção em todas as jogadoras presentes, como ela mesma recordou:

Aí deu a lista de convocação e aí saiu: a Suzi, a Irá uma moça bem grande jogadora, (...), a Daí, a Nalvinha e eu tava lá no fundo - e a Solange.

Eita, mas quando ele falou a Solange a sala inteira fez assim ó: vuuuup! Olhou pra mim! E eu já fiquei assustada do olhar, no que ele falou ficou todo mundo me olhando porque sabe, nunca (...) imaginavam que eu pudesse ser convocada. Sabe uma menina do interior, certo? Fui ali bater um baba com elas duas vezes, por quê que ela tava sendo convocada?

E ainda teve o preconceito que eu tive que enfrentar pelas colegas daqui da Bahia, entendeu? Porque elas me olhavam assim e falavam: pô, você?¹⁹¹

Sua convocação despertou surpresa para ela mesma, que não acreditava, até aquele momento, em seu próprio potencial. Uma vida de dificuldades, até mesmo para conseguir alimentação, crescendo-se ao fato de vir de uma família muito pobre, por ter sido uma garota que foi estudar bastante tarde, além da discriminação por sua orientação sexual foram elementos que, juntos, construíram um grande sentimento de descrença nela e uma baixa-estima, que Solange só foi aprender realmente a superar na própria Seleção.

A descrença nela própria fez com que a ex-jogadora fizesse o que ninguém, em seu lugar, faria: questionou com o supervisor sobre sua própria convocação, como querendo que ele mesmo retificasse, em tempo, o equívoco momentâneo, de modo a se corrigir. Assim, ela descreveu aquele diálogo, que fez parte daquele marcante momento de sua vida:

Falei: eu? Ele (o supervisor) falou: por que não?

Você é uma das melhores zagueiras que eu já vi jogar na sua idade.

Quando ele falou isso, aí todo mundo olhou pra ele!

Falei: ah é, eu fui convocada?

Foi Solange, por que não? Vou te falar: olha, você é nova, tem um potencial impressionante, merece uma chance. Pessoal, eu não to desmerecendo ninguém, mas a gente tem que... (cortar).

Isso o supervisor que deu uma moral danada pra mim!

Falei: puta meu, fui convocada pra Seleção?!

E não caiu a ficha!¹⁹²

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² Idem.

Ter essa moral, na linguagem utilizada no futebol, quer dizer que aquela atleta é respeitada e valorizada, sensações que se misturavam profundamente naquela insegura mulher que agia e pensou a vida ainda marcada pela ausência de malícia, e mesmo com a ingenuidade de uma menina. Apesar daquela moral que havia conquistado com a convocação, no caminho de volta para Feira, também de carona com o senhor Michelinho, ela se apresentava muito preocupada com a convocação. Na estrada, enquanto o senhor Michelinho passava a lhe dar conselhos sobre como se comportar e não se misturar com companhias erradas, como se ela ainda fosse criança, Solange tinha um único pensamento: com qual roupa iria viajar, já que sequer um tênis apropriado tinha para chegar ao seletor grupo que, a partir daquele momento, iria integrar?

Mesmo preocupada, ouviu pacientemente os conselhos do orgulhoso Michelinho, durante todo o percurso de volta para casa. Ao chegar, foi questionada por sua mãe e teve com ela um diálogo curto, mas que parecia ser suficiente para explicar que aquela situação não teria muito futuro: “Cheguei em casa e falei: mãe, fui convocada pra Seleção. Ela: foi, minha filha? Falei foi. Falei: ó, mas daqui a quinze dias sai o corte e daqui a quinze dias eu volto. Aí ela: então vá.”¹⁹³

Não estou certa dos motivos que levaram sua mãe a autorizar prontamente seu embarque para aquela importante viagem ao Rio de Janeiro, mas, provavelmente, assim como sua filha, ela mesma não acreditava que Solange se tornasse uma jogadora permanente da Seleção. Mesmo porque, ser convocada significava que, a partir daquele momento, as atletas passariam ainda por outras baterias de treinamentos e testes intensivos, o que geraria novas eliminações e cortes do grupo. Os tais cortes, portanto, eram realizados quinzenalmente e, de um grande número de atletas convocadas ficaria um grupo bem menor, reduzido apenas a vinte e duas atletas que comporiam as titulares e reservas da Seleção. E, obviamente, tanto para Solange, como para sua mãe, logo na primeira fase dos cortes, sairia sua eliminação do grupo.

De qualquer modo, alguns dias após, chegou um telegrama em sua casa, o que comprovava oficialmente sua convocação, com a orientação para que chegasse brevemente ao Rio de Janeiro, juntamente com a passagem de avião em seu nome, instruções e outros detalhes de praxe.

Entretanto, durante esse provocativo e inseguro processo, outro obstáculo, além da falta de vestimentas adequadas, apresentava-se para essa entrevistada: superar o medo de

¹⁹³ Idem.

viajar de avião. Mas, pior que realizar essa viagem, era viajar sozinha, pois suas companheiras baianas, que também haviam sido convocadas, viajaram sem sequer entrar em contato com ela, episódio que, até hoje, provoca tristeza nessa entrevistada, como ela mesma se recorda:

Só que a turma que viajou ela viajou só, elas não me esperaram, você entendeu? Tinha o pessoal daqui da Bahia, você entendeu? E elas nem me esperaram. Falei: pô, sacanagem! E agora, o que é que eu vou fazer?

Foram a Nalvinha e a Daí, mas elas não me deram moral, jogaram comigo aqui! Não me deram moral, pô, não me deram assim...

Eu fiquei até chateada, falei: pô, fui rejeitada! Por que não, por que isso assim? Por que eu não posso ser jogadora de Seleção? Só elas?

O sentimento de rejeição ainda é forte quando a ex-atleta se refere a esse momento, rejeição que ela associou ao fato de ser do interior, o que a diferenciava das demais convocadas, que residiam na capital. Mas as dificuldades e os obstáculos sempre estiveram presentes na vida dessa entrevistada que, aos poucos, através da maturidade e das oportunidades que a vida foi lhe apresentando, aprendeu, pouco a pouco, e mesmo com sofrimento, a superar.

Naquele período, e após a rejeição de seu grupo, mesmo ainda sem muita experiência, essa entrevistada havia aprendido que, para conquistar o que queria na vida, precisaria começar a andar com as próprias pernas. E foi assim, mesmo sem sequer ter coragem de falar direito, pois se lembra que falava até baixo demais, que Solange viajou sozinha e chegou àquela “Cidade Maravilhosa”, realmente deslumbrante, que a conquistou logo de início, o Rio de Janeiro.

Para sua surpresa, logo no aeroporto havia representantes da Seleção para pegá-la e encaminhá-la à Escola do Exército, que abrigava uma das primeiras escolas de educação física do país, localizada na Urca, coisa que a tranquilizou bastante. E ali, ela se apresentou: “E foi que me apresentei ali. E eu fui eu tinha os dentes estragados, eu não fui nem pra disputar nada com ninguém, eu acho que por isso que (fui discriminada)..., talvez pela aparência! Entendeu?”¹⁹⁴

Discriminação e rejeição são sensações que Solange conheceu bem e que teve que enfrentar desde cedo. Mesmo no mundo do futebol feminino, modalidade que, por si só, gera discriminação por parte da sociedade, é uma verdadeira contradição perceber que isso ocorre também entre as próprias atletas. Como pode ser observado nesse trabalho, a grande maioria

¹⁹⁴ Idem.

das garotas que jogam futebol é proveniente de uma camada social baixa e, por esse aspecto, além de serem consideradas, como se diz na Bahia, **moleques-machos**, conhecem bem o que significam palavras como discriminação e rejeição. Mas, assim mesmo, essas garotas reproduzem entre elas mesmas esse tipo de postura intolerante, tão presente em nossa sociedade.

Por ser nordestina, interiorana, provavelmente ainda ingênua, por não ter vestimentas adequadas e ter dentes estragados, foram aspectos que geraram, de acordo com sua percepção, a discriminação do grupo em relação à entrevistada. Mas, se por um lado, suas características, inclusive físicas, provocavam estranhamento do grupo, especialmente por parte de suas conterrâneas, por outro, a atenção e o apoio por parte da equipe técnica foi redobrada para Solange. De acordo com seu depoimento, aqueles profissionais pareciam perceber a importância do delicado trabalho que começavam a desenvolver com aquela atleta que, naquele momento, partia para trilhar outro caminho, na direção de algo maior: tornar-se um verdadeiro potencial, uma atleta de ponta, digna de vestir a camisa da Seleção Brasileira.

Para isso, investimentos começaram a ser feitos e, em suas palavras, Solange mostrou gratidão àquelas pessoas que foram importantes naquele começo e que souberam valorizá-la:

E aí quando eu cheguei lá a primeira coisa que eles fizeram foi cuidar de mim. O Eurico (Lyra) foi um cara assim, super legal, me mostrou tudo assim, sabe, tirou tudo àquilo da minha cabeça: “Olha, você não é pior do que ninguém não. Você ta aqui pra jogar. É isso que você veio fazer.”

Então, assim, é que ele foi lá e cuidou de mim, é...; ele cuidou dos meus dentes, colocou prótese, pra me deixar, tipo assim, igual.

Me deixou muito igual, muito igual às meninas, pra que eu na minha cabeça não tivesse preconceito mesmo, comigo mesmo entendeu? E aí ele resolveu cuidar de mim, essa coisa¹⁹⁵.

Torná-la igual demandaria importantes ações visando sua preparação, não apenas no que se refere à aparência, como no caso da aplicação de próteses dentárias, mas esses esforços precisariam também estar direcionados ao seu fator psicológico. Esses trabalhos objetivariam a construção e solidificação, dentro do grupo, do sentido de igualdade, o que é sugerido no depoimento acima. No caso de Solange, entretanto, tal preparação deveria ser direcionada para que as companheiras a observassem como igual às demais, na mesma altura,

¹⁹⁵ Idem.

ou seja, com todas as possibilidades de ingressar na Seleção, por seu próprio talento e potencial. Mas essa percepção deveria inclusive partir dela, de modo que Solange também se observasse em posição de igualdade às demais.

Entretanto, fazer parte daquele grupo, mesmo que ainda na fase de testes, soava para essa entrevistada como descuido da equipe técnica, parecendo que estavam fazendo-lhe um favor. Com o tempo, e, a partir do trabalho que foi realizado, a jovem atleta daquele período foi, pouco a pouco, criando autoconfiança e se sentindo mais à vontade no meio das outras jogadoras. Superando as dificuldades iniciais, Solange acabou por se sentir parte do grupo que constituiu, de acordo com seu depoimento: “A primeira Seleção Oficial criada pela CBF! Você entendeu? Era a primeira!”¹⁹⁶

Pelas informações dos jornais da época, como poderá ser observado mais adiante, essa foi, na realidade, a segunda formação da Seleção Feminina de Futebol e não a primeira, mas o que importava é que essa ex-atleta integrava, naquele período, aquele seleto grupo e, tentar explicar o que isso significa para qualquer atleta, é tarefa praticamente impossível. Mas o que não posso deixar de destacar foi o sorriso, a satisfação, o orgulho de si mesma, expressões demonstradas no semblante daquela mulher, que mais parecia uma criança, ao recordar que integrou, mesmo sem muito acreditar, aquele grupo histórico que constituiu uma das primeiras formações da Seleção de Futebol Feminino do Brasil.

Tudo aquilo parecia um sonho e, como num conto, para Solange, mas um sonho que se encerraria brevemente. Mas, enquanto isso não acontecesse, aquele momento serviria para se diverti-la um pouco, como ela mesma afirmou, pois estava jogando na Seleção e em pleno Rio de Janeiro. Diante desse novo e importante desafio, dois aspectos sempre se faziam presentes na vida dessa estreante: seu jogo alegre e despretensioso e as preocupações com a família, pois as saudades eram constantes.

Dos iniciais momentos na Seleção, Solange se recorda que se deparou com atletas que ela só havia visto pela televisão. Eram nomes de peso, como o da goleira Meg e de outras fantásticas atletas que anteriormente compunham o time do Radar do Rio de Janeiro, como: Márcia Honório, Russa, Maycon Jeckson, Roseli, Fanta, Elaine, Márcia Morel, entre outras. Tudo isso lhe fazia sentir insegura, já que a qualidade tática e técnica daquelas mulheres eram, até aquele instante, infinitamente superiores, especialmente para ela que acabava de sair do nordeste e que sequer conhecia estratégias de treinamento tão elevadas. Afinal, aquele seria o

¹⁹⁶ Idem.

grupo que representaria o país em competições internacionais e que teria como adversários times como os Estados Unidos, Inglaterra e China, por exemplo.

Naqueles instantes iniciais, em que tudo era absolutamente novo, Solange se recorda que se sentia uma verdadeira estranha, como ela mesma afirma:

Quando eu cheguei lá todo mundo ficava assim, olhando pra a gente, né? A gente do nordeste, né? Tipo – “a baianada”. E eu ficava assim, impressionada, impressionada com tudo, tenho foto até amarrando a chuteira, levantando o meio (risos). Até hoje eu tenho caneleira da Seleção Brasileira, mas eu tenho mesmo! (risos)¹⁹⁷

Se amarrar uma chuteira era motivo de tirar fotografia, vestir o terno da Seleção provocava-lhe uma sensação indescritível, fantástica mesmo, uma mistura de orgulho e medo, pois aquela vestimenta representava um futuro desejado, embora ainda incerto. Mas tudo isso demandava assumir compromissos e dedicação, principalmente nos treinamentos que, a partir de agora, seriam intensivos e que exigiram de Solange enormes esforços já que, para se adequar ao nível internacional exigido na Seleção, ela precisou, inclusive, desenvolver sua massa muscular, de modo a adquirir e ampliar qualidades físicas como força e velocidade.

Mas aí eu senti muito nos treinamentos porque eu tinha pouca massa muscular (toca nos membros inferiores), porque eu era danada, mas eu tinha muito pouca massa muscular. E aí eu sentia muita dor muscular, muita, muita, muita! E eu sentia os treinos lá muito pesados pro nível que nós tínhamos aqui, era muito pesado, era muita pouca coisa em relação a tudo o que nós víamos aqui. Aqui e lá, pô, era o top em termos de qualidade profissional, né? **Lá era nível profissional**¹⁹⁸. Aqui nós tínhamos o amador, sem noção, contratava um cara pra treinar, ou alugar, sei lá, é diferente.¹⁹⁹

Sem sombra de dúvidas, a diferença era grande em relação ao que Solange conhecia sobre o futebol e tudo aquilo com que passou a ter contato, a partir do momento que teve a oportunidade de se inserir na Seleção Brasileira. Estar naquele lugar significava estar no topo, local desejado por qualquer atleta que sonha representar seu país e dependeria, para

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Grifo Nosso.

¹⁹⁹ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

tanto, de se superar e se adaptar ao nível internacional das competições. Mas tudo aquilo representava mais esforços e dedicações que, a partir daquele momento, foram decisivos para que essa atleta rompesse com os hábitos desenvolvidos no futebol amador que conhecia, para atingir o nível tão desejado. Mas suas limitações físicas estavam sempre presentes, como as dores musculares também, como ela mesma afirma:

Mas eu sentia muita dor, cada pique que eu dava, falava: professor! E eles me alongavam. Terminava o trabalho, terminava o exercício eles já me pegavam...

E aí passaram-se esses 15 dias: eu treinava, treinava demais. Achava aquilo ali muito pesado. Eu achava o treinamento muito pesado. E aí eu falei não, não to agüentando não, to muito cansada! Sabe, eu sentia que eu não descansava de um dia pro outro, minha reação muscular era muito difícil.²⁰⁰

Acredito ser difícil imaginar como deveria ser um treino de futebol feminino no período aqui analisado, pois, principalmente com base nos depoimentos colhidos se percebe a completa ausência de preparo de quem estava à frente desses times. O que existia era um grupo de pessoas interessadas no futebol das garotas, mas a presença do amadorismo das equipes técnicas era contundente.

Num estudo realizado em 1999²⁰¹ sobre aspectos fisiológicos de mulheres praticantes de futebol feminino, foram realizados testes físicos com o objetivo de comparar índices como: estrutura músculo-esqueléticas, medidas antropométricas e oftalmológicas do grupo-controle. A partir dos dados obtidos, a equipe que realizou tal levantamento afirmou que os índices das atletas brasileiras seriam equivalentes ou até superiores aos índices de outras equipes. No entanto, pela escassez de informações, não foi possível estabelecer a quantificação de tais índices, de maneira a adequar as informações e dados colhidos à prática do futebol por mulheres no Brasil.

Os treinamentos desses times, no nordeste do país no período de 70 e 80, davam-se precariamente e eram realizados e dirigidos por pessoas sem informações, até porque, como demonstra o estudo citado, ainda não existiam suportes teórico-metodológicos acerca do tema. Assim, a preparação técnica e tática de Solange para atingir os padrões exigidos em competições internacionais, também foi um problema a ser enfrentado.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Silva, Paulo Roberto S. Características fisiológicas, músculo-esqueléticas, antropométricas e oftalmológicas em jogadoras de futebol feminino, consideradas de elite. Revista Brasileira de Medicina Esportiva, 5 (1); 1 – 8, jan/fev. 1999.

Seu início naquele lugar estranho não foi em nada fácil, como tudo na vida dessa ex-atleta de futebol. Mas as compensações foram se apresentando paulatinamente e logo o auxílio veio, principalmente sob a forma de apoio por parte das atletas do ex-time do Radar e da própria equipe de técnicos que, naquele período, estavam à frente daquele grupo. Por sua simplicidade e humildade, os treinadores e as meninas foram se aproximando e começando a dar conselhos durante os treinos. Se o distanciamento e a rejeição, por parte das atletas baianas persistiam, ela teve a ajuda das demais companheiras da Seleção e dos demais profissionais que ali estavam que, aos poucos, passaram a ver naquela garota do interior do nordeste uma parceira. Essa parceria foi fundamental para que Solange superasse as saudades de casa e as dificuldades, que ainda se apresentavam no processo de adaptação.

As barreiras, no entanto, foram se tornando motivos para se dedicar cada vez mais aos treinos, com ou sem bola, às longas horas, muitas vezes sozinha na sala de musculação, e às demais exigências que surgiam. Provavelmente por ter passado muita fome, tanto na infância quanto na adolescência, as dificuldades no treinamento físico eram maiores para Solange. Por outro lado, por ter vindo do futebol amador, faltava-lhe naturalmente conhecimento sobre vários detalhes referentes aos aspectos técnicos e táticos de jogo. Mas mesmo com aquele pouco tempo, ela foi, rapidamente, se adaptando e logo começou a gostar de tudo o que estava vivendo. Mas a humildade dessa ex-atleta, certamente, foi fator impulsionador de novas descobertas para ela, que concluiu:

E eu cheguei e gostei daquilo ali, sabe? Era treino com bola, era treino que eu nunca tinha feito na vida. E eu via as meninas: “não, pô, vem na paralela!”

E aquilo ali, pô, pra mim era um som diferente, eu nunca tinha ouvido aquilo!(...)

Eu pensava que eu sabia jogar, mas na verdade eu tinha muita coisa pra aprender!²⁰²

Aos poucos, essa parceria foi tranquilizando aquela debutante zagueira e ela foi se chegando mais ao grupo, tornando-se mais falante, ou seja, ficando mais solta entre as meninas, desprendimento que passou a ter inclusive nos treinos. Mas mesmo com todo esse apoio, Solange só aguardava o momento de saída da lista de cortes para retornar a Feira de Santana e ficar novamente próxima à sua família. A certeza que não iria ser aproveitada fazia

²⁰² Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

com que ficasse mais calma e jogasse com a alegria que lhe era peculiar. Solta em campo e mais livre para realizar os lances, além do desejo de aprender a jogar melhor, foram elementos que, associados, fizeram com que seu futebol fosse se apresentando, cada dia, com um pouco mais de qualidade.

Fora essas questões, outro fator que trazia bastante alívio para essa ex-atleta era a qualidade também da alimentação fornecida nos alojamentos, como comprova uma de suas falas: “Quanto à alimentação, era muito saudável e eu comia, eu comia! Comia com o olho sabe, por causa da carência que eu tinha aqui. Sabe esse trauma bobo, não sei se é bobo, mas quer dizer, sabe aquela coisa que você nunca viu pra você?”

Se durante os treinos seu objetivo era devorar a bola e absorver todo o aprendizado daqueles momentos, que ela supunha passageiros, horários das refeições essa voracidade se apresentava, e se caracterizava sob outra forma. Solange, na realidade, parecia ter fome de tudo e até mesmo de estar naquele lugar, que tanto fez parte dos seus sonhos de infância.

No entanto, ter tudo aquilo ao seu dispor lhe despertava sentimentos dúbios de alegria e tristeza, concomitantemente: se, por um lado, representava tudo o que havia sonhado, por outro, lhe trazia tristeza e preocupações com seu povo. Tristeza que se apresentava, principalmente, nos horários da alimentação que, ao tempo que devorava tudo o que podia e queria, por outro, se lembrava da família e se perguntava: como será que estão se alimentando? Quando se encontrava em seu quarto, quando a noite chegava, naquela cama gostosa e quente, lembrava-se que morava numa casa sem qualquer conforto, ou mesmo segurança, pois, como ela mesma afirmou: reconstruiu a casa de sua mãe que estava prestes a cair.

As lembranças das situações de miséria e das necessidades pelas quais sempre passou sua família estavam presentes em seu íntimo e provocava muita angústia. Era como se culpasse por estar bem agora e não merecesse ter acesso a tudo àquilo que faltava a sua família, na simples casa em que residiam: alimentação, passeios e viagens, um quarto com TV e uma cama bastante confortável, trabalho, brincadeiras entre as companheiras, ou seja, o básico para se manter uma vida com qualidade.

A dubiedade de sentimentos se fazia constante naqueles longos quinze dias que, igualmente, foram de importantes aprendizados, e, durante os quais, Solange ansiosamente, aguardou a primeira lista de cortes da Seleção, ciente que seu nome nela constaria. A apresentação dessa lista, que continha a relação de nomes, era feita normalmente à noite, de acordo com suas lembranças, logo após o dia de treino. Depois que tomavam banho e

jantavam, as atletas se dirigiam ao pátio, local em que a lista daquelas que haviam sido cortadas era exposta, como ficou registrado em suas memórias:

Meteram uma lista na parede e tal, à noite, né? Porque no outro dia a galera que tivesse cortada, ia embora, né? Aí eu olhei assim, peguei, já deixei tudo pronto (no quarto), né? (Solange sorri e faz um gesto como se estivesse arrumando as malas para a partida)

Falei: vou embora, já era! Eu olhei assim – meu nome? Eu não olhei nome de ninguém eu só falei: cadê meu nome?

E, meu Deus, esse pessoal não vão me mandar embora não, é? E eu falei que com quinze dias eu ia embora! Eu tava preocupada com a galera (sua família) aqui que eu falei: volto com quinze dias! (Continua com um sorriso que demonstrava muita felicidade)

E aí não saiu!

Falei: vou ter que continuar treinando! Vou treinar, vai. Aí dez dias depois ia sair o segundo corte...²⁰³

Foi com certa frustração que essa entrevistada constatou que ainda permaneceria naquele local por mais algum tempo. Após perceber que não havia sido cortada e, mesmo com as preocupações com a família na Bahia, logo de início, tranquilizou-se por saber que, cedo ou tarde, deixaria o grupo e voltaria para a realidade do futebol amador, que tanto conhecia. Consciente disso, continuou treinando, obedecendo às orientações que recebia com prazer, seriedade e com sede de aprender tais ensinamentos, pois também percebia a dedicação que a equipe técnica reservava especialmente para aquela inexperiente, mas promissora atleta.

No entanto, durante os dias que se seguiram, Solange percebeu que seu corpo logo foi se adaptando, respondendo positivamente aos treinos físicos e à alimentação de alta qualidade que recebia, como também aos cuidados da equipe técnica e das companheiras de equipe. Se os quinze dias iniciais foram difíceis, nos dez dias restantes para sair o segundo corte, seu condicionamento físico mudou radicalmente e seu corpo já estava praticamente adaptado aos programas de treinamentos que, a partir dali, já não lhe eram tão estranhos.

Logo os dez dias se passaram e a nova lista de corte saiu, mas nela também não constava o nome de Solange. Indignada, dirigiu-se a comissão técnica para reclamar, como ela lembra:

²⁰³ Idem.

Ah, eu falei! Falei: ó professor, eu tinha dito que queria ir embora! Não quero ficar mais aqui não! Professor, você não me cortou, eu fui lá!

No outro dia cedinho tinha jogo contra o sub-15 do Fluminense. E tinha ele (Edilson), o João e o Renato. Ah e tinha o auxiliar técnico também que era muito legal.

E aí cheguei e: professor, eu quero ir embora, por favor, eu tô com saudade da minha mãe, da minha família, da minha Baraúna, né?²⁰⁴

Como uma atleta chega à Seleção Brasileira, maior referência na modalidade em que atua, e solicita sua própria saída? Foi essa a atitude daquela, até o momento, inexperiente atleta, mas que não foi atendida. Nesse instante, entrou em cena a sapiência e o conhecimento de uma equipe técnica, preparada para argumentar e trabalhar psicologicamente as atletas das quais eram responsáveis, de modo a não desperdiçar talentos, mesmo que sua opinião fosse contestada, como aconteceu com Solange. Após suas reclamações fundamentadas nas saudades que sentia da família e de sua cidade, como quando lembrava a Baraúna, foi o momento do profissionalismo dessa equipe entrar em ação. Mesmo insistindo, sentindo-se chateada, enganada por não poder ir ver a família, Solange teve que ouvir os argumentos da equipe técnica que foi, aos poucos, convencendo-a do seu próprio talento.

Essa entrevistada conta que a equipe, então, fez uma reunião para conversar com ela que, como uma criança emburrada, reagia ouvindo, absolutamente contrariada, os argumentos. Recorda-se daquele instante em que, por pouco, deixou seu sonho e o futuro escapar de suas mãos, o que teria mudado toda sua história. Assim, tenta reconstruir as sábias palavras do senhor Edilson que teve que ouvir no decisivo momento que marcou sua vida e sua carreira no esporte que aprendeu a amar, como registrado em seu depoimento:

Ele (o senhor Edilson) falou: Solange eu não vou mandar você ir embora. Eu não vou ser responsável por isso. Porque eu sei que você é uma grande jogadora, você vai ser uma grande jogadora, é uma grande jogadora, jovem, você tem potencial, você ainda só não se descobriu. Quando você descobrir a importância que você vai ter na sua vida por ser atleta e jogar do jeito que

²⁰⁴ Baraúna é o local onde Solange batia os babas quando criança, como ela citou anteriormente. Idem: depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

você joga, você jamais pediria isso pra um técnico da Seleção Brasileira.²⁰⁵

Antevendo o futuro dessa atleta, esse senhor buscou convencê-la de seu talento e de seu potencial, o que se somava ao seu interesse de formar uma atleta que atuasse na posição ocupada por ela: a zaga. Mas não foram, necessariamente, esses argumentos que tocaram aquela garota nordestina e sim, a forma como essas palavras lhe foram colocadas: com atenção, preocupação, confiança, esperança e até mesmo com carinho. E, naquela forma de falar, aconselhando-a, Solange viu naqueles homens a figura de seu pai, como ela afirma em suas palavras: “Eles falaram sério isso aí pra mim, como um pai mesmo. O Sr. Edilson falou, pô, como um pai – eu vi a imagem do meu pai neles; ele falando aquilo ali pra mim.”²⁰⁶

A afetividade foi o fator que tocou aquela mulher que, no momento agia ainda como uma menina, demonstrando total insegurança no futuro amedrontador. Insegura sobre como agir e sobre qual atitude tomar, Solange buscou se aconselhar com duas outras companheiras do grupo, Meg e Marisa, que, posteriormente, se tornaram suas fiéis amigas. Essas duas, já mais experientes, procuraram acalmá-la e convencê-la a permanecer no grupo, conscientizando-a da importância daquele momento, não apenas para ela, mas para o futuro do próprio futebol feminino brasileiro. Sabiamente, as palavras dessas companheiras alertavam para as perspectivas que se criavam a partir dali, especialmente para Solange, de modo que ela não desperdiçasse um futuro invejável que, naquele momento, começava a se desenhar. Daquele momento de incertezas e dúvidas e dos conselhos recebidos, Solange se recorda muito bem, como pode se observar em seu depoimento:

Não, era a primeira vez e eu fiquei louca. Aí foi aí que ela (Marisa) foi conversando comigo, a Meg também foi conversando comigo e aí elas: olha Solange, é fato, você é jogadora de Seleção Brasileira, quem não queria tá no seu lugar? Entendeu? Então pára de pedir pra ir embora, você joga muito bem! Todas essas meninas que estão aqui, pô, a gente procurou zagueira no Brasil inteiro, mas foi você foi encaixada. Sabe, sua mãe vai sentir orgulho de você, sua família vai sentir orgulho de você...²⁰⁷

²⁰⁵ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ Idem.

Foi como se tivesse passado um filme da sua vida em sua cabeça naquele instante. Essa entrevistada se recordou dos difíceis momentos que já havia enfrentado na dura vida que levava e mesmo do preconceito que já havia experimentado dentro de casa, por parte das irmãs, por sua orientação sexual e pelo seu desejo de se tornar uma grande jogadora. Aquela seria a chance de se consolidar como atleta de ponta, de alto nível e de ter uma vida independente, fazendo aquilo que, de acordo com ela, era o que amava: jogar futebol. Recorda-se ainda, daquelas palavras carinhosas, que tocaram seu íntimo e que a convenceram, ao mesmo tempo, reforçando o orgulho que despertaria naqueles que a conheciam:

Os seus amigos, os seus amiguinhos! Ela falava amiguinhos como eu fosse criança! **(abre um sorriso como o de uma criança)**²⁰⁸

Você tem que aprender: você tá aqui, pô, ta na Seleção Brasileira! Daqui a uns dias você vai sair do Brasil! Imagina aí, isso é dinâmico, é fantástico! Imagina aí o que vai acontecer na sua vida? Imagina que daqui a alguns anos você vai tá contando isso pra todo mundo, pô! E de fato, né?²⁰⁹

Hoje, essa entrevistada rememora agradecida as palavras e os conselhos que recebeu naqueles decisivos momentos de sua vida e conta orgulhosamente tais fatos, ciente de ter feito a escolha correta. Lembra-se ainda que rezou, pedindo a Deus que acalmasse seu coração, fazendo-a aceitar aquele importante desafio que, ao mesmo tempo em que a amedrontava, abria para sua vida outras possibilidades como sujeito. Ela passava a ter, a partir daquele instante, a consciência de que seu futuro poderia estar associado ao futuro da própria Seleção, o que dependeria, concretamente, a partir de então, somente de sua dedicação e esforço, pois sua chance de realmente se tornar uma grande atleta se apresentava a sua frente.

Com esse turbilhão de pensamentos e sentimentos que a incomodavam, mas também com o medo de todo aquele desconhecido que se configurava à sua frente, ela fez sua escolha. Como sempre, despretensiosa e humildemente, Solange enfrentou uma das noites mais difíceis de sua vida e que a marcou profundamente. Mesmo com um medo insuportável que traduzia toda a insegurança daquela responsabilidade, tentou dormir naquela difícil e inesquecível noite, como ela mesma relembra e descreve em suas palavras: “Aí fui dormir pensando: e no outro dia? Mas eu não dormi. Porque eu queria ir embora! E eu não dormia,

²⁰⁸ Grifo Nosso.

²⁰⁹ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

mas falei: meu Deus se for pra ser a minha vida isso, que o senhor coloque isso no meu coração”²¹⁰.

E, assim, começou a se desenhar a história de Solange naquela que foi uma das primeiras formações da Seleção Brasileira Feminina de Futebol, uma história que se confunde com a própria história da Seleção, pela qual passou quase uma década atuando como atleta. É essa relação que começo a escrever, com base em seus depoimentos, a partir do próximo tópico.

2.3 - histórias que se confundem e se complementam

Em 1991, Solange iniciou sua carreira no seletor grupo que formou a Seleção Brasileira Feminina de Futebol e nela atuou durante quase toda a década de 90. Mesmo com as fortes saudades da família que deixara na Bahia, a promissora zagueira tinha consciência de que era aquele o espaço que propiciaria um futuro melhor para ela, enquanto atleta, e mesmo para sua família, pois dali retiraria os fundamentais recursos para dar uma vida mais estável a todos/as. Essa jovem atleta integrou o grupo que construiu o início da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, atuando em gramados internacionais, uma geração cheia de desafios e sonhos. Foi também nesse espaço que ela, já aos 38 anos, encerrou sua carreira frente à Seleção. O fim da participação trouxe o esquecimento de toda sua geração e o silenciamento de suas histórias tão valiosas de mulheres que construíram uma parte importante da história do futebol feminino nacional.

A Revista Placar, publicada em 03 de junho de 1988, trouxe, em suas páginas, as fotos daquelas que foram as primeiras mulheres a integrar a Seleção Feminina Brasileira de Futebol. Mas, já no título, essa matéria apontava que o principal desafio para essa geração, e seu maior objetivo, seria consolidar a modalidade esportiva, em seu país de origem. A maior parte desse grupo era composta pelas atletas do Radar, time carioca pentacampeão brasileiro e que, até então, representava o Brasil em competições internacionais. Estavam presentes, vindas do Radar, os seguintes nomes: Lícia, a goleira, com 21 anos; as zagueiras Mariza, Sandra e Elaine, todas com 21 anos; as centroavantes Russa e Macheal Jackson, então com 25 anos; a lateral esquerda, de 21 anos, Fanta; e a meio-campo, Pelezinha, já com 25 anos na época.

Além dessas, também estavam presentes naquele grupo: Simone, goleira com 19 anos, Susana, a lateral direita, com 20 anos, Fia, 20 anos, Roseli, 19 anos, e Marcinha, com 25 anos,

²¹⁰ Idem.

todas atuando no meio-campo e vindas do time do Juventude; do time da Brahma vinham a zagueira Suzy, 21 anos, e Flordelis, uma baiana, também jogando no meio-campo, com 24 anos; e, ainda, a meio-campo Lúcia, que, com 28, atuava no Trainer, time italiano; havia, ainda, a centro-avante Cebola, que, com 20 anos, jogava no time do time Vila Dimas, além da promissora baiana, Sissi, atuando como ponta esquerda, na época com 21 anos.



Figura 8 - Foto Revista Placar / 1988.

As expectativas, em relação a esse time, eram as maiores, pois a Seleção, ainda quando representada pelo Radar, durante sua participação em jogos internacionais, vinha de várias vitórias nas 52 partidas em que atuou, obtendo os seguintes resultados: 46 vitórias, 3 empates e 3 derrotas.

O primeiro desafio, portanto, a ser enfrentado por esse grupo que compunha a Seleção Feminina era a Primeira Copa Do Mundo de Futebol Feminino, que ocorreu na China, organizado pela FIFA, da qual participaram times de todos os continentes e o Brasil representou a América do Sul; da América do Norte vinham Canadá e Estados Unidos; a África vinha representada pela Costa do Marfim; da Ásia foram convidados a China, o Japão, Tailândia, Oceania e Austrália; e da Europa foram convidados os times da Tchecoslováquia, Holanda, Suécia e Noruega.

Nesse período, a zagueira Solange, de acordo com seu depoimento, havia se machucado, o que tinha provocado uma forte contusão no joelho. Por esse motivo, ela não se apresentou para aquela que foi sua primeira convocação, embora creio que também incentivada pela descrença nela mesma, que não se pensava com potencial suficiente para integrar tão importante grupo. Na matéria da Revista Saque de 1988²¹¹, entretanto, não consta seu nome como uma das convocadas para a Seleção que atuaria, defendendo o país em 1988, dentre os nomes das atletas baianas.

Das informações contidas nessa Revista, outras baianas foram convocadas, mas, após a triagem no Rio de Janeiro, foram dispensadas da Seleção: Silvinha, Dalvinha e Arlinda. Ainda foi convocada a atleta Maria Helena, mas não chegou a viajar e a se apresentar para compor esse grupo.

Também, em 1988, a Revista Saque lançou uma matéria muito interessante sobre o futebol feminino brasileiro, com depoimentos do então técnico da Seleção, o senhor João Varella, e de algumas atletas que, através de suas palavras, diagnosticavam a realidade do esporte naquele período, no país, o que não se modificou muito, em relação aos dias atuais.

Logo em seu início, a matéria trouxe informações sobre o futebol feminino no Chile, já que a primeira Copa do Mundo se realizou naquele país. Lá, diferentemente do “país do futebol”, havia dados de que o esporte era praticado por mulheres há quase 30 anos, tendo, até então, três divisões e mais de 50 mil atletas federadas. Na mesma matéria se via a crítica ao Brasil, país em que o CDN (Conselho Nacional de Desportos), somente em 1983, reconheceu o futebol feminino como desporto.

Naquele período, de acordo com a matéria, o número de atletas de futebol não passava de 1.200, espalhadas por 40 clubes, que apenas custeavam o lanche e passagem de ônibus para as jogadoras. Além disso, a matéria já mostrava que o primeiro time de futebol feminino que ofereceu um mínimo de estrutura para suas atletas foi o Bangu do Rio de Janeiro, em

²¹¹ Revista Saque de 1988, página 53.

1979. Mas, por esses empecilhos e dificuldades impostas pelos dirigentes às atletas, a mesma matéria denunciava: “No entanto, essas equipes somem tão rápido quanto aparecem – muitas vezes por um simples capricho dos cartolas.”²¹²

Essa dita realidade oficial e numérica era bastante questionável se fosse verificar a história desse esporte no Brasil, onde podem ser encontradas informações de mulheres praticando o futebol desde a década de 40²¹³, como cito anteriormente. Mas a matéria da Revista Saque, além das críticas aos dirigentes, também chamados de cartolas, mostrava ainda o depoimento de atletas como Marílea, a Michel Jackson, que, na época, aos 25 anos, desempenhava a função de centroavante da Seleção. Vinda do Radar, essa atleta mostrava que, em 80, o contexto do futebol feminino no sudeste já se apresentava um pouco diferente daquele vivido pelas atletas nordestinas. No Radar, as garotas recebiam um salário mínimo para jogar e, caso quisessem trabalhar no clube, no outro expediente, receberiam para isso mais um salário mínimo. Aquelas atletas que não eram do Rio podiam contar com casa e comida, despesas básicas, também patrocinadas pelo Radar.

Além desse depoimento, a matéria também polemizava sobre a opção sexual das atletas de futebol, consideradas lésbicas, e, na época, tratadas de **sapatões**. Aspecto marcadamente presente na vida de todas as atletas entrevistadas nesse estudo: a dubiedade na forma como são vistas e o preconceito com o qual essas atletas sempre foram tratadas sugere que esse ainda é um obstáculo a ser superado pelo futebol feminino no Brasil. Sobre esse fato, ainda, a mesma Revista retratava o ponto de vista do técnico João Varella, que teorizava: “Não vou dizer que não existe (sapatão). No vôlei e no basquete também tem. Mas como no futebol o nível econômico é muito mais baixo, o que há é preconceito social.”²¹⁴.

Mesmo naquela década em que o futebol feminino iniciava sua jornada reconhecida oficialmente, no Brasil, o próprio técnico já sugeria que o preconceito era um problema a ser enfrentado pelas atletas. Mas, mesmo perante as dificuldade, aquele seletor grupo de mulheres havia chegado ao topo do esporte em território nacional, o que poderia modificar, a partir dali, toda a história desse esporte, no Brasil. No entanto, o preconceito foi e continua sendo uma dificuldade constante na vida daquelas que se dedicam a esse esporte, inicialmente batendo os

²¹² Ibid.

²¹³ Como já citado anteriormente através do importante estudo da pesquisadora Silvana Vilodre Goellner, tais dados comprobatórios dessa prática já existiam, como sugiro ser verificado em seu artigo, e mesmo antes desse período, como mostra a matéria do site do Guarani Esporte Clube. Mas infelizmente, até hoje no Brasil, essa prática esportiva, quando realizada por mulheres, muitas vezes ainda é considerada uma curiosidade, aberração, ou algo inconsistente e sem credibilidade. Para maiores informações sugiro a leitura do seguinte trabalho: Pode a Mulher praticar o futebol?....

²¹⁴ Revista Saque de 1988, Paraná, p 53.

babas ou as peladas com os garotos na rua e depois tendo que enfrentar a falta de recursos e a ausência de reconhecimento, e ainda o silenciamento de suas histórias.

Apesar de todas as dificuldades, aquele grupo, que compôs a Primeira Seleção Feminina de Futebol, realizou uma importante conquista para o esporte brasileiro, terminando a primeira Copa do Mundo em terceiro lugar, como pode ser observado em outra matéria da Revista Saque, daquele mesmo ano:

O time carioca do Radar, pentacampeão brasileiro e representante do país em vários torneios internacionais, serviu de base para a “amarelinha”, completada por meninas de São Paulo, Bahia e Brasília. Apesar do excelente retrospecto do Radar em campos estrangeiros (46 vitórias em 52 jogos), o Brasil entrou na competição pela janela, como convidado da FIFA. E, mesmo de penetra, a mulherada brasileira surpreendeu, derrotando as anfitriãs chinesas por 4 X 2 nos pênaltis, na disputa pela terceira colocação.²¹⁵

Solange não participou desse grupo, e também não percebi nas Revistas e Jornais aos quais tive acesso, seu nome como indicação para compor esse que formou a Primeira Seleção de Futebol Feminino do Brasil. Entretanto, o nome dessa entrevistada apareceu na formação da Seleção, a partir do ano de 1991, e permanecerá compondo a Seleção até o ano de 1998, quando, por questões pessoais decidiu não viajar para disputar aquele que seria seu último torneio internacional. A partir desse momento, Solange continuou jogando em times no Brasil, até encerrar sua carreira como atleta, aos 38 anos de idade.

A convocação para integrar a Seleção dependia de uma somatória de fatores, como a função que a atleta desempenharia em campo e seu condicionamento físico, o que tem consequências diretas no desempenho individual da atleta, seu talento e habilidade próprias, além de certa dose de influência de técnicos, dirigentes, organizadores, ou seja, de indicação. Como citado, no final do tópico anterior, em 1991, quando Solange passou a atuar na Seleção, após o teste avaliativo, realizado em Salvador, Sissi, sua conterrânea, não estava compondo esse grupo. Por não ter se apresentado no tempo determinado na convocatória e por motivos outros, Sissi não atuou no grupo, nessa temporada, voltando, posteriormente, a integrar a Seleção.

Na ausência de Sissi, sua aliada “contra a baianada”, como disse Solange, que ainda manifestava resistência contra ela no grupo, Solange, apesar disso pode contar com outras

²¹⁵ Ibid.

companheiras, das quais ela posteriormente se tornou verdadeiramente amiga. Descrevendo aquele grupo, essa entrevistada afirma: “Mas aquela turma de 91 era muito unida, entendeu? Era muito unida! O nível também tava muito alto! Era um grupo pequeno, mas era um grupo com qualidade! Poderia jogar em qualquer lugar do mundo que... ganharia qualquer coisa!”

216

Esse novo grupo, pelo depoimento de Solange, parecia ser realmente mais unido e, daquelas atletas, essa entrevistada passou, aos poucos, a adquirir confiança e a se sentir mais à vontade. Foram essas mulheres que lhe ensinaram muitas coisas, não apenas sobre o futebol, mas sobre a vida: como se portar em determinadas situações e mesmo a reclamar com a equipe técnica quando algo a incomodasse. Mesmo tendo que passar um bom tempo concentradas com treinos diários e com tanta responsabilidade, muitas vezes, as brincadeiras, entre essas mulheres, mais lembravam um acampamento de garotas, pois quando descontraídas sabiam inventar brincadeiras. Riam de uma e de outra e criavam situações engraçadas, até para suportar tanto tempo presas nos alojamentos, situações que geravam incômodos, mas também muito divertimento entre elas. Nessas situações, aquelas mulheres pareciam verdadeiras meninas e, desse modo, foram driblando as dificuldades, as saudades de casa, de suas famílias, namoradas etc.

Para Solange, especialmente, as saudades da família eram quase insuportáveis, mas as dificuldades nos treinamentos deveriam ser superadas, o que propiciaria sua permanência naquele grupo. As dificuldades, como a falta de uma alimentação adequada na infância e na adolescência, e pelo esforço que exigia a posição que ocupava, na zaga, seu treinamento era bem específico. Essa entrevistada se recorda que, além dos treinos coletivos, sua preparação requeria uma dedicação especial aos treinamentos de força, o que lhe custava longas horas diárias na sala de musculação, como ela relembra:

Eles investiram muito em mim: cuidaram de mim, me trabalharam. Eu trabalhei tanto, eu fiz tanta musculação, tanta pra pegar massa muscular, trabalhava o corpo inteiro. As meninas paravam de treinar e eu continuava treinando, fazendo musculação. Mas aquilo me matava! Eu descia mais cedo (do alojamento) e subia mais tarde...²¹⁷

²¹⁶ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

²¹⁷ Idem.

Mas a dedicação e o empenho trouxeram resultado e Solange foi logo se adaptando fisicamente para os novos desafios e exigências que se apresentavam. Afinal, ela agora fazia parte daquele seleto grupo que despertava a curiosidade e o interesse por parte da população de um país. Mesmo em algumas matérias de jornais da época, eram inevitáveis as comparações feitas entre os jogadores do masculino e as garotas do futebol feminino, demonstrando a expectativa popular que se criava em torno desse grupo, como se observa num Jornal daquele período:

Desde a Copa de 1970, no México, que a Seleção Brasileira de Futebol não consegue ganhar um título na Copa do Mundo (...). Os torcedores ainda lembram com saudade da Copa do Pelé, do tempo em que o futebol era levado a sério (...). Pelé encantou o mundo como também encantaram Jairzinho (...); Tostão (...); Clodoaldo (...).

Este ano uma novidade irá mudar a rotina do futebol. É a Seleção Brasileira de futebol feminino que entrará em campo com muita vontade de vencer. São 22 meninas que têm por objetivo mostrar que as mulheres também são boas de bola, e que sabem fazer no campo o que muitos homens não conseguem (...).²¹⁸

Como essa, outras matérias faziam inevitáveis comparações, principalmente, como se argumentou no recorte da reportagem acima, que o futebol masculino já não encantava mais e frustrava as expectativas dos torcedores/as pelo país inteiro. Com esse vazio, provocado pela falta de gols e pela ausência de conquistas pela Seleção Masculina de Futebol, as esperanças passaram a ser direcionadas ao futebol das garotas que, mesmo estreando em competições internacionais, já tinham o peso dessa responsabilidade e debutavam nos campeonatos com toda essa expectativa. Dessas inevitáveis comparações com o futebol masculino, que também se apresentavam em relação ao aspecto tático e técnico, que as jogadoras apresentavam, individualmente, elas adquiriram codinomes, emprestados dos antigos ídolos do futebol, como Pelé. Com isso, a responsabilidade das garotas foi, paulatinamente, aumentando, como também as preocupações e cobranças em relação a seu grupo.

Tal situação também se refletia nas expectativas sobre o trabalho desenvolvido pela equipe técnica que, pela primeira vez, tinha que focalizar as estratégias de treinamento para um grupo de mulheres, em nível internacional. O trabalho com as meninas demandava especificidades e, para essa equipe, o primeiro incômodo que apareceu, logo de início,

²¹⁸ Matéria sem informações sobre sua fonte retirada do acervo de Solange Santos Bastos durante a entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

relacionava-se à distribuição das atletas nos quartos, no alojamento. Havia uma das atletas baianas que, por seu comportamento e por questões próprias, não tinha nenhuma relação de amizade com ninguém do grupo e, por esse motivo, ninguém se dispôs a dividir o quarto com ela. Tal situação foi solucionada quando resolveram colocar essa atleta no mesmo quarto de Solange que, embora tenha contra-argumentado, suas palavras não alteraram a situação e ela teve que dividir seu espaço com uma companhia pouco agradável, como ela mesma afirmou:

E aí foi que eu falei: mas olha, ela não vai com a minha cara! Mas só que ninguém queria ficar com ela, a própria parcerada dela: a Nalvinha, a Daí, ninguém queria ficar com ela! As meninas dos outros estados ninguém queria ficar com ela. **Porque ela era muito masculina:** usava cueca (ri) e as meninas ninguém queria ficar com ela... (sorrisos) As meninas loucas...²¹⁹

Por ser ainda novata, sua objeção não foi ouvida, mas Solange soube driblar mais essa dificuldade que se apresentava. Para isso, teve que se submeter às vontades da companheira de quarto, que determinava quando a TV poderia ficar ligada e até mesmo os momentos em que ela deveria tomar banho, após os treinos. Mesmo com essa situação criada, essa entrevistada recorda que foi motivo de brincadeiras por parte das demais companheiras que comprovaram que Aparecida realmente usava cuecas.

Quando ficava sozinha no quarto que dividia com Aparecida, as outras atletas aproveitavam para verificar os pertences da jogadora. Numa dessas vezes em que estava só, uma das meninas pediu para ir ao banheiro e logo foi autorizada por Solange, que não identificou problemas na utilização da suíte de seu quarto. Só começou a desconfiar que havia alguma coisa errada quando a quarta companheira pediu para usar o mesmo banheiro. Naquele instante, ela resolveu saber o que havia de errado com os banheiros existentes naquele andar e resolveu verificar pessoalmente o que estava acontecendo em seu quarto. Identificou, naquele momento, que a cueca usada por Aparecida estava sobre o Box, o que provocou brincadeiras entre as demais atletas e muito aborrecimento em Aparecida, que sempre culpava Solange pela descoberta de sua intimidade, como ela mesma assegurou:

Aí, daqui a pouco eu só vi uma correria, uma risadaria naquele corredor! E aí falaram: ô Solange, tu vai morrer! Eu: mas por quê? Porque você deixou as

²¹⁹ Decidi não revelar o nome dessa atleta, pois o relacionamento entre ela e as demais jogadoras, pelo que me parece, não foi muito amigável. Além disso, por conta do depoimento de Solange revelar intimidades dessa atleta, preferi criar o codinome de Aparecida para me referir a mesma.

meninas entrarem no seu quarto foi tudo ver a cueca aí, ó. Mas de quem é a cueca? Era da Aparecida a cueca! Elas sabiam, mas eu não sabia que era da Aparecida (sorri)...

Mas pegaram essa cueca sacudiram. Pegaram um cabo de vassoura e fizeram, a Russa pô, fizeram de porta-bandeira lá e tal (risos). E aí eu to vendo a menina chegar aqui na janela e elas brincando com a cueca da Aparecida. Falei: me dá, me dá! Porque se ela me pega eu sei que ela ima me matar (sorrisos)... Ela ima me matar; me dá, me dá (sorri). E aí, sabe o que aconteceu? Bafei a cueca e saí correndo, quando eu acabei de colocar lá, isso porque eu consegui tomar, né? Foi difícil, mas eu consegui tomar. E aí quando eu coloquei a cueca lá a menina sobe a escada.

E nisso, todo mundo correu pra os seus quartos (sorri)... Com a Aparecida daquele tamanho, quem ia ficar?²²⁰

Esse tipo de situação parece inimaginável acontecer no meio de um grupo que carregava consigo um desafio inédito para o esporte nacional. Mas elas conseguiam aliviar tanta responsabilidade com muita brincadeira e descontração, o que parece ser uma característica comum às atletas que atuam no futebol, independentemente da geração em questão. Talvez, por terem que superar tantos obstáculos na vida para poderem ser selecionadas e mesmo cientes dos desafios prestes a enfrentar, a alegria fazia parte e era uma constante na vida dessas atletas. Com sua alegria, elas driblaram as dificuldades e o próprio preconceito, que sempre as perseguiu.

A atleta baiana em questão, que resolvi chamar de Aparecida era, realmente, uma mulher muito forte e muito alta: com 1,85m de altura, e era uma das que disputava a vaga de zagueira com Solange²²¹. Nesse período, o grupo selecionado era composto por 30 jogadoras e, dessas, 20 permaneceriam e formariam o time titular e o reserva da Seleção e 10 voltariam para casa. No entanto, um dos problemas a ser enfrentados por esse time que tinha um grupo, com um período médio de dez anos atuando no futebol, era o melhoramento da condição física das atletas. Para isso, ficaram concentradas na Escola do Exército da Urca, no Rio de Janeiro, onde permaneceram até o mês de abril, quando começou o Sul-Americano.

As situações engraçadas que geravam descontração entre o grupo, mesmo que ridicularizando a intimidade delas mesmas, no final, foram importantes para o convívio entre elas, pois aguentar um confinamento que durou meses só foi possível pela descontração, que

²²⁰ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

²²¹ Informações colhidas na coluna esportiva do Jornal Folha de Londrina de 26 de abril de 1991.

foram capazes de criar. Assim, torneios de baralho, tênis de mesa, basquete, entre outras atividades, serviram para que o grupo continuasse unido, não perdendo de vista seu maior objetivo: disputar o Campeonato Sul-Americano e garantir uma vaga na Copa do Mundo que aconteceria na China, em novembro daquele mesmo ano.

O carioca Edison Antunes Silva, o Edil, ex-jogador do Fluminense, na época o técnico da Seleção, que, pela primeira vez treinava uma equipe feminina, estava empolgado com a atuação e dedicação das atletas. Do Rio, o grupo partiu para Maringá, no Paraná, onde enfrentaram a primeira partida, contra o Chile, no Estádio Wille Davids, naquele primeiro Sul-Americano, em direção a também primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino.

Desse grupo fazia parte, anteriormente aos cortes, a estreante goleira Patrícia, que, então com 29 anos, tinha sido atleta do Atlético Clube Goianiense. Casada com o treinador Luiz César, essa atleta, durante os treinos, tinha que se dividir entre a preparação técnica e tática e o fato de ter que amamentar sua filha, na época, com 10 meses de vida, Ana Júlia. Como ainda era muito pequena, a criança chorava muito durante os treinos e, embora as companheiras tentassem ajudar, segurando Ana Júlia de colo em colo, seu choro retirava a concentração da mãe Patrícia, que sempre tinha que interromper os treinos. Esse fato terminou com sua expulsão da Seleção.

É possível perceber, em algumas matérias dos jornais e revistas da época, que embora houvesse uma forte torcida pela Seleção, havia, concomitantemente, a tentativa dos jornalistas de desmistificar o preconceito direcionado às atletas do futebol, de forma a passar a imagem de mulheres que levavam uma vida comum, de orientação heterossexual, de modo a afastar qualquer desconfiança sobre as atletas. Infelizmente, em algumas dessas matérias a que tive acesso, algumas não têm referências sobre suas fontes, pois muitas são meros recortes avulsos de jornais. Naturalmente, esse fato decorre da incredulidade das atletas de imaginar que um dia suas histórias iriam interessar a alguém. É como se desconfiassem que essas e outras histórias se perderiam no tempo.

Num desses jornais que, infelizmente, não possui dados sobre sua fonte, a não ser a data da publicação²²², mostra-se a foto da então goleira Patrícia, com Ana Júlia no colo, sob o seguinte título: No peito e na raça: moças mandam preconceito para corner. Sobre a mãe-goleira e sobre o fato de amamentar, lê-se no jornal: O berreiro da pequena Ana Júlia custou caro. Patrícia acabou cortada da Seleção, sexta-feira passada. Se assistisse à cena, o mais machista dos torcedores diria: ‘Coisa de mulher que se mete a jogar bola.’

²²² Trata-se, nesse caso de um jornal carioca que trás apenas a data da publicação: 11 de março de 1991.

Ao mesmo tempo em que buscavam afastar o preconceito, muitos dos jornalistas eram infelizes em suas colocações, pois apresentavam informações dúbias sobre as atletas, além do fato de insistirem em apresentar uma Seleção formada por mulheres heterossexuais, notadamente caracterizadas por uma aparência extremamente feminina. Num desses jornais, é possível ver uma charge sobre as garotas boas de bola, como eram chamadas, em que o desenho que se observa traz jogadoras de trejeitos considerados muito femininos e a goleira, posicionada no final da fileira, passando batom, brindando a todos com um ar de feminilidade naturalizada que se criava em torno daquelas jogadoras.



Figura 9 – Construindo o Ridículo²²³

Essa e outras matérias buscavam alimentar um imaginário que se criava sobre a Seleção e as jogadoras, mas finalizavam por dificultar a percepção dos leitores/as deveriam construir sobre a realidade daquelas mulheres. Como se tratava da primeira Seleção Feminina de Futebol, insinuações eram feitas e comentários, de modo a reforçar uma ideia sobre as atletas, que muitas vezes não tinha a ver com a realidade de vida daquelas mulheres. Como

²²³ Matéria sem informações sobre sua fonte, retirada do acervo de Solange Santos Bastos durante a entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

consequência, o que existia era um verdadeiro distanciamento entre o que se queria mostrar sobre aquelas mulheres e o que de fato elas exprimiam e mostravam, por meio de seus corpos e comportamentos: formas diferentes de ser mulher. O espaço do futebol, portanto, no que concerne ao início da história do futebol feminino, no Brasil, ajudou a reforçar e aprofundar preconceitos e dubiedades sobre as mulheres atletas dessa modalidade esportiva.



Figura 10 – Primeira Seleção Feminina de Futebol do Brasil²²⁴

Ao contrário, a foto da matéria acima revela uma imagem bem diferente daquela que se observa na charge anterior: mulheres de carne e osso, lutando para conquistar novos espaços no universo do futebol internacional, e mesmo, principalmente, dentro de seu próprio país. A luta dessas mulheres precursoras foi marcada, essencialmente, pela busca da valorização do esporte e pela tentativa de torná-lo mais um espaço profissional para a atuação da mulher, atleta no Brasil. Entretanto, tal tarefa não era simples de realizar e delegava a cada uma daquelas mulheres vários sacrifícios, como refletem as palavras de Maria Bernadette, que, na época, era membro da delegação brasileira: (...) o treinamento tem sido intenso, as

²²⁴ Das atletas que aparecem nessa foto, permaneceram no grupo da Seleção a goleira Meg (primeira da esquerda para a direita) e a lateral esquerda Fanta (primeira da direita para a esquerda). Foto retirada do Jornal Folha de Londrina de 26 de abril de 1991. Matéria retirada do acervo de Solange Santos Bastos durante a entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

jogadoras têm se privado da companhia de familiares em busca de uma única recompensa – a vitória²²⁵.

Com tanta privação e distanciamento, inclusive de suas famílias, as brincadeiras, que já eram naturais entre as garotas, serviam para suplantiar, ou minimizar tantas ausências. Mas, mesmo buscando ao focalizar a atenção nos treinos, no período de concentração, não era tarefa fácil e a solidão, numa situação como essa, é um sentimento comum. Assim, vários namoros ocorreram entre algumas daquelas atletas, como afirmou Solange, tendo alguns se tornado relacionamentos permanentes e duradouros:

Na hora de sair, é folga, é folga, aí eu folgava mesmo, entendeu? Na hora da folga eu me afogava. Agora pra dizer que eu arrumei (relacionamentos); teve uma vez só que eu fiquei com uma garota assim, mas ela foi cortada também e eu (...) nunca mais eu me envolvi não.

Eu digo por mim, agora as outras meninas não. Teve a Elaine e a Daí que teve uma relação que durou bastante tempo; a Lelê e a Fanta que duraram 10 anos, né? Teve a Tafarel e a Sissi que também durou bastante tempo; a Meg e a Suzi que começou em 91 e até hoje elas estão juntas, né?²²⁶

Mas, se o preconceito podia ser verificado fora do grupo, refletindo-se nas matérias e caricaturas sobre as atletas, internamente, esse tipo de atitude sugeria, como pode se observar no depoimento acima, que represálias podiam vir em contrapartida. Como afirmou a própria Solange, as relações amorosas entre elas podiam ser pretextos para os organizadores cortar uma das atletas, alegando que o relacionamento poderia prejudicar a atuação desta ou daquela jogadora. Com isso, essa mesma entrevistada afirmou que evitava ter relacionamentos com as companheiras do grupo, mesmo porque, a partir daquele momento, estar na Seleção, pouco a pouco, passou a ser seu objetivo de vida.

Nesse período que compreendia o início dos anos 90, esse grupo de jogadoras passou a estruturar e “dar uma cara” à Seleção, que já não era tanto associada apenas ao histórico time do Radar. Algumas atletas já se definiam na equipe e o futebol das garotas vinha deixando de ser novidade. Nas matérias dos jornais da época, há registros do número de torcedores/as que sempre compareciam aos jogos e valorizavam o empenho e a dedicação visível daquele grupo de bravas mulheres.

²²⁵ Jornal Folha de Londrina de 26 de abril de 1991. Matéria retirada do acervo de Solange Santos Bastos durante a entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

²²⁶ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

A participação do público era uma constante durante os jogos e as formas de valorizar as jogadoras eram as mais distintas. Como um exemplo dessa valorização, podia-se encontrar sobre o balcão da recepção do Hotel Cidade Verde de Maringá, cidade onde ocorreram as disputas do primeiro Sul-Americano, um poema destinado às jogadoras, assinado por Marina, Keilla e Kelly, que se auto-intitulavam fãs das atletas brasileiras. Com o título “Festa do Povo”, o poema era uma homenagem às atletas, como pode ser observado abaixo:

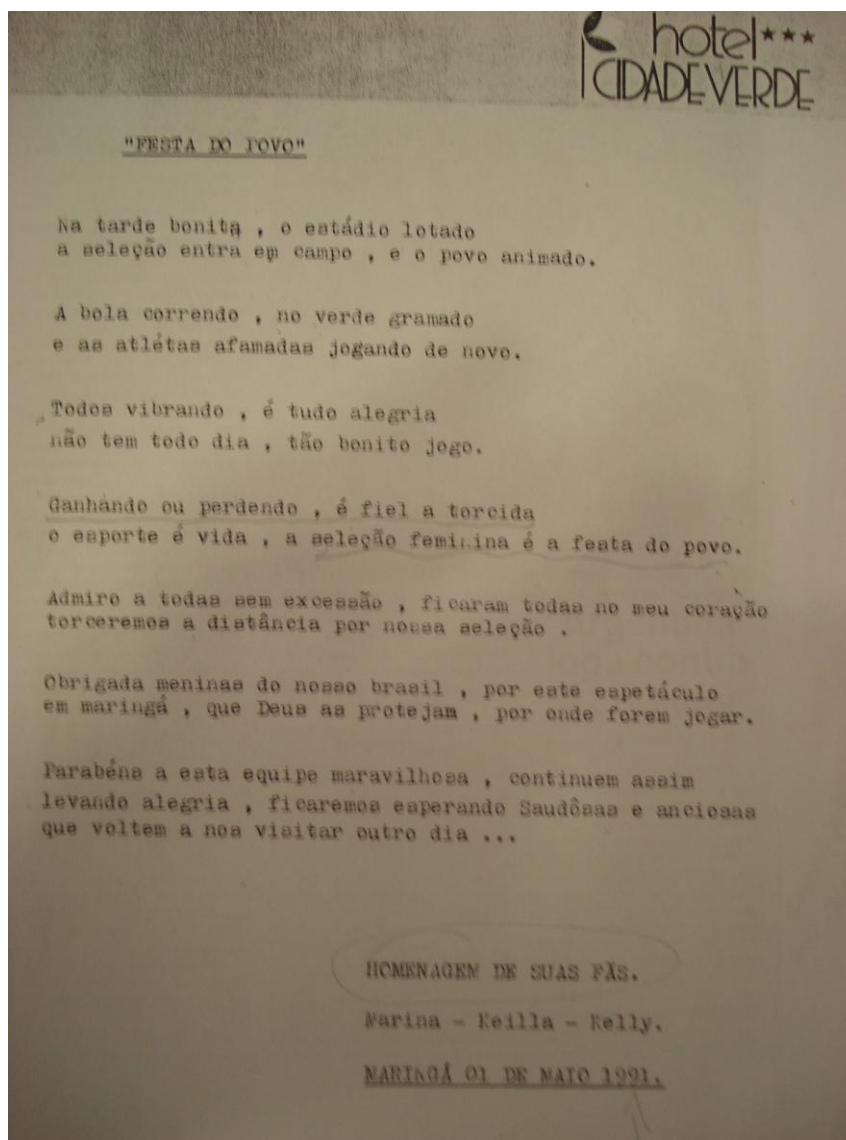


Figura 11: Poema²²⁷

É interessante notar que a torcida do futebol feminino sempre esteve presente aos campeonatos e as formas de demonstração de carinho sempre foram as mais diversas.

²²⁷ Poema retirado do acervo de Solange Santos Bastos durante a entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

Quantitativamente, essa torcida sempre esteve presente a essas competições, mesmo quando elas aconteceram, na década de 70, como comprovam jornais e publicações daquele período, na Bahia, período no qual iniciei o presente trabalho. Essas demonstrações, ao que pude perceber, continuaram a acontecer durante os anos subsequentes.

Internamente, para o grupo que constituiu a Seleção Feminina, no período da década de 90, essas formas de reconhecimento e agradecimento, manifestadas pela torcida, serviam para impulsionar o grupo e incentivar todo o esforço e dedicação por parte das atletas. Dessa forma, a Seleção conclui o Sul-Americano, ocorrido em 1991, em primeiro lugar e conseguiu a vaga para o Mundial que ocorreu em novembro, na China. No espaço de tempo entre esses dois importantes torneios, houve um período de folga e as garotas foram mandadas para casa, onde permaneceram por um período de quase um mês. Mesmo em suas cidades, as jogadoras precisavam cumprir um cronograma rígido de treinamento, pois voltariam para um novo período de concentração, já que se preparavam para o Mundial.

Nesse período, Solange se recorda que as atletas receberam um bicho²²⁸ da organização do evento por terem conseguido a vitória sobre as demais Seleções e terem se sagrado campeãs do Sul-Americano. Além desse bicho, como é chamada a premiação em dinheiro no futebol, o que não significava salário, elas puderam retornar para seus lares e ficarem um tempo em contato com suas famílias, como se observa em suas palavras:

Aí recebemos o bicho. Aí deram uma premiação pra a gente por ter sido campeã! Pouquíssima, mas (sorri) deram! Fazer o que? O cachê era pequeno. Cheguei aqui cheia de dinheiro! Dinheiro não, assim, deu pra comprar uma TV é... e só.

Cheguei aqui na Bahia cheia de moral. Mas moral entre as minhas amigas assim, sabe? Porque assim a imprensa, o pessoal aqui não dava importância pra isso. Aqui não teve esse assédio assim da imprensa. Porque você ter uma atleta da cidade na Seleção Brasileira é um fato inédito, né? E aqui a gente nunca teve isso. Eu nunca tive isso²²⁹.

Nesse momento essa depoente se refere a imprensa feirense que não teve nenhum interesse em entrevistá-la na época. Tal atitude em relação a atleta, compreendo como um

²²⁸ O termo bicho utilizado aqui por Solange, mas também citado por Suely e Neuma anteriormente, significa determinada quantia em dinheiro que as jogadoras recebiam pela atuação no futebol. Note-se que não se tratava de uma quantia recebida frequentemente, nem tinha um valor determinado, servido apenas como uma forma de premiação concedida tanto em jogos amistosos ou em campeonatos, como no caso da Seleção.

²²⁹ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

reflexo da falta de valorização e pouca importância dada a própria Seleção Feminina de Futebol que conquistava seu primeiro campeonato Sul-Americano, preparatório para o primeiro Mundial que disputou.

Sobre esse fato, destaco que mesmo em se tratando de um caso específico em Feira de Santana, é importante analisar que a pouca importância dada, no caso à atleta pela imprensa, gerou a falta de divulgação de informações o que contribuiu também para a invisibilidade que este esporte enfrentou durante longos anos. Ao pensar numa perspectiva mais ampla sobre a história do futebol feminino, pode-se começar a compreender algumas das formas de silenciamento que lhe foram impostas, mesmo que ainda não seja possível compreender, ou concordar com as causas geradoras desse silenciamento.

Com a pouca ou nenhuma importância dada pela imprensa local, Solange continuou na Seleção, mas agora já se sentindo parte do grupo: tinha os treinamentos, as viagens para disputar os campeonatos e certo reconhecimento por parte da torcida, nas cidades onde o grupo passava para as importantes disputas esportivas. No entanto, as preocupações dessa entrevistada não se modificavam e assim, que recebeu esse bicho, comprou logo o primeiro aparelho de TV para presentear sua mãe. A partir dessa conquista, Solange passou a ter uma relação diferenciada com as irmãs, que começaram, a partir dali, a vê-la com outros olhos e a respeitá-la, o que, para ela, já era uma conquista muito grande. Entre as antigas companheiras dos babas em Feira de Santana, essa atleta passou a ter muita moral, embora esse reconhecimento fosse restrito ao seu grupo familiar e de amigos/as da cidade natal.

O pagamento na Seleção era pouco, como recorda essa entrevistada, um valor de diária que chegava a R\$ 20,00, era repassado quinzenalmente para as atletas nesse período. Mas, mesmo pouco, era o que Solange mandava para a família, pois as preocupações com a mãe e com os sobrinhos não cessaram nunca.

Ciente das condições de vida e de moradia de sua família, quase tudo o que recebia era direcionado para os familiares, de modo a minimizar tantas dificuldades da vida cotidiana, como aponta seu depoimento:

Eu me divertia muito lá, né? Mas quando chovia então é que eu ficava preocupada! Eu via muito o mapa e passava assim lá (na TV): na Bahia hoje vai chover. Puta meu: caiu um negócio na Bahia, por causa da chuva, eu só pensava neles aqui. Ficava louca!

Mas eu ligava sempre pra minha mãe. Minha mãe atendia um telefone longe pra caramba! Mas no dia marcado, podia ser a hora que fosse eu descia pro treino e já tava ali ligando: mãe, eu já tenho um dinheiro pra a senhora²³⁰.

A atenção à família foi uma constante na vida de Solange, que priorizou e direcionou todos os esforços que fez para procurar dar uma vida um pouco mais confortável à mãe e aos sobrinhos. Para isso, estar na Seleção era fundamental, naquele momento, porque, como ela se recorda, no ano de 1991, o futebol feminino parou, no Brasil. O que existia eram campeonatos de futsal, mas no futebol de campo feminino tinha ocorrido aquela parada, ou esfriada, como as jogadoras constantemente se referiram também em outros depoimentos, só que, nesse período, o futebol havia parado, em extensão nacional.

Como consequência direta dessa parada/esfriada no futebol feminino de campo, já que esse é um espaço pequeno, pois embora houvesse muitos times no Brasil, a vida desses times era bastante curta, cada vez menos Solange acreditava na possibilidade de se profissionalizar no esporte. Ainda nessa época, entretanto, referindo-se à cidade de São Paulo, a ex-atleta ponderava que ali o futebol de salão feminino sempre existiu e seguia com um campeonato anual organizado, mesmo antes da década de 90. Anteriormente, quando cito a saída das atletas baianas para o futsal em São Paulo, tratava-se do final da década de 80, embora o reconhecimento do esporte pela CBF tenha ocorrido apenas no início da década de 90.

Pelo que se percebe no depoimento de Solange, o futsal continuou organizando-se e, em São Paulo, sua estruturação definitiva ocorreu nos anos 90. Provavelmente, de acordo com essa entrevistada, no futebol de salão era necessário um menor investimento, tanto na criação dos times, como para sua manutenção o que desperta, por parte dos dirigentes, maior interesse, em relação ao futebol de campo. Aspecto que se confirma, ainda, nas palavras dessa entrevistada, que afirma:

Agora o futsal é o seguinte: todo ano, desde que eu fui pra São Paulo, a federação Paulista tem um calendário com três campeonatos anuais de futsal. Entendeu? (...) E esse calendário é cumprido rigorosamente lá em São Paulo. (Nessa época) só tinha futsal. Campo, quem tinha campo tinha: um timinho ou outro, um estado ou outro. Mas campo tinha parado. Ou você tava ali na Seleção ou você não tava mais em lugar nenhum²³¹.

²³⁰ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

²³¹ Idem.

Percebendo a dificuldade no desenvolvimento do futebol de campo, no país, Solange passou a se dedicar integralmente à Seleção, pois sabia que, se não estivesse naquele espaço, outro não haveria para sua atuação como atleta, logicamente, de forma remunerada. Como se observa, a falta de interesse e de investimento e a pouca credibilidade foram/são obstáculos permanentes na história do futebol feminino brasileiro, acompanhadas pela pouca divulgação dessa modalidade na imprensa, de modo geral.

Desse modo, criou-se um círculo vicioso no qual a pouca divulgação do futebol feminino não despertava o interesse de patrocinadores em investir nos times, por conta do pouco retorno que haveria em relação ao investimento feito. Portanto, se a imprensa acreditava que não haveria público para assistir aos jogos, também não haveria interesse em investir em algo que não tem público e não gera renda? E, assim, vive o futebol feminino no Brasil: na invisibilidade que o caracteriza.

Dessa forma, para Solange, só restava uma única oportunidade: estar na Seleção para continuar jogando e sendo remunerada. Então, cada vez mais, seus esforços se ampliavam para permanecer naquele grupo, pois sabia que apenas ali obteria os recursos capazes de amenizar as dificuldades financeiras de sua família. Ciente de que só restava aquele espaço para atuar, ela procurou, cada vez mais, se empenhar para permanecer no grupo, pois como ela, muitas outras jogadoras esperavam a oportunidade que ela, a partir dali, buscou segurar com todas as suas forças, como ela se recorda:

Aí eu falei: vou abraçar minha vida! Tudo o que eu preciso tá aqui, porque se eu tivesse (fora) acabou. Eu ia jogar aonde? Aqui na Bahia também não tinha nada! Né?

Então eu segurei a minha onda, morrendo de saudade! Eu chorava, Enny, eu chorava. As meninas pensavam que eu tava chorando porque eu tava treinando, mas pra mim aquilo ali tava ótimo porque era o que eu queria, pô, pra melhorar a minha condição. Mas eu chorava de saudade. Ali, fazendo musculação e chorando... As meninas tinham subido e o professor ficava comigo, os professores ficavam comigo. O professor e o fisiologista ficavam comigo: vamo lá Solange, vamo lá.

E eu não me importava, eu ficava cansada, mas eu não me importava. Só que no outro dia as meninas treinavam um período e eu não treinava aquele período pra fazer a recuperação na minha musculatura, se não eu ia estourar.

Mas eles fizeram um trabalho muito bom comigo. E aí eu ficava lá até às 7, 8 horas da noite.²³²

Verdadeiramente, para permanecer num grupo cujo próprio nome indica que é uma seleção das melhores atletas, em qualquer modalidade, esse esforço teria que ser feito por qualquer um que, naquela posição, quisesse permanecer. Havia o sofrimento físico e emocional, como no caso de Solange, mas esse esforço era feito, certamente, por todas aquelas que compunham o grupo. Ter que se afastar da família, da cidade onde moravam, de filhos/as, companheiros/as seia um esforço a mais cobrado de qualquer atleta. Talvez, por esse motivo, a maioria dessas pessoas que se dedicavam aos esportes, de um modo geral, não tinham filhos, ou deixavam para tê-los posteriormente, após o encerramento suas carreiras.

Assim, logo se passaram aqueles breves dias na casa de familiares durante as férias, que se seguiram obedecendo rigidamente às orientações que exigiam treinamentos diários para cada uma das atletas convocadas. Para o novo desafio, o Mundial, na China, foi convocado praticamente, quase o mesmo grupo de atletas, com pouquíssimas alterações. Nessa fase preparatória, o grupo se apresentou na Granja Comari, em Teresópolis, de modo a reiniciar uma longa jornada de treinos, cada vez mais exigentes, pois, no Mundial, enfrentariam times como o dos Estados Unidos e da China, na época, considerados times muito fortes.

Foram quatro meses de treinamentos, cada vez mais fortes, em Teresópolis, sem se deslocarem de lá para, absolutamente, nada. Com o passar do tempo, os desgastes entre as jogadoras, naturalmente, foram aparecendo e discussões entre o grupo foram surgindo. Para aliviar o clima entre elas, os campeonatos continuavam existindo como os torneios de sinuca, pimbolim, e as brincadeiras entre elas eram uma constante. Eram essas brincadeiras que as descontraíam e ajudavam a tornar possível passar tanto tempo concentradas na Granja Comari, que passou a ser como a casa das jogadoras.

Nesse meio, uma das atletas, de acordo com as lembranças dessa entrevistada, tinha um talento natural para descontraír as companheiras. Tratava-se da atleta Fanta, que, com toda sua sensibilidade, percebia o momento em que o grupo mais precisava de descontração e assim criava situações engraçadas, que auxiliavam na diminuição da tensão no grupo. Dessa companheira e de sua criatividade, Solange se recorda saudosa:

²³² Idem.

A Fanta, a Fanta, pô, era fantástica mesmo, porque a Fanta era no dia-a-dia a Fanta era divertindo a gente! Ela era pra ser comediante profissional, porque o que ela fazia a gente rir! Era sacanagem, né? Ela inventava uma roupa, ela saia sambando, chegava no refeitório toda enfeitada (rir relembando)... Se vc tava comendo: bufff (faz um gesto indicando que colocava toda a comida pra fora da boca)! Ela saia e voltava cantando, inventava que era uma cantora, sabe? Nossa, eu ria demais com a Fanta, eu ria demais! E futuramente eu pedi pra ficar de parceria com ela no quarto, porque eu me divertia, muito, muito mesmo.²³³

Além das situações lúdicas, criadas entre o grupo, e dos momentos de descontração protagonizados por Fanta, só nos telefonemas para a família é que as garotas podiam aliviar as saudades. Sem aparelho celular para usar, na época, elas faziam filas no orelhão na Granja para possibilitar a comunicação. Mas as brincadeiras entre elas também não paravam e, desta vez, o centro foi ocupado por Pretinha que, aos 16 anos, acabava de se apresentar à Seleção.

Ah, mas tinha a Pretinha! A Pretinha era a mais nova! A Pretinha se apresentou com a gente com 16 anos. Mas eu e a Pretinha era duas loucas, duas retardadas! Eu penteava o cabelo da Pretinha de lakê, daqueles negócios, ficava parecendo aquela, aquela cantora, a Benedita da Silva, a Pretinha (sorri) e as meninas... sabe aquele cabelo todo enroladinho aqui (na nuca)... (continua rindo)... Mas jogava muita bola!

E aí as meninas chamavam ela de Benedita, Benedita da Silva, sabe? E aí a Pretinha chorava, mas ela chorava muito! Ali era pior que eu, pô! Olha eu ficava com raiva... Mas a Pretinha - ela chorava demais!

E ela (a Pretinha): ó Solange eu não quero que me chame assim não.

Aí eu: então corta o cabelo, besta, corta o cabelo, corta o cabelo. Foi aí que ela cortou o cabelo. Você vai ver ela, foi aí que ela cortou o cabelo. A Suzi cortou o cabelo dela, lá na Granja (continua sorrindo e faz o gesto com se estivesse com uma tesoura cortando seu cabelo)! Mas você precisava ver o desespero dela, era uma loucura aquilo! Quando a gente começava a chamar ela de Benedita da Silva, a Pretinha chorava até treinando, até treinando ela chorava! E aí ela não falava com ninguém²³⁴.

²³³ Idem.

²³⁴ Idem.

A atleta Delma Gonçalves, que ganhou o apelido de Pretinha, chegou, realmente, a cortar o cabelo, procurando dirimir as zombarias que faziam com ela. Nesse período, Solange já passava a se sentir quase como uma veterana, pois não estava mais na posição de atletas, como Pretinha, que acabara de chegar ao grupo da Seleção. Noto que as brincadeiras entre as atletas eram uma constante e sempre estavam presentes no cotidiano das atletas, principalmente, para aliviar a tensão que, interna e externamente, atingia o grupo. Para elas, além da superação dos seus próprios limites e melhoramento de sua condição física, ainda estava presente o desafio de participar daquela que seria a maior competição internacional do futebol feminino: o Mundial.

Para piorar as tensões entre elas, naquela altura da preparação, alguns cortes ainda foram feitos e essa entrevistada sentiu quando uma das companheiras, da que mais gostava, foi cortada: foi a vez de Suzi deixar a Seleção. Mesmo abalada pela saída da amiga, Solange continuou resoluta, pois sabia que os investimentos, em relação à preparação física que foram direcionados a ela, não tinham sido em vão. Sua dedicação aos treinos possibilitou que atingisse o desenvolvimento de sua massa muscular e, com isso, o nível de força necessário para atuar como zagueira titular, definitivamente. Manter o sonho de permanecer na Seleção estava diretamente ligado ao seu outro maior objetivo: ajudar a família. Ela relembra do desenvolvimento do seu corpo, fato que a fez ter certeza de sua permanência no grupo, como ela afirma:

A minha perna cresceu 5 cm só de músculo. Meu corpo cresceu 5 centímetros todo de músculo: braço, costas, tudo; panturrilha, tudo. Foi um trabalho muito bom que eles fizeram comigo, foi um trabalho muito bem feito. Foram seis meses trabalhando ali direto²³⁵.

Daquele período até os dias de hoje, essa entrevistada afirma que já perdeu muito do trabalho que foi feito com ela durante a época da Seleção. É visível a perda de massa muscular, principalmente se forem comparadas fotos o período no qual ela ainda atuava na Seleção com fotos mais recentes. Mas Solange não se arrepende de nada que fez nem dos duros e cansativos períodos de treinamento. Ao contrário, orgulha-se de ter vivido tudo isso e de hoje poder contar tantas histórias. No fundo, acredito que toda aquela geração tem consciência da importância que teve na construção da história do futebol feminino do Brasil.

²³⁵ Idem.

Concomitantemente a todos os acontecimentos, essa ex-atleta nunca perdeu de vista o sonho de continuar ajudando sua família e de, um dia, poder dar uma casa melhor a sua mãe.

Então eu pensava assim, se eles me mandarem embora, porque eu já não queria ir embora mais. Porque aí já veio o meu medo, o meu medo de ficar fora, né? (Aí eu pensava) mas eles não vão me mandar embora, não vão me mandar embora.

Porque ali era a minha busca, ali eu tava levantando a grana pra mandar pra casa. Então eu pensava: eles não vão fazer um trabalho desse pra me mandar pra casa! Mas no coletivo eu jogava igual. E era no coletivo que fazia a diferença, era no coletivo que eu tinha que jogar muito bem!²³⁶

Consciente de que não podia mais estar fora da Seleção, pois era a única maneira de continuar enviando recursos financeiros para a família, sua dedicação aos treinamentos se ampliou. Solange passou, então, a brigar com toda a força que tinha para melhorar seu condicionamento e sua atuação em campo. A partir daquele momento, já não havia mais limites e sua aplicação nas orientações que recebia, dentro e fora de campo, serviram de armas para permanecer no grupo.

Essa preparação incluía também treinos coletivos realizados entre as atletas que compunham o grupo da Seleção e times masculinos, como o sub-dezessete do Vasco, do Rio de Janeiro, e o Time Júnior, de Teresópolis. Todo esse trabalho tinha como objetivo a preparação das atletas para enfrentar o Mundial na China, como já citado anteriormente, ou seja, igualar o nível das garotas do Brasil para enfrentar times como do Japão e dos Estados Unidos que, naquele período já se apresentavam como fortes adversários.

Embora as brincadeiras sempre estivessem presentes na preparação para esse importante torneio, as dificuldades também se apresentavam e, na saída do Brasil, as coisas ficaram mais complicadas. As atletas tiveram que começar a se preparar para as mudanças de fuso horário, ainda no Rio de Janeiro, e nos três países por que passaram, antes da chegada na China. Para isso, mudanças nos horários de dormir e acordar foram feitas, como também nos períodos de treinamento e alimentação. De acordo com essa entrevistada, elas tinham que acordar às 3 horas da manhã e começar uma rotina diária, visando à adaptação do corpo das atletas para uma jornada de trabalho, de acordo com o horário do país no qual a competição iria acontecer. Mas as estratégias não deram certo e as atletas sentiram, logo de início, as

²³⁶ Idem.

dificuldades de adaptação, identificadas em um forte cansaço. Às 19 horas, o sono era visível e nenhuma das atletas conseguia permanecer acordada.

Tal dificuldade no processo de adaptação poderia ter sido melhor enfrentada, caso houvesse maior investimento e apoio direcionado à Seleção Feminina de Futebol. Nesse caso, dependia da CBF destinar maiores recursos à Seleção, de forma que as atletas pudessem chegar à China, pelo menos, uma semana antes da competição, como afirma Solange, em suas palavras:

É que a gente fazia fuso horário aqui (no Brasil), por falta de investimento da CBF. Pô, eles, não custava nada eles botarem a gente no país, tipo, uma semana antes pra a gente pegar o fuso horário, alimentação, adaptação, com tudo lá. Então quando a gente chegou na China, a gente sofreu muito! (...) A gente sofreu pra caramba!

E aí o que aconteceu: na primeira semana, no primeiro dia da outra semana a gente já ia jogar e ninguém tava adaptado, entendeu? Puta, eu fiquei horrível, foi horrível! Tipo assim: comida... é, não mas eu vou falar assim, hotel 5 estrelas, total conforto e tal. Mas o que era ruim era comida; o fuso horário, ninguém conseguiu (se adaptar)²³⁷.

Enfrentar Seleção Americana! Esse era o foco para o qual todo o trabalho vinha sendo desenvolvido pela equipe técnica. Muito embora, naquele período, não houvesse muitas informações acessíveis sobre aquelas atletas. Sabia-se, no Brasil, que os Estados Unidos haviam investido muito em sua equipe. Desde altos salários, em torno de U\$20.000,00 anuais para cada jogadora, o que já significava uma grande diferença em relação à realidade financeira das brasileiras. Além da valorização em termos financeiros, a Seleção Americana era formada por um grupo de atletas que tinha começado a ser preparada desde 1988.

Algumas depoentes apontam os Estado Unidos como um país modelo para o futebol feminino. Embora esse fato prescindia de estudos aprofundados, MOURA afirma que o mundo do esporte também é marcado por reservas masculinas, refletidas principalmente nos esportes como o basquetebol, o futebol americano e o baseball. Reflexo da luta sexista, nos EUA é comum se considerar ser o futebol um esporte de reserva das mulheres, entretanto essa reserva é “cedida” às americanas pelo fato dos outros esportes citados acima serem considerados viris

²³⁷ Idem.

e, portanto, um espaço exclusivo para os americanos. Sem desconsiderar a histórica luta das mulheres feministas naquele país, sobre essa importante discussão aponta o autor:

No baseball, quase sempre aparece um presidente da República dando uma tacada ou fazendo um lançamento, realizando, com isso, um gesto metafórico para a nação, mostrando que para os homens estão os espaços de luta e do poder, ou seja, a esfera da política é ainda de dominação masculina. Em alguns filmes que Hollywood produz contendo cenas esportivas, o espaço reservado às mulheres é quase sempre como coadjuvantes. A menina que sonha em ser chefe de torcida ou ser a namorada do galã do filme, que certamente é o melhor do time, faz parte do enredo desses filmes.

Utilizo o exemplo anterior para ilustrar a necessidade de ultrapassar o nível do senso comum, desmistificando a idéia de que na sociedade do “tio Patinhas” as “Margaridas” possuem os mesmos espaços dos homens (...)

Sabe-se que a mulher conquistou espaços significativos na vida pública e privada nos Estados Unidos e, se o futebol, ou o soccer, pois os americanos utilizam o termo “futebol” para designar o futebol “deles” (o verdadeiro futebol é masculino?), tornou-se uma área reservada à feminilidade, não foi apenas pelo processo de luta das mulheres, mas também pelos limites dessas próprias lutas²³⁸.

No Brasil a inserção da mulher no mundo esportivo, como no futebol, ainda se constituiu como uma luta silenciosa e silenciada, mas isso não significa que essa mesma luta não se apresente em outros espaços, como nos EUA, mesmo tomando outros contornos²³⁹. Talvez lá as mulheres tenham conquistado o espaço no futebol, mas em outros esportes, também silenciados para elas sua luta talvez represente e exija os mesmos esforços para sua conquista.

O sucesso de uma equipe em esportes coletivos, como é o caso do futebol, também depende da organização e entrosamento do grupo. Não cabe apenas o treinamento, objetivando o desenvolvimento das qualidades de cada atleta. É preciso investir no grupo, nas estratégias diante dos aspectos táticos e, para isso, a equipe americana, igualmente, buscou se

²³⁸ MOURA, (Op. Cit.) 2005, p. 144 – 145.

²³⁹ Alguns estudos apontam que nos EUA as mulheres do futebol também são questionadas sobre sua sexualidade, sendo classificadas como lésbicas, fator gerador de inúmeros preconceitos. COX, Barbara & THOMPSON, Shona. Facing the Bogey: Women, Football and Sexuality. University of Auckland, New Zealand: Women, Football and Sexuality, Football Studies, vol. 4 no. 2 2001; HARRIS, John. The image problem in women's football. Journal of Sport and Social Issues, November, nº 2, 2011 <http://jss.sagepub.com/content/29/2/184>. Acesso: dezembro de 2011.

preparar. Mas o que é fato é que no futebol as americanas estão à frente das brasileiras já há algum tempo e dessa forma, o resultado não podia ser outro, como relembra Solange:

E aí a gente fez um trabalho muito bom. Já os Estados Unidos pegou aquela Seleção de 88, aquela Seleção e trabalhou em cima e levou pra o Mundial em 91. A Seleção deu um show! O Brasil perdeu dos Estados Unidos por 4 X 2. Mas elas deram um show. Elas jogaram muito. Só via fazer isso: zum, zum (faz um gesto com a mão, como se representasse as americanas correndo, voando em campo)

Dentro do que a gente tinha feito, eu vou te falar, viu, a gente trabalhou muito. A gente trabalhou: maio, junho, julho, agosto setembro, outubro e novembro a gente viajou. Foram 6 meses de preparação e quando chegou lá eu vou te falar: eu vi que não tinha visto tudo! Ali eu vi como eu tava cansada!²⁴⁰

O desgaste físico foi um dos principais adversários das atletas brasileiras durante o Mundial de 1991. Mas é importante observar que, ainda nesse período, a falta de interesse e a ausência de investimento e credibilidade no futebol feminino nacional, desde sua base, sempre foram seus principais adversários.

Desse Mundial de Futebol Feminino participaram 12 times, correspondendo aos seguintes países: China (anfitriã), Japão, Taipé Chinês, Brasil, Nova Zelândia, EUA, Dinamarca, Alemanha, Itália, Noruega e Suécia. O resultado final, como antecipou Solange, foi o time dos Estados Unidos vencendo esse primeiro Mundial, seguido pela Noruega, que ficou como vice-campeã e pela Suécia, que conseguiu o terceiro lugar. Nesse campeonato, o Brasil ficou no nono lugar no placar geral²⁴¹.

Após o Mundial, a Seleção Brasileira retornou ao país sem muitas expectativas. Como essa entrevistada já havia antecipado, o futebol de campo tinha dado aquela esfriada/parada. Assim, essa atleta, como outras companheiras de Seleção, adentram no futebol de salão, naquele momento, uma das poucas possibilidades de continuarem jogando. Nesse período, Solange participou da equipe da Mavel em São Paulo, mas, ainda em 1992, encontrou uma oportunidade de atuar na Bahia e retornou ao seu estado de origem, visando atuar próxima a sua família.

²⁴⁰ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Salvador.

²⁴¹ Sugiro para consulta sobre o Mundial de Futebol Feminino de 1991 o seguinte endereço eletrônico: http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_de_Futebol_Feminino_de_1991. Acesso: 20 de outubro de 2011.

Nessa época, uma importante empresa multinacional patrocinava o futsal feminino em alguns estados e investiu no esporte, criando, inicialmente, duas equipes no Brasil, uma atuando em São Paulo e outra no estado baiano. Tratava-se de uma empresa européia, a Euroexport, que objetivava impulsionar o futebol feminino de salão. Assim, foi organizado, naquele mesmo ano, um campeonato nacional, que ocorreu em Goiás, em que a grande rivalidade ficou entre os dois times patrocinados por essa empresa: um representando São Paulo e o outro representando a Bahia. Representando o time paulista estavam Roseli e Sissi, já Solange integrava a equipe baiana. De acordo com seu depoimento, dirigentes viam na ida de atletas da Seleção Feminina de Futebol de campo para o futsal como uma forma de chamar a atenção para esse esporte, de forma a ampliar a divulgação para sua efetiva consolidação no país.

O time baiano terminou vencedor desse torneio nacional, que contou com uma estrutura que impressionou a ex-atleta, como ela mesma recordou:

Aí o Euroexport veio e abraçou, foi um patrocínio bom? Sim. Mas é que eles não precisavam passar por aquilo ali. É que eles fizeram isso pra ajudar a nós atletas aqui da Bahia, né? Pra ajudar o esporte aqui na Bahia ser divulgado. Inclusive eles fizeram um Campeonato Brasileiro aqui na Bahia! (...) Então eles botaram a arbitragem de nível, botaram uma coisa bem mais, é, mais profissional essa é que é a verdade – do que a CBF costumava colocar. Eles foram profissionais em tudo nesse campeonato brasileiro²⁴².

Na fala dessa entrevistada sempre se pode perceber uma forte crítica aos dirigentes do futebol feminino no Brasil, mesmo porque seu exemplo pode ser emblemático e representar a história de uma maioria significativa de atletas que esperaram construir uma carreira nesse esporte. No entanto, a falta de estrutura e apoio sempre estavam na contramão dessa história, como no caso acima, em que se percebe que uma empresa europeia veio patrocinar times nacionais, dando uma estrutura que essa mesma entrevistada afirma poucas vezes ter observado em competições nacionais organizadas pela CBF.

Quando essa instituição (CBF) patrocinava os campeonatos de futebol femininos, também no que se refere à equipe de arbitragem, pouco se observava a contratação de árbitros adequadamente preparados, ou qualificados, para conduzir os jogos, muito provavelmente, em função do pouco que era pago a esses profissionais. Com isso, a trajetória e o próprio nível do

²⁴² Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Salvador.

campeonato ficavam comprometidos, inclusive interferindo nos resultados das partidas e, consequentemente, nos resultados finais dos campeonatos. Mas o detalhe é que essa precariedade foi imposta ao futebol feminino, pois no universo do futebol masculino do Brasil a história sempre foi outra, especialmente em se falando do trato reservado a times profissionais.



Figura 12 – “Garotas do Futsal”²⁴³

Solange lembra que a Euroexport pagava em dólar e que ela recebia por volta de U\$ 400,00 mensais. Foi nesse período que começou a realizar seu segundo maior sonho: reformar, como ela disse, ou melhor, a arrumar a casa de sua mãe. No entanto, esse tempo na Bahia durou pouco e logo essa entrevistada retornou a São Paulo, pois jogou em Salvador

²⁴³ Foto de um jornal baiano divulgando a competição nacional de futebol, III Taça Brasil de Futsal Feminino, que ocorreu no Ginásio Antônio Balbino, em Salvador. Nessa competição o estado baiano foi representado pelo time Euroexport/Campomar, time composto por Solange e suas companheiras. Matéria retirada do acervo pessoal de Solange Santos Bastos em entrevista realizada em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

apenas dois anos. Em 1994, a Seleção se reuniu novamente e entra em cena o primeiro patrocinador oficial da Seleção Feminina de Futebol: a Maizena.

A partir daí, as atletas enfrentaram outro grande desafio: participar do 2º Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino, que também seria o torneio eliminatório para o Mundial na Suécia. Nesse período, Solange já estava totalmente integrada ao grupo, fazendo dali seu alimento para novos embates que se apresentavam. Mas àquela altura, as expectativas dos organizadores em relação a um resultado positivo para a Seleção já havia se ampliado. Como ela, o grupo de atletas tinha a consciência de que poderiam estar, a partir das conquistas e vitórias, mudando, significativamente, o futuro daquele esporte, em seu país de origem. Desse modo, essa geração de atletas pegou para si essa batalha, essa luta, principalmente por compreender que de seu desempenho, em muito, dependeria o futuro de várias outras atletas das gerações que viriam, como o próprio futuro do futebol feminino, no Brasil.

As mulheres atletas tomaram para si tal responsabilidade, pois entendiam que, se saíssem das competições internacionais, que naquele período se iniciavam, com um resultado positivo, teriam condições de exigir, junto com o apoio da imprensa esportiva brasileira, maiores investimentos para o esporte. Elas então objetivaram, a partir dos seus esforços e de suas conquistas, criar um apelo nacional de forma que discussões e ações fossem tomadas, visando modificar uma realidade dura de exclusão de inúmeras jovens que um dia vislumbraram viver, como elas, através daquilo que mais gostavam de fazer: jogar bola.

A consciência dessa problemática justificava o objetivo definido por essa geração de atletas que almejava modificar a realidade do futebol feminino do Brasil. E tal consciência existia em decorrência das dificuldades que todas elas haviam vivenciado nesse esporte, desde sua infância até chegar a ocupar um lugar na Seleção Feminina. Por outro lado, essas mulheres também sabiam que um resultado contraproducente traria consequências igualmente negativas para suas próprias carreiras.

Para disputar esse campeonato foram mantidas basicamente as atletas que atuaram frente à Seleção, em 1991. Tratava-se, portanto, de um grupo mais experiente, sem tantos problemas como aqueles enfrentados no início dos anos 90, já que, naquele período, esse grupo não tinha experimentado disputas em nível internacional. Agora, aquelas mesmas atletas já eram mais experientes e tinham outras posturas, tanto atuando em campo, como visando objetivos maiores e perspectivas outras para o próprio esporte. E, igualmente, estavam cientes de que, em pouco tempo, já não mais fariam parte daquele grupo tão seletivo. Nesse sentido, a entrega dessas mulheres foi maior, como a responsabilidade que lhes era atribuída tinha um peso significativo, como afirma Solange:

Mas aí a gente já tava com uma certa, falando até por mim, não só eu, mas o grupo, pelo menos a metade, porque a metade já era experiente que era a base do Radar (...), nós já sabíamos o que nós queríamos: não deixar cair, buscar o futebol feminino aqui no Brasil.²⁴⁴

Percebe-se, assim, no próprio grupo, a preocupação em representar bem o país nas competições internacionais que, dali em diante, de modo a estimular o futebol no Brasil e, principalmente, empolgar dirigentes que atuavam, no período, com o esporte. Pode-se perceber que, para esse grupo, jogar um bom futebol era a forma política que tinham de atuar em busca da valorização de sua prática esportiva, visando sua profissionalização.

A expectativa, portanto, era fazer ser respeitado o futebol das mulheres, objetivando a construção de um futuro melhor para o futebol feminino brasileiro, garantindo e gerando melhores possibilidades para as novas gerações de garotas que passariam, por sua vez a abraçar a luta, dali em diante.

Concomitantemente, a pressão que a equipe técnica recebia dos dirigentes, nesse período, apresentava-se até de modo ofensivo. E toda essa pressão era repassada para as atletas, principalmente, por ser um grupo mais maduro e que já acumulava certa experiência, tanto em competições internacionais, como pela história pessoal de cada jogadora, pois se tratava de mulheres com uma média de mais de 10 anos participando ativamente do esporte. Nesse período, as expectativas que se criaram foram as maiores e as cobranças vinham de todos os lados sobre esse grupo de atletas, como demonstram as palavras de Solange:

Porque quando a gente estava no vestiário os caras falavam assim pra a gente: ‘Ó: é ganhar e o futebol feminino no Brasil muda.’ Então você não tava jogando pra você, a gente tava buscando o esporte pro, pro país inteiro! E isso é uma pressão, né? (sorri) É uma boa pressionada!²⁴⁵

Se a pressão vinha de fora do grupo, internamente, essa pressão ganhava força e ressonância, fazendo ecoar sonhos daquela geração de mulheres, em que a maioria vinha de uma classe social desfavorecida e que, mesmo sem apoio, conseguiu chegar à elite do esporte, mas que não queria ver repetidas outras histórias como as suas: de tantas privações em nome do futebol.

²⁴⁴ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Salvador.

²⁴⁵ Idem.

Internamente, elas mesmas abraçaram essa causa e passaram também a se cobrar as conquistas, o que dependia, até certo ponto, de suas próprias capacidades, dedicação e entrega, como se percebe nas palavras dessa entrevistada:

(...) se a gente conseguir uma vaga aqui, a gente vai conseguir melhorar o futebol feminino no Brasil! “Olha, vão profissionalizar. Se conseguir uma vaga aqui, não tem como porque você vai tá na Olimpíada!” E o cara vai ter que fazer, até pra manter as meninas trabalhando!

(...) manter patrocínio, manter pagamento das atletas, manter uma série de coisas, você entendeu? Porque a gente tava pegando no colo assim, fazendo força? Porque dependia muito do resultado da gente ali.

A classificação pra as Olimpíadas, né? E o resultado nas Olimpíadas. Essas duas coisas foram buscas importantes pra nós mesmo.²⁴⁶

Toda essa energia contagiava e dava força ao grupo que queria fazer a história desse esporte mudar no Brasil. Paralelamente a toda a pressão que existia sobre essas mulheres, outros fatores começaram a surgir, como no caso do patrocínio da Maizena, que melhorou a remuneração recebida pelas atletas. Se, anteriormente a esse apoio, o grupo recebia, quinzenalmente, diárias no valor de 20,00 R\$, pagos pela CBF, com esse patrocínio, além dessas diárias, as atletas passaram a receber também mais R\$1.500,00, mensalmente, como reafirma Solange:

Mas até (aquele momento) na época da gente, a gente tinha 20,00 R\$ de diária. Aí a Maizena entrou, você vai ver umas fotos ali da Maizena. E aí a Maizena fez aquele marketing: fotos, propaganda, as meninas fazendo comida (sorri), saiu na TV (sorri)... Foi legal, a gente tirou até um sarro com elas. Mas foi assim, aquela coisa, foi o único patrocínio direto pro futebol feminino foi a Maizena!²⁴⁷

Para participar daquele torneio, a Seleção se dirigiu ao Estádio Parque do Sabiá, de acordo com um jornal da cidade de Uberlândia, desde o dia 27 de dezembro de 1994, numa delegação composta por 30 pessoas. Participaram desse campeonato, além do Brasil, os times representantes da Argentina, Bolívia, Chile e Equador. Sob as orientações do então novo

²⁴⁶ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

²⁴⁷ Idem.

técnico, Ademar Júnior, a equipe titular do Brasil foi composta pelas atletas: Meg, Marisa, Elaine, Solange, Fanta, Leda, Cenira, Sissi, Roseli, Micheal Jackson e Pretinha. Além dessas informações, a matéria ainda destacava que a curiosidade seria um dos fatores que, certamente, levaria um número significativo de telespectadores uberlandenses ao Estádio, como reforçaram as palavras de Lione Gargalhoni, então diretor geral da Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer: “Apesar de termos um campeonato só de mulheres em Uberlândia, quando se trata de uma competição internacional tudo é diferente. Veremos aqui grandes jogadoras.”²⁴⁸.

Nesse período, como destaca a matéria, o futebol feminino ainda era tido como novidade, ou mesmo, como curiosidade em alguns estados do país. Na cidade de Maringá, a presença da torcida foi marcante com altos índices do público participante, deduzindo-se que o campeonato realmente despertava o interesse da população, como nos demais locais onde essas atletas se apresentaram. Nessa oportunidade, na cidade paranaense, ao invés de ingressos, foram cobrados da torcida quilos de alimentos não perecíveis que, posteriormente, seriam doados a moradores pobres da localidade.

O conjunto de atletas que compôs essa Seleção foi composto, praticamente, pela mesma formação do grupo que disputou o primeiro Sul-Americano, no ano de 1991. Mas, nesse grupo, algumas alterações foram feitas e Sissi estava de volta para defender as cores brasileiras.

Sugeria-se, nesse período, que as circunstâncias começavam a mudar para o futebol das meninas no país, a partir de meados da década de 90. Prova disso é o documento acima que mostra o contrato firmado pela empresa Maizena com a Seleção Feminina de Futebol, após esse Sul-Americano, através do qual cada atleta recebeu a quantia de R\$ 500,00, como consta no próprio documento: “(...) em reconhecimento ao excelente desempenho de nossas atletas durante os jogos do Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino, realizado em janeiro/95 na cidade de Uberlândia.”²⁴⁹.

Consta, ainda, no documento que a quantia seria paga através da empresa Sport Promotion e, na conclusão do mesmo, observa-se a seguinte frase: “Esperamos que isso seja apenas o início de muitas realizações que viveremos juntos.”²⁵⁰.

²⁴⁸ Depoimento retirado da matéria de um jornal uberlandense de 03 de janeiro de 1995, escrita pelo repórter Manoel Serafim; material cedido por Solange Santos Bastos, retirado do seu acervo pessoal durante a entrevista realizada em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Idem.

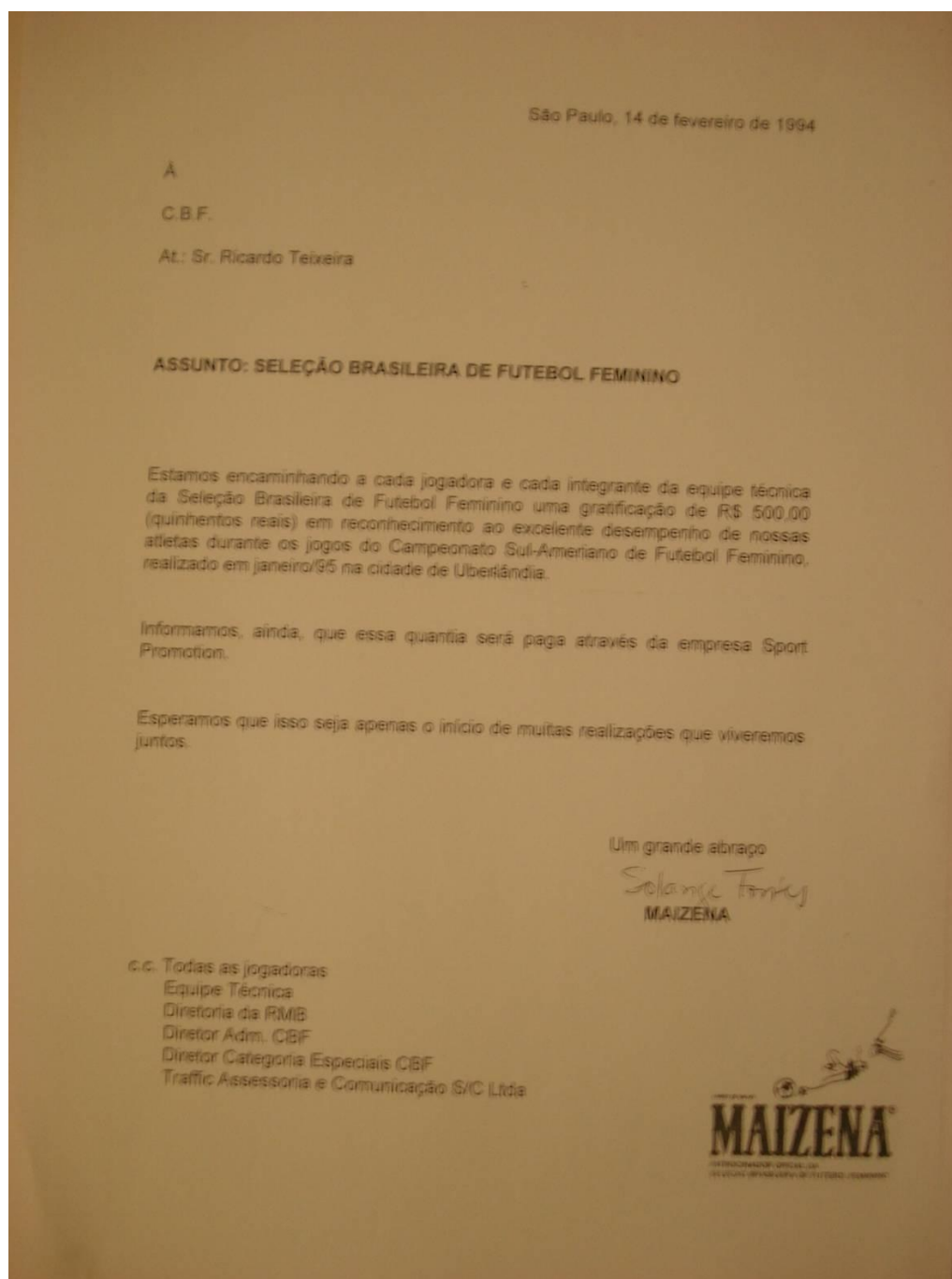


Figura13 – Patrocínio Maizena²⁵¹

Um dos jornais da época informava que, para possibilitar o patrocínio da Seleção, a Maizena investiu por volta de 1 milhão de dólares nesse projeto, o que custeava parte do pagamento das atletas e também a estrutura promocional do evento, o que significava apoiar a Seleção Feminina na busca do segundo título, na segunda edição do campeonato Sul-Americano, ocorrido em 1995. Visando incentivar a participação do público, a Maizena

²⁵¹ Termo de contrato da Empresa Maizena encaminhado a CBF através da pessoa do seu Presidente, na época o senhor Ricardo Teixeira, direcionado a todas as atletas que compunham a Seleção Brasileira Feminina de Futebol, datado de 14 de fevereiro de 1994. Cópia do documento gentilmente cedida por Solange Santos Bastos retirada do seu acervo pessoal durante a entrevista realizada em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

liberou a entrada de torcedores que, para assistir aos jogos, precisava apenas levar uma tampa de maisena, ou 1 kg de alimentos não perecíveis. Além disso, a empresa iria sortear para a torcida dois automóveis populares, no final do campeonato. De acordo com Beatriz Galloni, na época, gerente do grupo Maizena, a marca decidiu apoiar a Seleção Feminina de Futebol para incentivar esse esporte que “começava” a interessar meninas e mulheres em vários locais do país, como reafirmam suas palavras: “Queremos associar a marca, que acompanha as consumidoras há várias gerações, ao sucesso das mulheres na atualidade. Tanto que durante o período da competição estaremos usando a assinatura Maizena. Sempre presente nas conquistas femininas.”²⁵².

Nesse mesmo período surgiu a empresa Sport Promotion (de acordo com essa entrevistada), uma empresa financeira multinacional que organizava eventos esportivos, em todo o mundo. Somavam-se aí os esforços da Maizena, da Sport Promotion e mais um importante apoio que essa Seleção recebeu: a participação da TV Bandeirantes, através da figura do jornalista Luciano Du Vale que, a partir dessa época, passou a transmitir, ao vivo, todos os jogos realizados pelas garotas da Seleção.

A cobertura da TV Bandeirantes propiciou um maior contato da torcida brasileira com as garotas da Seleção e algumas coisas mudaram, a partir daí, no que se refere ao reconhecimento dessas atletas, seja do ponto de vista da aceitação e reconhecimento popular, quanto dos dirigentes de clubes, no Brasil. Nesse sentido, sugere-se que há uma gratidão e reconhecimento, por parte das atletas à figura do repórter Luciano Du Vale, como se registra nas palavras de Solange:

É, porque o Luciano nessa época, ele acompanhou a gente na Suécia (no Mundial). Um cara assim, muito legal, no sentido assim de apoiar o nosso futebol. Desde 95, no Sul-Americano em 95 ele já transmitia ao vivo. Então a divulgação foi excepcional! E aí foi que ele acompanhou a gente até as Olimpíadas! Pra você ter idéia.

(Antes) ninguém passava (os jogos de futebol feminino). Então, foi daí que o Luciano já buscou essa idéia antes, né? Então ele veio com a gente e ele acompanhava os treinos da Seleção. E esse projeto já tava por trás, mas nós atletas não sabíamos, né? Foi um projeto da Bandeirantes com a CBF, com a Sport Promotion e com a Maizena.

²⁵² Infelizmente essa matéria também não possui registro, mas consta que é um jornal da cidade de Uberlândia. Documento retirado do acervo pessoal de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Feira de Santana.

E aí esse projeto, eu acredito que eles fizeram isso: acompanharam a gente até as Olimpíadas. E o Luciano era muito carinhoso! Muito atencioso! Quando ele narrava ele: “Guerreira Solange, guerreira Sissi!” “As meninas do Brasil estão numa situação...” Sabe, a gente ouviu, eu tenho muita fé e quando hoje eu ouço a gente sabe que ele queria levantar, ele buscou isso com a gente. E isso foi até 97²⁵³.

Tal apoio parece ter sido fundamental para que as garotas continuassem acreditando em suas próprias possibilidades e no sonho de melhorar as condições do esporte, no Brasil. Com a conquista desse Sul-Americano, as garotas partiram para o Mundial da Suécia, ainda em 1995, do qual também participaram 12 países, a saber: Suécia (anfitriã), Dinamarca, Inglaterra, Alemanha, Noruega, China, Japão, Nigéria, Brasil, Austrália, Estados Unidos e Canadá. Nesse Mundial, a Noruega foi campeã, seguida pela Alemanha e os Estados Unidos, em terceiro lugar. O Brasil, novamente, ocupou o nono lugar, na classificação geral²⁵⁴.

Muito embora as exigências fossem recorrentes, as atletas insistiam em mostrar, através de seus depoimentos em jornais desse período, as dificuldades presentes em seu cotidiano, que se tornavam impedimentos para o sucesso tão esperado no futebol das garotas. Em outra matéria, a Folha de São Paulo, de 1995, trazia uma reportagem cujo tema era: “Pretinha pede reconhecimento”. A matéria reservou um espaço para uma entrevista com Pretinha, a Delma Gonçalves, naquele período, uma das artilheiras da Seleção, que, quando perguntada, se o sucesso no Sul-Americano poderia dar uma guinada em sua modalidade esportiva e sob o aspecto da profissionalização do futebol feminino, afirmava:

Por enquanto não vi nenhuma mudança na minha carreira. Mas tenho esperança que o futebol feminino ganhe espaço e as jogadoras sejam reconhecidas, com melhores salários para as atletas e melhor infra-estrutura para o futebol feminino. (...) Treino todas as noites umas quatro horas, das 19h às 23h. Para ir ao campo de treinamento do Vasco, tenho que pegar dois ônibus. Demoro uma hora para chegar lá. Minha mãe sempre fica me esperando no portão.²⁵⁵

²⁵³ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista concedida em março de 2010, na cidade de Feira de Santana.

²⁵⁴ Sugiro para consulta sobre o Mundial de Futebol Feminino de 1995 o seguinte endereço eletrônico: http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_de_Futebol_Feminino_de_1995. Acesso: 20 de outubro de 2011.

²⁵⁵ Matéria do Jornal Folha de São Paulo, de 08 de janeiro de 1995. Documento retirado do acervo pessoal de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Feira de Santana.

Quando questionada se possuía transporte próprio, a mesma atleta afirmou: “Ninguém tem (carro). A gente ate se encontra no centro do Rio para pegar o ônibus 401 para ir ao campo de treino do Bradesco que fica no bairro da Tijuca. Das jogadoras da Seleção Russa (meio), Marisa (lateral) e Fia (meia) vão comigo de ônibus toda noite.”²⁵⁶.

Na mesma reportagem, Pretinha afirmava que, como o seu time de futebol de campo, o Vasco, havia acabado, ela permaneceria no clube para jogar futebol de salão e que, com tantas dificuldades, já havia pensado em abandonar o futebol. Mas, ao ser aconselhada pela amiga Fanta, que a tratava como filha, decidiu que se dedicaria mais e seguiria nesse esporte, apoio que era reforçado por sua família.

Essa jogadora também tinha começado sua carreira, como tantas outras meninas, jogando na rua, por volta dos seus sete anos de idade e havia parado de estudar ainda na 6ª série, por conta dos jogos internacionais, de modo que, agora via poucas chances de voltar à escola. No tempo livre que tinha, entre um treino e outro, e um campeonato e outro, ajudava a mãe nas tarefas de casa. Quando questionada sobre namorados²⁵⁷, afirmou que eram garotos da vizinhança, que também jogavam bola com ela. E sobre as perspectivas futuras, enquanto aguardava para se apresentar para o Mundial, Pretinha concluía: “Vou ficar em casa e seguir as recomendações do preparador físico Ricardo Rosa Pereira. Ele passou uma série de exercícios diários para todas as jogadoras manterem a forma durante as férias.”²⁵⁸.

Depoimentos das atletas, de um modo geral, reafirmavam as dificuldades que enfrentavam em seu dia a dia para permanecerem no futebol. As palavras de Pretinha, como se pode notar, reforçavam as críticas feitas por Solange, em todo o decorrer de nossa entrevista. Na mesma reportagem, ainda, podia-se ver que, mesmo tendo-se mantido o mesmo grupo de atletas e com uma preparação física mais específica, dirigida pelo preparador físico Ricardo Rosa Pereira, por exemplo, a então capitã do time brasileiro, Cenira, criticou a desatenção dos organizadores do futebol feminino brasileiro responsável pelo despreparo inclusive das equipes técnicas anteriores, como mostram suas palavras: “Os técnicos anteriores ao Ademar Júnior não entendiam de futebol feminino”.²⁵⁹.

Se, por um lado, o patrocínio, a divulgação do trabalho, a seriedade e a dedicação das atletas chegaram à Seleção, por outro, os percalços e as dificuldades cotidianas pouco haviam mudado. Essa geração de jogadoras, de fato, experimentou poucas alterações nas condições

²⁵⁶ Ibid.

²⁵⁷ Em algumas matérias jornalísticas surge recorrentemente o questionamento às atletas sobre namorados e sobre seus relacionamentos afetivos, expressando a forte curiosidade sobre a sexualidade das atletas. Na matéria acima esse tipo de especulação aparece, como em outras matérias no corpo desse trabalho.

²⁵⁸ Reportagem da Folha de São Paulo de 08 de janeiro de 1995.

²⁵⁹ Idem.

fornecidas ao seu futebol - naquele que é considerado o país do futebol. Assim, persistia a falta de estrutura e seriedade com a qual se tratava o futebol feminino, no Brasil, processo que se refletirá ainda durante muitos anos no percurso da história desse esporte, no país, como nos resultados que essa e, muito provavelmente outras gerações de atletas, irão no futuro enfrentar nos gramados e nos câmpus dos campeonatos dos quais participarão, como no caso do citado Mundial, no qual, o Brasil ocupou o nono lugar.

No caso específico do Mundial ocorrido na Suécia, em 1995, um dos principais obstáculos para a Seleção Brasileira Feminina de Futebol foi a falta de informação sobre as adversárias, comentava numa matéria do Jornal Folha de São Paulo, o então técnico Ademir Júnior. Ponderava o técnico que, entretanto, sabia-se que os EUA e os times europeus eram as equipes mais fortes da competição, pois o Brasil já havia enfrentado essas Seleções no Mundial de 1991 e havia ficado apenas na nona colocação. No entanto, outro importantíssimo obstáculo era a falta de campeonatos que deveriam ocorrer, internamente, no país, pois essa seria a possibilidade de descoberta de novos talentos e, principalmente, de melhorar o nível das jogadoras. Nesse sentido, lia-se, ainda, na mesma matéria, que países como a Alemanha, Portugal e Itália eram países que também possuíam seleções competitivas e que, além desses aspectos, destacava:

No Mundial, o Brasil também terá que enfrentar a falta de estrutura do futebol feminino no país. Seus principais adversários têm campeonatos femininos nacionais, o que não acontece aqui.

Nos EUA, há uma liga universitária com já dez temporadas de existência. A Universidade da Carolina do Norte foi campeã oito vezes e forma a base da seleção nacional.

A Itália tem um campeonato chamado Dilettante para mulheres. Times como Milan, Torino, Juventus, Verona possuem equipes femininas. Na Alemanha, há mais de 4.000 jogadoras federadas²⁶⁰.

Na matéria jornalística citada e, mesmo nos depoimentos das atletas brasileiras, em entrevistas de jornais da época, são recorrentes argumentos que delatam a realidade do futebol feminino, no Brasil, diante da permanente falta de apoio e de reconhecimento. No entanto, paralelamente ao despreparo, descaso e a invisibilidade na qual permaneceu o futebol feminino, pelo menos até o período analisado, no presente trabalho, as cobranças sempre

²⁶⁰ Matéria retirada do Jornal Folha de São Paulo de 23 de janeiro de 1995. Documento retirado do acervo pessoal de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Feira de Santana.

foram intensas, fato que ocorreu não apenas nesse Mundial. Ao contrário, mesmo sem investimento em estrutura ou em profissionalização, as exigências continuaram e se tornavam maiores para que essas atletas conseguissem uma importante premiação na próxima competição que iria ocorrer: nas Olimpíadas de Atlanta, que foram realizadas em 1996.

Diante das exigências que se seguiam, por parte dos organizadores desse último evento, foi natural que as atletas também reforçassem tais cobranças internamente, no grupo. Assim, Solange se recorda dos recorrentes “conselhos” ao time, como ela mesma resgatou em suas memórias:

Porque, depois que chegamos nas Olimpíadas: “Olha só: se a gente conseguir uma medalha aqui, acabou! A gente arrebenta!” (sorri)

Mas era (sorri), era o que falavam pra a gente! Pô, a gente tava lhe dando com o cara da CBF, né? (fala como se tivesse sentindo-se enganada) A gente não tava lhe dando com um ninguém era o cara da entidade maior, né? E aí falava: ‘Olha só, se vocês conseguirem uma medalha, ou uma taça, ou conseguirem uma classificação (tudo muda)...’²⁶¹

Como se pode observar, era forte e constante a pressão sobre o time feminino e, novamente, as atletas dessa geração abraçaram e tomaram para si a responsabilidade de, através de suas conquistas, alavancarem o futebol feminino nacional, como se essa fosse uma responsabilidade apenas desse grupo. Mas, mudar a realidade desse esporte, no país, também dependia da ação de governantes, enquanto responsáveis por criar possibilidades de políticas públicas, por exemplo, do e para o esporte, de modo a propiciar maiores e melhores oportunidades às atletas brasileiras. Como se fosse possível, sem investimento governamental ou não-governamental, modificar a condição e característica que, historicamente, marcou o futebol das mulheres no Brasil: a da invisibilidade.

Ainda de acordo com Solange, outro aspecto merece destaque, no que se refere ao descaso em relação ao futebol feminino brasileiro, quando se observa a disparidade salarial entre as Seleções Feminina e Masculina. Segundo essa entrevistada, enquanto o time feminino da Seleção recebia R\$ 20,00 a diária, esse valor representava uma média de 10 % do salário pago aos homens da Seleção masculina de Futebol do Brasil, pelo mesmo trabalho, pelo mesmo esforço e por assumirem a mesma responsabilidade.

²⁶¹ Depoimento de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Salvador.

Sobre essa questão SOIHET trás questões bastante elucidativas quando aborda a violência simbólica como mais um elemento marcadamente presente na história das mulheres. Tanto no que se refere ao acesso a educação e desenvolvimento da intelectualidade, quanto ao impedimento do acesso ao espaço público e ao mercado de trabalho e também descoberta e livre exercício da sua sexualidade, estas foram algumas das formas que reforçaram a introjeção da submissão e da incapacidade da mulher. Tal violência se reforçou mesmo quando a mulher conseguiu se inserir no mundo do trabalho, como afirmou a autora:

Na verdade o substrato da violência simbólica permanece presente, pois tais práticas expressam as relações assimétricas entre os gêneros e seu significado está enraizado no simbólico, no mental, no doméstico. Sem esquecer que aquelas profissões consideradas mais adequadas ao gênero feminino eram as menos remuneradas. Mantinha-se em grande medida, a força das representações e práticas que impõem a divisão das atribuições entre os gêneros, comprometendo a total emancipação feminina²⁶².

Embora a autora se refira à violência simbólica no período que compreende a transição entre os séculos XVIII e XIX, observando a influência de instituições conservadoras com a Igreja, os argumentos utilizados pela autora são absolutamente atuais. No caso do futebol a violência não se restringiu, como foi observado ao longo desse trabalho a questão de formas depreciativas relacionadas às atletas, mas também se cristalizaram sob a forma da diminuta remuneração destinada a elas, pelo mesmo trabalho desenvolvido pelos homens. Reafirmo que permanecer no futebol demandou e continua demandando esforços de resistência impressionantes, aos quais não sucumbiram as mulheres.

Apesar do fator financeiro e de todas as exigências impostas, é possível verificar a forma precária de tratamento destinado às jogadoras desde sempre. Esse problema ocorria tanto na base desse esporte, através do despreparo daqueles que lidavam, cotidianamente, com atletas iniciantes, como dos dirigentes que atuavam no nível mais alto das entidades organizativas do futebol.

Mas, mesmo com toda a precariedade, o futebol feminino existiu e resistiu, no Brasil, durante muitos anos. No Mundial de 1995, como a Seleção Feminina havia ficado em nono lugar, tal classificação impediu o país de participar das Olimpíadas de Atlanta, que ocorreram

²⁶² SHOIET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. Estudos feministas, 2010. Disponível em: http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0,5&q=Rachel+Soihet. Acesso: 03 de janeiro de 2012.

no ano seguinte, pois só participariam daquele evento os oito países melhores classificados. Entretanto, naquele período a Seleção ocupou a vaga da Inglaterra que, por determinações definidas pelo Comitê Internacional, não pode participar do campeonato. Nessas Olimpíadas, o Brasil se classificou em quarto lugar e, naquele momento, Solange insiste que o maior obstáculo foi o aspecto emocional do grupo:

E a gente perdeu por 1 X 0 pra China por falta de, o estado emocional foi (fuuuu) foi pra cima...

(Ficamos) em quarto, em quarto. Nas Olimpíadas em quarto. Porque a gente buscava o melhor se a gente ganhasse a gente tinha medalha, mas como a gente perdeu, ficamos em quarto, quem ficou em terceiro foi a China.

E foi tudo uma busca. Desse período de 95 a 96, final de 96 nas Olimpíadas foi uma guerra! Uma guerra de treinamento, concentração, de preparação psicológica, sabe, a gente nunca tinha ido pra uma Olimpíada, sabe? Isso pra minha cabeça...²⁶³

Creio que as expectativas que o grupo criou, internamente, somadas às cobranças externas, por parte de patrocinadores, organizadores e dirigentes que estavam à frente da Seleção, foram determinantes para gerar e ampliar um clima de muita ansiedade no grupo. Mesmo sendo atletas experientes, as garotas do futebol não conseguiram vencer o nervosismo, fator que comprometeu a atuação daquelas atletas em campo. A entrevistada se recorda ainda que, na última partida, contra a Seleção da China, ficou claro o descontrole emocional do grupo, como relembra:

[...] a China que tinha sido vice-campeã mundial, acho que uma vez, e todo o estado emocional delas controladíssimas! A gente via a expressão delas e a gente não, assim ó: Vamo tomar a bola, vamo tomar a bola!

Então elas com a frieza delas conseguiram trabalhar a bola e fazer um gol na gente e... (engole o grito ainda preso na garganta).²⁶⁴

Tal situação, embora forneça elementos suficientes para as naturais críticas que se seguiram, em relação à atuação dessas atletas, torna-se compreensível, se for analisado o nível de pressão que aquele grupo absorveu. Aquelas atletas sentiram o peso de colocar em seus

²⁶³ Depoimento de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Salvador.

²⁶⁴ Idem.

ombros a responsabilidade de transformar toda uma história desse esporte, no país, e de construir um futuro diferente do que havia sido seu passado. Passado esse que cada uma daquelas mulheres tinha consciência de como havia sido trilhado, das dificuldades e dos obstáculos superados para poder estar naquele momento, defendendo as cores de seu país. Elas tinham muita consciência do que estavam defendendo naqueles 90 minutos de partida, mas seus corpos não resistiram ao peso de tantas responsabilidades e de tantos sonhos, com afirma Solange: (...) de representar todo um, olha, não só de representar um país, mas de buscar o (futuro)..., você entendeu? (...) pra o esporte! Isso que era, pô! Era, exatamente, era isso que era!²⁶⁵.

Nesse tão aguardado futuro repousava o sonho daquela geração de criar possibilidades para a profissionalização do esporte. Obviamente, essas atletas esperavam que, financeiramente, também para elas, suas condições salariais melhorassem, diante do que se cobrava como retorno no futebol, como também melhorariam as condições de trabalho delas, no Brasil. Mesmo porque, a partir dali, iniciava-se outro processo interno na Seleção: o de renovação da equipe. Assim, essa renovação significava que, para elas, aquele espaço no qual desenvolviam o melhor do seu futebol, em pouco tempo, não mais existiria, pois dariam lugar a novos talentos que, como elas, passariam a defender o país. Mas será que esses novos talentos que viriam, defenderiam aqueles mesmos sonhos que marcaram a geração dos anos 90?

Em 1997, a Sport Promotion ainda pagava as atletas que passaram a receber por volta de R\$3.000,00 de salário, uma quantia considerada razoável para uma atleta de futebol, muito embora as diferenças salariais entre os atletas do futebol masculino e do feminino no Brasil, até hoje são absurdas.

Entretanto, Solange afirma que, a partir de 97, o futebol feminino passou a ser uma atividade melhor reconhecida, em decorrência da campanha realizada pelas atletas nas Olimpíadas, daquele ano. A partir daquele momento, o futuro desse esporte dependeria, em muito, dos investimentos e do tratamento que os organizadores direcionassem a elas e ao próprio futebol, como ela recorda:

A gente chegou aqui aliviada, tipo: a gente fez o que pôde e aí, vocês vão fazer o que?

A gente fez o melhor e agora o que é que vocês (organizadores) vão fazer?

²⁶⁵ Depoimento de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Salvador.

E aí foi surpresa pra todo mundo, aí os times começaram a fazer pré-temporada, coisa que eu nunca imaginei! Os times começaram a fazer pré-temporada, eu fui fazer minha pré-temporada junto com o Corinthians. Aí quando o Corinthians voltou aí eu fui pra o Santos; outra fazia a pré-temporada com o Santos e depois o Corinthians. Aí começou a ver com as jogadoras quem fica com quem, né? Aí: não, eu quero fulana. Aí foi que a Sport Promotion que dividiu: ó fulana de tal com fulana de tal. Eram 3 jogadoras acima de 23 anos²⁶⁶.

A Sport Promotion auxiliou na distribuição das atletas por clubes, logo que essas jogadoras retornaram ao país. Seria a possibilidade de cada uma, em seus clubes, construírem e darem prosseguimento a suas carreiras. Também, naquele período, a transmissão dos campeonatos internacionais feita pela TV Bandeirantes rendeu bons frutos para o futebol das garotas. Com a divulgação de suas imagens, essas atletas passaram a ser conhecidas e um pouco mais respeitadas até mesmo em seus clubes originários, pois, antes disso, sequer havia uma equipe técnica específica para treinar o futebol feminino brasileiro.

Com isso, passaram a existir, no Brasil, equipes técnicas melhor preparadas para atuar frente aos times femininos de futebol, pois, anteriormente, o trabalho era feito sem especificidade e o mesmo tipo de treinamento direcionado às equipes masculinas era aplicado aos grupos femininos. Outra diferenciação, em relação a tempos anteriores, foi a constante presença das torcidas, durante a preparação das equipes femininas em seus respectivos clubes, após o campeonato de 1997. Com a divulgação das imagens das atletas, nas transmissões iniciadas por Luciano Du Vale, a partir de 1994, as torcidas habituaram-se a frequentar os treinamentos das atletas, situação, anteriormente, só identificadas diante da preparação em campo das equipes do futebol masculino, como rememora Solange:

A torcida antes ela não ia ver nossos jogos, né?

Era muito legal. Aí eu tirava uma bola e a galera: éeeeeeeeeeee!!!! Fazia um gol a galera vibrava com você! Você ia pra torcida, sabe aqueles caras que... (faz um gesto beijando a camisa)

Aí foi legal, assim, porque aí você tinha um clube, a torcida ia te ver, a torcia ia ver seu treino... Falavam:” a Soró ali!” Aí já me chamavam de Soró, já! “Olha a Soró joga na Seleção, puta zagueirona!” Entendeu?

²⁶⁶ Idem.

E isso foi, foi uma conquista, é como você falou: é uma conquista diferenciada e foi isso o que a gente buscou, que a gente não tinha isso, a gente não tinha torcida nos campos de futebol. Então a gente buscou, torcida a gente tinha, tinha foto na revista, Revista do Santos, eu saía, outras saíam. Era o futebol feminino e tal, a zagueira, a atacante, enfim, quem era destaque sempre saía na Revista!²⁶⁷

Essa geração de atletas conquistou dois campeonatos Sul-Americanos e garantiu sua classificação em dois Mundiais e numa Olimpíada. Mesmo sem conseguir medalha, ao final da década de 90, sugeria-se que o feito das garotas do futebol brasileiro dessa geração havia conseguido alterar um pouco as condições desse esporte no país, como mostra Solange:

Então, de 97 pra cá que a coisa foi, foi, efetivada! Mais organizada, vamos dizer assim? Que aí a gente tinha o Campeonato Paulista pela Federação Paulista, né? Tinha uma mídia toda em cima exclusiva do feminino, né? E a televisão passando todas as terças-feiras esses jogos, terça-feira²⁶⁸.

Para as atletas que constituíram esse grupo, provavelmente, o país não deu um retorno satisfatório por seus feitos que, muito provavelmente, só seria experienciado pelas gerações subsequentes. E, se esse fato realmente se confirmar, em termos de melhores condições de trabalho, consolidando-se a profissionalização do futebol feminino brasileiro, valeu muito o esforço feito por essas “bravas guerreiras”, como diria o próprio Luciano Do Vale.

2.4 - Foram muitos sonhos juntos...

Em suas memórias, Solange se recorda que, na contramão do destrato ao futebol, alguns nomes surgiram e buscaram elevar o futebol das garotas, no Brasil. Destaca nomes como o do senhor Eurico Lyra, do Rio de Janeiro, o senhor Romeu Castro, paulista, e um dos organizadores do Campeonato Paulista de Futebol Feminino, o nome do jornalista Luciano Du Vale, além de outros nomes de ex-atletas, cujas suas contribuições a esse esporte, merecem ser lembradas. Dos importantes times nacionais, além do Radar, houve também o Saad que, segundo essa entrevistada, foi outro grande time e que ambos bem representaram o início dessas histórias sobre o futebol feminino brasileiro.

²⁶⁷ Depoimento de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Salvador.

²⁶⁸ Idem.

Mas, somente a partir de 1997, o cenário começou a mudar e parecia que o futebol feminino passava a ser um pouco melhor organizado. É também nesse período, mais precisamente, entre o final de 1997 e início de 1998, que começou uma nova fase para essa geração de atletas, pois deu-se a renovação do grupo de jogadoras que compunham a Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Como rememora Solange:

É exatamente: de 98 pra cima. E aí vem a renovação em massa – de zagueiras à goleiras. A Meg já tinha caído já! Caído, digo, já não convocavam mais a Meg, a Suzi... a Elaine e eu ainda convocavam. A Marília já não era mais convocada... Agora a Pretinha, a Formiga, a Sissi. Aí renovou zagueira e em 98 eu disse: eu vou qualquer dia desses. Porque na verdade, tava na hora de, eu já tinha 38 [...] ²⁶⁹

Durante a temporada de 98, Solange foi convidada pelo Corinthians para fazer parte do seu quadro de atletas e, nesse espaço, ela também se sentiu valorizada, inclusive pela torcida.

Ainda naquele ano, a depoente relembra que teve que fazer uma escolha muito difícil, sua última convocação para compor a Seleção. Precisava, então, escolher se continuaria a temporada no Corinthians ou se sairia e participaria do seu último campeonato internacional. Voltava, então, a viver outro forte momento de tensão, pois as atletas convocadas para a Seleção não haviam sido liberadas pelas diretorias de seus clubes, já que seus times estavam na fase final do campeonato paulista.

A escolha de Solange se tornou imensamente difícil, não mais pela insegurança de enfrentar mais esse importante desafio, mas pelos compromissos financeiros que havia assumido, já que naquele momento, reconstruía a casa de sua mãe, que estava prestes a desabar. Por outro lado, ponderava que estaria abandonando seu time, na fase final do campeonato, como ela lembra:

Porque assim: os outros times iam ser desfalcados, então quem ia ficar forte é quem não viajasse. Entendeu? Pensando eles (os dirigentes) assim. Puta, mas era a minha última, eu sabia que ia ser minha última, eu sabia que dali a Seleção ia acabar pra mim, era a minha última convocação, eu sentia isso, assim!

²⁶⁹ Idem.

E aí fui pra um lado e o pessoal falou assim; Elaine era a minha companheira de zaga e tal, e minha amiga também e ela disse: olha Solange, eu vou, porque daí a gente não se queima com os caras também. Aí eu falei: a gente não se queima com os caras e eu não recebo meu dinheiro? Aí eu me queimo com todo um clube que me deu um puta apoio e me deu tanto carinho?

E a Sissi também falava a mesma coisa lá no São Paulo: é, se for não recebe o salário. Mas Sissi, pô! Sissi na época tinha uma moral monstruosa!²⁷⁰

Quando fala de moral, essa ex-atleta se refere normalmente ao respeito que, como ela, as jogadoras haviam conseguido construir, a partir de sua atuação no nível mais alto desse esporte, já que integraram a Seleção Feminina do país. No entanto, discuto essa concepção de respeito e notoriedade que as atletas associam a essa moral adquirida, pois, como poderá ser percebido, o futebol das mulheres, de fato, nunca adquiriu a solidez e reconhecimento do futebol masculino brasileiro, durante sua história. Um dos aspectos que reforça dúvidas sobre essa moral conquistada pelas atletas é a constante falta de incentivo financeiro e a descontinuidade na manutenção dos times femininos espalhados pelo país, assim como o episódio do encerramento do time feminino do Santos, ocorrido em 2012.

Nesse caso específico, pode-se perceber a insegurança e o medo de Solange em participar daquela que seria sua última convocatória e, portanto, sua última competição frente à Seleção, o que geraria, consequentemente, a suspensão de seu contrato no time do Corinthians, caso a atleta realmente deixasse o time para participar do Sul-Americano. Já aos seus 38 anos, e com os compromissos financeiros que havia adquirido com a reconstrução da casa de sua mãe, essa entrevistada se viu numa delicada situação, pois, caso retornasse ao Brasil, sem time para jogar, como poderia contribuir financeiramente para dar a sua mãe e a sua família um lar para viverem? Por outro lado, a vontade de atuar novamente na Seleção era gritante. Fato esse estimulado intimamente pelo sentimento de que não mais seria convocada e que, portanto, sua carreira na Seleção estaria encerrada.

Voltando à difícil escolha que precisava fazer, Solange se recorda de ter entrado em contato com as amigas atletas, em busca de conselhos. Estas, então, que reforçavam a importância de estarem na Seleção, pois isso lhes conferia a citada moral no espaço esportivo. Além de se aconselhar com as antigas companheiras, essa depoente ainda entrou em contato com o senhor Paulo Dutra, seu antigo supervisor e um dos importantes dirigentes do futebol feminino, daquele período. Embora argumentando e esclarecendo-lhe sobre as preocupações

²⁷⁰ Idem.

em ficar sem time para jogar no retorno ao Brasil, e expondo sua insegurança em ficar sem salário, o dirigente a aconselhou, mas já sinalizava, preocupado:

Ele falou: ô, você sabe que a gente tá fazendo renovação, vai ser sua chance de disputar o último mundial pra você **(seria meu terceiro campeonato mundial)**²⁷¹ e você sabe que a Seleção é importante e dá moral! Talvez não te dê muito dinheiro, mas te dá moral.²⁷²

Se a moral fornecida pelo futebol às atletas já é um aspecto bastante questionável, financeiramente, esse esporte não garantiu a essas mulheres um futuro economicamente estável, mesmo após uma vida de dedicação nos gramados e das frequentes cobranças e pressões que lhes foram impostas, especialmente, nos períodos de competições. Tais características são marcantes na trajetória desse esporte no Brasil e reflete-se nas palavras acima, pois seu posicionamento sugere a insignificância associada ao futebol feminino, sobretudo quando se observa a imposição da invisibilidade sobre as histórias de Solange e suas companheiras²⁷³.

Mesmo com uma enorme vontade de viajar para integrar pela última vez o grupo, como as companheiras fizeram, e ainda ponderando a visibilidade que a imprensa conferia a essas atletas, diante do drama que se apresentara, Solange resolveu não embarcar. Quando fala da difícil decisão tomada naquele momento, essa depoente parece ainda se incomodar com aquela circunstância vivida, sentimento refletido em suas palavras:

Foi, foi difícil... (a expressão dessa entrevistada parece de dor)
Eu sabia que ia ser minha última participação na Seleção! Foi que eu optei de tá no Corinthians, mas ... eu chorando! E as meninas: Solange, assim, a gente vai viajar...
Chegou minha passagem, chegou tudo, tudo, tudo, tudo (ajeita-se parecendo ainda se incomodar com a escolha que fez ha alguns anos atrás).
Falei: eu não vou não, pode falar pra o Paulo Dutra que eu não vou não.

²⁷¹ Grifo Nosso.

²⁷² Depoimento de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Salvador.

²⁷³ Reforço outro dado já apresentado anteriormente no corpo desse trabalho quando cito o caso do Museu do Futebol de São Paulo quando de sua inauguração em 2008. Naquele espaço, reservado a contar a história do futebol nacional, sequer havia o registro da contribuição das mulheres que ativamente se doaram a esse esporte, como se o futebol realmente fosse considerado uma reserva de exposição da glória masculina. Essa discussão está presente no artigo que trato da invisibilidade relacionada as jogadoras brasileiras de futebol no Museu do Futebol.

Aí as meninas viajaram ... se apresentaram! E aí, quando as meninas chegaram sem mim, puta meu! Seu Zé, o Paulo Dutra ligou pra mim e falou: ó só é sua última chance Solange, você tá com tudo na mão! É só ir lá pegar, vir, eu converso com ele! Falei: e por que você não conversou pô? Falei: Paulo, eu não posso perder essa grana! Minha mãe, minha família, eu tava construindo minha casa! Se eu perdesse aquela grana ia cair tudo...²⁷⁴

As palavras do senhor Paulo Dutra sugerem que uma negociação poderia ter sido feita entre os dirigentes do Corinthians e a comissão técnica da Seleção, mas que não ocorreu. O fato é que o medo de perder mais seis meses de salário no Corinthians fez com que Solange tomasse a complicada decisão de permanecer no clube brasileiro, encerrando, definitivamente, sua carreira frente à Seleção Brasileira.

O medo de permanecer no Brasil foi reforçado por uma questão contextual, relacionada a alguns aspectos que podem até sugerir avanços que o próprio esporte havia atingido, no final da década de 90 no país. Naquele período, o futebol feminino, mesmo com toda a precariedade que lhe é peculiar, já havia ganhado muitas adeptas em todo o país e novos talentos já despontavam. Assim, a renovação não seria algo tão complicado a ser realizado pelos dirigentes do esporte, pois a realidade do futebol feminino não era mais aquela do fim de 80, quando o time do Radar, localizado no Rio de Janeiro, era uma das poucas referências e celeiro de atletas. Na década de 90, como afirmou Solange, São Paulo era o estado que conferia ao futebol das garotas certa organização e o esporte já tinha representações de times em estados como o Rio Grande do Sul, Goiás, Bahia, Rio de Janeiro, entre outros estados.

Essa proliferação do esporte tinha como consequência o aumento no número de atletas e da concorrência entre elas e, concomitantemente, o aumento do poder de escolha dos dirigentes. Com campeonatos ocorrendo com maior regularidade nos estados, o nível das atletas, em termos de condicionamento físico, e, diante dos aspectos técnicos e táticos, aumentava e, igualmente, fornecia maior equilíbrio entre elas. Tais condições propiciavam à CBF menores gastos com a manutenção da própria Seleção, pois, ao invés de precisar de seis meses de adaptação das atletas para enfrentar as competições, mesmo as internacionais, passam a ser necessário apenas um ou dois meses para que o grupo estivesse pronto para viajar e se adaptar aos países, onde as competições ocorreriam, como demonstra a depoente:

²⁷⁴ Depoimento de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Salvador.

Porque em São Paulo sempre tiveram campeonatos. De futsal. Eu te falei que tem campeonatos, por exemplo, de futsal. Então eles pegam essas garotas e dão essa base: treinam e põem lá, põem pra jogar. A gente não. A gente tinha que ficar lá permanente! Eu te falei que a gente tinha que ficar lá confinada lá na Granja Comari? E hoje não, antes era tudo complicado, hoje elas fazem fuso horário viajando²⁷⁵.

Em suas palavras, a entrevistada reclama que, no seu tempo, as dificuldades eram aumentadas pelo fato de não terem campeonatos para participar, o que provocava nas atletas a perda do condicionamento físico ideal. Como consequência da ausência de competições permanentes, na época em que se iniciavam novos torneios, todo um trabalho físico tinha que ser, praticamente, reiniciado, de modo que os corpos das atletas respondessem, satisfatoriamente, às exigências impostas pelos eventos competitivos que tinham que enfrentar. Por outro lado, a diminuição de tempo integrando a Seleção Brasileira significava um decréscimo significativo em sua renda. Para atletas como ela, que sobreviviam do esporte, ter que escolher entre seis meses de trabalho num clube como o Corinthians e um ou dois meses na Seleção, significava ter menos quatro ou cinco meses de salário para garantir as sua manutenção e de sua família, que sempre foi seu foco de atenção e preocupação, durante toda sua carreira.

Assim, a escolha que essa depoente fez em permanecer no clube brasileiro teve como elemento basilar o aspecto econômico. Mas o drama de ter que optar por não mais participar da Seleção aumentou quando, ao retornarem do Sul-Americano as atletas foram reagrupadas em seus clubes e permaneceram com seus contratos até o final do Campeonato Paulista, que disputaram em 98. Desse episódio, Solange se recorda com pesar, pois compreendia que o Corinthians tinha brigado para que ela não abandonasse o clube num momento tão importante, como demonstram suas palavras:

Quando foi no outro dia disse: já que abracei isso vou ter que jogar com o coração. E foi aí que eu abracei mais o clube, entendeu? Porque eles me valorizaram, eu assim, eu achei...

Mas as outras (jogadoras) foram...e quando elas chegaram todas elas receberam o dinheiro! (a expressão de lamento aumenta) Achei pô, uma sacanagem isso! Uma puta sacanagem!

²⁷⁵ Depoimento de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Salvador.

Mas enfim, eles me recompensaram depois. Me deram R\$ 1000,00 a mais, sabe? Dois meses me deram R\$ 1000,00 a mais! Seu Odilon, seu Odilon que fazia o pagamento da gente (ri, como se tivesse sido um pedido de desculpas a ela)... E aí ele falou assim que gostou, porque, pra ele o Corinthians é assim uma paixão, aliás, paixão pra todos eles! Então se você deixou de ir pra uma Seleção Brasileira pra jogar pelo Corinthians, né? Então pra eles, essa é a jogadora que a gente precisa!²⁷⁶

Essa entrevistada permaneceu no clube até o final do Campeonato Paulista, que ocorreu em 1998, no qual o Corinthians se sagrou vice-campeão, perdendo apenas na última partida para o time da Portuguesa. No entanto, o fato de não ter ganhado o aquele campeonato foi o suficiente para que os dirigentes do clube acabassem com o time feminino, o que representava haver menos espaço para as atletas atuarem.

Nesse momento, começava outra saga a ser vivida por Solange nesse esporte que, como se pode observar, não propicia de fato, nenhuma garantia, nem mesmo no sentido ético, para que as mulheres façam a opção por se dedicarem ao futebol feminino. Assim, essa depoente relembra os últimos momentos vividos no time:

Mas eu dei o meu melhor, tava machucada! Tava com uma lombalgia horrível (passa a mão na lombar, como se ainda sentisse as dores da época)! Mas eu joguei com meu coração, joguei com meu coração! (...) quando acabou o jogo, nós saímos muito tristes, não por ter perdido o jogo, mas por ter acabado o time, puta merda, sabe?

Eu não sei o que passava na cabeça deles, a gente... sabe, o descaso, entende: o descaso, a falta de compromisso! Ah, vamo acabar com isso aqui porque a gente só tá perdendo dinheiro. Era um time que tava dando resultado, um time que tava chegando às finais, um time que foi pra (campeonato) brasileiro, chegou nas finais... pô, a gente só não ganhou, paciência, né? Mas, puta, foi doloroso, viu?²⁷⁷

Com o fim do time corintiano, Solange partiu para o Rio Grande do Sul onde participou do Internacional, mas permaneceu por pouco tempo, apenas um ano, pois não se adaptou bem à região. Além desse fator, a competição entre as atletas levou as jogadoras locais a discriminarem a atleta baiana pelo fato de ela já ter construído uma carreira no

²⁷⁶ Depoimento de Solange Santos Bastos durante entrevista realizada em março de 2010 na cidade de Salvador.

²⁷⁷ Idem.

futebol, o que levou essa entrevistada a passar algum tempo sendo bastante isolada no grupo sulista. Mesmo com uma trajetória no esporte e com a experiência que sua carreira internacional havia lhe conferido, a concorrência gerou disputas internas no grupo e um sentimento de discriminação injustificado, que poderiam causar perdas ao próprio clube nos campeonatos disputados, como se recorda essa entrevistada:

E aí a gente tava treinando, eu cheguei na final do (campeonato) gaúcho foi o que a gente foi campeã fiz o final, mas joguei no banco; fiquei no banco, ninguém me deu vaga não! Mas enfim, tava ali, vestindo a camisa e tal, pô (bate no peito referindo-se a dedicação à camisa e ao esporte)!²⁷⁸

Após uma breve atuação no Inter de Porto Alegre, essa entrevistada retornou a São Paulo, único local que mantinha alguns times femininos. Atuou brevemente, no Palmeiras, no ano de 1999, e disputou seu último campeonato paulista, ao lado de Sissi, Roseli e outras atletas de sua geração. Entre 2000 e 2002, de acordo com Solange, o futebol parou definitivamente e ela conseguiu sobreviver e continuar sustentando a família na Bahia, com a pouca economia que havia feito e com a venda do carro recentemente adquirido.

Federada, essa jogadora permaneceu em clubes até o ano de 2007, mas já sem ter um salário satisfatório, pois foram significativas suas perdas salariais: da época em que atuava no Corinthians, com um salário de R\$ 4.000,00, passava a receber entre R\$ 800,00 e R\$ 700,00 mensais. Em 2007, Solange percebe que não tinha mais como continuar com a carreira de atleta, como afirma:

Porque o treinamento eu achei que já tava pesando e o preparador físico não fazia diferenciado: era pau, pau, pau (faz um gesto com a mão tipo esmagando algo). O que dava pra um de 25 que tá no auge da forma física ele dava pra mim: pô, pára, pára! E eu não aguentava mais a concentração, é horário, sabe? Eu não aguentava mais! Tanto que meu primeiro ano fora de ser atleta eu fiquei feito um...fiquei louca, fiquei: eu não sabia pra onde ia final de semana! Ficava em casa (risos)! As meninas tudo concentrada, ficava concentrada junto (risos)! Pra você ter idéia, imagina: ao invés de sair, aproveitar, né? (risos) Eu não tava nem aí, já tava tão acostumada!²⁷⁹

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Idem.

Sem atuar como jogadora, Solange buscou outros afazeres que a ajudassem a passar seu tempo, como a tocar violão que, segundo ela, conseguiu aprender sozinha. Apesar de todas as dificuldades que enfrentou no meio esportivo, o futebol continuou sendo sua paixão, sua vida. Dessa forma, a ex-atleta passou a atuar no futebol paulista, integrando a comissão técnica na função de supervisora de equipes de futebol feminino na cidade de Ribeirão Preto, para onde se mudou (pelo fato de ser uma localidade, segundo essa depoente, com um baixo custo de vida). Embora achasse dificuldades de se colocar fora do gramado, exercer a função de supervisora foi a forma encontrada por essa ex-atleta para permanecer no meio do futebol. Como membro de comissão técnica, a ex-atleta percebeu inúmeros problemas no que se refere à condução de equipes femininas por homens, pois sugere que eles não têm certa sensibilidade no trato com as novas jogadoras. Por outro lado, não vê novas perspectivas para trabalhar no meio esportivo, como ela afirma:

(...) na verdade, eu não sei fazer outra coisa (risos)! E eu me culpo, eu me culpo! Tenho 40 anos, parei, tenho que me virar pra ganhar grana, tenho que trabalhar, aprender! Talvez se eu tivesse mais tempo de aprender outras coisas. Eu até me culpo por isso, porque eu não me dei essa oportunidade. Mas também eles não davam, entendeu? E não dá pra sair de uma coisa que está em mim! Eu queria muito, até tentei muitas vezes - mas eu não conseguia, não conseguia!

Eu me sinto solitária, entendeu? Quando tô fora – totalmente solitária!

Por exemplo, aqui: tô me sentindo solitária! Por isso que me dá, muitas vezes, vontade de ir embora (da Bahia).

Me sinto só, me sinto sem meu mundo!!!²⁸⁰

Definitivamente, em 2007, aos 37 anos, essa jogadora deixou os gramados e encerrou sua carreira, mas até hoje, ainda, compõe comissões técnicas de times femininos, atuando como supervisora.

²⁸⁰ Idem.

CAPÍTULO III

E depois dos *babas*? O que essas mulheres fizeram de suas vidas?

Nesse último capítulo, procuro apontar, com base nos depoimentos, os caminhos que as depoentes seguiram em suas vidas, procurando verificar os aspectos importantes e as contribuições que o futebol lhes forneceu, ao longo de sua história. Sigo, então, analisando até que ponto o esporte participa, ou não, desse futuro construído a fim de buscar responder a um dos questionamentos propulsores desse estudo, quando me perguntava: e depois dos campeonatos?

Para tornar essa etapa melhor compreensível, optei por seguir a cronologia anteriormente definida: descrevo os caminhos trilhados pelas entrevistadas, que jogaram futebol nos anos 70, e sigo relatando o que se seguiu na vida das outras depoentes, que tiveram contato com o futebol já a partir da década de 80. Tal descrição se inicia com as depoentes da cidade de Jequié e, posteriormente, dialogo com as entrevistadas feirenses.

3.1 - Jogadoras jequieenses: o que esse esporte lhes conferiu?

De acordo com Conça, em sua infância, lembra-se de ter tido mais amigos meninos do que meninas. Com eles, realizava atividades infantis que eram mais ligadas àquelas desenvolvidas pelos garotos:

(...) eu jogava gude, eu jogava arraia, fazia barragem, eu brincava de carro, 31 olé, e aí lançou o futebol também que era o baba da rua, né? E eu sempre com eles junto, brincando sempre com eles.

Mais ou menos eu tinha meus... os meus 7 anos, os meus 7 anos, foi quando eu comecei a me envolver com bola, com baba, no meio da rua junto com os meninos.²⁸¹

O futebol surgiu para Conça como mais uma das brincadeiras que realizava com os garotos. Como tinha muitos irmãos nos *babas*, ela servia de ligação entre as meninas e meninos do bairro, aproximando-os em atividades que passavam a ser compartilhadas. Convidando outras garotas para o futebol, Conça passou a ser mais um elo para os outros interesses que foram surgindo, como os namoros e as paqueras dentro do grupo. Assim, aproximar as relações entre meninos e meninas foi o motivo pelo qual, de acordo com essa

²⁸¹ Depoimento de Maria da Conceição Araújo em entrevista realizada em Jequié em abril de 2009.

depoente, o time de futebol do Joaquim Romão foi criado. Nesse período, Conça já estava com seus 15 anos e se recorda dos treinos do time no local onde hoje é realizada a Feirinha do Joaquim Romão, coordenados pelos garotos.

Daquele período, Conça se lembra de amigas como Vilma, Ione, Terezinha, Solange, Nara, Ana e Zene. Dessas, algumas já são falecidas, mas essa depoente se recorda dos incentivos que prestava à amiga Solange para incentivar sua participação no time:

(...) porque tinha isso também, viu: quando a gente tava jogando, Solange mesmo era meia lerda, mas ela era apaixonada por Luizão, um primo meu; então, quando ela tava jogando, tava maia lerda, eu dizia pra ela: oh, Luizão, esse menino não vai querer nada com você não, você não joga nada, rapaz! Aí ela jogava (solta uma gargalhada): jogava que ninguém segurava, dava o melhor do que ela tinha, e ia embora²⁸².

A medida em que as necessidades de organização dessa atividade foram se apresentando, as meninas precisavam, cada vez mais, do suporte dos meninos para jogar, treinar, etc. Não havia uma independência das garotas para a realização dos babas nos campinhos do bairro e muito menos para a formação do time. Sem conhecimento sobre regras, formas de treinamentos, ou mesmo para conseguir as vestimentas para as partidas, as garotas ficavam totalmente dependentes do apoio dos garotos. Assim, o futebol surgiu mais como uma grande brincadeira, meio de socialização entre eles/as, atividade totalmente despretensiosa que, no futuro, gerou muitos namoros e amizades, principalmente quando aquelas/es garotas/os se tornaram adolescentes.

O esporte foi um espaço que deu destaque a essas garotas no bairro, mas pouco interesse despertou nelas para continuar participando do futebol. Creio que o meio esportivo não foi mais que um espaço de construção de interação entre as crianças e adolescentes. Tal compreensão fica mais clara quando se percebe que, essa depoente, não procurou dar continuidade a esse tipo de atividade em sua vida. A partir dessa caracterização e do futebol ter sido um espaço de construção de relações amorosas ou de amizades, espaço no qual Conça se destacava apenas pelo aspecto de interligação do grupo, após essa etapa, essa entrevistada não passou mais a ter vínculo com o esporte. Do futebol, ficaram apenas as lembranças de momentos de alegria e muita diversão.

²⁸² Idem.

Totalmente desligada do esporte, Conça se formou no Magistério e atuou durante muitos anos na educação infantil na cidade de Jequié. Atualmente, continua residindo na cidade e vive com seu filho no bairro periférico das Algarobas, localizado próximo a uma das saídas da cidade. Após seu desligamento das atividades educacionais, Conça passou a se dedicar ao seu pai, hoje já bastante idoso. Por ter um corpo bem esguio, essa entrevistada associa a magreza e a saúde aos tempos do futebol e às longas caminhadas que realiza quase diariamente, entre sua casa e a casa de seu pai, localizada no início da Ladeira da Balança, no bairro do Cilion.

Contemporânea de Conça, Nara também se inseriu nos babas e, posteriormente no time do senhor Zé Sampaio, por volta dos treze anos de idade. De acordo com essa depoente, esse processo, que se deu naturalmente, por viver sempre em companhia dos garotos do Joaquim Romão, nos campinhos de terra, como o campinho do Cururu. Apesar de gostar muito de dançar, a bola sempre foi sua companheira e, por ser o futebol uma atividade mais acessível, sempre foi praticada por Nara, que tinha uma preferência especial por essa brincadeira, que também desenvolvia com os garotos na escola e, assim, se tornou a camisa 10 do time.

Embora os babas tenham lhe despertado tanto prazer na infância, relembra que, mais tarde, somente após a conclusão dos estudos no científico, é que integrou um time de professoras de uma das escolas públicas da cidade. Além disso, mesmo tendo que articular o casamento aos afazeres profissionais e pessoais e o cuidado com os filhos, tentou continuar praticando o futebol com as crianças e com o marido, mas os babas passaram a ser desenvolvido em momentos cada vez mais raros.

Uma recordação recorrente em seu depoimento é o preconceito com o qual sempre teve que conviver por gostar do futebol, como afirmou:

Me falavam que eu era macho e feme, que havia esse comentário e tudo, mas eu não me importava, era uma coisa que me dava prazer e eu não me importava (por) que não tava atingindo ninguém! É como eu te disse: eu não tava prejudicando ninguém, nem prejudicando a minha vida, porque o esporte é vida!

Agora às vezes eu penso num lado assim, do futebol profissional, assim e tudo, porque realmente eu não pensava nisso, entendeu? O que eu pensava era no prazer de jogar independente do que for!²⁸³

²⁸³ Depoimento de Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro realizada em Jequié em julho de 2009.

As lembranças que pode resgatar, através da entrevista, a aproximaram de uma época bastante feliz de sua vida, o que a deixou bastante empolgada, mas o período que se seguiu, daí por diante, não a direcionou à prática esportiva de forma mais comprometida. Ao que sugerem suas palavras, em se tratando do futebol, em sua época, o esporte não se apresentava como algo que despertasse qualquer tipo de expectativa, mesmo porque as questões ligadas ao futuro apresentavam novas demandas, como ela lembra:

Aí hoje eu penso assim: por que eu não dei prosseguimento ao time? Por que eu não questionei? Por que o time acabou? Em momento algum eu procurei saber por que acabou o time!

As pessoas assim tinham outras atividades, outras coisas, outros afazeres, mas (eu) não tinha, não questionei na época: por que acabou? Não vamos deixar acabar, entendeu? Porque eu continuei jogando...²⁸⁴

Esse esporte, principalmente para Nara e Conça, que praticaram o futebol na adolescência, por volta dos anos 70, não se apresentou como uma possibilidade de continuidade, de expectativas futuras, apesar de ser uma atividade que despertava tanto deleite. Pela própria improvisação e amadorismo que, marcadamente, caracterizou o futebol feminino jequiense naquele período, os babas representaram simples, mas grandes momentos de descontração, festa e sociabilidades. Reforça-se essa compreensão pelo fato de que, ao terem encerrado o time, perguntas sequer foram elaborados, questionando sobre o porquê finalizaram e não deram continuidade às partidas tão prazerosas.

No futebol feminino experimentado por essa geração, em Jequié, as garotas precisavam do apoio dos garotos para treinar ou ter qualquer tipo de informação sobre os jogos, ou sobre as regras do esporte. O time do Joaquim Romão realizou apenas dois jogos no Estádio Valdomirão contra times da cidade, pois encontravam dificuldades até para conseguir times oponentes, na época, como anteriormente explicou Jorge Sampaio. O time sequer chegou a sair de Jequié para disputar partidas nos povoados próximos, já que tal fato só foi ocorrer a partir da geração que atuou no futebol feminino, em Jequié, nos anos 80.

Mas, foi nesse espaço que Nara foi crescendo e ampliando formas de socialização que ela atribui ao esporte, o que contribuiu para sua formação como pessoa. Entretanto, exteriormente ao esporte, a educação que sempre foi instruída a seguir e a se dedicar, foi fator determinante para os caminhos que deram prosseguimento em sua vida. Pelos conselhos de

²⁸⁴ Idem.

seu pai e, primordialmente, através do exemplo de sua mãe, a educação foi um processo decisivo para essa depoente, provavelmente motivo pelo qual não tenha despertado nela a falta dos babas, quando terminaram as partidas e o time do Joaquim Romão.

Quando vestia a camisa 10, no time do Joaquim Romão, por volta de 1970, Nara tinha 13 anos e foi aprovada, em 1977, no concurso do Banco do Nordeste, sendo chamada para compor seu quadro profissional, apenas no ano de 1982. Daí por diante, seu futuro tomou contornos surpreendentes até para ela mesma e das lembranças do tempo em que atuava como melhor jogadora, camisa 10 daquele time, restaram apenas momentos saudosos daquele futebol que jogava com muito prazer.

Através do contato com a Igreja, quando atuava como auxiliar de catequese, essa depoente conheceu a dura realidade enfrentada por famílias pobres de sua cidade, principalmente a miséria na qual conviviam mulheres e crianças do Barro Preto, bairro localizado em uma das saídas de Jequié, situado às margens da BR 116, que faz a ligação com Salvador. Dos tempos da catequese, as lembranças da pobreza à qual eram submetidas as pessoas lhe deixaram marcas profundas e dessas recordações retirou o incentivo para o engajamento na luta pela cidadania e na luta das mulheres.

Inicialmente, ainda no Banco do Nordeste, essa depoente se integrou na “campanha pela cidadania e contra a fome”, inaugurada, em 1993, pelo sociólogo Herbert de Souza, divulgada pelo então presidente Itamar Franco. Como voluntária, começou recolhendo tickets de alimentação dos/as colegas bancários/as para as cestas básicas que eram doadas às comunidades pobres que costumava visitar e ajudar. Cada vez mais envolvida e engajada com o movimento que, na época, tomou o país, em 1994, e, por suas próprias experiências, aprendeu que a “fome não pode esperar”.

Tendo iniciado sua ação política a partir desse movimento, Nara continuou atuando em Jequié, compreendendo a necessidade, cada vez maior, de engajamento dos sujeitos no sentido de mudar a realidade social. Em 2004, se elegeu a vereadora mais votada na cidade, quando abraçou, definitivamente, a causa das mulheres. Bastante tocada pela violência contra a mulher, quando do início do mandato de vereadora, iniciou a luta pela Delegacia da Mulher, recentemente inaugurada na cidade de Jequié. Posteriormente, começou outra luta para a implantação do Centro de Referência para a Mulher e hoje, já em seu segundo mandato, também luta pela implantação da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes.

Já há algum tempo afastada do Banco do Nordeste e prestes a se aposentar, Nara não pensa em abandonar as causas que abraçou, embora reconheça que se sente muito solitária nesse caminho. Sente a falta da família, mas compreende a necessidade de estar à frente dos

postos de luta pela importância da causa e mesmo pelo envolvimento que, a cada dia, de acordo com suas palavras, aumenta. Ainda se recorda de como sua consciência foi despertando, quando do início da carreira de bancária, período no qual pode sentir fortemente o preconceito por ser mulher, como ela mesma retrata em seu depoimento:

...eu era uma das poucas mulheres que trabalhavam no Banco (do Nordeste) e eu lembro que o gerente, eu já cheguei toda amedrontada e esse gerente era assim, muito rígido, ele chegou próximo, eu sentada trabalhando e ele chegou próximo e disse assim pra um colega (...): quando eu tiver uma empresa eu não coloco mulher na minha empresa, porque essa história de botar mulher pra trabalhar, mulher fica não sei quantos meses fora, mulher grávida!

Ele falava próximo que era pra eu ouvir... Era uma coisa assim de você ouvir aquelas piadas, sabe? E quando eu assumi uma gerência (...) aí um colega falou: eu vou sair dessa agência, porque lugar que mulher manda eu não fico. Resultado, esse colega era um colega que violentava a mulher, eu sabia assim, porque a mulher me contava, ele teve um caso com a empregada doméstica, e eram coisas assim...²⁸⁵

Seguindo o depoimento, Nara revelou ainda vários casos de violência contra a mulher, situações que compreende ocorrem rotineiramente, principalmente porque, em muitos casos, como a maioria dos que ocorrem em Jequié, não há punições aos agressores pela falta de denúncia decorrente do medo das mulheres. Mesmo assim, de acordo com dados que essa entrevistada colheu através do Copin²⁸⁶, quando ainda brigava para instituir a Delegacia da Mulher na cidade, foram registrados 4.619 casos nos últimos três anos, como ela reafirma:

E que a gente sabia que não era a realidade, porque a maioria das mulheres violentadas, elas não prestam queixa! Menina olhe: as mulheres que eu ouvia (na época do Banco) elas diziam que ouviam gracinhas dos próprios gerentes, né? Então quando você vai (ver), que tá lá chama (as queixosas) de sem vergonha!²⁸⁷

²⁸⁵ Idem.

²⁸⁶ Destaco que esses dados são do ano de 2009 e que foram colhidos por Nara através do coordenador desse órgão, na época, o Delegado Flávio Santos Oliveira, e fornecidos por ela no momento da entrevista.

²⁸⁷ Depoimento de Nara Rúbia Muniz Chaves Pinheiro realizada em Jequié em julho de 2009.

A entrevista prosseguiu com um depoimento bastante emocionado de Nara, tratando mais detalhadamente dos problemas e das dificuldades que afetam e marcam histórias de mulheres jequienses, as quais ela busca enfrentar, cotidianamente, na cidade. Processo que tem consciência, ainda precisa de muita luta e engajamento para que, em algum momento da história, ocorra a supressão da violência contra a mulher nas sociedades. Do futebol ficaram lembranças do período de sua infância e dos bons momentos recordados apenas através desse trabalho de pesquisa.

A partir do depoimento de Neide, surgem elementos por ela apresentados, e pelas depoentes que deram prosseguimento a essa etapa do trabalho, que trazem uma compreensão mais nítida do que significou o futebol em suas vidas. Essa melhor percepção sobre a relação do sujeito com o meio esportivo talvez tenha sido facilitada porque, a partir do final dos anos 70, o futebol foi adquirindo outros contornos, estruturando-se de fato como elemento importante e mais significativo para a formação das pessoas aqui entrevistadas. Da mesma forma, a própria relação das mulheres com o esporte aponta para um maior e mais significativo envolvimento.

No caso de Neide, essa entrevistada apresenta nexos entre sua formação como sujeito, em sua relação com o esporte, suas preocupações como mulher e sua atuação frente à militância estudantil e a luta sindical que abraçou, como compromisso e causa primordial. No seu emocionado depoimento, resgata lembranças até então adormecidas²⁸⁸, mas que retratam histórias de uma menina/mulher guerreira que queria ser referência, despertando nas adolescentes de sua época a ousadia e a liberdade, enquanto elementos próprios das mulheres, diante da quebra de parâmetros normativos do comportamento feminino.

Desde a infância, especialmente pelo fato de ter sido uma criança pobre e de ter que ajudar em casa, de diversas formas, seja para contribuir financeiramente, ou para suprir um pouco a ausência do pai, Neide tanto ajudava em tarefas domésticas, como se engajava em trabalhos considerados masculinos, como o pegar lenha para cozimento dos alimentos, ou carregar a feira das pessoas para ganhar algum trocado. Guerreando, como ela diz para sobreviver, tais atitudes afloraram, naquela garota, ao mesmo tempo, que queria ser diferente, buscando para si algo além do que era oferecido às meninas jequienses dos anos 70, que

²⁸⁸ As reflexões feitas por essa depoente contribuem para a valorização da própria história das mulheres e, ainda, da História Oral como método investigativo. Durante a entrevista, suas lembranças foram, paulatinamente, aflorando e ela pode resgatar momentos de sua vida que, até então, pareciam ter fugido de sua memória, como poderá ser observado através de seu depoimento. Tal “esquecimento” foi impulsionado pela falta de valorização de suas histórias no universo do futebol.

tinham como destino uma educação preparatória para conseguir um bom casamento e ter filhos.

Foi na transição entre o final da década de 70 e início dos anos 80 que Neide se inseriu no futebol, inicialmente por ser o único esporte, naquele período, acessível a ela e às garotas de sua vizinhança, que não tinham dinheiro para ingressar em outros esportes oferecidos na cidade. Por outro lado, o futebol surgia como algo inusitado, no sentido da singularidade que era a mulher jogando o futebol. Mas os motivos determinantes para a opção feita por Neide estavam no aspecto da socialização que encontrou através do esporte e pela liderança que ela começou a desenvolver e perceber em si mesma.

Naquele período, eram poucos os aparelhos televisivos na cidade e a divulgação do futebol chegava realmente à população através da transmissão da Rádio Globo. Com base naquelas transmissões, só havia notícias de homens jogando futebol e nomes como Garrincha e Zico já eram bastante conhecidos, concomitantemente, o futebol das meninas se organizava e começava a dar seus primeiros passos no interior baiano.

Os avanços no futebol feminino ainda não eram perceptíveis nesse período e, na década de 40, no Brasil, quando o futebol das garotas era considerado uma excentricidade, a popularidade do futebol masculino já era inegável. Naquele período, em 1948, o analgésico Melhoral realizou o concurso “Melhoral dos Crackes”, criado para eleger o melhor atleta de futebol da época. Para participar, torcedores escreviam os nomes dos craques favoritos nas embalagens desse analgésico e depositavam seus votos em urnas espalhadas em farmácias de todo o país. Nesse concurso, venceu o jogador Osmar Fontes Barcelos, que ficou conhecido como Tesourinha, que recebeu como premiação um apartamento na cidade do Rio de Janeiro. A segunda edição desse mesmo concurso foi elaborada em 1950, também pelo mesmo fabricante do analgésico, mas, dessa vez, foi promovido pela Rádio Nacional, que realizou a votação. O ganhador desse concurso teve 5.304.935 votos²⁸⁹.

Para pertencer a esse meio, historicamente atribuído à esfera masculina, as garotas precisavam ter características que as diferenciavam das demais, como mais atitude, persistência e coragem. Precisavam ter iniciativa e, principalmente, empenho em vencer barreiras contra o preconceito, enfrentar adversárias, além de ousar, com disse essa entrevistada:

Então o grupo, a grande maioria do grupo assim, era formada por meninas que chegavam assim, e desafiavam um pouco. Elas tinham, a gente tinha

²⁸⁹ SOTER, Ivan. Quando a bola era redonda. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

alguma coisa de diferente. A gente chamava atenção por sermos convocadas pra jogar (...).

Mas como tudo era muito novo e o grupo era um grupo formado, em sua grande maioria por adolescentes, a gente queria mesmo era desbravar, queria ser o diferente, né? Queria tá ali fazendo aquela história. Interessante que, na minha turma, eu era tida assim: como ovelha negra da família. Pelos vizinhos, por dentro de casa mesmo! Eh: como é que uma menina namora mesmo dentro de um carro no Alto da Prefeitura aos 14, 15 anos de idade? Ah, mas ela joga futebol!

Então o bacana é que: o que era referência do ponto de vista negativo de dogmas era, na realidade, uma referência positiva enquanto referência pra mulher. Porque muitas chegavam pra mim: eu quero jogar, eu faço o que? Como é que é isso Neide?²⁹⁰

Foi no espaço do futebol que a depoente passou a ser referência para outras garotas, quebrando tabus, revelando outras possibilidades de ser mulher e de se relacionar com seu próprio corpo. Por ter tido uma influência católica muito forte, Neide teve que quebrar preconceitos mesmo dentro de casa, além de enfrentar resistências de sua mãe e dos/as, irmãos/ãs, das freiras e do padre Hilário, que acompanharam seu desenvolvimento desde a infância no Alto da Balança, como ela relembra:

Então a gente meia volta era chamada pela Madre, a irmã Luzia, pra reclamar porque tava jogando futebol, que aquilo não era coisa de mulher... Mas ela reclamava e chamava a gente pra fazer oração (...) e eu ficava lá ajoelhadinha, mas quando eu saía ela dizia: ô minha filha, é isso que você quer? Eu dizia: é.²⁹¹

Além disso, jogar futebol era algo totalmente diferente de fazer cozido ou brincar com bonecas, atividades rotineiras desenvolvidas pelas moças de sua época. Ao mostrar suas fotos²⁹², recorda-se que sempre tirava aquelas fotos segurando a bola, como ela afirmou:

²⁹⁰ Naquele período, o Alto da Prefeitura, local situado próximo a casa de Neide, era um local, à noite, considerado esquisito pelo número pequeno de casas na região e pela pouca iluminação. As garotas que faziam daquele local um espaço para namorar, naquele período, eram consideradas prostitutas. Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio, em entrevista concedida em agosto de 2009 na cidade de Jequié.

²⁹¹ Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio, em entrevista concedida em agosto de 2009 na cidade de Jequié.

²⁹² Na entrevista, Neide levou consigo algumas fotos que havia selecionado de sua época quando jogava futebol. Ao me apresentar e conversar a respeito das fotografias e das pessoas que fizeram parte daquele rico período de sua vida, se emocionou bastante. Fato ocorrido durante a entrevista concedida em agosto de 2009, na cidade de Jequié.

Você vai ver pelas fotos que eu sempre gostava de ficar grudada (com a bola)... porque eu queria, ali era uma posição de liderança. Porque, na verdade, quem deveria ser o capitão dali era Suely, mas como Suely tinha entrado recente, como eu já tava agregando o grupo todo... olha como as coisas tem haver (nesse momento ficou parada em frente às fotos, como que perdida no tempo): isso, se o futebol, talvez, não tivesse se apresentado em minha vida, essa etapa, com certeza, não ia fazer parte do que hoje eu sou.²⁹³

O esporte foi o espaço no qual Neide descobriu aspectos de sua subjetividade enquanto mulher, naquele período, ainda em formação, que antes não havia percebido. Recorda-se, durante a entrevista, que, quando vendia alface para um senhor que tinha uma horta, as pessoas compravam dela pela popularidade que adquiriu por conta do futebol. Lembrou-se também de que, ainda quando era secundarista, participando do CEUSJE²⁹⁴, recebeu a chave da Casa do Estudante Pobre²⁹⁵, prêmio concedido pelo então prefeito de Jequié, o senhor Landulfo Caribé, pelo seu empenho frente ao time de futebol que integrava, após uma das partidas que disputou.

Considera que esse espaço foi um divisor de águas em sua vida, tão importante quanto o momento do falecimento de seu pai, como ela mesma reafirma:

Mas tudo veio de lá – do esporte. (...)

E foi uma fase super (pára um pouco visivelmente emocionada)

Essa valoração do que foi o futebol na minha vida, na vida de minhas colegas, né? Mas tudo isso, o valor é muito grande, e é um valor subjetivo, sabe? (...)

Então, quando eu pegava naquela bola, a bola pesava nos meus pés! Com aquele quichute pesado, com aquele meio! Mas eu corria naquele campo, olhava de um lado pro outro, o suor (faz como se estivesse vivenciando o momento e enxuga o rosto) e muito vermelha porque em Jequié faz muito

²⁹³ Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio, em entrevista concedida em agosto de 2009, na cidade de Jequié.

²⁹⁴ CEUSJE era assim chamado o Centro de Estudantes Universitários e Secundaristas de Jequié, que Neide lembra, juntamente com contemporâneos/as jequieenses, ter conseguido inserir o S na sigla para melhor definir a participação dos/as secundaristas naquela representação estudantil, demonstrando já, naquele período, seu envolvimento com as organizações sociais. Palavras de Maria Neide Cruz Sampaio, em entrevista concedida em agosto de 2009, na cidade de Jequié.

²⁹⁵ A Casa do Estudante Pobre, até hoje situada na cidade de Salvador (BA), localizada na Avenida Dom João VI, era a casa do estudante universitário e, posteriormente, local no qual Neide teve seu primeiro trabalho, administrando essa casa. Palavras de Maria Neide Cruz Sampaio, em entrevista concedida em agosto de 2009 na cidade de Jequié.

calor, né? A gente ficava tudo vermelhinha. E a gente olhava aquela torcida tudo gritando, menina!

Dava uma sensação de vôo, de liberdade, tão grande! Dava um prazer!²⁹⁶

Após a participação no time do Santos de Caculé, Neide se distanciou do futebol porque precisava trabalhar. No entanto, as dificuldades, como a falta de estrutura, a improvisação, a falta de um treinamento específico para as mulheres, naquele período, o desgaste no sol, a falta de transporte, entre outros percalços impostos no cotidiano daquelas adolescentes, foram aspectos superados por ela e por seu grupo para permanecerem jogando.

Mas as questões existenciais, como a necessidade de ter um trabalho remunerado e a cobrança de sua mãe para que continuasse estudando e concluísse o Normal²⁹⁷, findaram por afastá-la do futebol. Contudo, essa depoente não esquece essa importante etapa de vida quando, através do esporte, ganhou também o reconhecimento de pessoas da localidade e de sua família.

Hoje, após longos anos à frente do SINDISMUJE²⁹⁸, decidiu fazer o curso de Direito, que, atualmente, cursa na UESB²⁹⁹. No entanto, o aspecto que mais se destaca nas memórias de Neide é ter sido o futebol um momento muito intenso de vivências e descobertas, além disso, para ela e para suas companheiras, um espaço de liberdade: “Então, tudo isso... É como eu falei, eu nunca tinha parado pra pensar, mas é a questão da liberdade no campo, a questão da preparação; de você sair andando com várias amigas e várias colegas assim... era muito, muito bacana!”³⁰⁰

Suely Morbeck Ribeiro foi a primeira depoente desse estudo, inicialmente porque já a conhecia e, em nossas conversas informais, juntamente com moradores daquele bairro, tomei ciência de que ela havia sido uma grande jogadora de futebol em sua adolescência, acontecimento até hoje ainda muito lembrado pelos/as jequieenses, de forma bastante orgulhosa. Pelo fato de sua mãe residir próximo à minha casa, diariamente essa ex-atleta visitava a casa materna e, como ela sempre transitava pela rua na qual residia, fizemos amizade em função dos encontros cotidianos que, naturalmente, ocorriam, principalmente

²⁹⁶ Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio, em entrevista concedida em agosto de 2009, na cidade de Jequié.

²⁹⁷ O Curso Normal era mais procurado por mulheres, como o Magistério, e encerrava o que hoje é chamado de ensino médio. Diferenciava-se do científico, espaço destinado as outras garotas que praticavam outros esportes porque podiam pagar, pois preparava para o vestibular. Palavras de Maria Neide Cruz Sampaio, em entrevista concedida em agosto de 2009, na cidade de Jequié.

²⁹⁸ SINDISMUJE é o Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Jequié, no qual Neide tem exercido importante função como presidente; Neide também foi ativa como membro da Associação de Moradores de Jequié do Bairro do Jequiezinho.

²⁹⁹ UESB: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

³⁰⁰ Depoimento de Maria Neide Cruz Sampaio, em entrevista concedida em agosto de 2009, na cidade de Jequié.

num bar próximo, onde, casualmente, sempre nos encontrávamos para assistir partidas de futebol, principalmente do campeonato brasileiro³⁰¹.

Seu envolvimento com o futebol foi igual aos das outras depoentes: brincando na rua, batendo os babas com os garotos da vizinhança, ainda em meados da década de 60, no Cilion, bairro central da cidade de Jequié, próximo ao Jequiezinho. Desse período, essa depoente se recorda com saudades, quando solta pelas ruas sem calçamento, brincava com os amiguinhos da época e pela liberdade que tinha, embora a mãe sempre implicasse com ela por conta do futebol. Não que dona Doralice se importasse com o futebol, mas sim pelo fato de Suely ser a única menina no meio de tantos garotos.

Na época em que começou a jogar, essa depoente logo se destacou pela agilidade e pela habilidade que tinha com a bola. Inicialmente, participou do time da entrevistada anterior (Neide), jogando pelo Santos de Caculé e, logo depois, participou do Canadá, que era uma espécie de Seleção de futebol feminino da cidade, como ela afirma:

Em 80. Aí eu joguei pelo Santos, que por sinal nesse Santos de Caculé era envolvido Flor, Edinho. Depois o Santos acabou e ficou sendo o Canadá, que foi o único time de Jequié que eu joguei.

É, foi minha primeira partida! Só joguei um jogo com a camisa do Santos que foi nesse torneio, depois eu fiquei só no Canadá que eu joguei³⁰².

Embora sua passagem tenha sido bastante rápida no futebol jequieense, sua atuação permanece até hoje na memória dos/as moradores/as da cidade que sempre quando questionados sobre o futebol, têm Suely como referência por sua atuação como atleta. Esse aspecto também pode ser observado no depoimento de algumas ex-jogadoras contemporâneas dos times pelos quais passou. Neide, por exemplo, não esqueceu os dribles, os gols e a atuação de Suely, seja nos treinamentos, momentos nos quais era sempre chamada para orientar as companheiras, ou nas empolgantes partidas, nas quais Suely sempre vestiu a camisa 10.

³⁰¹ O local de encontro citado era o antigo “Bar do Paulão” que, embora sempre estivesse lotado, não era o único da cidade onde podiam ser vistos jogos de futebol. É um hábito no município as pessoas assistirem a partidas de futebol em bares espalhados por toda a cidade, o que se tornou um evento para as famílias, já que, culturalmente, Jequié oferece poucas opções à comunidade. Quando é época de Copa do Mundo, os/as torcedores/as mais fanáticos/as chegam a acompanhar transmissões de jogos mesmo durante a madrugada, ou mesmo as seis ou às sete horas da manhã.

³⁰² Depoimento de Suely Morbeck Ribeiro, em nossa segunda entrevista realizada na cidade de Jequié, em maio de 2011.

Escolhida pelos técnicos para atuar como meio-esquerda, e vestindo a camisa 10, sua responsabilidade nos gramados sempre foi grande, mas essa entrevistada procurava se empenhar, pois os resultados dos jogos dependeram, em muito, do talento que, seguramente, sempre apresentou.

Mas as situações de preconceito deixaram marcas nas lembranças dessa entrevistada, que compreende que, para as pessoas menos informadas, o futebol era um espaço estimulante para mulheres assumirem um comportamento lésbico. Em seu depoimento, não cita envolvimento com outras jogadoras, muito embora seus relacionamentos com garotas tenham sido citados por algumas entrevistadas, neste trabalho. Sobre esse aspecto, cito uma das falas dessa depoente, na qual afirmou que, no período em que atuou no esporte, havia preconceitos e generalizações e as pessoas classificavam todas as jogadoras como lésbicas, o que estimulava o surgimento de preconceito contra elas, como afirma:

É, porque... às vezes é.... naquela época existiam poucas pessoas assim, que, que... como é que eu vou dizer, meu Deus? Muitas meninas que jogavam não tinham nada haver com esse lado de mulher com mulher, muitas não tinham; outras tinham! Então, todas eram consideradas iguais, né?³⁰³

Percebi que falar sobre as formas de preconceito gerava incômodo nessa depoente, em decorrência das evasivas que apresentou. Por ser uma pessoa de poucas palavras e por não se sentir muito à vontade para discorrer sobre tais situações que vivenciou, resolvi repetir a entrevista com essa depoente, refazendo as mesmas perguntas, procurando esmiuçá-las, de forma a tentar colher maiores informações.

Infelizmente, durante nosso primeiro encontro, no momento que começávamos a falar sobre essas situações, foi exatamente o instante no qual sua mãe chegou à sua residência, local onde estávamos realizando a entrevista. Mesmo visivelmente constrangida e se contradizendo, Suely tentou falar sobre o assunto, como mostra seu depoimento:

(...) nessa época, um primeiro jogo de futebol feminino, aquela barreira que existia na minha infância, que era aquele negócio mesmo: ‘há, você não vai brincar no meio dos meninos’; (a mãe) dava ordem pra os irmãos, né: ‘se ela tiver na rua brincando... (não deixem)’

³⁰³ Depoimento de Suely Morbeck Ribeiro, em nossa segunda entrevista realizada na cidade de Jequié, em maio de 2011.

Não, nessa época que eu fui jogar o futebol feminino, não existiu barreira nenhuma em termos de minha família... No decorrer do tempo, que eu na realidade descobri um lado, é (...) comecei a desenvolver esse lado é (...), comecei a desenvolver um lado de, de, ter uma aproximação ...

(intervi nesse momento buscando ajudar e perguntei: por pessoas do mesmo sexo?)

... pessoas do mesmo sexo... então houve muita..., muita pressão.³⁰⁴

Quando pergunto se o preconceito que enfrentou se localizava mais no espaço doméstico ou no espaço público, ela se contradiz e continuou reticente: “É... por parte da minha família e não deixa de ter um pouco por parte da sociedade... Mas depois você vai analisar que, às vezes, isso é usado por... o pessoal procura achar que você é aquilo, faz aquilo por causa daquilo e não é.”³⁰⁵.

Essa entrevistada sugere que, naquele período, o espaço do futebol era um meio causador do “desvio da sexualidade” das garotas que, como ela, praticavam o esporte. E continua, finalizando sua compreensão sobre o aspecto do preconceito, de forma surpreendente:

Porque hoje isso existe no mundo, e vem de famílias em que não existe nada disso... do futebol feminino, de, de, de... de filho, ou filha tá no meio, sabe, tá entendendo? Acho que a vida que tá aí! É o mundo que nós estamos vivendo. Existe hoje. Quem sou eu pra dizer o porquê de tudo isso que tá acontecendo?

Só quem tem essa capacidade de julgar e entender tudo isso é um ser supremo que é Deus, né?

Então nós hoje sobre... eu hoje, eu sobrevivo hoje assim... eu já sinto que isso existe na minha vida... hoje com não muita frequência, porque... eu sei lá, a gente vai amadurecendo, né? Vai tentando mudar as coisas e a minha... a minha mudança, na realidade, eu acredito que... que se chama Jesus. A gente vai vendo que se eu não consegui ser feliz de um jeito, e se do outro lado também, eu não to sendo feliz, então... eu to esquecendo esse lado da sexualidade e to vivendo mais o meu momento de vida, to vivendo a minha vida...³⁰⁶

³⁰⁴ Depoimento de Suely Morbeck Ribeiro, em entrevista realizada em Jequié, em março de 2009.

³⁰⁵ Idem.

³⁰⁶ Idem.

Para mim, esse foi um momento muito delicado do depoimento, pois compreendia que as diversas formas de preconceito afastaram essa que foi uma das mais brilhantes atletas do meio futebolístico da cidade. Após essa etapa, não insisti muito sobre esse assunto, nem mesmo no outro momento no qual refizemos a entrevista, pelo desconforto que causava nessa depoente, como pela forma que ela introjetou sentimentos de culpa por se compreender diferente de um comportamento padrão, no que se refere à sexualidade.

Nesse período, Suely, mesmo se referindo “ao ser supremo Jesus”, ainda não havia se tornado evangélica e se apresentava nos bares da cidade, tocando MPB, como sempre fez. No momento do nosso segundo encontro, ela já me apresentou seu novo cd evangélico com composições próprias. Talvez esse seja um exemplo significativo de como a sociedade pode constranger e restringir a liberdade pessoal dos sujeitos, por não seguir certas regras diante de padrões instituídos de comportamento.

Dessa forma, compreendo que o preconceito foi mais um dos aspectos desestimulantes para que essa ex-atleta continuasse jogando futebol. Como ela afirmou acima, havia uma predisposição das pessoas a julgar o comportamento das garotas e, como ela era uma craque da bola, pais ou mães de outras garotas, ou mesmo pessoas da comunidade, certamente, a responsabilizaram por propagar um comportamento “desviante” de suas filhas, ou do grupo de jogadoras. Sobre esse ponto de vista, afirmou outra depoente:

O preconceito começou (contra o time) quando Diana Olá entrou no time e que era craque também e eu era muito ligada a todo mundo, mas também muito ligada a Su (Suely). Porque Suely sempre foi muito minha amiga, até hoje é muito minha amiga... E eu tenho o maior carinho, o maior mesmo por Suely. Aí começaram assim o pessoal: você tá andando com Suely? Menina, ela tá namorando com fulana! Esse tipo de papo que na realidade não prejudicou, no meu ponto de vista, a minha turma não, não chegou (a prejudicar)³⁰⁷.

E, anteriormente, a mesma depoente já havia dito: “...o preconceito, ele dava lugar a... ao orgulho das pessoas que estavam ali assistindo. Por exemplo, quando eles falavam de Suely, elas falavam de Suely craque!... O orgulho substituiu o preconceito!”³⁰⁸.

³⁰⁷ Como para Suely falar sobre o preconceito é uma situação que lhe causa constrangimento, resolvi, nesse momento, não expor o nome da depoente que cita a situação em que Suely é apontada como uma má companhia, pelo fato de, possivelmente, estar namorando outra garota, na época.

³⁰⁸ Na nota de rodapé anterior expliquei porque resolvi deixar essa frase sem identificação.

Nas palavras dessa outra depoente, percebe-se que, para ela, o preconceito não afetou seu time, no que diz respeito a ter estimulado a saída das atletas do grupo, o que comprometeria a pontuação e os resultados do time nos campeonatos. Mas é importante ressaltar que para aquelas jogadoras consideradas craques de bola, o preconceito parecia recair de forma mais dura, como por serem craques significava, automaticamente, serem lésbicas, realidade comum no mundo do esporte. No caso do futebol, não apenas em se tratando dos anos aqui analisados, era (como ainda é) considerada lésbica a mulher que pratica esse esporte. E, certamente, o preconceito foi um dos aspectos geradores do afastamento do futebol de vários talentos.

Na dubiedade do sentido da frase acima e da situação que se apresenta, quando o preconceito dá lugar ao orgulho, exprime-se um pouco do sentido do que foi o futebol, na vida das mulheres aqui entrevistadas, e, talvez, apresente uma brecha para outros estudos, no que se refere ao preconceito nesse esporte. É bonito ver um craque ou uma craque em atuação, em qualquer modalidade esportiva, e no futebol, as mulheres boas de bola se equiparam aos homens em tudo, como na força, na agilidade, na velocidade, etc. Enfim, em todas as qualidades e características físicas, as mulheres postas à prova, tanto quanto os homens para desempenhar o futebol de forma brilhante.

Por esse motivo, as atletas, especialmente as praticantes do futebol, desenvolvem um biótipo “masculinizado”, caracterizado, sobretudo, pela hipertrofia dos membros inferiores. Creio que esse é o motivo gerador de diversas formas de preconceito direcionado as atletas. No entanto, como sugere a depoente sobre a forma como as pessoas tratavam Suely ou mesmo como é verificado no depoimento dessa última, na partida, durante os lances maravilhosos com a bola, o preconceito parecia ser esquecido, diluído, porque, naquele momento, o que importa é a beleza e a plasticidade da performance atlética. Naquele instante da construção da jogada até o grito de gol, é o desempenho da craque que interessa, mas no cotidiano, quando estão sem a camisa do time, as coisas são bastante diferentes: aí entra em cena a figura do macho-feme.

Suely, em certos momentos da entrevista transmitiu certa frustração por ter abandonado cedo o futebol. Repito: processo possivelmente impulsionado pelo preconceito. No entanto, essa entrevistada não disfarça o orgulho de ter sido uma referência para sua geração, tanto no que diz respeito às demais jogadoras, ou mesmo para a população local. Ter o talento que teve para atuar nos campos a tornou um destaque, mas para ela não era nada demais jogar, driblar, ousar novas façanhas com a bola. Como ela mesma fala, acredita que tudo aquilo que conseguia fazer era um dom e não sabe muito explicar como fazia. Mas o fato

é que ela conseguia desconcertar as adversárias e realmente brilhou e se destacou com seu futebol pelos gramados onde passou. Quando pergunto sobre o porquê de tanto reconhecimento, ela responde sem falsa modéstia:

Não, porque, todo craque chama atenção, né? Eu era craque do time, né? Pra você ver que, vou dar um exemplo: quantos jogadores já passaram pelo Flamengo (do Rio)? Mas todo mundo se lembra de quem: Zico, Roberto Dinamite...

Então um craque sempre é lembrado, né?

É, tem gente até hoje que (se) lembra – eu penso até que a pessoa vai falar de música e fala: “ah, mas eu te vi jogando!” (sorri)³⁰⁹

O mundo do futebol trouxe muito reconhecimento para essa depoente, ao mesmo tempo, percebo, também trouxe muita frustração, pois pelo talento que esbanjava, na época em que jogou, creio que Suely esperou que o esporte abrisse portas e oferecesse a ela um caminho mais fácil para conquistar espaço como atleta e condições materiais para permanecer jogando. Além disso, manter uma vida equilibrada financeiramente e viver do futebol, creio que foram expectativas que ela criou para si, mas foram esperanças que não se concretizaram. Talvez esses sonhos tivessem sido, inclusive, acalentados pelos diversos elogios que recebeu no período em que atuou, como ela mesma cita até mesmo semelhanças entre seu futebol e aquele desenvolvido pela atleta Marta Vieira:

Eu acredito que até hoje, muitas equipes, apesar do futebol feminino ter evoluído, eu vejo algumas entrevistas de alguns técnicos citando a falta de patrocínio, de apoio, né, pra o futebol feminino. Mas hoje é bem diferente (...) é bem melhor! Nem se compara, né?

Você hoje tem a Marta (Vieira), né? Que é a melhor do mundo (sorri ironicamente) que tá aí na... (mídia)

Engraçado que quando eu encontro o pessoal na rua que lembram de mim diz: “quem é Marta pra ser igual a tu?”

Você acredita que eles falam isso (continua sorrindo), tem um bocado de gente que fala, Flor (o ex-técnico) mesmo fala, um bocado de gente fala...³¹⁰

³⁰⁹ Depoimento de Suely Morbeck Ribeiro, em nossa segunda entrevista realizada na cidade de Jequié, em maio de 2011.

³¹⁰ Idem.

Durante alguns instantes da entrevista, essa depoente faz comparações ao futebol de sua época e o esporte na atualidade. Mesmo sem argumentar muito sobre o futebol dos dias de hoje, Suely sempre faz críticas ao período no qual atuou frente ao esporte, principalmente quando conta da parada ou esfriada que deu o futebol em Jequié, o que a levou a sair da cidade para atuar na cidade vizinha de Ipiaú. Lá, frente ao time das Panteras, do senhor Nelson Macedo, time pelo qual jogou durante quatro anos, até conseguiu ser privilegiada, financeiramente, em detrimento das demais companheiras, exatamente em função do seu talento, o que a destacava das demais.

Muito embora o repasse do dinheiro só ocorresse quando as partidas davam um bom público, recorda-se que recebia um cruzinho, ou um bicho a mais que as outras atletas por ser a jogadora que sempre decidia as partidas fazendo gols ou propiciando o surgimento desses. Era uma forma de ser parabenizada pelo senhor Nelson, por sua atuação nos campos, mas, na sua época, o pagamento nunca foi regular, nem existiam contratos entre o dono do time e as atletas.

A camisa 10, que sempre vestiu, era sempre acompanhada de cobranças e responsabilidades para as quais essa depoente sempre buscou estar preparada. Para isso treinava igualmente às demais jogadoras e procurava, a seu modo, passar seu conhecimento, que havia recebido em forma de dom, para as companheiras, como ela retrata através de suas lembranças:

Queria fazer por merecer sempre, né? Isso que as pessoas iam pra o campo pra me ver jogar, muita gente só ia pra me ver! E aquilo me fazia me sentir na obrigação de fazer um bom espetáculo, até pra as minhas colegas que chegavam pra mim: e aí, Su, vai fazer quantos gols hoje? (sorri)

Essas conversas que existiam sempre no vestiário, né?

(Ela) vou ver, acho que vou fazer uns dois (sorrindo)..., mas eu falava isso, né?

Também tudo, a derrota também sempre cai pra a gente (sorrindo): “aí o time não jogou bem porque a Suely não jogou bem (solta uma gargalhada)”...³¹¹

Nesse período, essa entrevistada se recorda que investiu no futebol e, durante a época em que alcançou seu auge como atleta, foi no período que atuou nas cidades de Jequié e em Ipiaú, quando se entregou por completo ao esporte. Mas nada dessa dedicação inverteu a

³¹¹ Idem.

lógica das coisas, entrega que foi comum ouvir nos depoimentos de várias das pessoas que contribuíram com esse estudo, e o futebol que parecia progredir, na década de 80, foi, paulatinamente, esfriando, ou melhor, acabando, nessas cidades. No caso de Jequié, por volta de 1981, começou a ressurgir o futebol masculino, que passou a ser a prioridade dos donos de times e as atenções foram direcionadas ao futebol praticado pelos homens.

É nesse mesmo período que Suely vai atuar no futebol em Ipiaú, buscando encontrar outra estrutura para o esporte que lhe garantisse melhores condições para viver e continuar se destacando nos gramados. Mas, financeiramente, não era rentável tanta dedicação e, após o período que atuou nessa cidade, aventura ainda a jogar na capital, mas, nesse período, o esporte já não lhe dava tantas expectativas como um meio de subsistência.

Em Salvador, chegou inclusive a jogar com Sissi e Neuma (depoente feirense), no time do Bahia. Relembra que Sissi já estava no clube baiano quando chegou e me mostrou uma foto delas duas à frente do clube de Salvador e falou: “Aqui era o Bahia, classificava então duas equipes pra jogar (a final). A gente dividia em dois times.”³¹².

O time do Bahia, de acordo com essa entrevistada, nos campeonatos de futebol de salão da época, era dividido em dois times que disputavam a final do campeonato. Ou seja, era um time contra ele mesmo, talvez por ter eliminado as demais equipes durante o torneio, ou pelo fato de haver poucas equipes disputando o campeonato de futsal em Salvador, naquele período. E Suely continuou olhando as fotos e comentando:

(...) Sissi mesmo, na época em que eu tava aqui... aí foi na época em que.. eu tive assim, eu falei: pô, não era o que eu pensava o futebol, né? Naquela época!

A gente vem do interior, foi pra Salvador, né? Pensando que lá era outra coisa...

E não era, aí foi na época que eu desisti, retornei embora pra a minha cidade... E Sissi que tá aqui, fazendo até uma molequeira aqui... (sorri); ela prosseguiu e chegou até a jogar na Seleção Brasileira, né? E aí... a vida continua...³¹³

³¹² Depoimento de Suely em entrevista realizada em Jequié, em março de 2009.

³¹³ Foto do acervo de Suely Morbeck Ribeiro, gentilmente cedida por ela que está sentada à frente da foto com Sisleide Lima do Amor, a Sissi, posicionada atrás. Essa foto foi tirada em frente à sede de praia do clube do Bahia, ainda na década de 80, localizado no Bairro Boca do Rio em Salvador; idem, depoimento de Suely em entrevista realizada em Jequié, em março de 2009.



Figura 14 – Sissi e Suely

De Neuma Suely não se recordou, já de Sissi, sim. No entanto, diferentemente dessa última atleta que, anos mais tarde, se tornou a maior jogadora de futebol da história do país, Suely já não se empolgava mais com o futebol, nem procurava mais ver esse espaço com uma possibilidade de construir um futuro. Por volta dos seus vinte e dois anos, essa entrevistada percebeu que não conseguiria nada além do que o senhor Nelson lhe oferecera no time das Panteras. Embora esbanjasse talento, as decepções foram muitas, tanto no aspecto financeiro quanto pelas situações de preconceito que enfrentou.

Recorda-se de nomes de atletas como Helena Nova, Cieção e Tânia Meireles, que, como ela e Sissi, se destacavam no futebol da capital, atuando em times como o Baiano de Tênis e o Galícia. Lembra-se, ainda, que o time do Flamengo de Feira era o maior rival dos tempos em que atuava no time das Panteras e que nunca conseguiram ser campeãs por conta da força do grupo de atletas feirenses.

Após um ano em Salvador, regressou a Jequié e voltou a morar na casa de sua mãe, dona Doralice. Nesse período, aprendeu a tocar violão e passou a acompanhar os irmãos Binha e Kátia Morbeck nas apresentações musicais. Mesmo com a morte de seu irmão mais

velho, que morreu num acidente de carro, quando se dirigia a uma apresentação na cidade de Valadares, próxima a Jequié, a família não desistiu da música e Suely começou a se apresentar, inicialmente, tocando em bares e restaurantes da cidade e em festas particulares. Atualmente, continua trabalhando com a música, só que agora com músicas evangélicas, compondo, tocando e cantando. Pelo seu envolvimento com a Igreja Evangélica, Suely não mais frequenta os bares para cantar ou para acompanhar as partidas de futebol, tendo se afastado totalmente do esporte.

Essa depoente afirma que, se tivesse uma oportunidade, nos dias de hoje, com a estrutura que o futebol atualmente oferece às jogadoras e, se ainda tivesse seus dezesseis anos de idade, não perderia a chance de atuar nos gramados. No entanto, quando perguntei sobre o que o futebol trouxe para sua vida ela respondeu:

Eu consegui conhecimento de muita gente, muitas amizades. Hoje sou uma pessoa, graças a Deus, muito querida, né? Tanto por esse motivo de ter sido uma boa jogadora, como atleta, como uma pessoa que se dedicou, como hoje sou reconhecida através da música.

Então tudo isso faz com que a gente esqueça o que não valeu à pena e sim (lembre) o que valeu à pena!³¹⁴

Mas o futebol não deixou somente frustrações para as atletas que atuaram no futebol de Jequié, nos anos 80, como é o caso de Cleide Regina, a popular Pingo, que, igualmente às demais entrevistadas, também jogava quando criança na rua, nos campinhos de terra espalhados pelo bairro Joaquim Romão. Como as depoentes anteriores, Nara e Suely, Pingo se recorda de que, além de jogar com os meninos da vizinhança, também jogava o futebol na escola entre os garotos e algumas garotas de sua época.

Nesse meio, conheceu Tina, a Cristina, que a levou a jogar no time do bairro do Alto da Colina. As dificuldades que tinha para se deslocar de casa para os treinos e pela precariedade desse time, logo saiu e foi chamada para integrar o time do Canadá. Dos times em questão, há diferenças consideráveis: o primeiro se localizava num bairro periférico e o segundo num bairro mais central e privilegiado da cidade e, atualmente, é considerado um bairro nobre de Jequié, de classe média alta e classe alta; o Alto da Colina era um bairro operário e hoje continua sendo ocupado pela população pobre da cidade, com a diferença de que, atualmente, a pobreza é muito mais visível na região, aumento provocado pela falta de

³¹⁴ Palavras de Suely Morbeck Ribeiro, em nossa segunda entrevista realizada na cidade de Jequié, em maio de 2011.

investimentos no que diz respeito à infraestrutura, educação e geração de empregos em Jequié.

Além disso, os dirigentes do Canadá que foram selecionando atletas e conseguiram formar uma seleção da cidade, naquele período, tinham uma equipe técnica considerada a melhor, não pela formação dos treinadores e técnicos, ou por acesso a maiores informações, mas pela experiência que essas pessoas acumulavam. O técnico do time, na época, Flor, já tinha em seu currículo passado pelo time do Santos de Caculé, além de ter sido técnico e dirigente de inúmeros times de futebol masculinos da cidade. Assim, somando-se a comissão técnica ao talento das atletas, esse time conseguia, com maior facilidade, investimentos de pessoas do comércio para o financiamento das despesas do time do Canadá, o que, entretanto, não garantiu sua longevidade.

Já para o time do Alto da Colina, de dona Carminha, a única mulher a ser dona de time de futebol feminino da cidade, naquele tempo, patrocínio não existia e apenas contava com a ajuda de um ex-jogador de futebol para passar o conhecimento que tinha adquirido às suas atletas. Para se dirigir aos treinos, Pingo e as demais companheiras, não contavam sequer com algum dinheiro para o transporte entre os bairros Joaquim Romão e o Alto da Colina que, geograficamente, são distantes, considerando-se a extensão da cidade.

Já, no Canadá, havia transporte para pegar e levar as atletas do treino às suas casas. Fora isso, nesse último time, Pingo se recorda que foi a oportunidade que teve de conhecer e usar uma chuteira, em substituição aos antigos kichutes, muito usados pelas jogadoras mais pobres da época. Fora esse tipo de calçado, que era oferecido às atletas que mais se destacavam no time, o Canadá oferecia ainda um tipo específico de uniforme, e tudo isso diferenciava esse time dos demais e o tornava imbatível. Por essas características, o Canadá era considerado a Seleção de Futebol Feminina de Jequié, que, em partidas fora da cidade, representava o município. Pingo se recorda que chegou a jogar em Salvador pelo Canadá, que foi convidado representando a cidade de Jequié.

Mas nem toda essa estrutura foi suficiente para manter o time que, como os demais, não durou muito tempo. Destaco que, como havia afirmado Neide, esse período no qual o futebol feminino esfriou, coincidem com o momento no qual as atenções se voltaram para o futebol masculino, em Jequié. Talvez a falta de apoio, e mesmo a falta de credibilidade no talento e compromisso das mulheres, tenha sido o motivo que privilegiou o interesse pelo esporte masculino.

Após o fim do time do Canadá, Pingo atuou no Macicas, time de Vitória da Conquista, cidade situada no sul da Bahia. Mas sua participação nesse time também foi breve e se deu de

modo bem diferente: apenas integrava o grupo de atletas quando o time ia disputar jogo em outras cidades e no caminho, paravam em Jequié para pegá-la. Mesmo sem o futebol para jogar, essa depoente não parou nem sentiu falta do esporte, já que, quando jogava no Canadá e, mesmo antes no Alto da Colina, nunca deixou o voleibol, outra paixão em sua vida.

Pela influência de sua mãe, que sempre cobrou dedicação dos/as filhos/as aos estudos, a ex-atleta prosseguiu sua vida e, diferentemente de muitas jogadoras de sua época, buscou, constantemente, equilibrar sua dedicação aos esportes com o empenho direcionado aos estudos. Assim, alguns anos mais tarde, já como funcionária do serviço público, formou-se em educação física pelo envolvimento com o meio esportivo que, até hoje, Pingo considera que foi determinante em sua vida.

Diante de tudo o que viveu no meio futebolístico e, provavelmente, influenciada pela graduação em educação física, a visão de Pingo é bastante crítica em relação a esse esporte, especialmente no que se refere à invisibilidade imposta ao futebol das mulheres. Tendo vivenciado fortemente o mundo esportivo, na década de 80, percebeu que a torcida sempre prestigiou tanto o futebol das garotas, como o voleibol. Compreende que o preconceito sempre esteve presente nos dois ambientes esportivos, mas que o interesse e envolvimento das pessoas sempre foram uma constante nos jogos e torneios nos quais teve a oportunidade de atuar como atleta.

Dos momentos no futebol, relembra de um amistoso ocorrido no município de Ituberá, pois naquele evento não esquece uma das atletas do time da cidade que, mesmo com uma deficiência física em um dos pés, era a melhor atleta em campo. O placar foi: Canadá 14 X 1 para a cidade anfitriã e quem marcou o único gol para Ibuberá foi exatamente a atleta a deficiência física. Além desse detalhe que não a fez esquecer essa partida, lembra-se da empolgada torcida daquela cidade:

Era em campo, gramado! Era um campo gramado. Não era um mega estádio, mas era arquibancada, campo e era assim, muito motivador: as pessoas gritavam, vibravam com o gol! E assim, quando chegava (o time adversário), movimentava a cidade, todo mundo vinha olhar, queria ver, entendeu? Era bem bacana!

Deve (ia) ser essa curiosidade: mulher jogando futebol! Ninguém acreditava nisso: mulher jogando futebol? E que eu pensei que a partir daí realmente

fosse crescer essa coisa do futebol feminino. Passou a surgir realmente pessoas muito habilidosas³¹⁵.

Naquela época, também na década de 80, essa depoente acreditava que o esporte ia dar um grande salto, já que percebia a movimentação e o entusiasmo das torcidas e a dedicação de comissões técnicas e de organizadores do futebol feminino. Tinha essa expectativa aumentada pelas viagens pelo interior do estado e pela experiência no meio esportivo, que propiciavam contatos com outras atletas muito talentosas – verdadeiras craques da época. No entanto, logo Pingo se decepcionou:

E aí o que é que acontece? Não tem, não tem uma Liga Profissional, se tem a gente não vê divulgação, a gente não vê jogos sendo transmitidos pela televisão! A gente não vê, porque quando existe uma Seleção Brasileira de Voleibol, a gente vê: voleibol masculino e voleibol feminino. A CBF tá aí, mas as meninas fazem o que?³¹⁶

Por meio de suas palavras, Pingo demonstra indignação pelo descaso da CBF com o esporte feminino. Lembra que, somente quando começou a jogar no Canadá, pode realmente conhecer times femininos espalhados pelo interior baiano, e ficou sabendo da existência de times como o Radar, mas que não ouvia falar sobre isso nas rádios, nem esse tipo de evento esportivo era transmitido pela TV. Ou, ainda, que nunca a divulgação do futebol feminino pode, nem pode ainda ser comparada a divulgação com os jogos de futebol masculino.

Critica a invisibilidade imposta ao futebol feminino e associa a ausência de divulgação do esporte ao entendimento que as pessoas comumente têm de que mulher que joga futebol é lésbica, e de que o futebol é esporte masculino. Afirma que sempre percebeu o envolvimento de garotas e mulheres lésbicas no futebol, mas identifica essa situação igualmente em outros esportes. Nos anos 80, a verdade sobre a orientação sexual das atletas lésbicas era muito velada e quase nenhuma tinha a coragem de se assumir, publicamente, mesmo dentro do grupo de garotas, ou melhor, dos times dos quais faziam parte.

Ao mesmo tempo em que percebia que algumas atletas eram lésbicas, igualmente observava a existência de namoros entre algumas meninas e técnicos e dirigentes dos times,

³¹⁵ Depoimento de Pingo em entrevista realizada em Jequié, em setembro de 2009.

³¹⁶ Idem.

como afirma: “É, tem umas que não são (lésbicas). Geralmente tem umas assim, que paqueravam com o treinador, né? Existe isso que a gente sabe que existe...”³¹⁷.

Embora sem ter certeza sobre a sexualidade das garotas, pois lembra que cada uma ficava “no seu mundinho”, os comentários e o preconceito sempre foram marcantes no futebol, como relembra, sendo esse o motivo que a levaram a crer que o futebol das mulheres não avançou, por puro preconceito.

O espaço do futebol, como argumenta essa entrevistada, era um local de reunião dessas garotas diferentes ou destoantes do comportamento tido como normal. Esse era um espaço de mulheres ágeis, habilidosas, fortes, corajosas, ou seja, atributos, convencionalmente, associados aos homens. E, por esse motivo, esse esporte precisava ser pouco visto, pouco divulgado, já que esse tipo de comportamento era visto como sendo incompatível com a “natureza feminina”. Pensamento motivado e reforçado pelos valores conservadores e machistas cristalizados na sociedade. Sobre esse aspecto e trazendo a discussão para os dias atuais, comenta:

Eu não sei por que isso, por que acontece? Aí a gente analisa: porque tem mulher, tem mulher extremamente habilidosa e competente em qualquer, em qualquer lugar isso existe! Aí você viu o lance daquela menina que tava trabalhando como bandeirinha: quantos erros bárbaros a arbitragem comete no futebol, que defini o resultado de um campeonato – comenta-se ali e acabou! Com ela teve que ser afastada e por causa de uma falha! Por aí você vê: as coisas aqui ainda tá muito lento e que não vai acontecer por agora. Eu acho que pode acontecer no dia em que a mulher que for ligada ao esporte falar assim: eu agora vou direcionar, eu agora vou conduzir, vou mandar e vai mudar, entendeu? Mas enquanto tiver sendo comandada por homem não vai sair, não vai sair do lugar.

O futebol quer queira quer não, é impregnado por preconceito! Não tem pra aonde ir!³¹⁸

Essa depoente se refere a erros que, quando cometidos por árbitras-assistentes, eram duramente punidas, inclusive com suspensão. Entretanto, quando os mesmos erros, ou erros de conseqüências mais graves eram cometidos por árbitros homens esses eram relevados e caía no esquecimento. De acordo com Aline Lopes Lambert, árbitra-assistente esse é mais um

³¹⁷ Idem.

³¹⁸ Idem.

espaço que está começando a ser aberto pelas mulheres e São Paulo é o estado do país no qual há certo reconhecimento da profissão. De acordo com essa árbitra em 2003 foi a primeira vez, em todo o mundo que um trio de mulheres apitou uma partida, como ela afirmou:

Foi, no mundo, a primeira vez que um trio feminino comandava um jogo oficial de um campeonato de um país. Éramos a Silvia Regina, a Ana Paula e eu. Aí, nós viajamos por vários estados. O primeiro jogo foi em São Paulo. Foi Guarani e São Paulo lá em Campinas. Depois: Fortaleza, Belém, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, etc...³¹⁹

Mesmo com todas essas observações que a indignam para Pingo o mundo do esporte sempre exerceu fascínio sobre ela, principalmente porque, a partir dele, teve o exemplo de pessoas que considera fantásticas, que a ajudaram em sua formação pessoal e profissional, como é o caso de sua ex-professora Sônia Baiense, como ela afirma:

Eu diante das pessoas hoje eu tenho uma desenvoltura totalmente diferente e eu acho que isso o esporte me deu. Uma facilidade muito grande de me relacionar com qualquer tipo de pessoa...

Eu acho até por conta das pessoas que me conduziram. Eu tive a felicidade de ser conduzida assim, criança, adolescente nesse lance do esporte por pessoas bacanas, por pessoas decentes, entendeu?³²⁰

Até hoje, Pingo permanece nas quadras praticando vôlei e futebol. Além disso, por sua formação em educação física, sempre está envolvida com eventos esportivos promovidos pela cidade e não pensa em abandonar esse ambiente que, embora cheio de contradições, a fez crescer como mulher e como pessoa.

3.2 O que restou do futebol feminino para as atletas feirenses?

As atletas feirenses, embora também tenham, como algumas jequieenses, atuado no futebol, durante a década de 80, encontraram em sua cidade melhores condições para sua atuação. Nesse município, esse esporte contou com um maior comprometimento e

³¹⁹ Depoimento da árbitra-assistente Aline Lopes Lambert, no artigo produzido por TONINI, Marcel Diego, no livro: Presença e atuação feminina no futebol brasileiro. In: BRITO, Fábio Bezerra (ET. all). Narrativas e experiências: histórias orais de mulheres brasileiras. São Paulo: Letra e Voz: 2009.

³²⁰ Depoimento de Pingo em entrevista realizada em Jequié, em setembro de 2009.

engajamento dos dirigentes e mesmo da comunidade, principalmente, de pessoas ligadas ao comércio, que investiam financeiramente nas viagens das atletas. Tais fatores forneceram uma melhor estrutura para essa prática esportiva que, em alguns instantes, também teve o apoio da Prefeitura de Feira de Santana.

A seriedade do senhor Michelinho, dono do Flamengo de Feira, citado pelas entrevistadas que integraram seu time, foi fator importante para o avanço do futebol feminino na cidade, o que propiciou às suas atletas a possibilidade de seguirem adiante, chegando a atuar no futebol paulista e algumas na própria Seleção Brasileira. A inserção dessas jogadoras na Seleção, ocorreu pela divulgação e respeito que o Flamengo de Feira adquiriu, através de competições de que as atletas participaram, como do Campeonato Brasileiro de 1992. Além dessas questões, creio que a localização do município próximo a Salvador, auxiliou no deslocamento das atletas à Capital e contribuiu para que contatos com pessoas integrantes do mundo esportivo fossem realizados, fornecendo condições para a saída dessas jogadoras do estado baiano, abrindo assim, novas possibilidades de atuação no mundo futebolístico.

Das depoentes dessa localidade, Ivonete, a popular Birrita, foi a única que não seguiu adiante no futebol. Como as demais depoentes, ela iniciou sua relação com o futebol ainda criança nos campinhos de terra batida, com os garotos da vizinhança e os irmãos. Ainda no início da adolescência, com o falecimento de sua mãe, aprofundaram-se problemas impulsionados pelo hábito ligado à bebida e pelas constantes arruaças que fazia nas ruas. Foi com o apoio dos irmãos, que a estimularam a se envolver nos trabalhos temporários que conseguiam, e retornar aos babas entre os amigos do bairro, que essa depoente encontrou equilíbrio para prosseguir na vida, mas os estudos nunca fizeram parte de seus propósitos. Foi, nesse contexto, que Birrita se inseriu no Flamengo de Feira do senhor Michelinho, time no qual atuou entre 1981 a 1996.

No futebol, essa entrevistada desenvolveu uma forte ligação e procurou se dedicar rigidamente aos treinos que, ao mesmo tempo em que a afastava da bebida e das bagunças que aprontava, também reforçava o desinteresse pelos estudos, como ela mesma afirma:

(...) antigamente ... era umas quatro vezes por semana; é, depende: se não tivesse jogo era a semana (toda) mesmo, até no domingo botava a gente pra fazer coletivo... A gente não tina tempo pra nada não, só pro futebol!

(...) eu só treinava, não estudava não. Só jogar bola, só futebol que eu pensava³²¹.

³²¹ Depoimento de Birrita em entrevista realizada em Feira de Santana, em outubro de 2009.

Lembra-se de que sempre teve que enfrentar o preconceito, que foi um aspecto muito presente em sua vida, mesmo porque Birrita assumiu sua orientação sexual aos dezesseis anos de idade e também no meio do futebol todos/as sabiam que era lésbica. O preconceito enfrentado por essa depoente se agravava por ser uma mulher pobre e negra, elementos que, associados, estimulavam os maus tratos destinados a essa atleta, que apenas no meio dos/as irmãos/ãs se sentia segura.

As torcidas foram o fator preponderante para que Birrita permanecesse por mais tempo no futebol, além de ser esse um espaço no qual ela se sentia bem. Empolgadas, sempre acompanharam o Flamengo de Feira, mesmo quando as competições eram realizadas fora da cidade, com em Salvador, como ela relembra entusiasmada:

Era a TV Itapoã, nesse tempo era a Itapoá, TV Itapoã que filmava.
Cobriria (os torneios estaduais). Eu não sei nem se o Michelinho ainda tem a fita, porque ele tinha!
Depois você vê pra ver a gente jogando um pouquinho... (sorri)
É, passava! Todo mundo aqui (os vizinhos) só ... me assistia; quando eu chegava: “ó, gostei do tempo lá.” É, assistia a gente!
Se eu te dissesse uma coisa: passava mais a gente aqui de Feira e Salvador, os outros era só tape, sabe?
Mas a gente passava ao vivo!
... Varela filmava! É, as rádios mesmo divulgava muito, fazia entrevista com a gente! Chamava sempre a gente pra dar entrevista!
Aonde o Flamengo ia tinha torcida, em todo lugar que a gente ia tinha torcida, todo mundo gostava!³²²

Birrita fala, nesse momento, com muito orgulho e entusiasmo porque se recorda do tempo no qual, através das entrevistas também concedidas por ela e das transmissões dos jogos pela TV, as atletas passaram a ser reconhecidas nas ruas e mesmo valorizadas pelas pessoas da cidade. Recorda-se também da TV Itapoã, por meio do jornalista Varela que, na época, fazia coberturas esportivas e tudo isso, para essa depoente, era motivo de orgulho e realização - aspectos que faziam com que Birrita se sentisse importante e distante das situações de preconceito que, frequentemente, tinha que enfrentar no seu cotidiano.

O sentimento de reconhecimento foi fundamental para que ela permanecesse durante todos esses anos no Flamengo, além da relação de carinho que construiu com o senhor

³²² Idem.

Michelinho, que a ajudava, financeiramente, como continua segundo essa entrevistada, até hoje a ajudando economicamente. Para mulheres pobres e negras da periferia nordestina serem vistas na televisão e reconhecidas pelas pessoas nas ruas, a sensação de valorização era imensa. Creio que para Birrita essa sensação era incomensurável, pois desde cedo teve que lutar contra muitas adversidades ao longo da vida, desde os castigos quando criança, e, posteriormente, seu envolvimento com a bebida, tendo sobrevivido às duras batalhas que enfrentou. Portanto, essa forma de reconhecimento popular para ela soava como um troféu, merecidamente conquistado, principalmente quando, através do esporte, pode participar na cidade de São Paulo do Campeonato Brasileiro de 1992³²³.

Paralelamente a esses acontecimentos, essa depoente teve relacionamentos amorosos tão duradouros quanto conturbados e foi por conta desses relacionamentos que desistiu do convite para jogar pelo time paranaense do Curitiba, como do convite para atuar no time do Bahia de Salvador. Por outro lado, sua casa, em meio aos irmãos e irmãs, sempre se sentiu acolhida, local onde, de acordo com Ivonete, ou Birritão, como é chamada pelos irmãos/ãs, o preconceito nunca se fez presente. Essas preocupações a impediram de se deslocar para jogar e residir longe do local que considera, até hoje, seu porto mais seguro. Quando perguntei sobre esse aspecto, ela afirmou:

Não me empolgou (sair) porque eu tinha alguém aqui e aqui o Flamengo que eu gostava, gosto até hoje, e sou uma flamenguista doente! Por isso não saí do Flamengo pra ir pra time nenhum.

... fui sempre fiel ao Flamengo. Até hoje o Michelinho mesmo fala: a única que foi fiel a ele fui eu.³²⁴

Financeiramente, o futebol nunca lhe propiciou algum tipo de estabilidade, tanto esse fato é verdade que essa depoente afirma que, tanto o senhor Michelinho, quanto os irmãos/as até hoje a ajudam. Mas outros fatores foram muito mais significantes para essa entrevistada do que qualquer dinheiro que recebesse através do futebol: o reconhecimento e o respeito popular que o esporte lhe deu, como ela se retrata orgulhosa em suas palavras:

³²³ Destaco a importância que Birrita deu à medalha de quarto lugar conquistada naquele campeonato, que fez questão de levar e apresentá-la na entrevista, a qual, carinhosamente segurava, chegando mesmo a beijar aquele que foi seu grande prêmio conquistado através do esporte.

³²⁴ Depoimento de Birrita em entrevista realizada em Feira de Santana, em outubro de 2009.

...lá no bairro onde eu moro, todo mundo ia me ver jogar; o meninos que jogam comigo, todo mundo ia me ver jogar! Eu achava bonito aquilo, meu cunhado... (ia vê-la jogar)...

Ser vista com outro olho, com outro olhar, sabe? Quando as pessoas me viam na televisão já não me olhavam como olhavam antigamente, sabe? Que olhavam e diziam assim: **olha a sapatona!**

É, o preconceito assim é... Melhorou muito, porque via a gente passava na televisão, via a gente dando entrevista... Aí melhorou muito, eu gostei disso aí, pelo menos, né?

O respeito (ficou)³²⁵.

Não tenho absoluta certeza que Birrita se satisfaz com a escolha que fez em ter aberto mão dos convites para continuar no futebol, priorizando o relacionamento amoroso da época. Entretanto, quando pedi para fazer um balanço de tudo, ela afirmou:

Foi positivo, foi. Podia entrar em qualquer lugar que ninguém, sabe, me olhava com mau olho (desprezo), tá? E é isso até hoje... me respeitam! Lá mesmo na rua os meninos diz assim: quem quiser aqui na rua que diga que jogou bola... aqui eu só respeito Birritão, porque Birritão eu vi jogar, vi passar na televisão, nos jornais, revistas... todos falam assim comigo lá³²⁶.

Certamente, o preconceito que sofreu durante a vida ainda é uma marca muito forte para essa depoente, mas que sofreu certo arrefecimento, quando da divulgação propiciada por suas atuações com a bola nos pés, ainda quando defendia o Flamengo de Feira. Entretanto, o respeito e notoriedade que, segundo ela, adquiriu com o futebol, ou mesmo o apoio do senhor Michelinho, não foram suficientes para que Birrita conseguisse adquirir melhores condições de sobrevivência. Alternando o trabalho esporádico que desenvolve com os irmãos, ela vive, atualmente, do dinheiro arrecadado na barraca de feira que mantém, juntamente com sua atual companheira, na qual vendem bebidas e alimentos. Hoje, essa depoente apenas se relaciona com o futebol, batendo um babinha com os garotos da vizinhança, mesmo tendo adquirido muito sobrepeso, assiste aos jogos do Flamengo do Rio pela televisão e acompanha, esporadicamente, na cidade, o Flamengo de Feira que o senhor Michelinho mantém, embora com menos glamour que em épocas passadas.

³²⁵ Idem.

³²⁶ Idem.

Já Neuma procurou ir além, no universo do futebol feminino do que Birrita, pois como outras companheiras, como Sissi, de quem até hoje guarda muitas lembranças e saudades, fez desse espaço um meio de realizar outros sonhos, outras descobertas. Como as demais depoentes, também começou a jogar futebol menina, no meio dos garotos da vizinhança, incentivada pelos irmãos que, como ela, adoravam o futebol.

Lembra-se de que era apenas ela de menina no meio dos garotos e que, como não gostava de outras atividades, como brincar com outras garotas de boneca, como costumeiramente as meninas de seu bairro faziam, permanecia naquele ambiente, jogando o baba com eles, que era sua brincadeira predileta. Ali, Neuma chamava a atenção da rua onde morava, como ainda hoje: “Era a sensação da rua! É que, até hoje e a sensação da rua quando eu entro aqui no meio da rua! A gente fecha a rua com cone, tenho trave, tenho bola, tenho tudo, aqui em casa tenho tudo! A gente fecha a rua e boto os pais de família aí tudo pra jogar bola!”³²⁷.

Mesmo desobedecendo às ordens dos pais, ficava durante horas batendo o baba, que depois começou a realizar com outras garotas do bairro, período no qual surgiram outros times de futebol feminino da cidade, espaço no qual ela começava a se destacar, como ela relembra:

Ah, ali na Estação Nova tem um time e, e, e, fulana de tal tá lá ...(referindo-se a alguma das meninas da época que chamava atenção) vamo lá ver jogando, rapaz, vamo ver a irmã de Cuia jogando? A irmã de Thor, a irmã de Ju! Vamo lá rapaz, e aqui no bairro eu fiquei falada por causa disso!³²⁸

Os uniformes usados pelos times femininos, como dos times das meninas da cidade de Jequié, igualmente, eram emprestados dos times de futebol masculino e os campinhos eram os de terra batida espalhados pelo Bairro da Estação Nova, pois nessa época, não contavam com qualquer tipo de patrocínio. Mas o que parecia uma brincadeira, para Neuma, sempre foi muito levado a sério e sua dedicação ao esporte ela demonstra, ainda hoje, através da aquisição e organização do material para os babas, que realiza na rua, em frente a sua casa.

A partir de sua capacidade de organização e dedicação aos jogos de futebol o senhor Michelinho a descobriu e a levou para integrar o Flamengo de Feira. De acordo com Neuma,

³²⁷ Depoimento de Neuma em entrevista realizada em Faria de Santana, em outubro de 2009.

³²⁸ Cuia, Thor, Ju, são apelidos dos irmãos e da irmã mais velha de Neuma, que sempre a apoiaram nos babas e nos jogos de futebol feminino que, paulatinamente, foram surgindo na cidade. Idem, depoimento de Neuma, em entrevista realizada em Faria de Santana, em outubro de 2009.

ela foi uma das fundadoras desse time, juntamente com Birrita, embora se lembre de outras jogadoras mais antigas do que ela, que residiam em Salvador e se deslocavam para os treinos e jogos pelo Flamengo: “Lembro, poxa! Tinha a Marília que já faleceu, a Rosângela que é viva hoje, a Lucinha, a Solange, a Aninha, a Dilma, a Birrita, a Silvinha e a Dalvinha.”³²⁹

Nessa época, Michelino financiava sozinho o time, inclusive com passagens para que as atletas se deslocassem entre Salvador e Feira de Santana. Das jogadoras que Neuma cita, acima, Aninha foi uma das mais antigas integrantes do Flamengo, como relembra essa depoente:

(...) A primeira zagueira dele (Michelinho) se chama Ninha! Hoje não joga, mas assiste... Eu já não tenho foto (com ela), porque eu já não cheguei tanto a jogar com Ninha! Porque logo quando eu cheguei no Flamengo a Ninha já tava querendo parar. Tinha também, tinha que trabalhar! Ninha tinha que manter a casa, tinha que manter a mãe dela!³³⁰

Como disse Neuma, ela não participa mais ativamente dos jogos, mas acompanha as partidas das antigas companheiras. Um aspecto importante da época em que Ninha atuava, pelo menos no que se refere a essa cidade baiana, diz respeito à estrutura conferida ao time, que considero mais precária que a geração de Birita e Neuma encontraram, motivos pelos quais sua inserção no futebol foi mais rápida ainda do que as demais companheiras.³³¹

No período no qual Aninha jogava não havia o incentivo financeiro do pessoal do comércio e nem da prefeitura de Feira de Santana. Embora Ninha tenha sido anterior à Neuma, no Flamengo, a diferença de idade entre ambas não era tão significativa, o que me leva a crer que a primeira atuou no futebol por volta da década de 70. Com isso, aproximo as circunstâncias do futebol de Feira, em 70, às circunstâncias enfrentadas pelas jogadoras jequienses do mesmo período, ou seja, o esporte oferecido as garotas tinha contornos de uma brincadeira, sem apontar perspectivas de futuro, ou qualquer remuneração pelo seu desempenho.

Já para as jogadoras do Flamengo que atuaram durante a década de 80, o senhor Michelinho buscou uma condição melhor para manter o time, com casa de aluguel, certa

³²⁹ Depoimento de Neuma, em entrevista realizada em Feira de Santana, em outubro de 2009.

³³⁰ Idem.

³³¹ Por conta de imprevistos no trabalho, Ninha não pode comparecer ao encontro que marcamos para que ela me concedesse entrevista, mas pude conversar, rapidamente, com ela quando do amistoso que tive a oportunidade de assistir na cidade entre veteranas e jogadoras feirenses da atualidade.

quantia em dinheiro para as atletas se manterem e se deslocarem entre as cidades próximas à Feira de Santana para participar das atividades do time, ou seja, a partir desse período, havia uma infraestrutura melhor para manter o time. Mesmo que isso não representasse a segurança de contrato firmado com as atletas nem estabilidade financeira, esse tipo de estrutura já significava, diante do mundo do futebol feminino no citado período, determinado avanço.

Apesar da pouca remuneração advinda das partidas disputada, grande parte das atletas, como Neuma e Birrita, não se preocupava em estudar. Neuma chega a dizer que frequentava a escola apenas para justificar para a família que estudava e sua preocupação mesmo era apenas em aprender a assinar o nome. Como precisava se dedicar ao futebol e, posteriormente, saiu de sua cidade para aventurar jogar em outras cidades, os estudos representaram interesse quase nenhum para Neuma, hoje se arrepende do descaso que direcionou a sua própria educação.

Até hoje, o senhor Michelino investe dinheiro do próprio bolso para manter o time que não progrediu com tanto destaque no estado, como o próprio futebol feminino, nos anos que se seguiram. Ao que parece, o futebol na Bahia deu mais uma esfriada, aspecto, inclusive, observado durante a história do esporte, no período analisado no presente trabalho.

Outro fator que merece atenção é a nítida rivalidade que existe entre as jogadoras que atuaram em distintas épocas no futebol. A vaidade é algo presente e pude observar, claramente, esse aspecto quando do amistoso realizado entre as antigas e jovens atletas feirenses, o que seria um contraponto entre um time jovem e outro de atletas de outras épocas:

Era na terça, terça a (educação) física, quarta o coletivo de tarde, (educação) física de noite no Jóia da Princesa, menina, eu nunca, eu já, eu já... eu hoje sou o que sou porque... eu tive o Michelinho mesmo pra ensinar mesmo; educação física foi com ele mesmo que eu aprendi as coisas! Quantas e quantas voltas eu já dei naquele Jóia da Princesa, menina?
Correndo, fazendo (educação) física? Hoje elas (as mais novas) não guenta! Hoje as menininha nova não guenta! Foi até que eu disse a ele (Michelinho) hoje que eu ia fazer o time das veteranas contra o time dele novo!³³²

As mais antigas, como Neuma, destacam, constantemente, o amor que tinham e a entrega ao esporte. Consideram que a paixão as tornava mais disciplinadas do que as mais jovens e que se dedicavam mais aos treinamentos e não tinham hábitos considerados

³³² Idem.

desfavoráveis às atletas, como a ingestão de bebidas alcoólicas, horários irregulares de sono provocados pelas constantes farras, etc.

Obviamente que as mais novas usam da própria mocidade para contra-argumentar e afirmam que as mais velhas sentem muita inveja da força que a juventude lhes confere. Assim, os bate-bocas foram constantes durante o jogo que pude acompanhar e se seguiram na confraternização realizada entre elas num bar da cidade.

No entanto, tal rivalidade parece ser restrita as jogadoras da cidade, pois, em seu depoimento, essa entrevistada foi enfática em dar destaque à atleta Marta Vieira, que ela considera uma excelente representante do esporte, em nível mundial. Acredita, inclusive que, com seu exemplo e dedicação ao esporte, abre espaço para o futebol feminino ser mais respeitado, abrandando assim, um pouco do preconceito em relação às atletas. Sente-se, inclusive, contemplada quando essa atleta pede apoio para o futebol feminino, mas percebo certa frustração quando comenta sobre as condições que as atletas têm, atualmente, em termos salariais e de oportunidades de atuarem em times do exterior, elementos inacessíveis para a grande maioria das jogadoras dos anos 80 no Brasil.

As palavras dessa entrevistada, em certos momentos, sugerem certos exageros, quando se trata da dedicação que sua geração direcionou ao esporte, como ela repete: empenho que tinha como base muito amor pelo que faziam. No entanto, passo a compreendê-la melhor, quando Neuma cita o exemplo de Marília, hoje falecida, mas que, na década de 80, aos quarenta e sete anos, jogava como uma menina entre as demais. Sem tantas regras, ou tantos recursos como isotônicos, anabolizantes, programas de treinamentos, ou seja, sem tantas cobranças, creio que havia mais liberdade para essas mulheres ousarem em suas jogadas pelos gramados. É isso que Neuma chama de “Futebol Arte”, quando elas tinham a liberdade de “bailar” nos gramados, ou seja: “cada uma jogava da sua maneira, jogava do seu jeito, do seu íntimo, sabe?”³³³. E ter jogado do seu jeito, de forma mais amadora, fazia com que jogasse com maior liberdade, mesmo porque não havia como cobrar tanto das atletas, já que pouco se oferecia a elas.

O depoimento de Neuma é repleto de idas e vindas e, em certos momentos, surgem até contradições, como no fato de ter afirmado ter passado vinte anos à frente do Flamengo de Feira. Fato esse que não ocorreu por conta dessa entrevistada ter saído de Feira de Santana para jogar em Salvador, por volta dos seus vinte e três anos e idade. Mas a sensação que ficou

³³³ Idem.

é que, para ela, o tempo não deveria ter passado e, quando sua subjetividade aflora, é como e tivesse fome de viver tudo aquilo novamente sente saudades do seu tempo de jogadora.

Mas foi um tempo que deixou apenas muitas lembranças, pois, depois de ter passado algum tempo jogando futebol, em Salvador e em São Paulo, logo retornou à Feira, onde reside até hoje com os irmãos/ãs. Da casa onde seus pais moravam, que ficou para os filhos/as, pouco restou da planta original, pois foi sendo reformada e dividida, de modo que quase todos/as construíram dentro dela sub-residências, onde convivem com suas famílias (seus esposos/as, filhos/as, sobrinhos/as, etc.). Nesse espaço, essa entrevistada tem também sua casinha onde mora com sua companheira Elvilânea.

A ex-jogadora se mantém do trabalho com uma pequena serigrafia que tem em casa, na qual produz emblemas e os coloca em camisas, bolsas, shorts, confeccionados para escolinhas do bairro e para alguns times de futebol da cidade e outras encomendas que recebe. Além disso, tem, em sociedade com um dos irmãos, um equipamento para lavagem de carro, o que gera também mais alguma renda para sua subsistência.

Ao final da entrevista, após ter me apresentado uma porção de fotografias do seu tempo de atleta, desde o período em Feira de Santana até o período no qual atuou na capital paulista, Neuma me convidou para ir à sua casa para me mostrar seus troféus e diplomas. Inclusive tem um da Academia Paulista de Investigação, profissão que nunca exerceu. Em suas palavras, tenho a sensação de que ela não estava pronta para deixar o esporte tem forte sentimento de indignação pela falta de valorização de histórias, como a dela, de amor pelo futebol.

Sua história, nesse meio, revela mais uma relação encerrada precocemente, pois essa ex-atleta sequer teve a oportunidade de continuar atuando no esporte em outra função, que não como jogadora. Ou seja, há também a ausência de valorização da contribuição dessas mulheres para a própria história do esporte, pela inexistência de espaços para atuarem como auxiliares técnicas, de modo a socializarem tanta experiência adquirida com a dedicação ao esporte. Nesse sentido, como também não se abriu um espaço para essas mulheres trabalharem e transmitirem seu conhecimento, diante do que apreenderam com o esporte, sente-se mais a invisibilidade do próprio futebol feminino.

No entanto, para essa ex-atleta, os troféus realmente importantes para ela são, exatamente, aqueles que ela conquistou com a bola nos pés e, desse tempo, se lembra, bastante saudosa, rememorando sentimentos de solidariedade, união, respeito e muito amor por tudo o que viveu e que, também, foi tudo o que o futebol lhe deu. E, ainda, retirando a

poeira dos troféus, revivendo, intimamente, aqueles momentos, ela encerra nossa longa entrevista dizendo: “...é isso aí: isso é a vida e a minha é isso aí.”³³⁴.

De todas as depoentes entrevistadas neste trabalho, Solange Santos Bastos, que se tornou no futebol a Soró, chamada assim pelas companheiras e pelo repórter Luciano Du Vale, durante as transmissões esportivas na década de 90, foi a jogadora que deu prosseguimento e conseguiu permanecer, por um longo tempo, nesse meio. Nesse esporte, construiu uma carreira exemplar e cheia de conquistas nos principais times que integrou, entre as décadas de 80 e 90: Flamengo de Feira de Santana, Seleção Baiana de Futebol Feminino e Seleção Brasileira Feminina de Futebol.

Por ter saído do interior nordestino, ter vindo do meio de uma família pobre, pelos espaços que percorreu por meio do esporte, pela carreira que construiu e por tudo o que experienciou, durante os anos, no futebol, acredito que sua vida é bastante significativa para se compreender um pouco da trajetória de uma atleta de futebol no Brasil, ou mesmo entender aspectos relativos à história desse esporte, diante do recorte histórico que foi dado ao estudo.

Da infância pobre, em Feira de Santana, Solange guardou lembranças das privações por que teve que passar, provocadas pela imensa pobreza que conheceu ainda criança. Apenas quando ingressou no Flamengo de Feira, pode ser matriculada na escola e ter uma alimentação melhor, já por volta dos treze anos, quando morou no alojamento do time, o que a ajudou a minimizar as quedas e os mal-estares provocados pela fome durante os treinos.

Os bastidores da vida dessa depoente, embora revelem a facilidade com que se integrou ao futebol, desmascaram uma trajetória de muito sofrimento e dedicação, pois nem sempre o apoio financeiro e o reconhecimento estiveram presentes em sua história. Desde o campinho da Baraúna, localizado à frente de sua casa, em Feira de Santana, até o Complexo Esportivo da Escola do Exército da Urca, já no Rio de Janeiro, quando Solange, pela primeira vez, integrou a Seleção Brasileira, mostra um percurso difícil no qual teve que superar vários desafios: lutando para se manter como atleta e sustentar a família sem quaisquer recursos na cidade natal.

O preconceito conheceu desde cedo, dentro de casa, por parte das irmãs, além das situações sofridas nas ruas. Mas, nem isso, nem as privações econômicas ou o desgosto de sua mãe, em relação ao esporte pararam sua vontade de continuar jogando, como ela lembra:

Ela (sua mãe) teve que aceitar, porque se ela não aceitasse, eu... pô, o que era que eu podia fazer? Tava em mim essa coisa do futebol! Essa minha relação

³³⁴ Idem.

com o esporte não foi...; eu não via TV, eu não via jogo de futebol, eu até tentava entender, mas (...) eu não assimilava direito!

Mas essa coisa do futebol em mim era coisa assim, muito natural, muito natural! Eu nunca fui em escolinha (de futebol), ninguém nunca me incentivou! Me incentivaram sim, quando eu comecei a crescer e viram que era aquilo que eu queria pra mim! Que eu queria jogar bola, que eu sabia jogar futebol!³³⁵

Foi vencendo barreiras, e numa luta muito solitária, que essa depoente construiu sua carreira no esporte e, após a atuação no time feirense, ela participa, brevemente, da Seleção Baiana de Futebol Feminino. Foi seu passe inicial para sua primeira indicação para a Seleção Brasileira, que Solange passou a integrar, realmente, a partir de 1991. Foi no período dessa convocação que ela enfrentou uma das situações que mais a magoaram na vida: ter sido discriminada pelas companheiras baianas, no momento em que saiu seu nome na relação de convocadas. Além dela, mais quatro atletas do estado foram, igualmente, convocadas, mas não a esperaram para embarcar em direção ao Rio de Janeiro, reforçando a sensação de exclusão, sentida por Solange.

Durante quase toda a década de 90, essa ex-atleta integrou a Seleção Feminina de Futebol e conheceu seus bastidores, alternando os tempos entre as convocações, treinamentos, concentrações e viagens para as competições com suas atuações nos times de clubes nacionais. Durante todo esse período, ou melhor, durante toda a vida, Solange esteve integrando times, desde o futebol amador feirense, até o mais alto nível do futebol na Seleção.

Assim, sua trajetória, fortemente presente em suas lembranças, expôs a realidade de um esporte marcado pelo amadorismo e pela precariedade estrutural, delatado por Solange. Além dela, suas ex-companheiras de times reafirmaram a indignação com o futebol, desde o Flamengo de Feira, até aquelas que compuseram a Seleção, de acordo com as matérias jornalísticas da época, que traziam depoimentos de atletas, como Pretinha, Marília e Maicon Jackson³³⁶.

Esse sentimento forte é identificado no depoimento dessa ex-atleta, que alternou relatos de decepções e declarações de o amor ao esporte. Sobre o primeiro aspecto, Solange se refere ao descaso da imprensa local que nunca lhe conferiu importância, já que essa foi uma das poucas atletas feirenses, juntamente com Sissi, a atuar durante tanto tempo frente à

³³⁵ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista realizada em março de 2010, na cidade de Salvador.

³³⁶ Um dos exemplos característicos desse fato é o depoimento de Pretinha mostrado pelo Jornal Folha de S. Paulo na época do Mundial ocorrido em 1995.

Seleção Feminina. Ou seja, mesmo tendo permanecido quase uma década no grupo, ninguém da imprensa lhe conferiu credibilidade, ou o mínimo de interesse, fato que também marcou, profundamente, essa jogadora.

Já a simplicidade e a vontade de aprender sempre estiveram presentes em sua vida, que sempre buscou tirar o melhor proveito das importantes lições que surgiram, como no momento que integrou a Seleção. Ali, aprendeu elementos fundamentais para permanecer jogando, por um longo tempo, até o período em que seu corpo não tinha mais condições de aguentar tanto esforço físico. Mesmo diante de toda sua simplicidade, como ela mesma se considerava “meio xucra”, ela sempre esteve atenta às oportunidades que a vida lhe deu, como ela mesma disse, como se tivesse alguma consciência de um futuro que sempre apareceu de modo muito incerto: (Tudo) foi complicado, tanto na parte de alimentação, saúde, educação, né? Que eu não tive, mas nem por isso eu fui uma ignorante, eu sabia tudo o tempo todo, o tempo todo...³³⁷

Em seu íntimo, essa entrevistada parecia ter convicção de que aquele sonho de criança, de estar na Seleção como Zico, um dia ia se tornar realidade, embora desconhecesse os percalços que se apresentariam no caminho. Também por suas convicções, sempre buscou ter um comportamento profissional, elemento raro no futebol das meninas de sua geração. Situação que essa depoente atribui à falta de seriedade com a qual os próprios dirigentes tratam as atletas, como ela afirma:

Primeiro que por falta de profissionalismo de nós atletas: nós atletas e quem mexe com nós atletas, no caso assim, são os dirigentes. Eles não são profissionais com a gente e nós não nos colocamos de maneira profissional pra eles. Hoje sim, hoje tem um amador mais organizado. Em São Paulo o nível é muito bom, mas não é profissional. Eu digo isso porque tem verba pra um não tem verba pra outro, tem um time masculino que a verba é tanto, mas pra gente é outra. Mas no profissionalismo é muito diferente.³³⁸

Tipo: o cara não trata você como uma profissional, ele trata você como uma jogadora e é diferentes você ser uma jogadora e ser uma atleta! Entendeu? Então isso aí é complicado.³³⁹

A falta de seriedade dos dirigentes se manifestava, principalmente, na falta de contratos entre os times e as jogadoras, o contrato certa estabilidade financeira e garantiria às

³³⁷ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista realizada em março de 2010, na cidade de Salvador.

³³⁸ Idem.

³³⁹ Idem.

atletas a determinação do tempo específico para permanecer em determinado clube, com possibilidade, ou não de renovação. A ausência de contratos Solange também associava à falta de patrocínio, provocada pelo desinteresse da imprensa em divulgar o esporte, o que não gerava lucro aos patrocinadores. No entanto, acreditar que mulher jogando futebol não dá audiência é um fato bastante questionável, quando verificamos o número de torcedores/as mostrados pelas depoentes desse estudo, mesmo na época em questão. Talvez, o que se possa afirmar é que, tanto os patrocinadores quanto a imprensa brasileira, não achavam interessante mostrar mulher jogando futebol.

Há falta de seriedade no futebol feminino brasileiro - essa depoente observou -, tanto por parte de quem investe e organiza quanto por parte de quem o pratica, embora não faça generalizações, pois observa que há grandes e compromissadas atletas, desde sua geração. Segundo essa ex-atleta, dirigentes não lidavam, profissionalmente, com as atletas porque elas também não se colocam nessa posição, no sentido de terem uma postura e de cobrarem mudanças, no trato direcionado a elas mesmas.

No caso do futebol masculino brasileiro, por exemplo, além de haver contratações, existe também a presença de um agente especializado para acertar acordos sobre valores na venda de passes dos jogadores. Como, no feminino, esse aspecto é desconsiderado, o descumprimento das atletas se torna uma constante, seja descumprindo horários, treinos, jogos e mesmo campeonatos, como uma forma de reflexo da desvalorização à qual são expostas.

Essa falta de apoio, tão criticada por Solange, não se restringia aos empresários brasileiros, mas foi direcionada, principalmente, à CBF que, como entidade maior do futebol brasileiro, pouco se empenhou em organizar de fato e em profissionalizar o esporte feminino, durante os anos. O desinteresse em organizar e incentivar times regionais e em promover competições locais, a demora em organizar campeonatos nacionais, o desleixo em selecionar equipes técnicas de nível razoável para apitar os torneios, ou, ainda a falta, de investimentos na própria Seleção Feminina de Futebol, foram aspectos pontuais muito criticados pela ex-atleta, como quando citou o caso do Mundial no Chile.

Inevitavelmente, diferenças no tratamento da CBF, em relação ao futebol masculino e ao feminino, também surgiram nas críticas da ex-atleta. No que se refere à questão salarial, essa depoente afirmou que as meninas chegavam a receber do principal órgão organizativo do futebol nacional aviltantes 10% do que era pago aos jogadores da Seleção Masculina de

Futebol, e ponderou: “Então isso aí é complicado. Mas isso não é de hoje, é cultural isso aí dentro do esporte”³⁴⁰.

Se a diferença de tratamento chegava a se refletir no aspecto salarial, na hora das cobranças, essa diferença era bastante abrandada, ou mesmo esquecida. Como relatou a ex-atleta, essas cobranças sempre surgiam para o “favorecimento” da conquista desse ou daquele campeonato, pois a vitória, de acordo com dirigentes da época, seria o elemento fundamental para que o esporte fosse mais valorizado no país, oferecendo assim, outras condições para as atletas. Prometia-se às atletas que as conquistas da Seleção Feminina iriam modificar a realidade do esporte, no Brasil. Raciocinando dessa forma, Solange sempre procurou tomar cuidados, inclusive com a postura que tomava, tanto atuando em campo, como fora dele, no que se refere a relacionamentos amorosos:

Sabe, aquela coisa, se conhecia lá e acabavam ficando juntas e inclusive criaram uma relação assim, longa, de anos! Mas eu não namorei muito. Assim, no grupo, no grupo da Seleção, das meninas que jogavam futebol não, não namorei muito não. Minhas paqueras eram todas fora daquele grupo ali. Porque eu achava assim que aquilo atrapalhava. Eu achava que atrapalhava! E eu achava também que era a brecha pra os caras (faz um gesto com a mão sinalizando um corte): uma ia sobrar. Então eu procurava não me envolver muito³⁴¹.

A verdadeira relação de amor, essa depoente acredita ter sido construída com o esporte, ao qual tanto se dedicou, de modo a prolongar o máximo de tempo sua vida útil no meio do futebol. Com essa consciência, se privou de muitas coisas ao longo de sua história dentro do mundo futebolístico, muito embora o reconhecimento nunca tenha chegado ao nível que ela esperava, já que uma derrota era motivo suficiente para o encerramento de um time ou de outro, fatos corriqueiros em sua carreira.

Um dos exemplos dessa situação ocorreu quando integrava o time do Corinthians. Por volta dos seus 27 anos, o fato lhe provocou muita decepção, revolta e tristeza, como se observa nas palavras da entrevistada:

E chegamos na final, na entrada do vestiário os cara lá falaram o seguinte: “olha só, os cara mandou dizer pra vocês – eles nem iam lá, eles tavam

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ Idem.

decididos mesmo a acabar com o time – se não ser campeã vai acabar o Corinthians, vai acabar o time!!!

(...) dali a 90 minutos eu poderia estar desempregada! Ou feliz! E era difícil, viu: qual era o time que ia me pagar 4.000,00 de jogo? (balança negativamente com a cabeça) eu sabia que ninguém mais ia!

E cheguei ali e pensei: meu Deus, quanta pressão! Eu rezei sozinha, torcendo, pedindo a Deus, ali dentro do campo e pensei: jogador de futebol é crente pra caramba, aquela ..., aquela crença assim... E foi que a gente jogou, eu joguei bem! Eu, eu acho que eu joguei bem (coloca a mão no peito).

A gente tomou logo, perdeu de 5 X 3! Mas eu dei o meu melhor, tava machucada! Tava com uma lombalgia horrível (passa a mão na lombar, como se ainda sentisse as dores da época)!

Mas eu joguei com meu coração, joguei com meu coração! E eu vou te falar: quando acabou o jogo, nós saímos muito tristes, não por ter perdido o jogo, mas por ter acabado o time, puta merda, sabe? Eu não sei o que passava na cabeça deles, a gente... sabe, o descaso, entende: o descaso, a falta de compromisso! Ah, vamo acabar com isso aqui porque a gente só tá perdendo dinheiro. Era um time que tava dando resultado, um time que tava chegando às finais, um time que foi pra (campeonato) brasileiro, chegou nas finais... pô, a gente só não ganhou, paciência, né? Mas, puta, foi doloroso, viu?³⁴²

Os sentimentos dessa entrevistada se alternaram sempre em relação ao futebol, especialmente em relação às pessoas com as quais conviveu, durante o tempo em que atuou nos gramados. Embora amasse o esporte e quisesse muito que esse tempo nunca se acabasse, as privações às quais se submetia e a busca constante para melhorar e permanecer jogando foram lutas travadas, constantemente. Nesse sentido, as críticas que faz ao futebol são contundentes, pois sabia que, em outros países, como no caso dos EUA, as condições oferecidas às atletas eram outras, como comentou:

[...] mas lá não, lá fora não. Lá uma garota de, de 12 anos já ganha pra jogar. E ela vai crescendo dentro de uma conduta dessa maneira: não, eu sou profissional porque eu ganho.

E a gente não, a gente só começa a ganhar dinheiro quando está num time melhor! Tem times que não paga às jogadoras aí. Tem time que não tem

³⁴² Idem.

alimentação. Aqui no Brasil a realidade é outra, eu digo porque eu já vivi isso!

(Então) se resume a isso mesmo: a falta de profissionalismo de quem tratou o futebol feminino, de como tratar a jogadora.

Exatamente isso, eu, eu teria essa postura, eu sempre tive essa postura de profissional, eu sempre me coloquei é, é, eu nunca me expus tanto, tudo isso, né? Isso você sabe que influencia. Então por isso os cara acham que a gente é um nada: você só presta pra jogar. Vamo treinar, né?³⁴³

Essa depoente ainda lembra que, em 1991, quando elas recebiam na Seleção R\$20,00 a diária (lembrando que correspondia aos 10% do salário dos homens do futebol masculino), as jogadoras americanas já ganhavam pelo mesmo trabalho U\$20.000,00, por ano. A crítica que faz é mais incisiva porque não se trata, especificamente, de quantia a receber pelo que fazia, mas na forma como eram tratadas as atletas brasileiras, indicando a urgência em se modificar a postura, para que uma maior seriedade fosse aplicada no trato com as atletas e mesmo com o esporte, como ela reafirma: “Mas, a postura assim, olha só: você vai ganhar 20.000,00, mesmo que você ganhe 200,00 reais, certo? Mas daqui em diante você vai se comportar assim, você não vai poder fazer isso, você fazer isso, você tem um contrato comigo, então você vai cumprir.”³⁴⁴.

E os lamentos e críticas dessa ex-jogadora continuaram ao lembrar as disparidades entre as condições reais oferecidas ao futebol masculino e o feminino, no “país do futebol”:

(...) sabe quem cuidava do meu salário? Era eu. Imagina eu negociar com é...com seu Enésio Cury do Corinthians! Com seu Mateus, Vicente Mateus não, é o outro o que morreu lá? Imagina eu negociar direto com eles, tremia ou não tremia? Claro que tremia!

O cara falar assim: ó, eu te dou, te dou R\$3.000,00 Reais. Pô, R\$3.000,00 pra mim é muita grana. Mas o Dema que é meu parceiro falava assim: não aceite menos que R\$4 (mil). De R\$4 pra cima. Falei: não, seu Enésio, é de R\$4 pra cima, porque também tem jogadoras que tão aí, eu sei, o senhor me desculpa mas... Mas aí eu tremia, eu tremia pra falar aquilo! Foi aqui que ele fechou por R\$4.000,00 mil. Hã? Eu tremia, eu tremia. Mas eu falei: não. Então tudo bem.

³⁴³ Idem.

³⁴⁴ Idem.

Então é essa a diferença: se fosse um homem, não era ele que taria ali, era o empresário, né? E aí entra a mídia, se a mídia, o cara que patrocina a televisão, que paga o seu direito de imagem, os nomes tão ali ó: nas placas. Se não tem nada ali pra você, quem bota a li o nome? Ninguém. Porque não tem retorno de imagem. Pô, como é que vai mostrar o produto do cara na televisão? Como é que você vai divulgar se não tem um campeonato regular aqui no Brasil? Então ninguém investe nisso!³⁴⁵

Sem salários ou contratos, a inexistência de empresários/as para estabelecer negociações entre as atletas e seus times era desnecessária, mesmo porque, em alguns casos, até os times tinham uma vida muito curta, assim como tantas carreiras de valiosos talentos espalhados pelo Brasil.

Não restaram dúvidas, através dos depoimentos observados no presente trabalho de que, para além da ausência das questões de falta de organização, de salariais, de estabilidade e da falta patrocínio, o que restou a essa geração de atletas foi uma longa e dura batalha para permanecer jogando. Compreendo que permanecer no futebol, para essa geração, só foi uma atividade possível através de muito amor e dedicação ao que elas faziam, como já havia afirmado Neuma. Nesse sentido, a sensação de frustração ficou muito bem marcada em alguns depoimentos, como no de Solange.

Além das incisivas críticas, essa última depoente fez alguns comparativos com as condições atualmente oferecidas ao futebol feminino, como o apoio dado pelas prefeituras ao esporte. Usou o exemplo da cidade de São Paulo, que compreende ter sido, em sua época, e que continua a ser a referência no trato com o esporte no Brasil. Na capital paulista, a prefeitura patrocinou times como Araraquara e Ferroviária. Mesmo assim, Solange ponderou que, atualmente, as prefeituras patrocinam as equipes técnicas, mas não os salários das atletas e que times do interior paulista precisam, mas não recebem esse tipo de apoio.

Esclarece, ainda, que competições da atualidade, como Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro, se existem, em muito, se deve ao caminho percorrido por ela e por suas companheiras que, quando disputavam um torneio como esses, eram em condições extremamente precárias. Em seu tempo, quando existia, esporadicamente, esse tipo de competição, não cumpria um calendário que respeitasse o tempo necessário de descanso para a recuperação física das atletas, entre um dia e outro de competição. Ao contrário, os

³⁴⁵ Dema, ao qual Solange faz referencia é o ex-técnico da Seleção Feminina de Futebol Ademar Júnior. Idem, entrevista.

enfrentamentos ocorriam pela manhã, num dia, e à tarde, no próximo dia, de modo que todo o campeonato acabasse em apenas uma semana.

Ainda daquela época da Seleção, recorda-se que a então goleira Meg fez previsões importantes para o esporte no país, como reproduziu Solange:

A Meg calculou 20 anos e nós já estamos com quase 15, 20 anos foi o que a Meg falou: ó Soró, quando, infelizmente quando a coisa começar a melhorar pra a gente, a gente já vai tá parada, a gente não vai jogar mais, a gente vai tá em outra função!

E a Meg fez a previsão de 20 anos pra tá nesse patamar. Falou: Soró, em 20 anos vai tá assim! Vamos calcular mais 20 anos pra estar profissional. Vai tá com uma entidade própria, uma entidade tipo: ó, tem a Federação Paulista e um Departamento do futebol feminino. CBF: Departamento de Futebol Feminino da CBF. Você entendeu: só pra o futebol feminino que organiza campeonatos, Copa do Brasil, tudo³⁴⁶.

As previsões de Meg foram entusiasmadas, talvez porque no período em que com Solange integrava a Seleção, o futebol apresentou certos avanços em termos de divulgação e mesmo no aspecto salarial, através do patrocínio da marca Maizena. Mas a realidade, pelo que se pode observar hoje, ainda não é tão tranquila assim. Após se aposentarem como atletas, essas mulheres encontram poucos espaços para atuar como profissionais no esporte e, atualmente, a própria Solange está desempregada e, como ela mesma disse, esboçando certo cansaço em função de tudo o que viveu nesse meio: “a gente mais velha a gente não tem poder, não tem força!”³⁴⁷.

Mas, logo em seguida, afirmou que hoje, algumas dessas ex-companheiras tentam se organizar, mas não têm apoio algum para se reunir e discutir formas alternativas de organização para o esporte. Como ela, a ex-goleira Meg e Lêda também se preocupam com o futuro do esporte e gostariam de poder contribuir para efetivas mudanças, mas essas “velhas atletas” precisam continuar correndo para garantir sua própria sobrevivência. Sem organização também não conseguem recursos para consolidar o sonho de viajar pelo país na tentativa de articular a criação um departamento específico dentro da CBF, que trate apenas do futebol feminino no Brasil.

³⁴⁶ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista realizada em março de 2010, na cidade de Salvador.

³⁴⁷ Idem.

Outro fator que precisa ser alterado pelas mulheres do esporte é o fato de serem poucas as que ocupam cargos de direção. Ao ocupar cargos de decisão, provavelmente, em muito mudará a realidade das mulheres no esporte, como aponta MOURÃO³⁴⁸:

O novo grande desafio das mulheres dentro do cenário esportivo, nos próximos anos, é conquistar mais cargos nos pontos técnicos e diretivos. A diferença entre homens e mulheres nesse setor, atualmente, é talvez a mesma que existia dentro dos campos, quadras e pistas 100 anos atrás. (...) Nas diretorias executivas dos grupos regionais do COI apenas 14% dos cargos, entre 1970 e 1995, foram ocupados por mulheres. O COI estabeleceu, em 1996, que todos os órgãos envolvidos com o olimpismo o mundo tivessem, até o fim de 2000, pelo menos 10% dos cargos ocupados por mulheres. Até o fim de 2005 essa porcentagem deveria dobrar. Qual seria a estatística atual no Brasil? Onde estão as mulheres na liderança esportiva, "dirigentes e técnicas"?

Será mais uma luta a ser travada pelas mulheres?

De acordo com as palavras de Solange, parece claro que algumas das ex-jogadoras pretendem, através de sua organização, mudar as chances de garotas pobres, como elas, apaixonadas pelo futebol. Sentem a urgência de construir um caminho menos tortuoso para novas carreiras no futebol. Entretanto, é importante compreender que as regras sociais são reproduzidas no meio esportivo, que repete situações de exclusão e priorização do mais forte, mais saudável, mais ágil para atingir seu objetivo maior – a vitória.

Nesse ambiente de incertezas e exclusões, repetem-se histórias como a que Solange muito bem ilustra:

(A garota) vai jogar 90 minuto num gramado, com uma chuteira que desliza, né? A garota sem a menor condição física, falando de biótipo, pra jogar 90 minutos. É muita coisa! Ninguém sabe se aquela garota comeu. Se ela vai comer depois dali. E eu digo isso pela Bahia, imagina o resto do Brasil? Eu to falando de Feira de Santana, aliás aqui na Bahia porque Salvador deve ter muita jogadora ali.

Então as jogadoras daqui jogam tudo lá em São Paulo. Eu saí daqui pra ir jogar lá, a Neuma saiu daqui pra ir jogar lá e outras jogadoras boas de bola,

³⁴⁸ COI Comitê Olímpico Internacional. MOURÃO (Op. cit., 2003) p. 145 - 146

têm que sair pra jogar lá, porque aqui ... (faz um gesto negativo com a cabeça) Aqui na Bahia eu não tenho expectativa, porque eu tenho conhecimento e eu não conheço ninguém, pra dizer assim: ó, eu organizo... Eu não conheço ninguém.

Mas aqui, infelizmente, sabe quando você sente aquilo?

(faz um gesto como se estivesse com as mãos atadas)

E é triste, né? Primeiro porque é minha terra, imagina se eu não queria encerrar minha carreira aqui? Queria muito! Era um sonho, ainda é um sonho que eu tive, só que eu não vivenciei isso.

Então da mesma maneira que eu vivenciei, aí eu fui amadurecendo essa ideia: pô, vou encerrar minha carreira lá em Feira pô, jogando lá com as minhas companheiras. Enfim, e hoje a gente vê que não é isso. É uma realidade completamente diferente³⁴⁹.

Ao que parece, não é que as coisas, atualmente, na Bahia, ou em Feira sejam completamente diferentes de seu tempo. O problema é que o tempo passou e pouquíssima coisa se alterou, ao longo dos anos, como no aspecto do preconceito em relação às atletas. Solange descreve e é incisiva no preconceito contra as garotas que jogam futebol por conta do julgamento das pessoas que acreditam que, pelo fato de jogarem futebol são lésbicas – aspecto indissociável. Também critica o desprezo pela origem social dessas meninas que, normalmente, vêm de uma classe social muito baixa. Segundo suas palavras, o preconceito ainda é um impedimento muito forte e atrapalha o futuro do futebol feminino brasileiro.

Você (veja), a atleta vai de pé, sai daqui e vai pro outro lado da cidade andando! Tem que tá lá duas horas, tem que sair 11:30 com fome! Chega e treina mal aí: “Ah, você dormiu, fez, namorou...!” chega lá, sai de lá 3, 4 horas da tarde e chega aqui umas 6 horas e não tem nem um pão pra comer. Não é?³⁵⁰

São nítidas as preocupações de Solange, que sempre se direcionam para aquelas atletas mais pobres, sem condições, como ela já viveu, até para se alimentar. Certamente, se ela pudesse, ela mudaria essa história!

Eu digo isso porque eu passei por isso também. Passei. E eu sei que não tem (alimentação), aí: eu sei que não tem! Porque eu não tinha. Eu ficava,

³⁴⁹ Depoimento de Solange Santos Bastos em entrevista realizada em março de 2010, na cidade de Salvador.

³⁵⁰ Idem.

tomava banho (depois do treino) e continuava com fome. E eu sei que muitas hoje são assim. Porque tem muitas meninas que são do interiorzinho, aqui em Feira tem e aqui na região, e na Bahia, pô! As meninas se reúnem todo dia de domingo: “Ah, vamo brincar!” porque gostam do esporte, pô! Mas aí fica todo mundo olhando assim, ó (faz um gesto de descaso), mas ninguém pára pra olhar, olhar (de outra forma)...³⁵¹

Solange faz uma ar de desesperança e continua,

Eu olho dessa maneira porque eu sei que ninguém pára pra olhar. Quando pára diz assim: “ah, tem um monte de mulher jogando bola ali.” Jogando bola! (sorri) Entendeu?

‘Ah, tem um monte de mulher jogando bola ali!’ ‘Tem mulher ali que joga bola!’ E daí?³⁵²

Jogar bola é totalmente diferente de praticar o futebol. Jogar bola é como nos babas, nos quais não se precisa ter muita técnica ou tática, ou experiência em campo. Mas, de qualquer modo, são atividades que não merecem atenção e não conquistaram respeito durante os anos, pelo que vivenciou, pelo que percebe, durante sua trajetória, no esporte. Observa que as pessoas olham as garotas do futebol com desprezo, com o olhar de superioridade e de julgamento de valor sobre elas, desconsiderando completamente que, naquele meio, podem estar grandes atletas, grandes talentos, como ela.

Eu digo em Salvador, digo em Salvador, exatamente, é um retrato geral, geral! Aí passa uma garota ali, ó, com uma chuteirinha na mão... chuteirinha mão, que é um tênis todo rasgado, porque não tem quem dê pra elas.

Morrendo de fome, saí meio dia de casa, bota a sacolinha nas (nas costas), passa a mão no cabelo e se bota um boné é por causa do sol, mas alguém lá vai dizer que é parecida com um homem, mas não sabe que aquele boné é porque é pra proteger do sol!

Então é uma série de fatores que me comovem muito e eu fico triste, eu to falando pra você com tristeza dessa situação. Porque eu saí daqui, pô, eu queria que todas elas tivessem o mesmo caminho que eu tenho, porque hoje é diferente: hoje elas vão poder ajudar a mãe delas! Eu ajudei a minha! Tudo o que eu ganhei, tudo, tudo que eu ganhei eu investi na minha casa e na

³⁵¹ Idem.

³⁵² Idem.

minha família. Tudo. Hoje se você me perguntar: Solange tem quanto? Eu não tenho nada. Tudo, tudo. Que era a minha prioridade, eu não falei pra você? Minha prioridade sempre foi isso. Hoje eu tenho que trabalhar pra ter, porque se eu não trabalhar, eu não tenho.³⁵³

Nesse momento, essa depoente faz uma pausa, visivelmente emocionada. Solange vê, em sua trajetória, nela mesma um espelho para as meninas que ela gostaria de ver tendo as oportunidades que ela teve, embora vencendo tantas barreiras e dificuldades, e podendo, a partir disso, ajudar seus familiares.

Seu depoimento foi bastante contundente e repleto de informações que sintetizam e fazem um retrato do que foi o futebol feminino, entre as décadas de 80 e 90. Foram momentos cheios de informações, mas também repletos de muita emoção durante todo o tempo pelo qual passamos, realizando a entrevista. Foram quase 100 páginas transcritas, nas quais essa depoente procurou expor, detalhadamente, suas memórias, talvez por não ter outro espaço para falar tanto sobre o assunto.

Em alguns momentos, Solange falava como se ainda fosse uma atleta em início de carreira, pela contundência que usava para fazer as críticas que fez, procurando, através de suas palavras, minimizar, ou transformar a dura realidade das “bravas guerreiras” do futebol. Por isso, finalizo essa etapa do trabalho com suas palavras, que não precisam de qualquer outro acréscimo para exprimir essa realidade: “Eu comecei com 13 anos e parei com 37, 38 e puta meu, ninguém me abraçou ainda, meu Deus do céu! E por isso que eu falo sim, de uma garota que você não sabe se comeu, porque eu passei por tudo isso e a gente até se emociona por isso, entendeu?”³⁵⁴. Nesse ponto, Solange muda de assunto, como que para não se emocionar!

³⁵³ Idem.

³⁵⁴ Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 15 – Semi-final Brasil x EUA da Copa do Mundo 1999³⁵⁵

³⁵⁵ Jornal A Tarde, caderno de esportes 4 de setembro de 1999.

Nesse início de século, a inserção da mulher no mundo dos esportes. Faz-se de maneira tão abrangente que até parece que sempre foi dessa maneira. Nada de mais falso, uma vez que, até os anos 70 do século passado, o preconceito e a estigmatização das mulheres que praticavam alguma modalidade vigente eram dominantes³⁵⁶.

Na atualidade são comuns as transmissões de jogos de futebol feminino televisionados, assistidos por milhares de pessoas e hoje Marta Vieira, a brasileira considerada a maior jogadora de futebol de todos os tempos pela imprensa internacional é um astro do esporte, inclusive no Brasil. Mas essa história que deixa impressões de valorização do esporte feminino, ou das atletas, nem sempre foi bem assim no “país do futebol” já que há bem pouco tempo atrás, sendo mais específica, até os anos 90 do século passado, nada disso era tão comum.

A história da mulher no esporte brasileiro, a partir do final do século passado veio adquirindo novos contornos e esse fato se deu, possivelmente e em parte, pela determinação de muitas mulheres, em assumir postos no espaço esportivo, desempenhando funções como: atletas, técnicas e assistentes técnicas, árbitras, jornalistas e repórteres esportivas, comentaristas, professoras de educação física, dirigentes de clubes esportivos, etc.

Assumir paulatinamente postos tanto no espaço social como no âmbito esportivo, esse processo foi decorrente da tensão entre homens e mulheres, já que os esportes eram, até pouco tempo, compreendidos e aceitos como uma área de reserva exclusiva masculina. Nesse sentido, ousadia é um dos termos que podem ser utilizados para caracterizar a determinação feminina na luta para se manter nos gramados, como em outros esportes.

Essa ousadia foi mudando paulatinamente a aparência dos Estádios, locais nos quais às brasileiras era reservada a permanência apenas nas arquibancadas. Saindo da posição de espectadoras, passaram a ocupar os centros das câmeras e lentes que, anteriormente apenas focalizavam corpos masculinos e que hoje transmitem as partidas de futebol das meninas/mulheres que exibem lá no meio do campo e exteriormente a ele, bastante competência.

A partir das leituras desenvolvidas nesse trabalho, passo a acreditar que a atenção que a própria academia tem dado a essas “profissionais” do/no mundo esportivo é reflexo e consequência do fato das mulheres terem tomado para si esse espaço, constituindo-o como um

³⁵⁶ ALONSO, Luiza Klein. A mulher, corpo e mitos no esporte. In: SIMÕES, Antônio Carlos (org.). Mulher e esporte: mitos e verdades. Bueri, SP: Manole, 2003.

lugar de pertencimento seu no meio social. No entanto, essa ocupação não vem se constituindo pacificamente. Ao contrário, é preciso notar que as disparidades entre os privilégios fornecidos aos distintos gêneros no esporte nacional é uma construção histórica, mas que vem se alterando significativamente, em muito, decorrente do esforço das mulheres, geradores de tensões.

No entanto, mesmo percebendo que essa alteração vem se desenhando positivamente, há lacunas no que diz respeito a estudos no sentido de buscar compreender de que forma e como essas alterações vêm acontecendo. Tomando o futebol que foi o centro das discussões nesse estudo, ainda são esparsas as informações sobre a inserção feminina e as tensões decorrentes dessa inserção em distintos períodos históricos no Brasil: a visibilidade da participação da mulher nesse esporte começa a ser identificada a partir de estudos desenvolvidos, principalmente, nesse século, configurando-se como um ambiente ainda novo de investigação.

Assim, trajetórias de mulheres futebolistas no Brasil são retratos de histórias que refletem desigualdades, somente possíveis de compreensão a partir do suporte fornecido pela História Social, associadas às atuais e importantes discussões na Área de Gênero. Ou seja, é unindo esses elementos que se podem observar os gramados, comumente concebidos como um espaço de completa identificação da cultura nacional, também como um âmbito gerador de permanentes conflitos entre homens e mulheres.

Ao longo do presente trabalho, tratei da investigação de histórias de mulheres futebolistas do estado baiano, mais especificamente das cidades de Jequié e Feira de Santana, compreendendo o período entre 1970 a 1997. Registrei histórias constituídas a partir do cotidiano de mulheres simples, residentes nas periferias dessas cidades, que através de suas lembranças possibilitaram a compreensão de como se desenvolveu o futebol feminino no período citado, desde a implantação dos times femininos, até o encerramento das carreiras esportivas das depoentes.

Assim, a partir da pesquisa desenvolvida, foi importante perceber que no interior baiano, na cidade de Jequié nos anos 70 o futebol existiu e fez parte do convívio entre famílias, pais e mães de jovens adolescentes que permitiram que suas filhas ousassem brincar de futebol. Identificadas como macho-feme as garotas dos babas pelas ruas decidiram jogar um pouco mais sério em campeonatos arranjados, nos quais o amadorismo foi um aspecto constante para identificar tal atividade. Pejorativamente o preconceito sempre se apresentou como um dos elementos que buscavam denegrir/diminuir aquele comportamento de meninas machas jogadoras nos babas em campinhos improvisados. Mas serem xingadas por termos

como esse não foi o suficiente para parar e desarticular os momentos de encontros prazerosos ocorridos no, e através do futebol, nas tardes de domingo.

Para concretizar seu intento, as adolescentes jequeieenses contaram com o apoio de vários amigos, ex-companheiros dos incipientes babas que as ajudavam estruturar o futebol, até aquele momento, tratado como um espaço de sociabilidades. No entanto, com o passar do tempo e com outras gerações de garotas invadindo os gramados, essa história mudou de sentido. Ao invés de ser considerada uma grande brincadeira, o futebol passou a ser inviabilizado, de diversas formas, para a participação feminina.

Exemplos dessa mudança de percepção no trato desse esporte puderam ser observados através das histórias de mulheres do futebol também em Feira de Santana, já durante a década de 80 e 90. As ex-atletas que partiram dos incipientes babas quando crianças e adolescentes e ousaram sonhos mais altos no esporte nas décadas em questão, tiveram suas carreiras encerradas precocemente, fator propiciado pela ausência de profissionalismo que nunca chegou ao futebol das mulheres, principalmente em decorrência da falta de estrutura e credibilidade que freqüentemente lhes são associadas.

De acordo com os depoimentos aqui observados, o futebol feminino seguiu seu curso na história, poucas vezes apresentando avanços, mas principalmente apontando sua estagnação. Fato esse refletido pelo aspecto da incerteza e precariedade, como pela falta de perspectiva, que até hoje, o tornam um espaço de amadorismos. Na contramão da profissionalização, principalmente no período analisado, o futebol das garotas, desde sua mais incipiente organização, até o mais alto nível, como na Seleção Brasileira Feminina de Futebol, ou em times de expressão nacional como o Santos Futebol Clube, não se concretizou como um espaço que oferecesse estabilidade e segurança as atletas.

De fato, fortemente considerado como uma reserva masculina, as atletas que ousaram se inserir nesse espaço restou sonhar em construir carreiras profissionais, fato que concretamente nunca aconteceu. Mesmo na década de 90 quando surge a primeira Seleção Feminina de Futebol do país, pouca divulgação e quase nenhum tipo de reconhecimento lhe foi fornecido, o que corroboraram com a invisibilidade na qual permanece o esporte, como também outra tantas histórias de mulheres futebolistas que existiram e procuraram sobreviver nesse meio.

Embora o descaso tenha sido uma realidade que acompanhou a história dessas mulheres, também foi possível identificar que o futebol apresentou, mesmo que de modo muito precário, certos avanços, no mesmo período dos anos 80, em termos organizacionais na Bahia. É notório também a forte e constante presença de homens nesse meio, fornecendo a

infra-estrutura necessária para que o futebol das mulheres ocorresse. Embora formas de preconceito sempre estivessem presentes na relação entre o esporte e as jogadoras, o que pude observar é que, apesar de todas as dificuldades, os babas, que deram lugar ao futebol das garotas, sempre existiu, seja em espaços formais, como na escola, ou nas ruas, até se tornaram torneios estaduais e nacionais.

Se assim ocorreu, inicialmente sugerindo certa democracia, apresento algumas considerações:

O futebol, culturalmente no Brasil, é considerado um espaço masculino, cuja a participação feminina dependeu de autorização dos homens para sua inserção e permanência nos gramados. Mesmo como uma brincadeira, aos jogos melhor estruturados, como nos campeonatos, homens tradicionalmente ocuparam os cargos diretivos para a realização desses eventos esportivos.

Especificamente no estado baiano a vida das entrevistadas, desde a infância à idade adulta foi acompanhada por diversas formas de preconceito, que inicialmente se apresentava no espaço doméstico ou mesmo fora deste. O termo **macho-feme** esteve fortemente presente nas lembranças das depoentes e servia para identificá-las.

O preconceito não se restringiu a orientação sexual das atletas, que sempre eram destratadas publicamente, mas também advinha em consequência da classe social que pertenciam, o que era acrescido pela etnia da maioria das jogadoras: negras, pobres, residentes em bairros periféricos das cidades.

A falta de patrocínio e de estrutura para subsidiarem o esporte, a ausência de remuneração e o encerramento dos times, reflete a falta de compromisso e de seriedade no trato com o futebol das garotas.

Sem remuneração, ocorreram finalizações de modo muito precoce de inúmeras carreiras de atletas, grandes talentos, que precisavam de recursos para sobreviver e ajudar as famílias, na maioria pobre, do interior nordestino.

O descaso da imprensa também é visível na trajetória do esporte e na história de tantas mulheres do futebol, por exemplo, como no caso da ex-atleta Solange S. Bastos, que acredito ser emblemático sobre o esse fato, comprovando a invisibilidade que durante anos foi marcante nesse esporte feminino no país. A visibilidade “dada” muitas vezes escondeu a cara das atletas, onde charges de mulheres “exuberantes” substituíram a verdadeira imagem da atleta, pobre e negra, nas páginas dos jornais que “divulgavam” o futebol feminino, quando isso acontecia.

Com base nesses elementos considero que a história do futebol das mulheres, como tantas outras histórias de mulheres, foi marcada por formas sequenciais de violências. Dentre essas formas destaco a violência simbólica implementada e caracterizada pelo silenciamento e pelo esquecimento destinado ao futebol feminino baiano e brasileiro.

Outra forma de violência se apresenta através do aspecto da precariedade fornecida ao esporte historicamente no Brasil, o que provocou a desistência da inserção das mulheres nesse espaço, já que considerado como de domínio masculino.

Se, por um lado, não havia investimento desde sua base para que novos talentos fossem descobertos e pudessem construir de forma mais sólida uma carreira nesse, por outro, ao se tornarem atletas consideradas de ponta, como é o caso das que atuaram frente à Seleção Feminina de Futebol, essas mulheres foram violentamente cobradas por resultados praticamente impossíveis de serem conseguidos. Por outro lado, também não se constituiu ainda no Brasil, um espaço para que essas mulheres, após uma carreira dedicada ao esporte, pudessem atuar como técnicas, ou auxiliares técnicas, preparadoras físicas, etc.

Tais elementos refletem estratégias que foram se formando, de modo a restringirem, cada vez mais a ocupação desse espaço pelas mulheres, tendo essas permanecido bravamente, embora, repito: a precariedade e o sucateamento dessa atividade foram suas marcas permanentes.

É preciso deixar claro que profissionalizar o futebol feminino significou e significa ter também que dividir a fatia dos patrocínios com os homens, o que certamente não é motivo de interesse para muita gente do meio, como jogadores e dirigentes. Além disso, soma-se a esse aspecto o fato do futebol ainda ser considerado como uma reserva dos homens, e esses ainda impregnados de valores e convenções que celebram e compreende o espaço doméstico como mais adequado a mulher.

O que fica claro é que a conquista do futebol é mais uma luta das mulheres que inicialmente tinha como elemento político para expressá-la seu talento com a bola nos pés. Atualmente essa luta parece se expandir e sair dos gramados para ser implementadas nos bancos das equipes técnicas, nas cadeiras das mesas diretoras, na composição de planilhas de treinamento técnico-tático das/os atletas, como na elaboração de projetos para o futebol. Ou seja, sugere-se que com o passar do tempo uma série de atitudes passou a se configurar no sentido de democratizar, de fato esse esporte.

As meninas do passado, através de suas histórias, buscaram com sua luta mudar as coisas representadas por uma realidade marcadamente excludente no futebol feminino brasileiro. É uma luta, uma bandeira que algumas jogadoras dos anos anteriores ainda

carregam. A invisibilidade que permeou e se impôs a história da mulher no futebol, considero que pode ter sido um dos fatores que possibilitou, apenas atualmente, o surgimento de tantos estudos que somente agora começam se proliferar no Brasil.

Nesse sentido, apontar uma teoria como base para sua discussão, creio que seja perigoso, pois representaria a possibilidade de excluir outras e novas interpretações para esse campo investigativo. No entanto, as constatações que se baseiam nas discussões sobre gênero, sobre a história, a história dos esportes e a história da mulher são fundantes para qualquer elaboração no que diz respeito à prática do futebol feminino brasileiro, pois é uma prática permeada por subjetividades e por uma pluralidade de elementos constitutivos.

Concluo temporariamente o trabalho, consciente que muitos outros aprofundamentos precisam ser gerados. Mesmo focalizando o futebol feminino, sem abrir lacunas para um comparativo histórico com o masculino, talvez sugira certa distração em relação à importância que os homens construíram nesse esporte. Entretanto priorizar a mulher nesse esporte foi à forma política de ir contra a invisibilidade e o silêncio que marcaram sua história nesse espaço. Para o futebol feminino, quando a brincadeira que distraia as torcidas começou a ficar séria, várias estratégias foram se estruturando para reduzir ao máximo possível esse ambiente, especialmente auxiliando na finalização precoce das carreiras das futebolistas.

Mas essa é uma história que está muito longe de terminar, pois seus contornos, que somente agora, passamos a olhar com mais cuidado e respeito, ainda sugerem que pouco se compreende como de fato se constituíram no Brasil.

REFERÊNCIAS

1. FONTES PRIMARIAS

JORNAL BOLA PESADA. Período Consultado: 1990 a 1991

JORNAL DOS ESPORTES. São Paulo, Período Consultado: 1990

JORNAL FEIRA HOJE. Período Consultado: 1986 a 1999

JORNAL FOLHA DE LONDRINA. Período Consultado: março-maio 1991

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Período Consultado: 1995-1999

JORNAL UBERLANDENSE. Período Consultado: 1994-1995

2. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução.** Vitória, UFES, 1997

BORDO, Susan R. **O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault.** In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan (Orgs.). São Paulo: Rosa dos Tempos, 1988.

BRUSCHINI, Cristina; PINTO, Celí R. (Org.). **Tempos e lugares de gênero.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, M. **Os arquivos das Olimpíadas.** São Paulo: Panda Boocks, 2000.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas, Papirus, 1988

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques. VIGARELLO. 2. ed. **História do corpo: as mutações no olhar, o século XX.** Vol. 3. Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **A produção teórica brasileira sobre Educação Física/Ginástica no século XIX: Autores, mercado e questões de gênero.** In: NETO, Amarílio Ferreira (Org.) Pesquisa Histórica na Educação Física. Aracruz: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998, v. 3.

DAOLIO, J. Ocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade.** Campinas: Autores Associados. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005, col. Educação física.

DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica.** Rio Claro: Motriz, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC,

_____. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

DEVIDE, Fabiano Pires. **Gênero e mulheres do esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Unijuí, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (Dir.). **História da vida privada**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. Desporte y ocio en el proceso de la civilizacion. Nueva York: Blackwell Publisher, 1992.

FENELON, Déa. **Cultura e história social: Historiografia e Pesquisa, em Projeto História**, vol. 10. São Paulo: EDUC, 1993.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA; Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água: 2004.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. **Mulheres praticantes de skate e de rugby no Brasil: histórias a serem narradas**. 2. ed. In: GOELLNER & JAEGER (Orgs.). Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Educação Física e esportes: do que falamos quando em gênero falamos?** In: VOTRE, S. Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer. Rio Janeiro: Gama Filho, 2003.

_____. **Mulheres, memória e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico**. 2. ed. In: GOELLNER & JAEGER (Orgs.). Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

_____. **Pode a mulher praticar o futebol?** In: Carrano, Paulo César (Org.). Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

_____. **Prefácio do livro: As mulheres e o esporte olímpico brasileiro** In: RUBIO, Katia (Org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

LOURO, Guarcira Lopes (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guarcira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino**. In. Servecenko, Nicolau (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, v. 3.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEZZADRI, Fernando Marinho. **As possíveis interferências do Estado na estrutura do futebol brasileiro**. In: RIBEIRO, Luiz (Org.) Futebol e globalização. Jundiaí: Fontoura, 2007.

MOURA, Eriberto Lessa. **O futebol como reserva masculina**. In. DAOLEIO, Jocimar . O futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005

MOURÃO, Ludmila; SOUZA, Gabriela C. (Orgs.). **Narrativas sobre o Sul-Americano de judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil**. In. Goellner & Jaeger (orgs.). Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

MOURÃO, Ludmila. **Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas**. In. SIMÕES, Antônio Carlos. Mulher e esporte: mitos e verdades. Bueri: Manole, 2003.

OLIVEIRA, Vitor Marino de. **Consenso e conflito da Educação Física Brasileira**. Campinas: Papirus, 1994.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PITANGUY, Jacqueline; ALVES, Branca Moreira. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 – 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBAS, Lycio Velozo. **O mundo das copas: as curiosidades, os momentos históricos e os principais lances do maior espetáculo do esporte mundial**. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

ROMERO, Elaine. **Corpo, mulher e sociedade**. São Paulo: Papirus, 1995.

RUBIO, Katia (Org.) **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

SCHPUN, Mônica Raissa. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Biotempo - Senac, 1999.

SILVA, Silvio Ricardo. **A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama**. In. DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). 7. ed. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SIMÕES, Antônio Carlos (Org.). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. Barueri: Manole 2003.

SIMÕES, Antônio Carlos. **A mulher em busca de seus limites no esporte moderno**. In. SIMÕES, Antônio Carlos (Org.). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. Barueri: Manole, 2003.

SOARES, Carmem. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. **Imagem da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOIHET, Rachel. **Corpo feminino e formas de violência: discursos e práticas**. In: SWAIN, Tânia N; MUNIZ, Diva do Couto Gontijo (Orgs.). **Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas**. Belo Horizonte: Editora Mulheres - PUCMINAS, 2005.

SOTER, Ivan. **Quando a bola era redonda**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira, et.all. **A bola rola mais que as mulheres: a difícil busca de identidade no país do futebol (masculino)**. São Paulo: UFSCAR, s/d.

SWAIN, Tânia Navarro. **O que é lesbianismo?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

VIGGIANI, Ed. **Brasil Bom de Bola**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 1998.

WIDHOLZER, Nara; FUNCK, Suzana Bornéo (Orgs.). **Gênero em discursos na mídia**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

3. PERIÓDICOS IMPRESSOS E ELETRÔNICOS

ADELMAN, Mirian. A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. **III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades – Fórum Internacional**, setembro de 2004.

ALONSO, Luiza Klein. Esporte, imagem corporal e exploração da mídia. **III Fórum de Debates sobre Mulher & Esporte – Mitos e Verdades – Fórum Internacional**, setembro de 2004.

BONADIO, Maria Cláudia. Histórias debaixo dos panos: a linguagem da moda – estudo sobre as mulheres das elites e classes médias paulistanas (1913 – 1929). **Projeto História**, São Paulo, n.º 24, junho 2002.

BOSCHILIA, Roseli. Trabalho, memória e representação. Recife, **História Oral UFPE**, 2001

BUTLER, Judith, Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, vol. 11, 1998. pp. 11 – 42.

COSTA, Leda Maria da. Traduzindo o universo do futebol feminino. Memória guia de futebol para mulheres: a linha da bola. VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, **Cadernos do CNLF**, Série VIII, n. 6.

CRUZ, Heloísa de Faria. A cidade do reclame: propaganda e periodismo em São Paulo – 1890 – 1915. **Projeto História**, São Paulo, 1981.

DAMO, Arlei Sander. Produção e consumo de megaeventos esportivos: apontamentos em perspectiva antropológica. **Comunicação e Esporte**. São Paulo: ESPM, Ano 1, vol. 1, 2011.

DANTAS, Sylvia Duarte. Mulheres entre culturas e seu modo emocional: a possibilidade de ouvir a própria voz ou silenciar do eu. **Oralidades**, São Paulo: Ano 3, n.º 6, Jul – dez, 2009, pp. 105 – 122.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. **Projeto História**, São Paulo, vol. 10, dezembro de 1993.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, maternal e feminina imagens da mulher. **Revista Ed. Physica**, 2003.

_____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Revista Movimento**, UFRGS: v. 13, n. 2, 2007.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física**, 2005 - revistasusp.sibi.usp.br, 2005.

GUARIZA, Nadia Maria. Da aceitação da norma à criação nas margens: a subjetividade feminina nas associações católicas. **Oralidade**, São Paulo: Ano 1, nº 1, jan/jun 2007, pp. 122-138.

GUERRA, Márcio de Oliveira. O que está em jogo? Reflexões sobre a transformação do futebol em um grande negócio. **Comunicação e Esporte**. São Paulo: ESPM, Ano 1, v. 1, 2001.

GUIMARÃES, Iracema Brandão. Gênero nas perspectivas interdisciplinares. Salvador: **Metamorfoses**, v. 3, ano 1998.

LAURETIS, Teresa. La tecnología del género. Tomado de Technologies of Gender. Essays on Theory, Film and Fiction. London: Macmillan Press, 1989, pp. 1-30.

MORAES, Enny Vieira. Uma história parcial do futebol; ou: não existe futebol feminino no Brasil? **RECORDE: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, junho de 2009. Disponível em: www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde

MOURÃO, Ludimila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Revista Movimento**, Ano VII, nº 13, 2000/2.

_____. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira Ciência Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005

NETO, Amarílio (Org.) Pesquisa Histórica na Educação Física. O caso do jogador Richarlyson <http://ultimainstancia.uol.com.br/noticia/40760.shtml> .

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. O futebol nas aulas de Educação Física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. **Motriz**, Rio Claro, v.12 n.3 p.301-306, set./dez. 2006

PACHECO, Ana Júlia Pinto. Educação Física Feminina: uma abordagem de gêneros sobre as décadas de 1930 e 1940. **Revista da Educação Física/UEM**, nº. 9, 1998, p 45 - 52.

PAIM, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. Percepção do corpo da mulher que joga futebol. [Efdeports.com: www.efdeports.com](http://www.efdeports.com), Revista Digital, Buenos Aires, Ano 10, nº 85, junho de 2005.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Projeto História**, vol. 24, nº 1, França 2005.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. Conferência no XXV Simpósio nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.

Projeto História. n. 25, Corpo e Cultura, São Paulo: EDUC, dez/2002.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**, 1995.

REIS, Marcos Aarão. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008. **Revista Época**, 21 e novembro de 2005, nº 2.

RIBO, Carlos Luis; GUIDOTTI, Flávia Garcia; THEIL, Larissa Zanetti; AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de educação Física e Esporte**, Campinas, v. 29, n. 03, p. 173 – 188, 2008.

RIVELLO, Stella, GUERINI, Andréia. O olhar feminino italiano de cinco gerações: da unificação da Itália à queda do Muro de Berlim. **Revista Estudos Femininos**. vol.19 n°.2, Florianópolis May/Aug. 2011

ROMERO, Elaine. A Hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. **III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades – Fórum Internacional**, setembro de 2004.

RUBIO, Kátia; SIMÕES, Antônio C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Revista Movimento**, Ano V, n.º1, 1999/2.

SALDANHA, Renato Machado; Goellner, Silvana V. Futebol no Brasil: veneno e remédio. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 31, n. 1, 2009.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. O corpo entre antigas referências e novos desafios. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: 5 (2), Dez/97, pp. 275-284.

_____. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, 2000, pp. 235-249

SARLO, Beatriz. A história contra o esquecimento. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo, EDUSP, 1997.

SOHIET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. **Estudos feministas**, 2010.

_____. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. Rio de Janeiro, 1997, midiaindependente.org.

SILVA, Paulo Roberto S. Características fisiológicas, músculo-esqueléticas, antropométricas e oftalmológicas em jogadoras de futebol feminino, consideradas de elite. **Revista Brasileira de Medicina Esportiva**, 5 (1); 1 – 8, jan/fev. 1999.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios? **Labrys**, Estudos Feministas, nº. 1-2 julho/dezembro 2002.

VIANA, Aline Edwiges dos S. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. Conexões: **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 6, ed. especial, jul/2008, pp. 640-648.

VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história: imagens de um arquivo vivo. São Paulo, **Projeto História**, 21, Nov. 2000.

4. TESES

DEVIDE, Fabiano Pires. **História das mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às representações sociais**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2003 Tese de Doutorado.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e Masculinos no Futebol Brasileiro**. São Paulo, 2006, Tese Doutorado, IPUSP.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. **Reapropriação do corpo feminino: da recusa ao confinamento doméstico a invenção de novos espaços de cidadania**. Tese de Doutorado FFLCH.

5. SITES CONSULTADOS

[http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2000\(14\)/SantAnna.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2000(14)/SantAnna.pdf), acessado em novembro de 2011.

http://disidenciasexual.cl/wp-content/uploads/2009/03/Tecnologias_del_Genero.pdf, retirado em 07/11/2011, às 22:11h

<http://www.guaranifutebolfeminino.hpg.ig.com.br/curiosidades.html>. Acesso em: 6/08/2009, às 10:00 h.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_de_Futebol_Feminino_de_1991. Mundial de Futebol Feminino de 1991, Acesso: 20 de outubro de 2011.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_de_Futebol_Feminino_de_1995. Mundial de Futebol Feminino de 1991, Acesso: 20 de outubro de 2011

<http://video.globo.com/videos/busca/07959=futebolfeminino>, As pioneiras do futebol feminino no Brasil. A matéria, exibida em janeiro de 2009, Acesso: em 19 de março de 2009, às 14:30 h.

<http://www.santosfc.com.br/multimedia/videos/default.asp?id=72025&c=Futebol%20Feminino> o Santos Futebol Clube, Acesso: 02 de março de 2012.

<http://www6.senado.gov.br/legilação/ListaPublicacoes.action?id=152593>. Lei 3.199/41, Acessado em outubro de 2009.

<http://portalsociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/Edicoes/33/artigo208724-1.asp>. RODRIGUES, Maysa. O sexo inventado. Acessado em outubro de 2009.

<http://www.globoesporte.com>, Rio de Janeiro, dezembro de 2007, atualizado em 05/12/2007

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1358199>

<http://romildocosta.blogspot.com.br/2011/08/jequie-antiga-fotos-que-registram-um.html>

<http://www.google.com.br/search?q=fotos+antigas+de+feira+de+santana+ba&hl=pt->

ANEXOS



Figura 1 – Santos de Caculé / Década de 80



Figura 2 – Flamengo de Feira de Santana / Década de 80



Figura 3 – Time da cidade de Feira de Santana / Decada de 80



Figura 4 – Time do Flamengo de Feira de Santana



Figura 5 – Time do Bordon/SP



Figura 6 – Neuma e Birrita

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE
FUTEBOL DE SALÃO

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO
CBFS

IDENTIFICAÇÃO

Ano: 1992

Nome: Nemaçil Ferreira Gonçalves

Evento: I Taça Brasil de Clubes

Assinatura: *Nemaçil Ferreira Gonçalves*



Figura 7 – Carteirinha CBFS / Atleta Neuma



Figura 8 – Time do Bordon Campeão Paulista / Década de 90



Figura 9 – Time do Bordon

QUEM DISSE QUE FUTEBOL É COISA DE HOMEM?
WHO SAID SOCCER IS A MEN'S GAME?



1º QUADRANGULAR DE FUTEBOL DE SALÃO FEMININO.

AUSTRÁLIA - BRASIL

1º WOMEN'S INDOOR SOCCER TOURNAMENT - AUSTRALIA - BRAZIL

9, 11 E 12 DE DEZEMBRO NO CAMPOMAR
 DECEMBER - 9th, 11th AND 12th, AT CAMPOMAR CLUB

1º QUADRANGULAR DE FUTEBOL DE SALÃO FEMININO.

AUSTRÁLIA - BRASIL

1º WOMEN'S INDOOR SOCCER TOURNAMENT - AUSTRALIA / BRAZIL

9, 11 E 12 DE DEZEMBRO NO CAMPOMAR
 DECEMBER - 9th, 11th AND 12th, AT CAMPOMAR CLUB

21-45 - 2º Jogo:
 Seleção da Austrália x Esporte Clube Bahia

22-30 - Encerramento das atividades do Dia - Sr. Alfredo Rodrigues Vasconcelos Filho.

DIA 11/12/93 - Sábado

16:00 - Preliminar:
 Equipe Juvenil Australiana x Equipe Juvenil Euroexport Campomar

16:45 - 1º Jogo:
 Seleção da Austrália X Seleção de Jacobina

17:30 - 2º Jogo:
 Euroexport - Campomar X Esporte Clube Bahia

18:30 - Apresentação Artística: Show de Lambada - Lambasala

DIA 12/12/93 - Domingo

11:00 - Destila

11:30 - Preliminar: Equipe Juvenil Australiana X Equipe Juvenil Euroexport - Campomar

12:15 - Apresentação Artística: Pagode das Baias

12:45 - 1º Jogo:
 Esporte Clube Bahia X Seleção Jacobina

13:30 - 2º Jogo:
 Euroexport - Campomar X Seleção Austrália

14:15 - Entrega dos prêmios

14:30 - Encerramento: Pronunciamento do Sr. Antônio Carlos Tavares Guimarães, Presidente da FBFS

Vice-President - CBFS

8:05 pm - Atleta's Oath: Diana M. Mendes

8:10 pm - Delegation's Leave

8:20 pm - Show - Aê!Music - Bêndê Um

TOURNAMENTS:

8:00 pm - 1ª Game:
 Euroexport vs Jacobina

9:45 pm - 2ª Game:
 Austrália vs Esporte Clube Bahia

10:30 pm - Closing Ceremonies
 Mr. Alfredo Rodrigues Vasconcelos Filho

Saturday - December 11th, 1993

4:00 pm - Preliminary Games: Australian Juniors vs Euroexport - Campomar Juniors

4:45 pm - 1ª Game: Austrália vs Jacobina

5:00 pm - 2ª Game: Euroexport Campomar vs Jacobina

6:30 pm - Show - Lambada - Lambasala

Sunday - December 12th, 1993

11:00 am - Parade

11:30 am - Preliminary Games: Australian Juniors vs Euroexport - Campomar Juniors

12:15 pm - Show: Pagode das Baias

12:45 pm - 1ª Game:
 Esporte Clube Bahia vs Jacobina

1:30 pm - 2ª Game:
 Euroexport Campomar vs Austrália

2:15 pm - Awards Ceremony

2:30 pm - Closing Ceremony: Mr. Antônio Carlos Tavares Guimarães - President - FBFS

Figura 10 – Divulgação Futsal Feminino Brasil x Austrália

1º CAMPEONATO SUL-AMERICANO FEMININO DE FUTEBOL
 MARINGÁ - PARANÁ - DE 28 A 05/05/91

Brasil

01 - Margareth Pioressan (MEG) Goleira
 02 - Marisa Pires Nogueira (MARISA) Zagueira
 03 - Elane dos Santos Rego (ALANE) Meio Campo
 04 - Suzy Bittencourt Oliveira (SUZY) Lateral
 05 - Márcia Tafarelli (TAFAREL) Zagueira
 06 - Rosilane Camargo da Silva (FANTA) Lateral
 07 - Marilza Martins da Silva (PELE) Meio Campo
 08 - Márcia Honório da Silva (MARCINHA) Atacante
 09 - Adriana Alvim Viola (ADRI) Atacante
 10 - Maria Lúcia da Silva Lima (FIA) Meio Campo
 11 - Roseli de Belo (ROSELI) Atacante
 12 - Simone Sueli Carneiro (SIMONE) Goleira
 13 - Iralides Fernandes de Souza (IRÁ) Zagueira
 14 - Rosângela dos Santos Rocha (DANDA) Meio Campo
 15 - Lunálva Torres de Almeida (NALVINHA) Atacante
 16 - Márcia Matos Calaça (RUSSA) Atacante
 17 - Solange Santos Bastos (SOLANGE) Zagueira
 18 - Doralhe Borges dos Santos (DAD) Zagueira
 19 - Dorivane Gomes da Silva (DORI) Meio Campo
 22 - Miriam Soare: (MIRIAM) Goleira

TÉCNICO: Edson Lima

Chile

01 - Paola Soledad Valdivia Cruz
 02 - Paulina Del Tránsito Leiva Canales
 03 - Sônia Bella Lemus Ojazo
 04 - Georgina de Las Merredes Espinoza Penalzoa
 05 - Sandra Verônica Ampuero Fuentes
 06 - Adriana Ximina Alburquerque Trujillo
 07 - Maria Inês Henriquez Chavez
 08 - Maria Soledad Jara Estay
 09 - Ada Del Carmen Cruz Chavarria
 10 - Isabel de Las Mercedes Berrios Alvarez
 11 - Patricia Gabriela Hermida Mendez
 12 - Gladys Barbara Navarrete Arias
 13 - Patricia Luz Jaramillo Badilla
 14 - Alicia Isabel Baeta Basconi
 15 - Vilma Elizabeth Abarca Candia
 16 - Fabiola Eunice Ramirez Jimenez
 17 - Viviana de La Purissima Inostroza Peralta
 18 - Claudia Soledad Cabello Covarrubias

TÉCNICO: Bernardo Bello Gutierrez

Venezuela

01 - Carmem Contrera
 03 - Sara Peñafoza
 06 - Maria Caie
 05 - Teresa Celizna
 04 - Odalis Castellano
 07 - Francisca Garcia
 13 - Carmem Romero
 11 - Kenia Alvarez
 12 - Carmen Seja
 10 - Josefina Rodriguez
 14 - Angela Rodriguez
 02 - Maria Bruno
 09 - Nayla Mendoza
 15 - Milagros Infantes
 16 - Greta Fernandez
 18 - Aracelis Pineda
 17 - Tairis Chire
 08 - Margelis Loreto

TÉCNICO: Cristobal Hibirm

Figura 11 – Lista de Atletas do 1º Sul-Americano

Pretinha: artilheira da Seleção

Uberlândia

Na vitória sobre o Equador na abertura do Campeonato Sul-Americano de futebol feminino, a torcida não viu somente belos gols. Mas, com certeza, deve ter sentido saudades de alguns grandes craques do passado e ficou imaginando como seria hoje o seu time de futebol preferido, com a rapidez, habilidade, atrevimento e precisão de Delma Gonçalves, 19 anos, atacante do Vasco da Gama e da Seleção Brasileira. Pretinha, como é chamada, infernizou a vida das equatorianas marcando quatro gols na goleada de 13 a 0. Ela ainda se deu ao luxo de perder um pênalti.

Para a atacante, alguns pontos dos treinamentos que foram realizados em Uberlândia contribuíram para a vitória. "O jogo foi bom e o gramado é excelente. Não tivemos muitas dificuldades por que treinamos muito no estádio e um fator importantíssimo é a união entre as jogadoras. Somos uma família", disse. Outro detalhe que Pretinha destacou como sendo um fator positivo foi o toque de bola do time. "Temos esse detalhe em nosso favor e também jogamos em velocidade, o que nos facilita".

Como a jogadora brasileira afirmou, o gramado ajudou - pois é fofo e pesado -, pois elas receberam uma orientação da comissão técnica para se pouparem mais; "Como o placar já estava totalmente a nosso favor, é natural que o time comesse a se poupar, mas elas sentiram muito o estado do gramado, pois é muito fofo. Nós nos adaptamos melhor porque treinamos muito", diz Pretinha.

A atacante, no segundo tempo, quando o placar era de 7 a 0 para o Brasil, desperdiçou uma cobrança de pênalti, chutando fraco no meio do gol, permitindo a recuperação da goleira Gloria Lopes, que saía para o canto esquerdo. "Sei lá o que houve quando perdi o pênalti. Bati mal e perdi", tentou se explicar. Para Pretinha, o gol mais bonito que ela fez no jogo contra o Equador foi o primeiro, quando recebeu a bola próxima da área, driblou quase toda a defesa e chutou firme, abrindo o



A atacante Pretinha marcou 4 gols e pode ser a artilheira do campeonato

tra o Chile, Pretinha acredita que o Brasil terá mais dificuldades do que o domingo: "Será sem dúvida uma partida mais complicada pra gente. Todas querem vencer e, quem for melhor, vencerá", finalizou.

Argentina joga contra o Equador

Uberlândia

A Seleção Argentina fará hoje sua primeira partida pelo campeonato Sul-Americano de futebol feminino, às 22 horas, no Sabiá, contra o Equador. As argentinas foram privilegiadas, pois na primeira rodada tiveram a oportunidade de observarem as quatro adversárias. Depois do Brasil e Chile, que ganharam de goleada, a Argentina, por tradição, no futebol

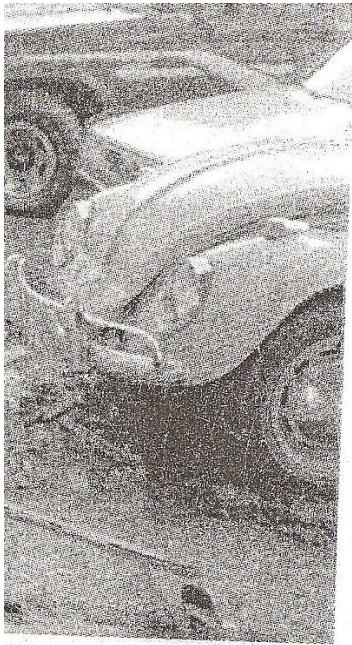
Ficha Técnica

Brasil: Meg; Marisa, Elaine, Solange e Panta; Leda Maria, Cenira e Sissi; Pretinha, Mari-élia e Roseli.

Técnico: Ademir Júnior

Chile: Lopez; Gonzalez, Dias, Érica Lopez e Perez; Aguadinos, Bravos e Estudilos; Azevedo, Ada Cruz e Veronica Ayala.

Figura 12 – Pretinha na Seleção Brasileira / Década de 90



l Deodoro



Lei impede que escolas exijam diversos itens

Uma lei proíbe as escolas, sejam públicas ou particulares, de impor aos pais de alunos a obrigação de comprar materiais como papel higiênico, creme dental, algodão e muitos outros, ou pagar taxas para aquisição destes itens. Em Salvador, o Ministério Público já foi acionado. Em Feira, poucos sabem da legislação. A diretora de uma escola admite que

Fluminense quer bater o recorde de público

O Fluminense quer quebrar o recorde de público do atual Campeonato Baiano, no jogo deste domingo frente ao Galícia. A diretoria do clube faz um apelo para que a torcida compa-

reça em massa ao Alberto Oliveira. A jogadora Solange, campeã sul-americana de futebol feminino, tem família morando em Feira. **Esporte, páginas 11 e 12**

DIVULGAÇÃO



A zagueira da Seleção Brasileira, Solange, passou vários dias em Feira

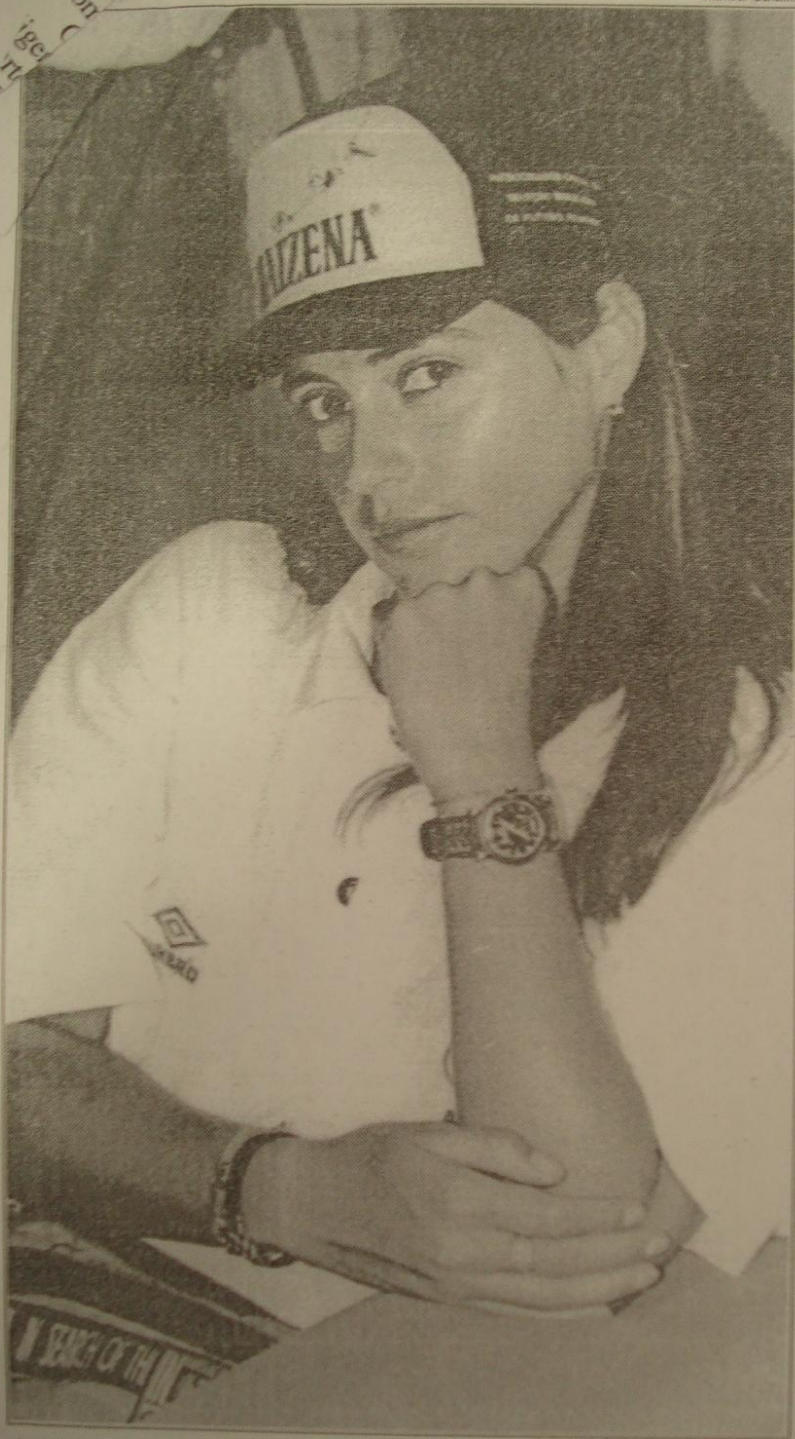
Imperatriz fica com bicampeonato

Fernando Henrique elogia mais novo

Figura 13 – Solange na Seleção Brasileira / Década de 90

quarta-feira
bonito
artes

Marivel Serafim



Seleção de mulheres vai à Prefeitura

Uberlândia

As jogadoras da Seleção Brasileira de futebol feminino quebraram ontem a rotina no gabinete do prefeito Paulo Ferolla. Elas presentearam o prefeito com uma bola de futebol e garantiram muita garra e disposição durante os jogos do campeonato Sul-Americano de futebol feminino, a partir do próximo domingo.

Página

Marcelo Alves, ex-UEC, poderá voltar ao País

Uberlândia

Depois de jogar por três anos em Portugal, o ex-zagueiro do Uberlândia, Marcelo Alves, que passa férias na cidade, revelou que poderá voltar ao futebol brasileiro. Marcelo, que tem convite para ir também para a Inglaterra, não revela, porém, o clube interessado em contratá-lo.

Página

GATA DE BOLAS - Atacante Bell no gabinete do prefeito: charme

Figura 14 – Bell na Seleção Brasileira / Década de 90



Sissi, no círculo, levou a seleção às semifinais, na China

Gol da baiana Sissi classifica o Brasil

Rio (Sport Press) — A Seleção Brasileira de Futebol Feminino, organizada pela CBF, derrotou ontem a Holanda, por 2x1, e classificou-se para as semifinais do Campeonato Internacional que se realiza na China, contra a Noruega, adversária que já havia derrotado na primeira fase, também por 2x1.

Os gols da vitória sobre a Holanda, uma das principais forças do ranking do futebol feminino eu-

ropeu, foram marcados por Cebolela, no primeiro tempo, e a baiana Sissi, na fase final.

O Brasil enfrentará a Noruega amanhã, ao mesmo tempo em que na outra semifinal a China, organizadora do torneio, terá a Suécia como adversária.

O título será decidido no domingo entre os dois vencedores, enquanto os perdedores disputarão o terceiro lugar.

Futebol Feminino

flamengo e Catuense na briga por uma das vagas

O Flamengo feminino desta cidade estará jogando uma cartada decisiva, as suas pretensões no Campeonato Estadual da categoria, neste domingo, em Salvador. Enfrentará a Catuense, em jogo válido pela etapa semifinal, quando será decidida uma das duas vagas para a grande finalíssima do certame. A partida fará parte de uma rodada dupla, que tem como atração, ainda, Ipiranga x Status, confronto do qual sairá mais um candidato à conquista do título do ano passado.

Os dois jogos serão disputados na Vila Canária, com transmissão da TV, para todo o Estado. O Flamengo, que realizou vários treinamentos durante a semana, fez o seu coletivo-apronto na quinta-feira, no campo da Vila Olímpica Edval Souza, quando o técnico Michelinho definiu as 11 garotas que começarão o jogo. Rosângela, Ivonete, Day, Solange e Newma; Tininha, Nalva e Adna; Biro-Biro, Miriam e Sissi.

Somente os vencedores desta rodada em Salvador prosseguem na briga do Campeonato. A fase final será disputada em dois jogos, no sistema ida e volta. O presidente Michelinho, do Flamengo, disse que se a sua equipe conseguir se classificar, o primeiro jogo poderá ser no Estádio Jôia da Princesa, na quarta-feira próxima, preliminar do grande jogo que o Fluminense está prometendo realizar aqui.

fevereiro
1990

Figura 16 – Recorte Jornal / Jogadoras baianas



Figura 17 – Atletas do Bordon/SP

Baianas confirmadas na seleção feminina

Das sete jogadoras baianas que foram convocadas para integrar a Seleção Brasileira de Futebol feminino que disputará um torneio mundial da categoria, na China, em junho, quatro foram confirmadas: Sisleide, Flor de Liz, Suzy, Nalvinha. Três delas foram dispensadas: Silvinha, Dalvinha e Arlinda. Inicialmente foram convocadas oito atletas baianas para uma triagem no Rio de Janeiro, mas Mariá Helena nem chegou a viajar. As dispensadas retornaram no último final de semana a Salvador.

O torneio mundial é promovido pela FIFA e terá a participação de representantes de todos os continentes. Da América do Sul, foi convidado o Brasil; da América do Norte, Canadá e Estados Unidos; da África, a Costa do Marfim; da Ásia, China; Japão e Tailândia; Oceania, a Austrália, e da Europa, Tchecoslováquia, Holanda, Noruega e Suécia.

TREINAMENTO

Das 24 integrantes da Seleção Brasileira, além das quatro da Bahia, seis são de São Paulo: Simone, Fia, Roseli, Didi, Marcinha e Suzana; uma de Brasília (Cebola); do Rio Grande do Sul, (Beth) e Lúcia, que joga no BKV Trani, campeão italiano, e que deverá chegar ao Brasil até o dia 15 próximo; uma de Goiás (Roseli). As demais atletas são do Rio de Janeiro.

Os treinos, comandados pelo técnico João Varela e o preparador físico, Luiz Carlos, são encarados com a maior seriedade. O trabalho é de tempo integral, das 8 às 11 e das 14 às 17 horas, na Casa do Marinheiro. Os coletivos são realizados contra equipes masculinas, quando as atletas estão demonstrando excelente nível físico-técnico, enfrentando os rapazes, de igual para igual. No final de semana passado elas enfrentaram o time juvenil masculino do Campo Grande, na das boas equipes do campeonato carioca da categoria, que teve e passar um grande aperto e se contentar com um empate de 0 x 0.

A comissão técnica pretende manter essa preparação até a data do embarque e em todos os fins de semana a seleção feminina enfrentará uma equipe masculina preferencialmente um clube participante do campeonato carioca.

CHANCES DO BRASIL

Considerando-se os resultados internacionais do Radar, do Rio, equipe



Sisleide, a Sissi, dará grande força ao Brasil na China

tomada como base para a Seleção Brasileira, as chances do Brasil são excepcionais, pois em 52 partidas no exterior, o Radar obteve 46 vitórias, três empates e amargou apenas três derrotas. Assim, o Brasil pode ser apontado como favorito. Mas não se deve alimentar o mesmo excesso de otimismo da seleção masculina.

A equipe brasileira terá apenas 30 dias de preparação e terá como fator negativo uma diferença de 12 horas de fuso horário em relação ao Brasil.

A data prevista para chegada à China é o dia 28 próximo, com apenas três dias para adaptação às diferenças, quando o ideal seria de um mínimo de 12 dias para melhor condicionamento.

Amanhã, dia 4, as garotas farão uma exibição para o público carioca, jogando no Maracanã, na preliminar de Flamengo x Nacional, pela Supercopa. Está previsto também um segundo jogo em São Paulo, ambos contra uma seleção paulista.

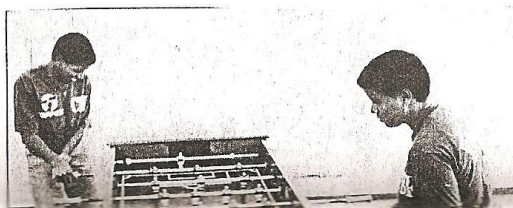


Figura 18 – Sissi 1ª Convocação Seleção Brasileira



Figura 19 – Seleção Brasileira 1995

HURRASCAR O GAÚCHA
O Melhor Rodado da Cidade
Av. João Neves de Ávila, 90
FONES: 236-0857 / 236-5847

ESPORTE / EXTERIOR

Sábado, 21 de janeiro de 1995 ★ Página 11

Editor: Gino M. Carneiro (51) 213-2727 R. 2

Meninas do Brasil entram em campo pelo bi

Na final de hoje é esperado um público em torno de 70 mil pessoas; a Argentina vai tentar surpreender o Brasil, favorito no jogo

Uberlândia

Depois de uma semana, Brasil e Argentina voltam a se encontrar no estádio do Parque do Sabiá. Sábado, as meninas do Brasil venciam, contra a Argentina, por 8 a 0. Todas sabem que hoje a história será outra, pois a Argentina está "medida" e o jogo vale o título Sul-Americano de Futebol feminino.

Ceneta, o técnico Ademair Jansen, comandou o último jogo para as jogadoras do Brasil, em um clima de muita desconfiança. Não pôde acreditar no jogo, mas pensa nas derrotas para a Argentina. "O nosso trabalho está muito crescente e não podemos deixar isso cair. Respeitamos a Argentina, mas vamos com a convicção de vencer", assegurou o técnico Ademair. A atacante Gisele, artilheira do Sul-Americano com 12 gols, também não ficou diferente do momento.

Ela destaca principalmente a atuação de suas jogadoras. "Isso para nós é muito importante. Sem isso não se vai a lugar nenhum. Nosso propósito é vencer logo para que possamos ser campeãs aqui em Uberlândia", disse. A capitã Ceneta não admite derrotas, afirma que o grupo mudou seu modo de pensar. "A humildade e união para nós são muito importantes. Não é porque a gente ganhou delas de 8 a 0 que o jogo de hoje já está ganho. Vamos ter muitas dificuldades", destacou.

Para Ceneta, o Brasil, se conquistou o título hoje, dará um grande passo para que o futebol feminino possa crescer ainda mais no País. Já é muito grande a diferença entre os dois campeonatos Sul-Americanos realizados no Brasil (em 91, em Maringá, no Paraná, e este, em Uberlândia). O público fez a diferença, com a torcida uberlandense conseguindo e motivando as jogadoras brasileiras. "Isso é muito importante para nós que praticamos o futebol. Nós dá uma força muito grande para a disputa da Copa do Mundo. E eu já fico imaginando se a gente consegue ganhar na Suécia. Ah, sim, o futebol feminino ficará forte", diz.

A capitã da Seleção destaca ainda que tudo o que foi traçado para esta competição em Uberlândia foi cumprido. "Nos resta o título hoje. As demais coisas que aconteceram, está brigando por isso, não muito trabalhoso para. Vamos esperar o momento do jogo para confiamos a boa fase da Seleção Brasileira", finaliza.

Tudo pronto: esta é a time que vai tentar o bicampeonato sul-americano contra as argentinas, logo mais no Parque do Sabiá

Argentinas jogam a decisão desfalcadas

Meninas paulistas fazem a preliminar no P. Sabiá

Sobre Rodas

Figura 20 – Disputa do Bi-Campeonato 1995

Nome: Luciana
Idade: 28 anos
O que faz: gerente de confederação
Time: Morumbi Futebol
Posições: meia-campo e atacante
Como joga: "Sou completa"
Seleção: "Ronaldinho tem que ser maior"

Nome: Nora (Janice Juliane)
Idade: 28 anos
O que faz: gerente de confederação
Time: Morumbi Futebol
Posições: meia-campo e atacante
Como joga: "Sou completa"
Seleção: "Ronaldinho tem que ser maior"

Nome: Patricia
Idade: 28 anos
O que faz: gerente de confederação
Time: Morumbi Futebol
Posições: meia-campo e atacante
Como joga: "Sou completa"
Seleção: "Ronaldinho tem que ser maior"

Nome: Ticiane
Idade: 28 anos
O que faz: gerente de confederação
Time: Morumbi Futebol
Posições: meia-campo e atacante
Como joga: "Sou completa"
Seleção: "Ronaldinho tem que ser maior"

Nome: Alexia
Idade: 28 anos
O que faz: gerente de confederação
Time: Morumbi Futebol
Posições: meia-campo e atacante
Como joga: "Sou completa"
Seleção: "Ronaldinho tem que ser maior"

Nome: Luciana Curcio
Idade: 17 anos
O que faz: modelo
Time: Ford Models
Posições: atacante
Como joga: "Ainda estou aprendendo. Meu chute é ruim"
Seleção: "Rai deve melhorar"

Na barreira, Natalie, Patricia, Ticiane e Luciana protegem-se da bola durante cobrança de falta em treino no Morumbi

Ford Models e Playboy fazem ‘clássico’ hoje no Morumbi

Partida arrecada doações para Associação Brasileira de Esclerose Múltipla

Da Reportagem Local

Hoje tem clássico no Morumbi (zona sul). Em campo, as modelos da Playboy enfrentam as garotas da Ford Models.

Valendo a 3ª Copa XR3 de Futebol Feminino, o jogo será no campo da construtora JHS, o "Maracanã" do futebol feminino na cidade.

Os principais destaques da partida são as jogadoras de ambas as equipes, que deverão fazer doações para a Associação Brasileira de Esclerose Múltipla.

A entidade, que auxilia tratamento de pacientes sem recursos, aceita doações na conta nº 21.999.0-0, agência 0196 do Banco Itaú.

FORD MODELS:
Denise Cheques, Carole Phang, Luciana Curcio, Margaret Dado Nira, Gisele Pierpini, Luana Pinheiro, Patricia de Sabree, Fernanda Barboza, Alexia Deschamps e Ticiane Piatanga.

PLAYBOY:
Fátima Taffarel, Monica Aguiar, Mariana, Valéria, Valeriana, Glauco Fogaça, Patricia Piani, Sônia Campes, Andréa Gouveia, Rosana Muniz, Mariana Canabarro e Enis.

Local: Campo JHS, rua José de Oliveira Gomes, 45, Morumbi
Horário: 14h
Jogo: 17h30min, jogo

Brasil conquistou 9º lugar em 1991

Da Reportagem Local

O futebol feminino oficial no país, dirigido pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol), encontra-se em fase inicial de organização, sem apoio de São Paulo.

Segundo Paulo Dutra, 45, do Departamento de Categorias Especiais, a prioridade é montar um time para participar do próximo Campeonato Mundial, na Suécia, no ano que vem.

No último torneio, em 91, o Brasil ficou em 9º lugar e os Estados Unidos sagraram-se campeões.

Dutra afirma que as federações estaduais estão pouco envolvidas e ignoram o futebol feminino. Em São Paulo, o presidente da federação é o técnico Torquato.

Escola tem 90 meninas na espera

Da Reportagem Local

A primeira escola pública de futebol feminino em São Paulo foi inaugurada no último dia 8 de março. Dia Internacional da Mulher, no parque da Aclimação (região central).

Com quatro turmas, duas aulas por semana, a escola reúne atualmente 160 alunas.

Nesta semana, depois de 50 dias de atividades, a lista de espera para as novas vagas já chega a 90 meninas, na idade de 10 e 13 anos.

O parque municipal da Aclimação fica na rua Muniz de Souza, 1.119, tel. 278-4042.

No Morumbi, no campo da JHS, depois da Copa do Mundo, está sendo programado um campeonato estadual de futebol feminino.

Nome: Andrea Sereni

Figura 22 – Estranhas no Ninho: “Jogadoras-Modelos”

Esporte

RETORNO FEMININO

Sucesso também em Feira de Santana

As atletas femininas estão derrubando progressivamente o tabu de que o esporte breto não foi feito para elas.



Ao contrário do que muitos pensavam, o futebol feminino não foi um modismo, lançado nas praias do Rio de Janeiro. Ele ficou e venceu. Na Bahia, as mulheres também invadiram os gramados, templos consagrados apenas, até há pouco tempo, aos deses astros do denominado "sexo forte".

Viscejavam, então, inúmeras equipes por toda o Estado e, no ano passado, o futebol feminino consolidou-se definitivamente, na preferência da galera. Aqui em Feira de Santana, por exemplo, o boom fez surgir dois poderosos times, Flamengo e Cajueiro.

No peito, na anca e na pirruca, as mulheres estão jogando, realizando dribles curtos e estonteantes, cruzamentos sob medida, lançamentos precisos, "chapéus" arrasadores, fazendo gols de placa e tantas outras jogadas que deixam os homens com "língua na boca".

Quando o Flamengo está jogando, é comum ouvirem-se os gritos de "Cici", "Raíssa", "Biro-Biro"!... Quando é o Cajueiro atuando, os nomes de Helena Nova, Telma, Nani, Silvinha e Dalvinha são ovacionados pelo público contagiado. Enfim, as jogadoras do Flamengo e do Cajueiro têm sido as responsáveis pela encorajada de gols e goleadas arrasadoras que os times ferrenses têm infligido aos adversários de outras cidades.

Pela intimidade que têm demonstrado, no trato com a bola, as mulheres estão conquistando o povo e, a cada dia, levando mais público nos es-

tádios. Para que se tenha a compreensão disto, basta dizer que, em dezembro passado, quando Flamengo e Cajueiro se defrontaram, pela primeira vez, havia mais pagantes, no Estádio Municipal Dia da Princesa do que no último jogo masculino entre Fluminense e Bahia, o clássico do futebol profissional local.

Para sermos mais explícitos, nos jogos da I Copa Baiana de Futebol Feminino, realizado no ano passado, quase que paralelamente ao Campeonato Baiano de Profissionais, as rendas entre as duas competições mostraram que as partidas em que as mulheres atuavam, apresentavam sempre maior público. Imaginem, quando engrenar de vez. Que se cuidem os clubes do futebol profissional baiano.

Cici, a grande goleadora.



Ela nega que esteja se transformando em um ídolo. Mas a verdade é que Cici se constitui numa das principais jogadoras do Flamengo e numa das maiores artilheiras do futebol feminino, com 36 gols assinalados no primeiro turno do Campeonato Baiano da categoria. Para ela o importante é o time ganhar pela ação de todas. "Sem as outras não conseguiria nenhuma vitória", afirma modestamente.

Com o seu futebol simples, mas empolgante, Cici conseguiu fazer com que os torcedores rubro-negros esquecessem totalmente a ponta esquerda Dalvinha, até então, a deusa naquela

posição, que disputou a Copa Baiana pelo Mengão.

Com relação aos preconceitos surgidos de que o futebol foi feito para os homens, a ponta esquerda, de 30 anos de idade, diz que, apesar de tudo, as mulheres irão em frente.

Com muita raça, enfrentamos os preconceitos e entramos em campo. Naturalmente que teremos que estar preparadas para sempre ouvir um engraçadinho soltar uma piada do tipo "eu quero ser massagista do time", ou até coisas mais grosseiras, como, por exemplo, a acusação de estarmos nos masculinizando.

Para poder jogar futebol, Cici afirma que teve de vencer a rejeição da mãe, mas, em contra-partida, contou com o valioso apoio do pai. Ela observa ainda que perdeu muitas amigas por causa do futebol, pois sempre lhe diziam que "futebol é para macho".

Diz também que a maioria das jogadoras não tem namorados, justamente em função do preconceito.

É muito difícil encontrar um companheiro que não tente impedir que continuemos a jogar futebol — afirma Cici. Porém, conclui a jogadora: O futebol feminino se expande, empolga e conquista novos admiradores. As pioneiras de hoje, por certo, abrirão cantinhos mais favoráveis para as atletas do amanhã.

HOJE, MARÇO 14

LIVRO DE OBRAS DE ARTE

Figura 23 – Sissi no Flamengo de Feira



Figura 24 – Família da Atleta Solange



Figura 25 – Feirense na Seleção Olímpica



Figura 26 – Meninas de Chuteira



Figura 27 – Jogadoras x Jogadores em amistosos

RTES

Rio de Janeiro, segunda-feira, 11-3-91

o peito e na raça

Moças mandam preconceito para córner

Durante os primeiros treinos na Escola de Educação Física do Exército, Ana Júlia, 18 meses, não conseguia se conter. Chorava e esperneava cada vez que sua mãe, Patrícia Aparecida de Menezes, se juntava ao grupo, no campo. Resultado: a goleira Patrícia não conseguiu treinar. O berreiro da pequena Ana Júlia custou caro. Patrícia acabou cortada da seleção, sexta-feira passada. Se assistisse à cena, o mais machista dos torcedores diria: "Coisa de mulher que se mete a jogar bola".

O preconceito existe, mas Patrícia não se incomoda. Se a seleção brasileira chegar à Copa do Mundo, é bem possível que Patrícia novamente tenha vez no time. "Ana Júlia estará maiorzinha e irá também à China", pois a mãe não larga seu bebê. Tanto que carregou a filha de Goiânia, onde mora, para a concentração da Urca.

Apesar do pensamento machista - lugar de mulher é na cozinha -, as meninas não se importam. A sagueira Márcia Taffarel não sente qualquer desvantagem em relação aos homens.

- A menstruação não atrapalha. Pelo contrário: me deixa mais energética. E quando mato a bola no peito, procuro não atingir os seios - conta.

Preocupado em deixar as meninas à vontade, o técnico Edson Antunes Silva, o Edil, aguarda, na concentração, a chegada de um ginecologista e um psicólogo, conforme solicitou à Confederação Brasileira de Futebol. Como é a primeira vez que trabalha com mulheres, Edil tem alguns deslizes. Chama jogadora de jogador e, nas preleções, sempre vacila: "Quando o cara for chutar..."

- Ninguém se incomoda. As meninas acham que a masculina comissão técnica está se saindo muito bem. Algumas fazem questão apenas de jurar sua feminilidade, escondida no suado uniforme.

- Futebol não é para homem. O futebol foi feito para quem sabe jogar. E só ter duas pernas é boa visão. Dentro de um campo eu me transformo, mas, fora, tenho uma vida social a zelar. Sou vaidosa e tenho namorado - declara a goleira Miriam, contestando os preconceitos.



Choro de Ana Júlia cortou Patrícia

Seleção de Falcão criticada

A toquinha de bola é preciso, sabra habilidade e a garra está embutida na chuteira feminina. Com tantos requisitos, quem entende se vê no direito de opinar a vontade. "A seleção do Falcão tá devendo o feio", dispara a cartista Marlissa Martins da Silva, a Pelezinha, 21 anos, torcedora do Flamengo e fã do Nêta, do Corinthians, a ex-jogadora do Radar defende o técnico Falcão, mas cobra raça dos jogadores.

- Quem o pessoal que está no exterior, não dá para ganhar. Alguns jogadores, que em seus clubes fazem até chover, sentem o peso da camisa verde-amarela. Outros, não têm seriedade. É o que acontece no Flamengo com o Fla, o Rogério e o Alcides, que não jogam a sério - critica.

A Baixinha Pelé, de Insti,

teve sua consagração em 1994, quando a revista norte-americana Time estampou numa de suas edições a foto da jogadora, na reportagem "Novo Pelé é uma menina". Quatro anos mais tarde, Pelezinha, pontá-direita, integrava a seleção brasileira que, na China, ficou em terceiro lugar no torneio internacional, atrás da Noruega e da Suécia.

Hoje, a menina Pelé acha que "teria uma chance na seleção masculina, se o futebol fosse jogado só com a cabeça". A capitã da equipe feminina, Mariza, também enxerga um lugar para si própria.

Pelé que estou vendo, eu não a libera que falta a seleção do Falcão - recata-se, em tom de brincadeira, coquetista torcedora que Renato Galvão considera uma raga.

Taffarel dá bolo na 'prima' Taffarel



Na seleção brasileira feminina, Taffarel (foto) joga na zaga. A gaúcha Márcia Taffarel, 23 anos, que tem apenas um f no nome, vive na esperança de ser prima do famoso goleiro. Sua família confirma um parentesco distante, e a sagueira Márcia acredita. Taffarel (com um O) conheceu Taffarel (com dois efas) há quatro anos. O goleiro foi até a cidade de Bento Gonçalves, para uma partida contra o Esportivo e Márcia se apresentou. Disse que era sua prima e até o convidou para um almoço. Triste ilusão. "Ele foi convidado para almoçar lá em casa, mas nunca apareceu. Uma pena" - lamenta a prima Márcia.

Figura 28 – Seleção Feminina x Bebê



Figura 29 – Primeiro Título Internacional



Figura 30 – Bi Sul-Americano



Roseli Cardeiro Filardo.

o não." E não é só como
e para uma classe de elite.
Bibi está presente no espe-
lta, pois também supervisiona
e produz, um desfile de 38
des de famosos musicais,
e *O homem de la Mancha*,
areia, *Falco Dilly e Cipsy*,
suradas" por textos comi-
de ligação, como manda a
lha do teatro musical. A
tível pergunta "é fácil ser
de artista famoso?". Uma
uma resposta muito quim-
m suas semelhantes: "Isso
a atrapalhou, mas não é
poeta aberta. A abertura é
o maior." Mas porque ela
em é uma das grandes Pres-
Ferreira e afilhada de mi-
lúcia de Moraes.

aproveitando a primeira car-
comodidade pela Associação
lha de Técnicos de Fute-
e uma mulher, entre em
o Roseli Cardeiro Filardo,
me de Rio". De arte de
velas, os modelos, com-
ra, cantora, pintora e
me de cinema, com cari-
e de 38 anos, radicante no
de filmes, é conclusiva:
mei para a escola". Co-
pergunta feita de mais
cenas trágicas de um ci-
sual, passou pela as-
quidada e trágica de

das equipes da Associação de
Futebol Feminino do Rio. Ape-
sar da intensa atividade, nem
tudo é fácil para Rose, pois "o
Brasil é o país dos preconceitos
e tenho dificuldade em conse-
guir um time para dirigir".

■ Salvo duas ou três notícias, a
grande imprensa de São Pa-
ulo praticamente igno-
ra uma boa novidade que
aconteceu em Curitiba. Ditem
Trevisan, talvez a mais miste-
riosa figura das letras brasilei-
ras, concebeu e um grupo de
atores paranaenses, dirigidos
pelo paulista Ademar Guerra,
levar ao palco do Teatro Gua-
ra a primeira adaptação de seus
contos. Durante o mês de maio,
a peça *O vampiro de Curitiba*
leu a plateia, havendo dias
em que a bilheteria fechou antes
que terminasse a fila para com-
pra de ingressos. Trevisan viu e
postou de que Guerra fez ao
palco, concordando também
com a montagem do espetáculo
em outras cidades. Agora, pau-
listas e cariocas poderão ver
como foram os verdadeiros perso-
nagens ditaminados em cena.
Crê-se a estrofa poética, o
grupo paranaense desdobrou-
se em São Paulo, para ocupar o
palco do Teatro São Antônio

Futebol

Hoje terá um
Paulista de Futebol
joga pela oit-
grupo 1, das
Escola Municipal
Alfredo Mineir
Peira (R.A.). E
Santa Cruz FC x
III: 18h30, na rua
Pedro Ludovico
2030. Sport B
Ouro B. (MG)
estádio da GL
Ferroviária C
(FBO); 18h, Vail
Bernardo). São
Real Figueira C
Volksvagen Cl
x Sampaio Cor
GM, Tupy x CA

FESTA DE

Aconteceu na
abertura oficial
de Futebol F
gachos partici-
pantes, realm-
do feminino e
ser definitivas
a mulher de
drado Figueira

PRECONCEITO

1-
mulher
A 764 A
esportes de
tecnicas de fute
profissionais



Figura 31 – Roseli Filardo Treinadora



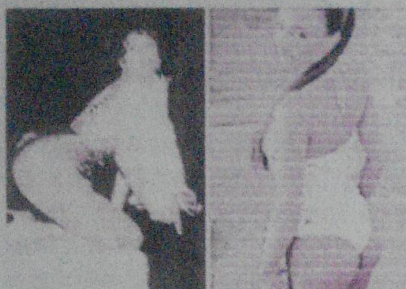
Figura 32 – Flâmula do Flamengo de Feira de Santana

05/12/2007 - 15h57m - Atualizado em 05/12/2007 - 16h42m

A primeira musa do futebol brasileiro

No rádio e na TV, Carmem Verônica fez suspirar torcedores de todos os times

Marcus Veras Do GLOBOESPORTE.COM, no Rio de Janeiro



Carmem, a musa de ontem; Nicole, a musa de 2007: beleza e charme no futebol

Juntar mulher bonita e futebol - duas das maiores paixões dos brasileiros - não é novidade hoje, ontem nem anteontem. Desde os tempos heróicos da TV e do rádio, esta maravilhosa combinação diverte e anima a galera, como comprovam os livros e arquivos de época. Ou seja, a promoção Musas do Brasileirão, do GLOBOESPORTE.COM, vencida pela linda paranaense Nicole Bahls, vem reafirmar aquilo que há mais de 50 anos faz sucesso entre as torcidas. Hoje em dia, a internet faz a festa das candidatas ao posto, mas como é que essa soma mulher bonita + futebol se dava no passado?

Em São Paulo, no pioneiro canal 5 de TV das Organizações Victor Costa, a antiga TV Paulista, um dos campeões de audiência em 1955 era o programa "Miss Campeonato", com um enredo simples, mas matador: em uma pensão no Centro da cidade, moravam os torcedores dos principais times paulistanos, que viviam paquerando a escultural vedete Carmem Verônica, a miss do título. A cada rodada, eles se aproximavam ou se afastavam de Verônica. No fim do campeonato, o vencedor levava a taça e a mão da beldade, que exibia suas (muitas) curvas em um maiô extremamente bem-comportado para os padrões de hoje. No elenco, muitos comediantes que depois fizeram grande sucesso, como Ronald Golias, que encarnava o aristocrático (usava até cartola...) são-paulino.

O sucesso acabou levando o programa para outras cidades. No Rio, Carmem viveu a "Miss Rio-São Paulo" na Rádio Mayrink Veiga, enquanto "Miss Campeonato" foi para a TV, estrelado pela não menos estonteante Rose Rondelli, com textos do genial Sérgio Porto.

Figura 33 – Miss Campeonato/SP

Jogadoras driblam o preconceito

Apesar de todas as dificuldades, craques como Pelé, Fanta, Suzy e Dorinha impõem o seu estilo e dão asas aos seus sonhos

Pequena, catada e encolhida na periferia de um centro esportivo na periferia de Maringá, Mariuza da Silva, 27 anos, não recusa uma resposta, acompanhada de um sorriso leve. "Por que Pelé? Ora, só poder ser por causa da cor. O Brasil é assim, negro é Pelé". Camisa amarela ainda suada de recentes exercícios no Parque do In- calção azul, ela combina as suas magias do futebol brasileiro, vez, de todos os tempos: o nome do Rei e o número daquele que foi chamado de a alegria do povo.

Mariuza é Pelé, a número 7 da seleção Brasileira. Meia-direita, ela esteve domingo em jogo-treino que é tranqüila nos lançamentos precisos, feitos com astúcia, também sabe desequilibrar os adversários com dribles curtos. Jogadora de futebol desde os 14 anos, foi seis vezes campeã brasileira, outras seis campeã carioca e uma vez campeã interclubes. Veste a camisa de seleção, mas não é profissional. Na realidade, nem clube tem atualmente.

A jogadora é o retrato do futebol feminino no Brasil. "No começo tive até um grande estímulo, mas depois de brigas em campo, apareceu o desinteresse e ele caiu um pouco", lamenta Mariuza. Mas não apenas esta a explicação para o fato de o futebol feminino despertar pouco interesse no país que é considerado a terra fértil deste esporte. As pessoas dizem que o futebol é para homens, que lugar de mulher é na cozinha. Esta imagem está mudando, a coisa está começando a mudar. Mas no caso do futebol ainda existe uma dose de preconceito", diz ela.

A meia-direita não tem queixas de sua passagem pelo futebol. Foi graças a este esporte que conheceu a Espanha, Itália, Chile, Estados Unidos, México e China. E foi graças a este esporte que conheceu Edson Antes do Nascimento, o Pelé. O que Mariuza gostaria que houvesse no Brasil é a organização de outros países, onde o futebol feminino está alcançando o mesmo estatuto do masculino, se profissionalizando com rapidez. Mas, agora, ela só tem cabeça mesmo para pensar na próxima partida, domingo, contra o Chile.

Nem o namorado atrapalha seus planos. "A gente se respeita, ele fica na dele, eu fico na minha. É uma relação muito liberal, cada um faz o que quer". E ela quer ganhar. Afinal, ela não é Pelé apenas por causa da cor. "Eu me acho uma boa jogadora".

Um exemplo de dificuldade da mulher conquistar um espaço e o direito de jogar futebol organizado é Suzy Bittencourt Oliveira, lateral-direita que veio da Bahia. Com 24 anos, sem clube, para se manter em forma, Suzy treina sozinha todos os dias, correndo na orla marítima de Salvador. "Começo leve na segunda-feira e vou aumentando o ritmo, até fazer uma média de 4 a 5 quilômetros por dia".

Suzy tem segundo grau completo e trabalha com seu irmão no comércio em Salvador. "Ele me dá a maior força", diz. O mesmo ocorre com seu pai Osvaldo Machado, que no começo achou ruim a história de filha se interessar por futebol. Mas reconheceu que estava no sangue: afinal, ele tinha nas veias o futebol.



Mariuza da Silva, a Pelé, camisa 7: "Dizem que lugar de mulher é na cozinha. Mas esta imagem está mudando".

foi quarto-zagueiro e com o nome de Ito atuou pelo Ipiranga.

Do lado de Suzy, Dorivane Gomes da Silva, lateral que veio de Alagoas, pela primeira vez na Seleção, confirma que se futebol está no sangue do homem, ele também pode tranqüilamente ser um esporte praticado por mulheres. Em Alagoas existem dois times que periodicamente jogam entre si. São o Cruzeiro e o Capelense. Mariuza intervém com uma brincadeira: "Lá o campeonato já começa em ritmo de decisão".

Com 24 anos, professora de Educação Física, Dorinha mora com os pais e não teme abordar assuntos considerados tabus. "Há quem fale de se jogar menstruada, que mulher não deve jogar futebol por cau-

sa disto. Eu, por exemplo, jogo até melhor quando estou em meu ciclo, corro melhor e faço todos os exercícios", diz ela, reconhecendo que o ciclo menstrual pode ter efeito contrário em outras garotas.

Dorinha tem planos de casamento e filhos como todas as garotas. "Penso em ter filhos mas lá pelos 34 ou 35 anos, afinal se já tivesse filhos não poderia estar aqui", diz ela. Filhos são um assunto que passa pela cabeça de Rosilaine Camargo Mota, 24 anos, a Fanta, lateral-esquerda do time considerado titular. "Mas só para daqui e algum tempo" — acrescenta ela.

Também jogadora do Radar em 1982, Fanta espera que o futebol feminino amadureça e crie boas perspectivas para quem está praticando agora o esporte, com a idade em que ela começou, aos 13 anos. "Espero que seja mais profissional, que seja como lá fora, onde o pessoal dá muito mais valor", diz ela. Fanta é de Campo Grande e trabalha como instrutora de alunos no Taquara, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Um dia Fanta recebeu convite para ir para o exterior. Mas ficou indecisa, temendo deixar o emprego. E ficou por aqui, mesmo sabendo que em se tratando de futebol feminino, "o Brasil é o país que tem mais preconceito". O esporte que faz ídolos masculinos no país, não guarda grandes perspectivas para estas moças que têm muitas barreiras para enfrentar, além do próximo adversário. Para elas, para Dorinha, para Fanta, os sonhos ainda são mais distantes. "Sonho em ter uma vida melhor", diz Fanta. "Meu sonho é viajar o mundo inteiro, conhecer todos os lugares do Brasil e do mundo, não há nada melhor", diz Dorinha.

Os homens da seleção feminina

Na seleção feminina de futebol, há um pequeno e silencioso time masculino encarregado da preparação das 11 que entram em campo. Este time começa pelo Técnico Edson Luís Antunes Silva, supersticioso, que não se deixa fotografar ao lado do grupo, antes do jogo, para não tirar a sorte. Ele teve passagens pelo Kuwait e Tanzânia e no Brasil dirigiu América e São Cristóvão. Jogador em 1958, na zaga, foi campeão brasileiro pelo Fluminense.

Carlos Eduardo Duarte Ribeiro,

do infantil do Fluminense auxilia Edson Luís. O supervisor e também médico é Antonio André Cortes Marques, com passagem pela Escola de Educação Física do Exército. Tratou o Jabaquara em São Paulo. O preparador físico é João Augusto Pinheiro, do infantil Fluminense e Mário Monteiro, do CSF completa o time junto com Renato Tavan, preparador de goleiros do Infantil do Flamengo e do massagista José Luís de Oliveira, massagista do Botafogo.



Da esquerda para a direita: Antonio André Cortes Marques (supervisor e médico), João Augusto Pinheiro (preparador físico), Edson Luís Antunes Silva (técnico), Carlos Eduardo Ribeiro (auxiliar técnico) e Renato Tavan (preparador de goleiros).

Figura 34 – Driblando o Preconceito

Meg foi campeã em Maringá



Meg

Altura: 1,75
 Signo: Capricórnio
 Sapato: 38
 Hobby: Vôlei de praia
 Filme: "Retrato da Vida"
 Livro: "A Insustentável Leveza do Ser"
 Paixão: Várias. A maior delas o gol

A goleira Meg — Margarete Pioresani, 35 anos, nascida em Toledo, Paraná — não levou nenhum gol nos dois primeiros jogos oficiais da seleção brasileira. Ela tem boa postura no gol, é rápida nas saídas e interrompe com precisão as bolas altas. As virtudes de Meg são de prática constante de outros dois esportes, handebol e futebol-de-sala. Em futebol de campo ela teve uma curta experiência pelo Radar, o grande clube de futebol feminino que o Brasil conheceu.

Meg foi quatro vezes campeã sul-americana de handebol, conseguiu

Adri estuda e joga nos EUA



Adri

Altura: 1,80
 Signo: Capricórnio
 Sapato: 37
 Hobby: Vôlei
 Filme: "Ghost", ("Assim ontem")
 Livro: "Com Armas de Soldado"
 Paixão: Futebol

A centroelevante Adri — Adriane Avim Vieira, 22 anos — joga por prazer, pelo fato de o futebol ser um esporte amador. Resto quase angelical e mágica, não sugere ser grande perigo para as defesas adversárias. Mas os números demonstram a aparência inofensiva. Dona de um chute forte, presença oportuna na área, sempre aparecendo com surpresa. Adri fez 1 gol no primeiro jogo da seleção e o gol no segundo.

Filha de um funcionário da Petrobras que foi transferido para Nova York, nos Estados Unidos, Adri está concluindo seu curso de Comunicação

Figura 35 – Meg Goleira da Seleção / Década de 90



Figura 36 – Superioridade Brasileira nos Sul-Americanos



Figura 37 – Sissi Craque sem História

TV mostra Fiorentina contra Roma

Time de Márcio Santos enfrenta o de Aldair no Campeonato Italiano

Florença — A rodada de hoje do Campeonato Italiano tem duelo entre um dos quartos colocados, Fiorentina, e o terceiro, Roma. O Fiorentina, que joga em casa, é o time do campeão mundial Márcio Santos. O Roma tem Aldair, justamente o companheiro de zaga de área de Márcio na maioria das partidas da última Copa do Mundo. A TV Manchete mostra o jogo, a partir do meio-dia e meia.

Tanto Fiorentina como Roma vem fazendo um dos melhores campeonatos dos últimos tempos. O Fiorentina chegou a estar vencendo o Juventus fora de casa por 2 a 0, no domingo passado. Mas o time de Florença deixou o adversário virar para 3 a 2 já no segundo tempo. Os dois melhores artilheiros deste campeonato também se enfrentam neste jogo. Por sinal, dois argentinos. Batis-

tuta, 13 gols, pelo Fiorentina; Balbo, oito gols, pelo Roma. A polícia italiana adotou medidas excepcionais de segurança para este jogo a fim de combater violência de torcedores.

O líder Parma joga fora de casa com uma equipe em situação desesperadora — o Genoa, que luta para ficar na primeira divisão. Os quatro últimos colocados serão rebaixados à Série B. O Juventus, que está um ponto atrás do Parma, mas tem um jogo a menos, enfrenta o Lazio, no campo do adversário.

O Milan ganhou nova motivação com a vitória por 1 a 0, quarta-feira passada, sobre o Casino Salzburgo, na Austria. O resultado valeu a classificação às quartas-de-final da Liga dos Campeões Europeus ao rubro-negro de Milão. Hoje, o Milan enfrenta o Foggia, fora de casa, tentando melhorar sua situação no Campeonato Italiano, que não é boa. Outros jogos pela 13ª rodada: Internazionale x Napoli, Brescia x Sampdoria, Padova x Cagliari, Reggiana x Cremonese e Torino x Bari.

CAMPEONATO ITALIANO

CLUBES	P	J	V	E	D	GP	GC
1º) Parma	27	12	8	3	1	23	9
2º) Juventus	26	11	8	2	1	17	8
3º) Roma	23	12	6	5	1	19	7
4º) Fiorentina	22	12	6	4	2	28	18
Lazio	22	12	6	4	2	22	12
Bari	22	12	7	1	4	15	12
7º) Sampdoria	17	12	4	5	3	17	11
Foggia	17	12	4	5	3	14	11
Inter	17	12	4	5	3	11	8
Cagliari	17	12	4	5	3	10	9
11º) Milan	13	10	3	4	3	7	8
12º) Torino	12	10	3	3	4	10	12
Cremonese	12	12	4	0	8	9	15
Napoli	12	12	2	6	4	16	23
15º) Genoa	11	12	3	2	7	15	22
16º) Padova	8	12	2	2	8	10	28
17º) Reggiana	3	11	0	3	8	5	18
Brescia	3	12	0	3	9	6	23



O campeão mundial Aldair de

Figura 38 – Aldair Idolo da Atleta Solnage



Figura 39 – Jequié anos 70



Figura 40 – Jequié Atual



Figura 41 – Feira de Santana anos 70

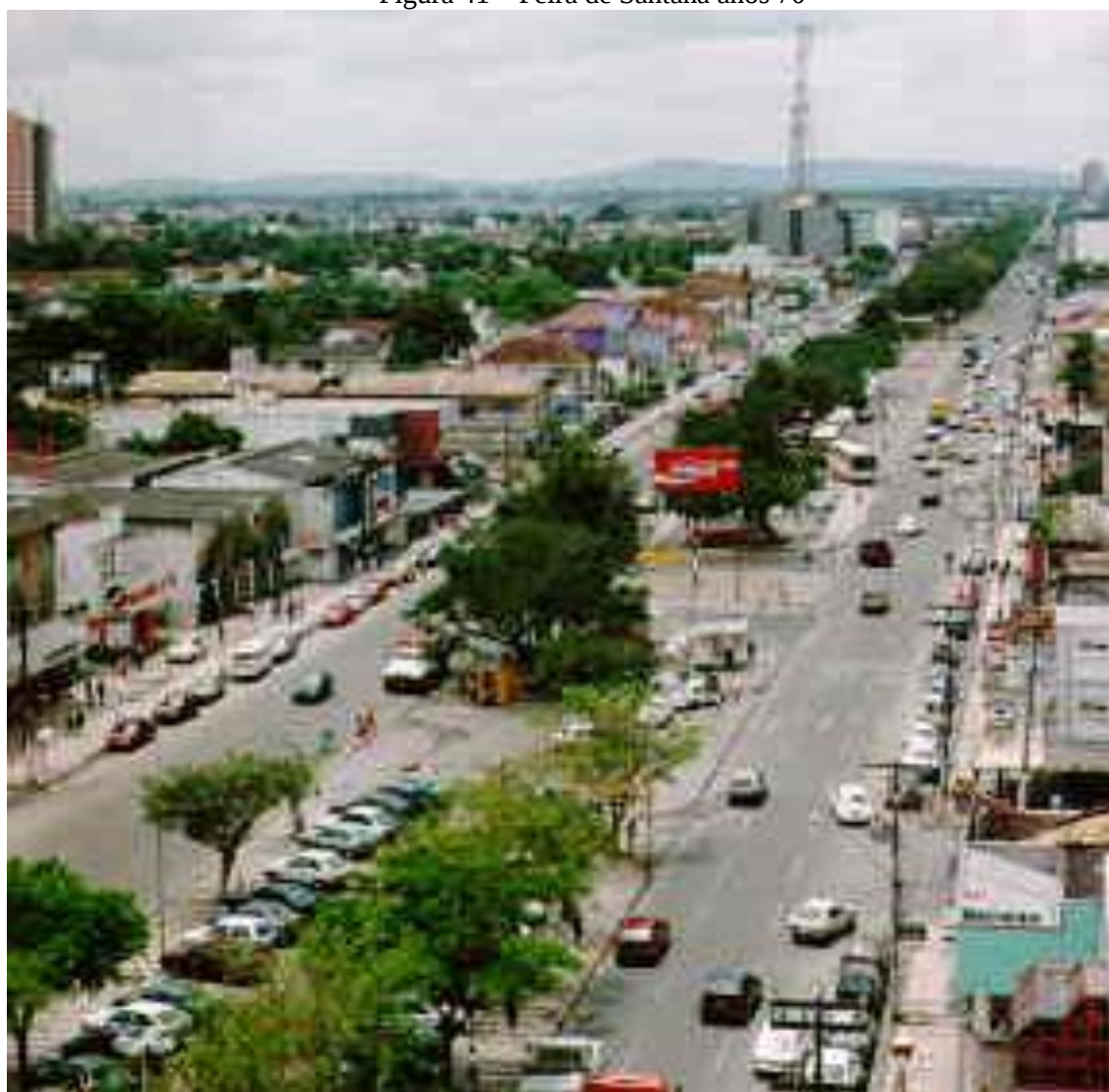


Figura 42 – Feira de Santana Atual